

Online ISSN 2447-4878

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Vol. 4 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2018

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 04 – Número 02 – Dezembro / 2018

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

Faculdade Batista
Pioneira



R454 Revista Ensaios Teológicos : Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 04, n. 02, Dez. 2018. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018. -
171 p.

Semestral

ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.

Solicita-se permuta / We request exchange
Wir erbitten Austausch / Se pide cambio



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



Faculdade Batista
Pioneira

Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Dr^a Marivete Zaroni Kunz

Conselho Editorial

Dr^a. Analzira Nascimento (Faculdade Batista do RJ)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. David Riker (Faculdade Teológica Batista Equatorial)
Dr. Gerson Fischer (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a. Madalena Molochenco (Faculdade Teológica Batista de SP)
Dr^a. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (PUC / RS)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Me. Carlos Alberto Bezerra (Faculdade Batista do Cariri)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Daniel Torgan (Faculdades Batista do Paraná)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Me. Erich Luiz Leidner (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Gabriel Giroto Lauter (Faculdade Batista Pioneira)
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Me. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Me. Robson Maurício Ghedini (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)
Me. Willibaldo Ruppenthal Neto (Faculdades Batista do Paraná)

Revisão

Luciano Gonçalves Soares

Diagramação

Dr. Claiton André Kunz

Editoração Eletrônica

Me. Gabriel Giroto Lauter

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação	08
Maçonaria e a falsa percepção do ser humano como realizador das mudanças em si e no mundo Freemasonry: the false perception of being man the maker of changes in himself and in the world <i>Danielli Meiri Cadore, Dr^{ando} Josemar Valdir Modes e Mara Regina Jagmin</i>	10
Proclamar o Reino de Deus é a missão do povo de Deus Proclamation the Kingdom of God is the mission of the people of God <i>Me. Evandro Roque Rojahn</i>	31
A Metafísica como condutora no desenvolvimento da Ética Social através da História The Metaphysics as a conductor in the development of Social Ethics through History <i>Esp. Rafael Zulato Langraff</i>	49
O namoro cristão e seus benefícios como forma de prevenção para os possíveis problemas no casamento The christian dating and its benefits as a form of prevention for the possible problems of marriage <i>Esp. Pedro Igor de Oliveira Wondracek</i>	69
A missão urbana de Eliseu como parâmetro para a missão da igreja e seus líderes hoje The urban mission of Elisha as a parameter for the church mission and its leaders today <i>Esp. Felipe de Amorim Ferreira</i>	90
Pornografia: fuja dela ou ela te dominará Pornography: run away from it or it will dominate you <i>Leandro Hins de Brito</i>	106
A influência das migrações atuais para a expansão do Evangelho The influence of current migrations for the expansion of the Gospel <i>Eduardo Leimann Balaniuk</i>	116
Paulo, a Lei e o Amor: uma análise de Romanos 13.8-10 Paul, the Law and Love: an analysis of Romans 13.8-10 <i>Esp. Flaviano Nogueira Siedeliske</i>	132
Dia de Descanso e Adoração em Martinho Lutero Day of rest and worship in Martin Luther <i>Me. Luciano Azambuja Betim</i>	149

Cosmovisão Cristã Bíblica sobre o crescimento da igreja e seu impacto na vida social

Biblical Christian Cosmvision on church growth and its impact on social life

Aldemiro Yomango Sozinho..... 157

Já vi isso em algum lugar

Bernardo Stollmeier Kuss..... 168

Normas para publicação170

APRESENTAÇÃO

É com muita alegria que a Revista *Ensaios Teológicos* publica mais uma edição. Esta é uma revista que abre espaço para publicações de especialistas do meio teológico, bem como, de acadêmicos que estão iniciando suas publicações. Nesta edição de *Ensaios Teológicos* disponibilizamos mais dez artigos e uma resenha.

O primeiro artigo, tem por título **“Maçonaria e a falsa percepção do ser humano como realizador das mudanças em si e no mundo”**, escrito por *Danielli Meiri Cadore, Josemar Valdir Modes e Mara Regina Jagmin*. Os autores analisam a maçonaria, sua origem histórica, doutrinas, objetivos, ritos, símbolos e outros, evidenciando que a maçonaria é um movimento religioso e não apenas filosófico. Apresentam ainda sua forma de pensar sobre Cristo e evidenciam a importância de o cristão ser luz na vida dessas pessoas.

O segundo artigo, intitulado **“Proclamar o Reino de Deus é a missão do povo de Deus”**, foi escrito pelo mestre *Evandro Roque Rojahn*. Rojahn mostra que o povo de Deus constitui a unidade do Reino de Deus; evidencia-se também que a igreja é o povo de Deus, entretanto o povo de Deus não é apenas a igreja, pois suas raízes são mais antigas que a igreja do Novo Testamento. O sentido da identidade e missão do povo de Deus é abordado a partir de Abraão; o autor defende que o Novo Testamento apresenta a necessidade da formação de um novo povo de Deus, e, por isso, Jesus escolheu doze homens, os quais constituem a unidade orgânica do Reino de Deus, a igreja. Estes cumpriram a missão dada por Jesus de proclamação do Reino de Deus e a igreja atual precisa seguir em direção ao Reino de Deus.

Na sequência, temos o terceiro artigo, que tem por título **“A metafísica como condutora no desenvolvimento da ética social através da história”**. *Rafael Zulato Langraff* foi o autor deste artigo, mostrando que no decorrer da história da civilização do Ocidente existiram diversas mudanças na postura ética e de seus valores morais. O autor observa que a metafísica sofreu constantes mudanças na história.

Pedro Igor de Oliveira Wondracek escreveu o quarto artigo, que tem por título **“O namoro cristão e seus benefícios como forma de prevenção para os possíveis problemas de casamento”**. Evidencia-se que o namoro cristão deve ser guiado por princípios da Palavra de Deus, bem como seguir princípios de compromisso com Deus e com a própria pessoa através da intercessão e da submissão a autoridades instituídas por Deus, entre outros. Destaca as áreas que antecedem o namoro, questões que devem receber maior atenção durante o namoro e áreas preventivas para evitar problemas no casamento.

Felipe de Amorim Ferreira é o autor do quinto artigo. Nesta pesquisa, que tem por título **“A missão urbana de Eliseu como parâmetro para a missão da igreja e seus líderes hoje”**, o autor analisa, numa perspectiva missionária, a vida e obra do profeta Eliseu. A partir de experiências deste personagem, o autor apresenta princípios úteis para o trabalho dos profetas modernos.

O sexto artigo, que tem por título **“Pornografia: fuja dela ou ela te dominará”**, foi escrito por *Leandro Britto*. Neste artigo, foi apresentado de forma breve como a pornografia tem sido

aceita na contemporaneidade em diversos meios. O autor também mostra como tem aumentado o número de pessoas envolvidas com a pornografia e como é difícil se libertar desse vício. As consequências de tal envolvimento e as marcas na vida particular, social e familiar são evidenciadas, bem como a perspectiva bíblica para essa situação.

No sétimo artigo, *Eduardo Leimann Balaniuk* fala sobre os imigrantes. Com o tema “**A influência das migrações atuais para a expansão do Evangelho**”, o autor mostra vários motivos pelos quais as pessoas emigram para outros países, bem como algumas das consequências desta emigração. Há destaque das migrações para a Europa e para o Brasil, causas destas migrações e evidências de como os cristãos podem realizar ações cristãs com estes grupos. Para finalizar, o autor mostra as influências das novas migrações no que se refere a expansão do Evangelho.

Na sequência, temos o artigo do especialista *Flaviano Nogueira Siedeliske*, a saber, “**Paulo, a lei e o amor: uma análise de Romanos 13.8-10**”. Neste artigo, o autor apresenta uma análise dos termos *lei* e *amor*, a partir de Romanos 13.8-10, demonstrando de que forma estes estão relacionados e que diálogo os dois estabelecem. A análise foi feita observando questões como contextos histórico-cultural e literário e comentários de autores como George Ladd, Herman Ridderbos e John Stott.

O mestre *Luciano Azambuja Betim*, escreveu o nono artigo, intitulado “**Dia de descanso e adoração em Martinho Lutero**”. Um dos pontos de destaque deste artigo são os mandamentos de Êxodo 20, que se referem ao dia de adoração e descanso. O autor mostra a forma pela qual Martinho Lutero interpretou tal mandamento em sua teologia e ainda traz diálogos com textos do reformador, de forma mais enfática em seu Catecismo Maior. Betim mostra que há a necessidade de um dia de descanso e celebração para o povo de Deus.

Para finalizar, como último artigo, temos o artigo de *Aldemiro Yomango Sozinho*. O título deste artigo é “**Cosmovisão cristã bíblica sobre crescimento da igreja e seu impacto na vida social**”. Neste artigo, foi ressaltada a relevância da cosmovisão bíblica sobre o crescimento de igrejas e seu impacto na vida social. O autor analisou tal impacto numa perspectiva bíblica, na busca de resgatar a essência da razão de ser da igreja, não só como organismo vivo, mas também como instituição. Vários autores serviram de base para o debate, tais como: Schwarz, Mills, Carter, James, Robinson e outros.

A revista ainda apresenta a resenha do livro “*Contra a idolatria do Estado*”, de Franklin Ferreira, escrita por Bernardo Stollmeier Kuss, acadêmico de Teologia na Faculdade Batista Pioneira.

Creemos que os artigos trarão reflexões e crescimento a todos os leitores da revista. Desejamos que sua vida seja edificada nesse tempo de estudos!!

Dr^a *Marivete Zanoni Kunz*
Editora Responsável

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

MAÇONARIA E A FALSA PERCEPÇÃO DO SER HUMANO COMO REALIZADOR DAS MUDANÇAS EM SI E NO MUNDO

Freemasonry: the false perception of being man the maker of changes in
himself and in the world

Danielli Meiri Cadore¹
Dr^{ando} Josemar Valdir Modes²
Mara Regina Jagmin³

RESUMO

O presente estudo analisou a maçonaria, partindo da sua origem histórica, suas doutrinas e objetivos. A intenção inicial deste movimento parecer ser boa, porém, avaliando mais profundamente seus ritos, símbolos e graus é possível observar que a maçonaria é um movimento religioso e não apenas filosófico, que brilha na direção contrária à luz de Cristo. Em sua forma de pensar, Jesus não é considerado Deus, e se tem a convicção de que todas as religiões levam ao grande arquiteto do universo, negando o exclusivismo do cristianismo. Cabe, assim, ao cristão ser luz na vida dessas pessoas, presas no engano, em

¹ Formada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e em Design de Moda pela UNIVATES. E-mail: danielli@pannet.com.br

² Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na Igreja Batista Emanuel, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

³ Graduada em Letras e Direito pela UNIJUÍ. Tem pós-graduação Lato Sensu em Direito, na área de Direito Público, também pela UNIJUÍ. É graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. É advogada, atuando no Direito Empresarial, e agente da Propriedade Industrial do INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial em registros de Marca & Patentes. Tem formação em Capelania Hospitalar. Presta Serviço Religioso no Hospital de Caridade de Ijuí-HCI. Atua como Pastora auxiliar na Igreja Evangélica Viver Por Fé, em Ijuí. E-mail: marajagmin@terra.com.br

uma busca por luz e elevação espiritual que nunca terá fim, a menos que conheçam a Cristo.

Palavras-chaves: Maçonaria. História. Mistérios. Cristianismo.

ABSTRACT

The present paper analyzes Freemasonry, starting from its historical origins, doctrines, and goals. Although the intention of this movement seems to be good, deeply assessing its rites, symbols and degrees make it possible to observe that Freemasonry is not a philosophical movement. It is a religious movement that goes in the opposite direction of the light of Christ. For their adepts, Jesus is not God, and they have the conviction that all religions guide to the great architect of the universe, denying the exclusivism of Jesus Christ. So the Christians have the responsibility to be light for these lives that are trapped in this mistake, searching for light and spiritual elevations in a pursuit that will never finish, unless they meet Christ.

Keywords: Freemasonry. History. Misteries. Christianity.

INTRODUÇÃO

A maçonaria carrega consigo vasta gama de especulações. Não se tem certeza sobre a sua origem e práticas; nem todas as pessoas são convidadas a participarem do grupo, o que aumenta ainda mais a curiosidade de quem olha de fora. Com estas perspectivas em mente, é que se elaborou este artigo, retratando inicialmente uma visão histórica da maçonaria, assim como sua definição. Busca-se mostrar as diferentes visões concebidas como o início do movimento, bem como a filosofia e rituais presentes desde a sua origem, que a caracterizam como grupo religioso.

Também se estudarão seus ritos, símbolos e graus. É uma religião fundamentada em mistérios e no sigilo de seus participantes. Todos estes rituais e simbologias buscam de alguma forma preencher, com muitos adornos, o grande vazio presente no indivíduo. Pode-se notar nas suas práticas cultuais a ênfase na determinação humana e nos esforços conjuntos em torno da obra e filosofia maçônica, produzindo em seus seguidores um senso de propósito de vida e a realização pessoal tão almejada.

Na parte final do artigo será debatida a relação entre a maçonaria e o cristianismo, buscando compreender se existe esta aproximação entre os dois grupos ou se eles se excluem mutuamente. Antecipa-se aqui já a percepção equivocada como a maçonaria vê Deus, e as três pessoas da Trindade individualmente. Mesmo depois de tantos séculos de aperfeiçoamento (segundo a percepção da maçonaria), pode-se constatar que eles continuam nas trevas, não tendo a luz que Cristo fala em João 8.12: *“De novo Jesus começou a falar com eles e disse: Eu sou a luz do mundo; quem me segue nunca andarás na escuridão, mas terá a luz da vida”*.⁴

Não é propósito deste artigo esgotar todos os aspectos que envolvem a maçonaria, cuidando para não abordar assuntos controversos e muitas especulações que existem pela sua forma de sigilo e ritualismo. Quer-se apenas mostrar que um cristão não pode ser maçom!

⁴ SBB. **Bíblia Sagrada:** Nova Versão na Linguagem de Hoje. São Paulo: SBB, 2000, p. 1273.

1. PERSPECTIVA HISTÓRICA E DEFINIÇÃO DA MAÇONARIA

O estudo sobre a maçonaria remonta ao passado e o entendimento sobre a sua origem, ou formas diferentes de origem, dá base para que se formule o conceito de grupo religioso para a organização.

1.1 Definições e concepções da maçonaria

O termo Maçonaria provém do francês *maçonnerie* ou do inglês *masonry*, que significa construção.⁵ Etimologicamente, o termo maçom teve origem no francês *maçon*, que vem do frâncico *makyo*, e que literalmente significa “pedreiro”.⁶ É uma antiga ordem, poderosa e fraterna. Teve origem nos primórdios do século XVIII. Concebe como missão ajudar e harmonizar as crenças de todos os homens, harmonia que deve, antes de tudo, ser baseada nos ensinamentos maçônicos.⁷

Em termos genéricos, pode-se definir a maçonaria como uma associação fraternal, possuidora de uma organização baseada em rituais e símbolos, na qual o segredo ocupa papel fundamental e que está acessível principalmente ao sexo masculino, embora tenham surgido nas últimas décadas várias lojas maçônicas mistas e femininas.

A maçonaria tem um sistema moral velado por alegorias e ilustrado por símbolos. Segundo seus seguidores, não pode ser considerada como uma religião, mesmo que alguns a considerem como tal, nem visa substituir a religião. Permite em seu meio todas as religiões e seus rituais, considerando que todos são filhos espirituais de Deus. Reflete simbolicamente conceitos de idealismo, humanidade, caridade e fraternidade.⁸

Por possuir objetivos filantrópicos e humanitários, é considerada por muitos como uma instituição filosófica e filantrópica que aspira ao desenvolvimento do espírito, elevando o homem a um grau moral superior. É no mínimo curioso o fato de se considerar uma entidade com fins filantrópicos e ser ao mesmo tempo uma sociedade secreta. Enfatiza-se na maçonaria o desejo de união de seus membros mais do que a união profissional, patriótica, nacional ou religiosa.⁹

Para compreender com mais clareza o pensamento maçom, assim como seus ideais e objetivos, é fundamental observar as definições que eles apresentam sobre si:

A Maçonaria é e foi sempre uma fraternidade Universal, um movimento de espírito humano, dentro do qual tiveram e têm guarida todas as tendências favoráveis ao aprimoramento moral e material do gênero humano; ela não se faz órgão de nenhuma orientação política ou social.¹⁰

Uma instituição humanitária e sublime que exalta tudo o que une e repudia tudo aquilo que divide, porque aspira a fazer da humanidade uma grande Família de Irmãos, e que se põe sempre a serviço dos movimentos

⁵ ASLAN, N. **História Geral da Maçonaria**: fatos da Maçonaria Brasileira. Londrina: A Trolha, 1997, p. 254.

⁶ TAVARES, M. R. **Entre a Cruz e o Esquadro**: o debate entre a igreja católica e a Maçonaria na Imprensa francana (1882-1901). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, 2006, p. 136.

⁷ ANKERBERG, John. **Os ensinamentos secretos da maçonaria**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 15-16.

⁸ LEITE FILHO, Tácito da Gama. **Atitudes ideológicas e filosóficas**. Rio de Janeiro, JUERP, 1996, p. 81.

⁹ LEITE FILHO, 1996, p. 81.

¹⁰ SANTOS, Luis Umbert. **Por que soy mason?** Mexico: Humanidad, 1951, p. 17.

moralizadores... Um instituição em que a fraternidade é uma influência ou guia espiritual para a concepção mais nobre e mais elevada da vida, que não seja contra ninguém, porque é uma força indestrutível, nobre e generosa, porque é a luz da razão.¹¹

O verdadeiro objetivo da Maçonaria pode resumir-se nestas palavras: desfazer nos homens, os preconceitos de casta, as convencionais dissensões de cor, origem, opinião e nacionalidade, aniquilar o fanatismo e a superstição, extirpar os ódios de raça e com eles, o açoite da guerra; em uma palavra chegar pelo livre e pacífico progresso, a uma fórmula e modelo de eterna e universal justiça, segundo a qual, todo ser humano possa desenvolver livremente as faculdades de que esteja dotado e possa vir a concorrer cordialmente e com todas as forças para a comum felicidade dos seres humanos, de sorte que a Humanidade venha a ser uma só Família de irmãos unidos pelo afeto, cultura e trabalho.¹²

Abulquerque, autor do livro *“O que é Maçonaria”*, atribui a Newton a seguinte definição:

A Maçonaria não é obra exclusiva de uma época, pertence a todas as épocas, e sem aderir a nenhuma religião, encontra grandes verdades em todas elas. A Maçonaria ostenta a verdade comum às religiões superiores que foram a abóboda de todos os credos. Não se apoia senão em dois sustentáculos extremamente simples: o amar a Deus e o amor ao homem, que leva em si a Divindade e caminha para Ela.¹³

Em tempos atuais, pode-se definir maçonaria como sendo uma associação universal de homens livres e de bons costumes – como se costuma dizer na Irmandade¹⁴ - que trabalham para o aperfeiçoamento da sociedade humana e que têm como paradigma os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade. A Ordem admite em seus quadros homens de todas as raças e nacionalidades, sem distinção de credo ou posicionamento político.¹⁵ Uma exigência é necessariamente obedecida para o ingresso na Irmandade: que se acredite em um ente supremo, o Grande Arquiteto do Universo, na linguagem maçônica.¹⁶

Não existe uma definição maçônica aceita por todos os membros do grupo, o que faz com que a prática da maçonaria signifique coisas diferentes para cada maçom. Para alguns membros, ela tornou-se pouco mais que um clube social; para outros, ela domina e norteia sua vida e trabalho. A maçonaria espalhou-se tão amplamente e passou por diversas mudanças, sofrendo as mais variadas interpretações, de modo que uma resposta concreta sobre ela se torna praticamente impossível. Embora a doutrina maçônica se tenha mantido surpreendentemente inalterada durante os séculos, suas leis mudaram, seus graus mudaram, assim como as cerimônias e religião.¹⁷

Ainda dentro de suas definições, convém destacar que a maçonaria se constitui de uma religião, como outras, embora seus membros neguem esta realidade. A definição mais aceita

¹¹ SANTOS, 1951, p. 42.

¹² ALBUQUERQUE, Cavalcante. **O que é maçonaria**. Rio de Janeiro: Aurora, 1936, p. 17.

¹³ ALBUQUERQUE, 1936, p. 29.

¹⁴ CAMINO, R. **Iniciação Maçônica**. São Paulo: Madras, 1996, p. 2230.

¹⁵ VILLANOVA, J. G. **Oficina de Aprendiz**. Três Rios: Três Rios, 1981, p. 215.

¹⁶ PELLEGRINO NETO, J. **Nossa sublime instituição chave de Hiram**. Indaiatuba: Vitória, 2010, p. 496.

¹⁷ ANKERBERG, 1995, p. 17-18.

pelos estudiosos, para efeitos de organização e análise, tem sido a seguinte: “religião é um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos”¹⁸, o que se manifesta de forma clara na maçonaria. Por exemplo: na iniciação, o aprendiz precisa declarar que ele crê em um ser superior. Além desta crença, todo maçom deve crer na imoralidade da alma, orar para a divindade, prestar juramentos de segredos em nome de Deus.

A maçonaria, que recebe também a designação de “Pedreiros-Livres”, ou “Loja”¹⁹²⁰, tem sua principal crença na paternidade universal de Deus e na fraternidade universal do homem²¹, ensinando assim que todo homem, independentemente de sua religião ou crença, é filho espiritual de Deus. A segunda crença fundamental, que fundamenta os ensinamentos maçônicos, é a regeneração do caráter pessoal e a prática das boas obras, sendo esses os princípios que garantirão a benevolência divina. Pode-se observar a ideia do ensino de que as boas obras e um caráter íntegro garantirão um lugar no céu, conhecido entre eles como “Oriente Eterno”.²²

Essas práticas provam que a maçonaria possui um credo definido, com uma teologia própria, que fala sobre a divindade o tempo todo. Numa definição mais detalhada sobre a religião, têm-se

uma definição geral que os defensores da maçonaria não podem ignorar. Na obra *The Encyclopedia of Philosophy* ("Enciclopédia de Filosofia"), encontramos a descrição de nove marcas da religião: (1) a crença num ser ou seres sobrenaturais; (2) a distinção entre objetos sagrados e profanos; (3) atos rituais orientados para esses objetos; (4) um código moral com sanção divina; (5) sentimentos religiosos despertados por objetos ou rituais sagrados e relacionados, em teoria, com um deus ou deuses; (6) a oração; (7) uma cosmovisão que engloba o lugar do indivíduo no mundo; (8) a organização da vida ao redor dessa cosmovisão; (9) um grupo social que é unificado pelas características acima.²³

Todos estes elementos estão presentes na forma de pensar da maçonaria e também são manifestos em seus ritos. O autor do Dicionário Maçônico declara abertamente: "A Maçonaria

¹⁸ SILVA, Eliane Moura da. Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. **Revista de Estudos da Religião**, n.2, 2004, p. 4.

¹⁹ AS LOJAS são os locais onde os maçons se reúnem e periodicamente realizam suas sessões, também chamados de Templos. O termo Loja também pode ser utilizado para a identificação desses locais, no entanto, na Maçonaria, a palavra Loja deve ser entendida como um grupamento particular de maçons, uma entidade coletiva definida, que tem sua vida própria, seu espírito particular. In.: BOUCHER, J. **A Simbólica Maçônica**. São Paulo: Pensamento, 1997, p. 400. Uma Loja tem de ser constituída por, pelo menos, sete Maçons colados no grau de Mestre. Cada Loja Maçônica elege, entre seus membros, e para um determinado período, o Venerável Mestre, que preside os trabalhos da mesma. Além do Venerável Mestre, outros Irmãos ocupam cargos na administração da Loja, tais como o 1º Vigilante, o 2º Vigilante, o Orador, o Secretário, entre outros. In.: GRANDE ORIENTE DO BRASIL. **Regulamento Geral da Federação**. Brasília, 2001b, p. 94.

²⁰ ANKERBERG, John; WLDON, John. **Os fatos sobre a maçonaria: A maçonaria entra em conflito com a fé cristã?** Trad. Neyd Haak. Porto Alegre: Chamada da Meia Noite, 1989, p. 11.

²¹ A EXPRESSÃO HOMEM usada neste artigo equivale à ideia de *ser humano*, não designando apenas pessoas do sexo masculino.

²² ANKERBERG, 1995, p. 16.

²³ WILLIAM Alston. Religion. **Encyclopedia of Philosophy**. Nova Iorque: Collier/Macmillan, 1972, p. 37-38.

é uma Religião, no sentido estrito do vocábulo, isto é, na 'Harmonização' da criatura ao Criador. É a Religião Maior e Universal".²⁴ Utiliza a Bíblia e outros livros sagrados para embasar seus ritos, conforme seus próprios defensores alegam, dizendo que a

Bíblia e a Cabala fornecem o mais poderoso contingente para o enriquecimento do simbolismo maçônico, e o Ocultismo, abrangendo o conjunto dos sistemas filosóficos e das artes misteriosas derivadas dos conhecimentos dos antigos, deu também abundante contribuição.²⁵

As percepções que provêm dos próprios grupos maçônicos, de estudiosos da área, como também seus constantes rituais, caracterizam o grupo como uma instituição religiosa, atuante no mundo há séculos, como se verá na sequência.

1.2 Origem histórica e a maçonaria no Brasil

Difícilmente alguém que já escreveu sobre a maçonaria tentou situá-la decididamente em qualquer época da história da humanidade, como pertencendo a alguma fase histórica específica. Seu surgimento está envolto de mistério. Alguns historiadores situam que a maçonaria “descende das antigas incorporações de mestres-pedreiros construtores de igrejas e catedrais”. A Idade Média foi uma época de grandes construções em pedra – como castelos e catedrais –, e uma espécie de embrião dos sindicatos: as chamadas corporações de ofício. Nelas se reuniam os trabalhadores medievais – como alfaiates, sapateiros e ferreiros, que guardavam suas técnicas a sete chaves.²⁶ Alguns maçons religiosos, voltados ao estudo da Torá ou da Bíblia, defendem que a Maçonaria teve sua origem na construção do Templo de Salomão, em Jerusalém, quase 1.000 anos antes do nascimento de Jesus. Há ainda aqueles que acreditam que a Maçonaria teve sua origem nos remotos tempos do Egito, outros creem que se originou com os Cavaleiros Templários, mas a grande maioria dos maçons aceita a primeira ideia, de seu surgimento a partir da Idade Média.²⁷

Mesmo existindo centenas de livros sobre as origens da maçonaria no Oriente Médio, os eruditos afirmam que os franco-maçons, na sua origem, eram provavelmente os itinerantes artífices da pedra, libertos da servidão dos seus mestres a partir dos séculos XII e XIV. Guildas de artesãos eram habituais na Idade Média. Nas suas viagens, os maçons costumavam ficar em lojas, ou hotéis, na busca de emprego em lugares onde grandes e importantes edifícios eram construídos. Os sindicatos eram frequentemente ilegais nos estatutos ingleses de 1360 e 1425, e os maçons gradualmente desenvolveram sinais e símbolos ocultos para sua comunicação com os outros membros do grupo.²⁸

Fortemente ligada com as grandes construções de igrejas e catedrais, a primeira convenção maçônica foi realizada em 1226, em York, na Inglaterra, e a segunda em Strasburgo, em 1275. Já em 1359, assinou-se a constituição dos maçons de Strasburgo.²⁹

²⁴ CAMINO, Rizzardo da. **Dicionário Maçônico**: "Religião". S.l.: s.n., 1980?, p. 514.

²⁵ HORRELL, J. Scott. **Maçonaria e fé cristã**. São Paulo: Mundo Cristão, 1995, p. 85.

²⁶ ALBUQUERQUE, A. Renório. **O que é a Maçonaria**. 7.ed. Rio de Janeiro: Aurora, [s.d.], p. 197.

²⁷ HORRELL, 1995, p. 33.

²⁸ HORRELL, 1995, p. 33.

²⁹ SILVA, Paulo Florêncio. **Maçonaria contra ou a favor?** Vitória: Florêncio, 1987, p. 17-18.

Reconhecidos por seu eminente conhecimento em arquitetura, o conceito de *maçons aceitos* ampliou-se e, a partir do ano de 1630, passou-se a incluir membros honorários. Ser maçom aceito tornou-se popular, parecendo o propósito das fraternidades ser social e de convívio.³⁰

Segundo Leite, com a Renascença e a Reforma do século XVI, a sociedade e sua arquitetura foram modificadas. Esse foi o motivo que levou as associações a receberem em seu meio membros distintos, vindos de outros grupos sociais e profissionais, inclusive da alta nobreza, pensadores e filósofos.³¹ Um fato marcante ocorreu em 1721, quando o primeiro nobre irmão se tornou o grão-mestre, o Duque de Montague. Em 1723, foi publicado um volume com 39 artigos gerais para orientar a entidade. Essa constituição foi elaborada por James Anderson, refletindo o espírito do século XIX, aparecendo então a expressão de Deus como o “grande arquiteto do universo”.³² Estes fatos apontam que, ao final da Idade Média, a maçonaria passou a admitir outros membros, além de pedreiros. Transformou-se, assim, em uma fraternidade dedicada à liberdade de pensamento e expressão, religiosa ou política, e contra qualquer tipo de absolutismo. Teve influência nos bastidores da Revolução Francesa e da independência dos Estados Unidos. Aqui no Brasil participou decisivamente da abolição da escravatura, da Independência e da proclamação da República.³³

Historiadores concordam que, devido à hostilidade dos intelectuais às igrejas, em especial a Anglicana e Católica, houve uma contínua descristianização explícita da loja no século XVIII e igualmente no XIX. A maçonaria cresceu com força e rapidez extraordinárias. Tanto na França, Itália, Espanha, Portugal, na Prússia como em outros países, a fraternidade maçônica tornou-se o centro de intelectuais, aristocratas e políticos da alta sociedade.³⁴

No Brasil há notícias da existência de maçons desde fins do século XVIII, com envolvimento claro na Inconfidência Mineira e depois na Conjuração Baiana de 1798. A primeira loja brasileira foi criada em 1801, no Rio de Janeiro, vinculada ao Oriente da Ilha de França. No ano seguinte fundou-se uma segunda loja na Bahia, Virtude e Razão.³⁵ Conforme a história maçônica, tanto a libertação do Brasil do domínio português quanto a passagem da Monarquia para a República foram movimentos idealizados, preparados e tornados realidade pelas lojas da maçonaria. Entre seus membros inclui-se Frei Caneca, Aleijadinho, Tiradentes, Castro Alves, Rui Barbosa, José Garibaldi, Marechal Deodoro da Fonseca, Bento Gonçalves, entre outros.³⁶ A maçonaria brasileira não só participava das grandes decisões políticas, como também procurava coibir os desmandos do clero promovidos pela Igreja Católica, que sempre buscou ser infiltrada nos poderes de decisão relativos aos cidadãos brasileiros.³⁷

Em 1872, teve início a reação contra a maçonaria, com o bispo do Rio de Janeiro. Atualmente existem vários grupos autônomos no Brasil, orientados pelo Grande Oriente do

³⁰ HORRELL, 1995, p. 34.

³¹ LEITE FILHO, 1996, p. 83.

³² LEITE FILHO, 1996, p. 83.

³³ HORRELL, 1995, p. 36.

³⁴ HORRELL, 1995, p. 36.

³⁵ AZEVEDO, Celia M. Maçonaria: história e histografia. **Revista USP**, São Paulo, n.32, dez./fev. 1996, p. 8.

³⁶ HORRELL, 1995, p. 37.

³⁷ SILVA, 1987, p. 21.

Brasil e pelo Supremo Conselho, além de outros independentes. Alguns estudiosos afirmam que a maçonaria não tem mais a força política do passado, sendo vista como entidade filantrópica e elitista.³⁸

Mesmo tendo sua história marcada pela fragmentação, o conjunto das lojas maçônicas do Brasil conta com cerca de 150 mil membros, e é uma das grandes potências mundiais.³⁹ Segundo um artigo da Ciência e a Maçonaria, a maçonaria brasileira é atualmente a terceira maior do mundo, em números absolutos. Segundo o autor, a crise espiritual que o País passa leva à busca de uma nova moralidade, que incorpore as raízes profundas da verdadeira tradição, compatibilizando-a com a liberdade e a ciência, sendo esta uma oportunidade para a expansão da maçonaria, em especial a universitária, que desempenha um papel educacional. O autor ainda afirma em seu artigo que o futuro da maçonaria está em chegar até a juventude e oferecer a ela uma doutrina calcada em ideias progressistas e solidárias, construindo um futuro com base na tradição e nos ideais maçônicos, engenhando a realidade futura do povo brasileiro.⁴⁰

Estudos apontam para alguns nomes de destaque na história, tidos como maçons, entre eles: Voltaire (1694-1778) – Filósofo francês; Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) – Compositor austríaco. Sua ópera "A Flauta Mágica" é toda baseada na simbologia dos ritos maçônicos; José Bonifácio (1778-1859) – Cientista e político brasileiro, conhecido como Patriarca da Independência; Dom Pedro I (1798-1834) – Primeiro imperador do Brasil, decretou a independência do país; Duque de Caxias (1803-1880) – Comandante do exército; Deodoro da Fonseca (1827-1892) – Marechal do exército brasileiro, proclamador da república e primeiro presidente do país; Rui Barbosa (1849-1923) – Jurista, jornalista e político brasileiro.⁴¹

2. OS MISTÉRIOS DA MAÇONARIA

Há vasta gama de mistérios que envolvem a maçonaria. Nela o conhecimento é detido pelos iniciados apenas, que o repassam através de rituais de iniciação. Esses mistérios são considerados antigos e por isso geram muita curiosidade, de maneira que a maçonaria também é conhecida como uma Escola de Mistérios.⁴²

A finalidade básica do segredo é proteger tanto a sociedade maçônica como o grupo de pessoas e as ideias que a compõem; todavia, ele extrapola esse objetivo, passando a se constituir, psicologicamente, em uma ferramenta de união entre seus membros uma vez que os isola e, mais ainda, os diferencia

³⁸ LEITE FILHO, 1996, p. 87.

³⁹ HORRELL, 1995 p. 43.

⁴⁰ GALDEANO, Lucas Francisco. As lojas universitárias e a modernização da maçonaria: Um estudo no GOB na primeira década do século XXI. **C&M**, Brasília, v. 1, n.2, p. 125-136, jul./dez., 2013, p. 134-135.

⁴¹ **O que é e como surgiu a maçonaria?** Parte da história da ordem pode está relacionada com seu nome: Maçonaria significa pedreiro. **Revista Super Interessante**, 14 dez. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-ee-como-surgiu-a-maconaria/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

⁴² CAMPILLO, Marco Antônio. A maçonaria para os leigos: mistérios, origens e estrutura. **C&M**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 59-68, jan./jun., 2015, p. 60.

do restante dos homens. O segredo se constitui em um elemento de fortalecimento interno, desenvolvendo o espírito de coletividade.⁴³

Em uma busca de entender o que acontece nesse grupo secreto e seletivo, serão vistos os símbolos, os ritos, as lojas e suas cerimônias.

2.1 Os símbolos presentes na maçonaria

O simbolismo é a alma e a vida da maçonaria, embora sua interpretação não seja lógica. Atribuem diversos significados para seus símbolos e afirmam que estes são inesgotáveis, tendo sua origem nas profissões dos pedreiros e dos arquitetos, que representam a arte de construir. Os mais conhecidos símbolos são: esquadro, compasso, martelo, colher de pedreiro, mesa de trabalho, prumo, nível.⁴⁴

Eis alguns exemplos dos símbolos e seus significados:

Compasso – representa a justiça e a exatidão. Símbolo do espírito, do pensamento livre nas diversas formas de raciocínio, também do relativo (círculo) dependente do ponto inicial (absoluto). Os círculos traçados com o compasso representam as Lojas.

Esquadro – resultado da união da linha vertical com a linha horizontal, é o símbolo da retidão e também da ação do homem sobre a matéria e sobre si mesmo.

G – significa Gnose, conhecimento e também Deus, Geometria e Grande Arquiteto do Universo.

Loja – oficina ou templo, sala retangular. Deriva do germânico Laub (folhagem, abrigo de folhagem) e do sânscrito Loka (localidade, mundo) e do grego logos (discurso). Loja é, assim, lugar discreto onde se reúnem e discursam os maçons. A loja deve ser formada, pelo menos, por sete mestres.

Nível – símbolo da igualdade social básica e da serenidade imparcial do juízo.

Rosa – inicialmente branca, ficou vermelha com o sangue de Vênus; símbolo alquímico da vida, da sabedoria e da beleza.

Triângulo – o triângulo com um olho no meio simboliza o Sol, expressão visível de Deus, de que emana a luz e a vida.⁴⁵

Existe ainda uma infinidade de outros símbolos, que são de fundamental importância para a gradação maçônica. Eles se confundem com os dogmas. A própria linguagem na maçonaria é simbólica. A comunicação ocorre através de sinais, toques e palavras, tudo com descrição e simplicidade.⁴⁶

Os símbolos, assim como seu pleno significado, só são conhecidos de maneira parcial e são compartilhados gradualmente, da mesma forma que os ensinamentos e ritos de cada grau quando se ingressa na maçonaria. Frisa-se o questionamento sobre a razão dos maçons se

⁴³ VIEIRA, M. E. **O Envolvimento da Maçonaria Fluminense no Processo de Emancipação do Reino do Brasil (1820 – 1822)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001, p. 108.

⁴⁴ LEITE FILHO, 1996, p. 89.

⁴⁵ ARNAUT, António. Introdução à maçonaria. Portugal: **IUC**, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptR&lr=&id=UJwxDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA5&dq=ma%C3%A7onaria&ots=Zxl3uXBdgX&sig=C6vii8aG-nf0uXOw9U6TTBbWpuQ#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 23 de out. 2018, p. 43 -46.

⁴⁶ SILVA, 1987, p. 39.

envolverem em tantos mistérios, já que a organização se define como tendo a finalidade de servir e fazer o bem ao próximo.⁴⁷

2.1.1 O significado dos números na maçonaria

A maçonaria, em sua parte esotérica, apresenta uma preocupação com os números e seu estudo. Incluída como parte obrigatória de seus ensinamentos, a simbologia numérica tem destaque nas instruções a serem ministradas aos Aprendizes, Companheiros e Mestres Maçons. Este conhecimento é obrigatório para os maçons, sendo necessário destacar que estes números têm a cabala como base para seu estudo.⁴⁸ Um exemplo desta forma de pensar: o número zero é o símbolo esotérico que representa Deus Criador, a Causa sem Causa, de onde tudo se origina e que ainda não foi manifesto, pairando no Espaço Absoluto.⁴⁹ Todas as coisas estão interligadas e se realizam no número um, incluindo a transcendentalidade da unidade, por isso tudo é imperceptível e imanifesto, tornando-se tudo real no número dois.⁵⁰

2.1.2 O significado dos símbolos do Zodíaco na maçonaria

O número doze na maçonaria dá relevo ao Zodíaco. Cientificamente, o Zodíaco é uma zona da esfera celeste cortada ao meio pela eclíptica, em que estão contidas as doze constelações que o Sol parece percorrer durante o ano, sendo essas doze constelações localizadas ao longo da eclíptica e denominadas zodiacais: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Desde a antiguidade existe a ideia da influência decisiva dos signos do Zodíaco na vida das pessoas como na história dos povos. Para a Maçonaria, os signos do Zodíaco têm influência no que se relaciona com a iniciação. Para os seguidores da seita, neste momento se dá, simbolicamente, o “nascimento” do maçom, tendo cada signo do zodíaco uma relação especial, com seus próprios significados, com a iniciação maçônica.⁵¹

É importante frisar que a tradição cristã sempre repudiou a astrologia como superstição e prática adivinhatória. As previsões astrológicas são condenadas pela Bíblia, considerando-as adivinhações e sinais dos céus, em textos como o de Deuteronômio 4.19; 2 Reis 17.16; Isaías 47.8-15; Atos 19.17-20.⁵²

2.2 Ritos e graus maçônicos

A maçonaria admite diferentes ritos. Além do rito maçom escocês e do rito moderno francês, há no Grande Oriente do Brasil os ritos York, Schroeder, Aniramita e Brasileiro. O rito escocês antigo é aceito pela maioria maçônica do Brasil.⁵³ O rito ou ritual é o conjunto de signos destinados a regular certos atos. A existência de ritos vem dos tempos mais remotos e

⁴⁷ LEITE FILHO, 1996, p. 89-90.

⁴⁸ CASTRO, Boanerges B. **Simbolismo dos números na maçonaria**. São Paulo: Livraria maçônica Paulo Fuchs, 2002, p. 6.

⁴⁹ CASREO, 2002, p. 8.

⁵⁰ CASREO, 2002, p. 11.

⁵¹ CASREO, 2002, p. 78-79.

⁵² LEITE FILHO, 1996, p. 80.

⁵³ LEITE FILHO, 1996, p. 87.

pode ser detectada em todas as épocas e lugares. O ritual impregna a vida e situações do cotidiano. Os ritos na maçonaria carregam um significado que vai além do gesto ou da simples declaração, transformando-os de acordo com conteúdos predeterminados.⁵⁴ O rito maçônico⁵⁵ é um conjunto de signos compreensíveis para os iniciados, conforme os graus, compreendendo um acervo imenso de sinais, toques, palavras, incluindo até elementos decorativos.

Todos os ritos têm em comum a adoção dos três graus simbólicos da maçonaria: aprendiz, companheiro e mestre.⁵⁶ Depois de passar por estes três graus na Loja Azul, o candidato pode decidir deter-se nesse ponto ou prosseguir avançando para um ou ambos os ramos na maçonaria.⁵⁷

O rito mais frequente no Brasil é o Escocês. Este rito só permite membros que professam sua fé em um ser superior. Observa-se também o rito Francês, ou Moderno laico materialista, e o rito York. Somente o rito Escocês cita seus graus pelo número; o Rito York cita os seus graus pelo nome.⁵⁸

O número de graus maçônicos depende, assim, do rito adotado. Segundo o autor maçom:

Durante o regime fascista (1926-1974), a maior parte das lojas foram encerradas, e as que subsistiram, em rigorosa clandestinidade, praticavam o Rito Escocês Antigo e Aceito. Com a restauração da democracia, foram essas lojas congregadas no grande oriente Lusitano, que reativaram a Ordem Maçônica, adotando aquele rito por ser o único então em exercício, embora a Constituição permitisse a admissão de outros. O rito Simbólico Regular, ou Rito Escocês Retificado, havia, mais tarde, de ser acolhido pela Grande Loja de Portugal... contando atualmente com várias lojas.⁵⁹

⁵⁴ ARNAUT, 2017, p. 31.

⁵⁵ ALGUNS RITUAIS SÃO MACABROS – um exemplo é a iniciação do Cavaleiro Templário. “O ponto alto da iniciação do Cavaleiro Templário é quando o candidato é trazido diante de uma mesa grande, triangular, coberta com veludo negro, iluminada por velas e contendo onze cálices prateados e um crânio humano entronizado sobre a Bíblia (crânios têm lugar de destaque em toda a iniciação). A intenção é representar a Última Ceia. Contudo, parece mais uma zombaria sinistra. O efeito visual é mais satânico do que cristão, especialmente para a pessoa que está acostumada com a Mesa do Senhor nas igrejas. Não obstante, o ambiente é o menor dos problemas. Pede-se ao candidato para participar de cinco libações (brindes) e o quinto é o mais sinistro de todos. Não se diz ao candidato para quem o quinto brinde é feito (ele está “selado”), e lhe é oferecido num crânio humano! O “Eminente Comandante” lhe diz para repetir um breve juramento que diz, em parte: Assim como os pecados de todo mundo foram derramados aquela vez sobre cabeça de nosso Salvador, que todos os pecados da pessoa a quem esse crânio pertenceu, junto com os meus próprios, sejam amontoados sobre a minha cabeça e que essa libação apareça no julgamento contra mim, se eu algum dia consciente ou voluntariamente violar meu voto mais solene de Cavaleiro Templário; que Deus me ajude...” Vamos combinar: vender de volta a Satanás, sob juramento solene, pecados pelos quais Jesus já morreu, é um erro grotesco, inaceitável. In.: NOGUEIRA, Walter José Fachetti. **O esquadro e o compasso**. S.l.: s.n., 2017, p. 110.

⁵⁶ ARNAUT, 2017, p. 32.

⁵⁷ ANKERBERG, 1989, p. 16.

⁵⁸ ANKERBERG, 1989, p. 16.

⁵⁹ ANKERBERG, 1989, p. 41.

RITO DE YORK	RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO	RITO FRANCÊS
- Aprendiz	1 – Aprendiz	- Aprendiz
- Companheiro	2 - Companheiro	- Companheiro
- Mestre	3 - Mestre	- Mestre
- Mestre da Marca	4 - Mestre Secreto	- Eleito
- Pós Mestre	5 - Mestre Perfeito	- Escocês
- Mestre Excelentíssimo	6 - Secretário Íntimo	- Cavaleiro do Oriente
- Mestre do Arco Real	7 - Mestre irlandês	- Príncipe Rosa-Cruz
- Mestre Real	8 - Mestre em Israel	
- Mestre Seletor	9 - Mestre Eleito dos nove	
- Mestre Super-Excelente	10 - Ilustre Eleito dos quinze	
- Comando Ordem da Cruz Vermelha	11 - Sublime Cavaleiro Eleito	
- Ordem dos Cavaleiros de Malta	12 - Grão-mestre Arquiteto	
- Comando da Ordem dos Cavaleiros Templários	13 - Cavaleiro do Real Arco	
	14 - Grande Eleito da Abóboda Sagrada	
	15 - Cavaleiro do Oriente	
	16 - Príncipe de Jerusalém	
	17 - Cavaleiro de Oriente e Ocidente	
	18 - Cavaleiro ou Soberano Príncipe Rosa Cruz	
	19 - Grande Pontífice	
	20 - Venerável Grão-Mestre de Todas as Lojas	
	21 - Noaquita ou Cavaleiro Prussiano	
	22 - Cavaleiro do Real Machado	
	23 - Chefe do Tabernáculo	
	24 - Príncipe do Tabernáculo	
	25 - Cavaleiro da Serpente de Bronze	
	26 - Escocês Trinitário	
	27 - Grande Comendador do Templo	
	28 - Cavaleiro do Sol	
	29 - Grande Escocês de Santo André	
	30 - Grande Eleito Cavaleiro Kadosch	
	31 - Grande Inspetor Inquisitor Comendador	
	32 - Sublime Príncipe do Real Segredo	
	33 - Soberano Inspetor Geral	

Tabela 1 – Graus na maçonaria.⁶⁰

Convém ressaltar que a iniciação é a mais importante cerimônia maçônica e o ato mais relevante da vida de um maçom.⁶¹ Antes de o rito acontecer e de um homem entrar na maçonaria é feita uma sindicância sobre sua vida pessoal, familiar e pública, para verificar sua moral.⁶² Caso o candidato obtenha aprovação, são-lhe ensinadas as palavras sagradas do primeiro grau e os respectivos sinais e toques para ser reconhecido e reconhecer os seus

⁶⁰ ARNAUT, 2017, p. 41- 43; ANKERBERG, 1989, p. 17-18.

⁶¹ ARNAUT, 2017, p. 34.

⁶² LEITE FILHO, 1996, p. 91.

irmãos. Depois presta o juramento já referindo, sendo-lhe imposta a insígnia do grau. A iniciação, como os outros rituais maçônicos, assume formas esotéricas herdadas dos antigos.⁶³

Nem tudo é assimilado por aquele que entra na maçonaria. Nesta ligação entre a maçonaria e o oculto, é importante destacar três áreas específicas:

*a. Os juramentos.*⁶⁴ Cada maçom jura ser leal à fraternidade acima de qualquer outro grupo (incluindo a igreja), mediante votos extremamente fortes. Prometendo solenemente não divulgar os segredos da maçonaria — nem os crimes de outros maçons (exceto o homicídio e a traição) — o iniciado jura sobre o Livro Sagrado (a Bíblia, Alcorão ou Vedas etc.); *b. A ilusão.* Os escritores mais eminentes da confraria admitem que a elite maçônica ilude os maçons dos níveis inferiores, deixando que eles creiam no que desejam. As verdades mais sublimes permanecem ocultas dos neófitos, sendo que os mais avançados mantêm as chaves do "conhecimento real". *c. A simbologia pagã.* Por natureza, os símbolos sempre significam algo, ou nem seriam usados. Não são elementos vazios ou arbitrários. Na melhor das hipóteses, é algo ingênuo o cristão maçom dizer que os milhares de símbolos da Ordem são meramente relativos à fé do indivíduo, podendo ser tanto bíblicos quanto pagãos.⁶⁵

Todo mistério que envolve a maçonaria faz com que as pessoas tenham curiosidade pelo grupo, quando deveriam ter receio de se aproximar, uma vez que não pode ser bom algo que não é exposto e que precisa ser mantido em secreto. A religião cristã não é baseada em segredos, mas anunciada a todos de forma aberta, um de tantos contrastes existentes entre o cristianismo e a maçonaria, como se verá no último capítulo.

3. MAÇONARIA E CRISTIANISMO

A exigência de Deus na maçonaria dá clara visão de se tratar de um sistema religioso; ao mesmo tempo esta apresentação genérica de Deus, que a maçonaria retrata, foge de uma percepção religiosa única, que quer indicar um caminho, mas meramente atrair a todos para a sua forma de pensar, relegando a divindade a segundo plano.

3.1 Maçonaria e Deus

O Deus maçônico é denominado G.A.D.U – o Grande Arquiteto do Universo – o Ser Supremo, Criador da existência. Na maçonaria, a negação da crença no G.A.D.U. é impedimento absoluto e insuperável para a iniciação.⁶⁶ O Grande Arquiteto do Universo é um deus indefinido, impessoal, vago, uma força construtora.

⁶³ ARNAUT, 2017, p. 35.

⁶⁴ EXEMPLO DE JURAMENTO NA MAÇONARIA: “Eu ...juro e prometo, de minha livre vontade, pela minha honra e pela minha fé, em presença do Supremo Arquiteto do Universo, que é Deus, e perante esta assembleia de maçons, solene e sinceramente, nunca revelar qualquer dos mistérios da maçonaria que me vão ser confiados... Se violar este juramento seja-me arrancada a língua, o pescoço cortado e meu corpo enterrado nas águas do mar, onde o fluxo e refluxo me mergulhem em perpétuo esquecimento, sendo declarado sacrílego para com Deus e desonrado com os homens. Assim seja”. In.: **RITUAL e Instruções do Aprendiz-Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito**. São Paulo: Grande Oriente de São Paulo, abril de 1984, p. 99.

⁶⁵ HORRELL, 1995, p. 94-97.

⁶⁶ HORRELL, 1995, p. 69.

A maçonaria tradicional não admite o ateísmo em seu meio, crê no teísmo, mas se define como deísta. O conceito deísta apresenta um “Ser” neutro, indefinido e aberto a toda compreensão possível e impessoal, não permitindo pensar na revelação de Deus como crê o Cristianismo.⁶⁷

A maçonaria acredita que, por ser Deus o criador de todas as pessoas, todos são seus filhos espirituais, tendo direitos em relação a Ele, sustentando assim que Deus é o Pai de todo homem, independentemente de sua crença religiosa, sendo por isso possível aceitar todas as religiões.⁶⁸

O teísmo presente na maçonaria abarca todas as divindades, compreendendo que todas são expressões da divindade de Deus.⁶⁹ Nos escritos da maçonaria, o conceito de Deus é uma mistura de tudo: de gnosticismo, druidismo, luciferianíssimo hinduísmo, taoísmo, zoroastrismo, iluminismo, cristianismo e Nova Era.⁷⁰ Sendo tão ampla em seu aspecto religioso, que conseguiu excluir todas as doutrinas sectárias que pudessem causar divisões entre os cristãos, o judeu e o maometano, busca tornar possível que todos vivam em harmonia com suas crenças, acreditando que estas têm os mesmos princípios, porém concebidos das mais diferentes formas.⁷¹ Seu aspecto religioso amplo vai contra as palavras de Jesus em João:

E Jesus respondeu: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém pode chegar até o Pai a não ser por mim (Jo 14.6).⁷²

Então Jesus afirmou: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que morra, viverá e todo aquele que vive, e crê em mim jamais morrerá. Você acredita nisso? (Jo 11.25-26).⁷³

Segundo Horrel, mesmo que a maçonaria encoraje o pluralismo religioso na conceituação de Deus, existe cada vez menos lugar para o Deus triúno e pessoal da Bíblia.⁷⁴ Como poderia haver lugar para Deus, que exige exclusividade, em meio a tantos outros deuses e com conceitos tão errados de sua essência? A maçonaria opõe-se ao conceito da trindade de Deus, pois todas as vezes que Deus é definido, afirma-se que Ele é “unitário”, “único”. Segundo Ankerberg, alguns escritos maçons ensinam que a teoria da trindade seria de origem pagã, afirmando que aqueles que se dizem maçons e são cristãos têm a permissão de crer de forma secundária em uma essência trina, crendo primeiramente no Grande Arquiteto.⁷⁵

O monoteísmo viola os princípios maçônicos, pois requer a crença em um único Deus supremo. O deus da maçonaria não é o Deus da Bíblia, ensinando a todos os seus membros a acreditar em seu Deus e a ele adorar.⁷⁶

⁶⁷ LEITE FILHO, 1996, p. 93.

⁶⁸ ANKERBERG, 1995, p. 137-138.

⁶⁹ LIMA, Elizeu Dourado. **Lidando com o inimigo**. Curitiba: Descoberta, 2000, p. 64.

⁷⁰ HORRELL, 1995, p. 72.

⁷¹ LIMA, 2000, p. 69.

⁷² SBB, 2000, p. 1285.

⁷³ SBB, 2000, p. 1279.

⁷⁴ HORRELL, 1995, p. 74.

⁷⁵ ANKERBERG, 1995, p. 158.

⁷⁶ ANKERBERG, 1995, p. 158.

3.2 Maçonaria e Jesus Cristo

Além do seu conceito relativista da religião, e do seu conceito deísta de Deus, a maçonaria não admite referências quanto à mediação de Jesus Cristo. Mesmo dizendo-se defensora de todas as religiões, não abre espaço para a resposta vinda do Cristianismo para a solução da humanidade em Jesus Cristo.⁷⁷

Na maçonaria, Jesus era somente um homem, sendo um exemplo, um grande homem do passado. Não é considerado divino, e muito menos o único meio de salvação da humanidade perdida. Na maçonaria, Jesus é comparado a outros homens da história, como Aristóteles, Platão, Pitágoras e Maomé.⁷⁸

A maçonaria exclui completamente todos os ensinamentos bíblicos específicos sobre Cristo, tais como a Sua encarnação, missão redentora, morte e ressurreição, repudiando sua mediação, rejeitando sua expiação, negando e não reconhecendo o seu Evangelho.⁷⁹ Se, por um lado, a maçonaria exclui a divindade de Cristo, por outro a divindade de Cristo é redefinida, sendo a divinização do homem afirmada.⁸⁰ Como pode ser visto em um dicionário maçônico:

É a denominação de um “estado de alma” que se encontra na parte espiritual do ser humano. Jesus atingiu esse “grau” na Cruz e por isso foi denominado de Jesus o Cristo. É erro dizer-se “Jesus Cristo” (...) Cada cristão pode ter em si o “Cristo”.⁸¹

Como visto anteriormente, Deus é normalmente visto pela perspectiva deísta, ocultista e panteísta, o que torna impossível que Jesus Cristo seja o Filho de Deus, tonando-O meramente um “grande mestre de moralidade”.⁸² É possível dizer que a maçonaria afasta o homem de Cristo por ao menos cinco motivos:

1) omite deliberadamente o nome de Cristo de suas orações e citações bíblicas; 2) exige que o cristão desobedeça a Cristo, proibindo oficialmente toda discussão sobre Cristo nas atividades da Loja; 3) oferece, de forma blasfema, os títulos e os ofícios de Cristo aos descrentes; 4) nega a deidade de Cristo e 5) intencionalmente menospreza o papel singular de Cristo como Salvador, ensinando que a mensagem cristã da redenção divina é um mero reavivamento das antigas histórias pagãs.⁸³

A filosofia da maçonaria visa anular a salvação pela fé e a ação do Espírito Santo sendo impossível não observar a base dos ensinamentos relacionados a salvação pelas obras. Não havendo, dentro da sua filosofia a necessidade de um salvador, propriamente dito, muito menos de um salvador como Jesus Cristo. Tem a visão de que o ser supremo não desceria de sua glória para realizar a salvação dos homens, sustentando assim a teoria da salvação do homem pelo próprio homem.⁸⁴

⁷⁷ LEITE FILHO, 1996, p. 93.

⁷⁸ SHAW, Jim. **O engano**. Minas Gerais: Missão Horizontes, 2000, p. 137.

⁷⁹ A MAÇONARIA, p. 56

⁸⁰ HORRELL, 1995, p. 80.

⁸¹ ADOUM, Jorge. **Do mestre secreto: 4º grau e seus mistérios**. São Paulo: Pensamentos, 1973, p. 44

⁸² HORRELL, 1995, p. 81.

⁸³ ANKERBERG, 1995, p. 171-172.

⁸⁴ LIMA, 2000, p. 84-85.

É interessante observar que a maçonaria busca o desenvolvimento espiritual, caracterizando-se como uma instituição filantrópica, e esquece de que somente em Cristo isso é possível, não meramente por esforços humanos de tornar a humanidade melhor.⁸⁵

A maçonaria é mareada por uma ausência total dos conceitos de pecado e arrependimento (nem possui tais palavras em seus dicionários). Em vez de estar separado do G.A.D.U., o homem é visto como apenas imperfeito e não-iluminado, algo simbolizado na Pedra Bruta (cubo polígono) do Aprendiz, que nos graus seguintes é burilada e polida: "Símbolo da Idade Primitiva e, portanto, do homem em estado natural e sem instrução, a Pedra Bruta é a imagem da alma do profano antes de ser instruído nos mistérios maçônicos".⁸⁶

A verdade já foi revelada em Cristo Jesus, porém é grandemente anulada nos ensinamentos maçônicos. Dizendo procurar a verdade, ser defensora do livre pensamento, não abre espaço para seus membros verem a verdadeira libertação em Cristo. Mesmo as causas da religiosidade maçônica sendo nobres, eles buscam em si mesmos as respostas que somente serão encontradas em Cristo Jesus.⁸⁷

A maçonaria afirma, logo na sua iniciação, que ser bom e verdadeiro é a primeira lição que deve ser aprendida. Porém, a hipocrisia e o engano, de ser bom pelas próprias forças, valorizando as obras humanas e não a graça divina, ficam claras ao observar os ensinamentos de I João 2:21-23, 26, onde se diz:⁸⁸

Não vos escrevi, porque não saibais a verdade, antes porque a sabeis, e porque mentira alguma jamais procede da verdade. Quem é o mentiroso senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho, tem igualmente o Pai (...). Isto que vos acabo de escrever é acerca dos que vos procuram enganar.⁸⁹

Com base na Palavra de Deus, a Bíblia, somente Ele tem o poder para criar, salvar e assegurar a salvação. Nenhum esforço humano, por isso todo o esforço maçom de harmonizar a humanidade é vão, além de enganoso, afastando as pessoas da única verdade e a exclusiva forma de ser bom e de fazer o bem em Jesus Cristo.⁹⁰

Em síntese pode-se afirmar que o não ingresso do cristão na maçonaria se dá pela incompatibilidade entre as duas religiões.

Notamos as evidências de que: (1) o uso da Bíblia é meramente simbólico, sendo os ensinamentos reinterpretados conforme qualquer filosofia que o maçom quiser; (2) o vago conceito do G.A.D.U. maçônico é compatível com toda religião; (3) há uma omissão quase absoluta de referências sobre Jesus Cristo, mas não de vários outros líderes religiosos; (4) o homem, bom em si mesmo, torna-se aceitável por sua própria justiça diante do G.A.D.U.; e (5) há eles

⁸⁵ LEITE FILHO, 1996, p. 81.

⁸⁶ HORRELL, 1995, p. 91.

⁸⁷ LEITE FILHO, 1996, p. 94.

⁸⁸ ANKERBERG, 1995, p. 183.

⁸⁹ SBB, 2000, p. 1530.

⁹⁰ LIMA, 2000, p. 73.

cada vez mais fortes com o ocultismo, os quais, de fato, saturam os ritos e símbolos maçônicos. Portanto, fica autoevidente que a religião maçônica é ambígua, mas não vazia. E é justamente essa ambiguidade, assim como as religiões sincretistas do Egito, de Caná, da Babilônia da antiga cultura grega e do Império Romano — sempre vistas na Bíblia como falsas e diabólicas — que torna a maçonaria totalmente incompatível com a fé cristã.⁹¹

Quando se tem perspectivas equivocadas sobre Deus, Cristo e a Palavra de Deus é relegada à interpretação dos líderes, há enormes dificuldade em se reconhecer determinado movimento como sendo uma extensão do cristianismo. Muito se engana o cristão que acha que a maçonaria e o cristianismo são compatíveis. São dois senhores bem diferentes e não há como agradar e adorar os dois.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode ver, a maçonaria, que se denomina como um sistema moral, tem como missão principal ajudar todos os homens a evoluírem. Os seus membros formam uma sociedade que visa à filantropia e desenvolvimento espiritual, elevando assim o homem e a humanidade a um grau superior. É um movimento muito antigo, tendo origem nos primórdios do século XVIII, sobrevivendo através dos anos em meio às mudanças sociais, que em muitos momentos receberam clara influência maçônica. Os seguidores da maçonaria buscam iluminação, algo para preencher e dar sentido às suas vidas, vivendo uma procura infundável por iluminação e satisfação intelectual.

Ao mesmo tempo que há toda esta busca pela iluminação, a maçonaria é envolta de muitos mistérios. Estas práticas ocultas aos seus próprios membros (pois apenas os mais evoluídos têm acesso ao conhecimento mais profundo e os iniciantes apenas pensam que sabem aspectos da maçonaria) geram muitas especulações e despertam a curiosidade das pessoas. Os maçons já foram acusados de serem adoradores do demônio (baphomet) e muitos se envolvem no movimento porque estão em busca de respostas.

Porém, distante daquilo que a Palavra de Deus estabelece, dentro deste movimento religioso há a aceitação de todas as luzes e todos os deuses e a busca por aperfeiçoamento ético se torna tola e vã. É um grupo que almeja ser merecedor por suas obras, negando claramente a soberania de Deus, cercado-se por mistérios, ritos e simbolismos. Tem uma identidade oculta e em grande parte do tempo turva para os que não são membros da maçonaria.

A literatura cristã alerta sobre muitos motivos pelos quais um cristão não deve ser maçom. Os argumentos são coerentes e um cristão verdadeiro, mesmo sem ser alertado de antemão, saberá que não deve estar ligado a este grupo. Os primeiros ritos já deixam claro que Cristo não pode ser declarado como único Deus. De que forma então um cristão regenerado poderia se filiar a este grupo?⁹²

⁹¹ HORRELL, 1995, p. 98-99.

⁹² EXPLICAÇÕES PARA A ENTRADA DE CRISTÃOS NA MAÇONARIA: “(1) Ele não entende de que consiste o cristianismo bíblico; para ele, é apenas uma religião sincretista e liberal. (2) Ele não compreende o que é a maçonaria, desconhecendo a filosofia religiosa da confraria (pois há uma extraordinária ignorância dentro do

Porém existem milhares de maçons no mundo, estes envolvidos em uma doutrina sombria, mística e longe de Deus, que merecem o olhar compadecido dos que conheceram a verdadeira luz. Estas pessoas que podem em seu coração ter o desejo verdadeiro de fazer coisas boas, precisam conhecer o Deus da graça.

Fica evidente ao se olhar para a maçonaria que as pessoas envolvidas neste grupo religioso buscam um rumo para a vida. Uma luz para a escuridão interior, tendo a errônea ideia que fazer o bem ao próximo é o que moverá a benevolência divina para a sua vida. Esta divindade pode ser o deus de qualquer religião, acreditando que ao praticar o bem irão aperfeiçoar os padrões éticos do mundo. Mas, ao mesmo tempo que acreditam que devem praticar boas obras cercam-se de ritos, mistérios e símbolos. Um caminho repleto de influências das mais diversas religiões e seitas, uma busca pela luz que leva ao misticismo e a busca por guias de influência dentro do grupo.

Em uma breve avaliação fica claro que a maçonaria não é bíblica, muito menos cristã. Um cristão não deve nunca fazer parte desse grupo que nega a divindade de Jesus Cristo, assim como a sua graça redentora. Porém cabe aos cristãos preocuparem-se com essas vidas, cumprindo assim seu papel de levar a verdadeira luz de Cristo para aqueles que buscam a luz em lugares errados. Lamentavelmente há “cristãos” tentando conciliar a maçonaria com sua crença em Jesus:

O fato de a diferença fundamental entre os princípios incorporados nos credos históricos da cristandade e aqueles de nossas ordens secretas modernas não ter sido claramente refletida é indicado pela evidência de que muitos comprometem-se com ambos. Há maçons que, nas igrejas, aderem à doutrina de que "somos considerados justos perante Deus apenas pelo mérito de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, pela fé, e não por nossas próprias obras e merecimentos", e entusiasticamente juntam-se ao coro dos hinos nos quais essa ideia é expressa. Então, em suas reuniões maçônicas, exatamente com o mesmo entusiasmo, eles assentem à seguinte declaração: "Embora nossos pensamentos, palavras e ações possam ser ocultos dos olhos dos homens, ainda assim aquele Olho-Que-Tudo-Vê, a quem o sol, a lua e as estrelas obedecem, penetra nos recantos mais íntimos do coração humano, e nos recompensará de acordo com nossos méritos". Uma criança pequena, assim que se chame sua atenção para o assunto, deve ser capaz de perceber que é impossível harmonizar a frase do credo aqui citada com a declaração extraída da admoestação de uma de nossas maiores e mais eficazes ordens secretas, e encontrada, na totalidade, nas liturgias de todas, ou quase todas, as outras... Uma dessas afirmações exclui a outra. Os homens não podem coerentemente anuir a ambas.⁹³

movimento). (3) Alguns cristãos continuam se relacionando com a maçonaria, apesar de entenderem o que é o cristianismo e o que é a maçonaria. Estes ficam sem desculpa, especialmente se forem pastores — caso idêntico ao dos sacerdotes que esconderam seus deuses abomináveis no Templo sagrado em Jerusalém, na visão de Ezequiel 8. E (4) alguns dos chamados cristãos dentro da maçonaria já são apóstatas da verdadeira fé. Apesar de diferenças teológicas, concluímos junto com o catolicismo, as ortodoxias grega e russa e as declarações de muitas denominações evangélicas, que o cristianismo e a maçonaria são, de fato, mutuamente exclusivo." In.: HORRELL, J. Scott. Maçonaria: tensões e perguntas. **VOX SCRIPTURAE**, Faculdade Luterana de Teologia, ano3, v.1, mar. 1993, p. 100.

⁹³ COIL, E. A. **Relationship of the Liberal Churches and the Fraternal Orders**. S.l.: s.n., 1980?, p. 10-11.

Com base nestas conclusões, percebe-se a importância de o cristão compreender mais sobre a maçonaria, podendo levar a verdade do Evangelho libertando essas vidas das trevas, sendo então possível acontecer o que é dito em Mateus 5.14-16:

Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.⁹⁴

Na busca pela luz, o ser humano se afunda em trevas mais densas ao aderir à maçonaria. Desejos de prosperar a qualquer custo e a necessidade de ser bem-sucedido e reconhecido tem levado muitos a entrarem no movimento, garantindo aspectos terrenos e se afastando da vida com Deus no presente e no futuro!

REFERÊNCIAS

- ADOUM, Jorge. Do mestre secreto: 4º grau e seus mistérios. São Paulo: Pensamentos, 1973.
- ALBUQUERQUE, A. Renório. **O que é a Maçonaria**. Rio de Janeiro: Aurora, [s.d.], 7º ed.
- ALBUQUERQUE, Cavalcante. **O que é maçonaria**. Rio de Janeiro: Aurora, 1936.
- ANKERBERG, John. **Os ensinamentos secretos da maçonaria**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- ANKERBERG, John; WLDON, John. **Os fatos sobre a maçonaria: A maçonaria entra em conflito com a fé cristã?** Trad. Neyd Haak. Porto Alegre: Chamada da Meia Noite, 1989.
- ARNAUT, António. **Introdução à maçonaria**. Portugal: IUC, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=ptR&lr=&id=UJwxDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA5&dq=ma%C3%A7onaria&ots=Zxl3uXBdgX&sig=C6vii8aGf0uXOW9U6TTBbWpuQ#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 23 de out. 2018.
- ASLAN, N. **História Geral da Maçonaria: fatos da Maçonaria Brasileira**. Londrina: A Trolha, 1997.
- AZEVEDO, Celia M. Maçonaria: história e histografia. **Revista USP**, São Paulo, n.32, dez./fev. 1996.
- BOUCHER, J. **A Simbólica Maçônica**. São Paulo: Pensamento, 1997.
- CAMINO, R. **Iniciação Maçônica**. São Paulo: Madras, 1996.
- CAMINO, Rizzardo da. **Dicionário Maçônico: "Religião"**. S.l.: s.n., 1980?
- CAMPILLO, Marco Antônio. **A maçonaria para os leigos: mistérios, origens e estrutura**. **C&M**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 59-68, jan./jun., 2015.

⁹⁴ SBB, 2000, p. 1113.

CASTRO, Boanerges B. **Simbolismo dos números na maçonaria**. São Paulo: Livraria maçônica Paulo Fuchs, 2002.

COIL, E. A. **Relationship of the Liberal Churches and the Fraternal Orders**. S.l.: s.n., 1980?

GALDEANO, Lucas Francisco. As lojas universitárias e a modernização da maçonaria: Um estudo no GOB na primeira década do século XXI. **C&M**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 125-136, jul./dez., 2013.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. **Regulamento Geral da Federação**. Brasília, 2001b.

HORRELL, J. Scott. **Maçonaria e fé cristã**. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

HORRELL, J. Scott. Maçonaria: tensões e perguntas. **VOX SCRIPTURAE**, Faculdade Luterana de Teologia, ano 3, v.1, mar. 1993

LEITE FILHO, Tácito da Gama. **Atitudes ideológicas e filosóficas**. Rio de Janeiro, JUERP, 1996.

LIMA, Elizeu Dourado. **Lidando com o inimigo**. Curitiba: Descoberta, 2000.

NOGUEIRA, Walter José Fachetti. **O esquadro e o compasso**. S.l.: s.n., 2017.

O que é e como surgiu a maçonaria? Parte da história da ordem pode está relacionada com seu nome: Maçonaria significa pedreiro. Revista Super Interessante, 14 dez. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-ee-como-surgiu-a-maconaria/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

PELLEGRINO NETO, J. **Nossa sublime instituição chave de Hiram**. Indaiatuba: Vitória, 2010.

RITUAL e Instruções do Aprendiz-Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito. São Paulo: Grande Oriente de São Paulo, abril de 1984.

SANTOS, Luis Umbert. **Por que soy mason?** Mexico: Humanidad, 1951.

SBB. **Bíblia Sagrada: Nova Versão na Linguagem de Hoje**. São Paulo: SBB, 2000.

SHAW, Jim. **O engano**. Minas Gerais: Missão Horizontes, 2000.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. **Revista de Estudos da Religião**, n.2, 2004.

SILVA, Paulo Florêncio. **Maçonaria contra ou a favor?** Vitória: Florêncio, 1987.

TAVARES, M. R. **Entre a Cruz e o Esquadro: o debate entre a igreja católica e a Maçonaria na Imprensa francana (1882-1901)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, 2006.

VIEIRA, M. E. **O Envolvimento da Maçonaria Fluminense no Processo de Emancipação do Reino do Brasil (1820 – 1822)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001,

VILLANOVA, J. G. **Oficina de Aprendiz.** Três Rios: Três Rios, 1981.

WILLIAM, Alston. Religion. **Encyclopedia of Philosophy.** Nova Iorque: Collier/Macmillan, 1972.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PROCLAMAR O REINO DE DEUS É A MISSÃO DO POVO DE DEUS Proclamation the Kingdom of God is the mission of the people of God

Me. Evandro Roque Rojahn¹

RESUMO

Este trabalho mostra que o povo de Deus constitui a unidade orgânica do Reino de Deus e não pode ser restringido apenas ao conceito de igreja. Evidencia-se também que a igreja é o povo de Deus, mas o povo de Deus não é apenas a igreja. As raízes deste povo são mais antigas que a igreja do Novo Testamento. Para compreender mais amplamente o sentido da identidade e missão do povo de Deus, é preciso traçar sua formação primária, o que não se restringe ao Novo Testamento, mas pode ser encontrado desde Abraão. O povo de Deus começa com Abraão, estrutura-se no deserto, onde também Deus revelará sua identidade e propósitos. Com a instituição da monarquia, o povo de Deus é reconhecido oficialmente como nação diante de outras nações. A queda dos reinos do Norte e do Sul deixa em aberto a questão acerca do sucesso ou fracasso do povo de Israel em cumprir sua missão de ser Luz para as nações. O artigo também defende que o Novo Testamento apresenta a necessidade de uma nova formação, de um novo povo de Deus. Assim, Jesus escolhe doze homens. Esses homens constituem a unidade orgânica do Reino de Deus, a igreja. Eles cumpriram a missão dada por Jesus de viver e proclamar o Reino de Deus. Mas, aparentemente, a igreja atual não está seguindo no rumo do Reino de Deus. Parece ter seus próprios interesses.

Palavras-chaves: Povo de Deus. Antigo Testamento. Novo Testamento. Igreja. Reino de Deus.

¹ Graduado em Artes Visuais, Filosofia, Letras/Inglês, Bacharel em Teologia, Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento, mestre em Teologia pela FABAPAR. Professor de Arte e Filosofia na Rede Estadual de Educação do Paraná. Casado com Luciana Braz dos Santos, pai de Alexandre dos Santos. Atualmente é colaborador da obra de Deus na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Ministério de Rio Branco do Sul / PR. E-mail: teologiaevandro@gmail.com.

ABSTRACT

This paper demonstrates that God's people constitute the organic unity of God's Kingdom. Although the church is God's people, this concept can not be limited to the church only. The roots of this group are older than the New Testament's church. To understand the meaning of the identity and mission of God's people is necessary to trace their primary formation, which is in Abraham. God's people began with Abraham. Their structuring occurred in the desert, where God also revealed their identity and purposes. With the institution of the monarchy, God's people became a nation before other nations. The fall of the northern and southern realms left open the question of the success or failure of Israel's people to fulfill their mission of being light to the nations. This paper also argues that the New Testament presented the need for a new formation, a new people of God. That is why Jesus chose twelve men who constituted the organic unity of God's Kingdom, the church. They fulfilled the mission given by Jesus to live and proclaim God's Kingdom. The contemporary church, otherwise, does not seem to be walking according to the principles of God's Kingdom.

Keywords: People of God, Old Testament, New Testament, Church, Kingdom of God.

INTRODUÇÃO

Quando se fala em proclamar o Reino de Deus como sendo a missão mais relevante do povo de Deus, deve-se ter em mente qual é a identidade desse povo de Deus. Ao mencionar “povo de Deus”, logo é possível associar esse conceito ao de igreja. A partir disso, alguns já poderiam concluir que esse “povo de Deus” é aquela igreja que Jesus disse que edificaria. A mesma que se iniciou no dia de Pentecostes e que fora comissionada a anunciar o Evangelho. Essa não seria uma ideia de todo errada. Porém, o conceito de povo de Deus tem raízes mais profundas que isso. O povo de Deus é chamado de igreja quando assume uma continuidade na missão do antigo Israel, que também era povo de Deus.

Para que se tenha uma ideia mais abrangente da missão do povo de Deus, é necessário analisar a formação do povo de Deus desde o início. Por isso, nesse artigo, primeiramente será pesquisado o início do povo de Deus, que não é apenas a igreja, mas os salvos de todas as épocas.² Será importante conhecer as promessas de Deus a Abraão e demonstrar a grande importância que seu chamado tem para o povo de Deus no que diz respeito à sua identidade e missão. Na sequência, o povo de Deus está no deserto, onde poderá se estabelecer; dessa vez, porém, será esclarecido o motivo de sua eleição dentre as outras nações e o propósito para o qual foram chamados por Deus. Para concluir o primeiro capítulo será importante pensar um pouco sobre a monarquia de Israel. O que parece ser promissor, levará a nação toda a um destino cruel.

Será importante analisar e refletir sobre a questão de Israel, como povo de Deus, ter ou não cumprido sua missão e estabelecido sua identidade. Isso será de importância ímpar para compreender a necessidade de um desdobramento especial para o Novo Testamento; a escolha dos doze como núcleo do novo povo de Deus. Será interessante conhecer as

² STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. Tradução de Augusto Victorino. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 1559.

implicações do chamado dos doze e o estabelecimento de sua missão e identidades comparadas ao povo de Deus do Antigo Testamento. Outro fator importante será a descrição dos dois eixos da missão do povo de Deus no Novo Testamento, pois após delinear esses dois eixos ficará mais fácil de determinar, por meio de comparação, se o povo de Deus da atualidade está ou não, cumprindo sua missão e evidenciando sua identidade como a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para anunciar as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz (1 Pd 2.9).

1. A MISSÃO DO POVO DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

Falar da missão do povo de Deus no Antigo Testamento pode parecer algo muito abrangente, porém, sendo delineada a formação desse povo e analisada a promessa de Deus ao patriarca Abraão, o passo seguinte, no deserto, na aliança do Sinai, ficará evidente o motivo e o propósito de Deus ao escolher Israel: ser luz para as nações. A missão de Israel no Antigo Testamento consiste em viver o Reino de Deus e convidar outras nações a fazer o mesmo. Basicamente, significa ser luz para as nações. Mas Israel foi perdendo o foco paulatinamente, a ponto de pedir um rei humano no intuito de ser como as demais nações. Esse foi um pedido que custou muito caro ao povo de Deus. Desviaram-se do propósito de Deus, foram exilados e dispersos. O Antigo Testamento terminará revelando o grande fracasso de Israel, mas revelará a esperança de restauração que será empreendida pelo Messias, Jesus. Assim, este primeiro ponto destacará a formação, o serviço e a queda de Israel, culminando em seu fracasso como Povo de Deus.

1.1 A formação do Povo de Deus

Quando se fala em “povo de Deus”, o pensamento de grande parte dos cristãos é remetido aos primórdios da igreja nos evangelhos e Atos dos apóstolos. Mas falar sobre o povo de Deus não é necessariamente o mesmo que falar de igreja. A igreja certamente tem início no Novo Testamento, mas o povo de Deus é mais antigo que isso. O Antigo Testamento é onde realmente se pode encontrar a primeira formação do povo de Deus. Certamente, deve-se retornar até os dias da criação, onde estão registrados os relatos de Adão e Eva, seus pecados e principalmente o proto-evangelho.³ Segundo Peters, “é aqui que a proto-evangelização é anunciada pela primeira vez”.⁴

Peters ainda sugere a necessidade de uma pesquisa “quanto à revelação do Antigo Testamento, considerando primeiro a intenção missionária de Gênesis 1-11”.⁵ A intenção missionária é a revelação da missão de Deus, isto é, como Deus realizará a redenção da humanidade decaída e degenerada pelo pecado. Segundo Goldsworthy, a história da

³ *Proto* significa “primeiro”. Quando empregado a respeito de passagens do Antigo Testamento, significa que há naquela passagem uma evidência de Boa Nova semelhante ao Evangelho no Novo Testamento.

⁴ PETERS, George W. **Teologia bíblica de missões**. Tradução de Adão Pereira da Silva. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 102.

⁵ PETERS, 2000, p. 102.

redenção não é revelada de uma única vez, antes, é progressiva.⁶ A revelação da redenção foi revelada no proto-evangelho devido às consequências da queda do homem, no qual “seu senso de Deus, tanto moral como religioso, pode ter se tornado impreciso e cego e a busca por Deus na natureza exterior tem se tornado objeto de erro e distorção”.⁷ A distorção na busca por contato com Deus afetou toda a humanidade. Daí a necessidade de uma redenção.

Sobre o proto-evangelho de Gênesis 3.15, Peters afirma:

Adão, realmente, é o líder seminal de toda a raça humana. Devido a essa unidade orgânica da raça em Adão, toda a raça cai em pecado, culpa, corrupção moral, separação de Deus e desintegração social. Devido a esse fato solene, a primeira promessa de um Redentor que está para vir e de tremenda relevância. Essa promessa foi feita a toda a raça humana. Gênesis 3.15, o proto-evangelismo, a estrela da manhã em meio à mais escura noite da humanidade, é uma promessa de importância universal.⁸

O proto-evangelho, a promessa de redenção, é considerada universalmente, isto é, se refere a toda a humanidade. A partir do momento em que o plano de Deus é revelado, surge então a necessidade de esclarecer o método por meio do qual esse projeto será desenvolvido e consumado. Entre a história primeva⁹ e a história dos patriarcas de Israel¹⁰ está uma passagem de conexão, “a promessa dada a Abraão em Gênesis 12.2,3 é uma passagem de conexão entre as duas seções”.¹¹

O plano de Deus revelado no proto-evangelho, sua intenção, é definida por Wright como “a missão de Deus”, e consiste “na destruição final de todo o mal em toda a sua criação”.¹² Acerca do plano de Redenção, Wright declara o seguinte:

Deus escolheu não abandonar nem destruir sua criação, mas redimi-la. Ele escolheu fazê-lo dentro da história, por meio de pessoas e acontecimentos que vão desde o chamado de Abraão até à volta de Cristo. Embora cada parte dessa história grandiosa contribua para o todo, precisamos ver cada seção deste curso como uma unidade fundamental – o único grande ato salvador de Deus. Penso que a unidade entre as seções do Antigo Testamento e do Novo Testamento, em relação a esta parte da história bíblica da redenção, é a razão de o Apocalipse retratar a humanidade redimida, na nova criação, cantando o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro (Ap 15.3). Isso nos livrará de entendermos erroneamente o Antigo Testamento como o plano de salvação A (falho) e o Novo Testamento como o plano de salvação B (bem-sucedido).¹³

⁶ GOLDSWORTHY, Graeme. **Trilogia**. Tradução de Vivian do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2016, p. 49.

⁷ VOS, Geerhardus. **Teologia bíblica**. Tradução de Alberto Almeida de Paula. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 34.

⁸ PETERS, 2000, p. 103.

⁹ Gênesis 1-11 é chamado de história primeva por Goheen.

¹⁰ Gênesis 12-50 é denominado história dos patriarcas de Israel.

¹¹ GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia**: luz para as nações; tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 45.

¹² WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. Tradução de Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012, p. 50.

¹³ WRIGHT, 2012, p. 50.

A partir desta compreensão da missão de Deus, de redimir toda a humanidade, é possível perceber a importância do chamado de Abraão em Gênesis 12.2,3. Wright assinala o chamado de Abraão como o início da missão de Deus. Segundo Wright, “O chamado de Abraão é o começo da resposta de Deus à maldade dos corações humanos, à rivalidade das nações e à fraqueza lamuriosa de toda a sua criação. É o início da missão de Deus e da missão do povo de Deus”.¹⁴

Goheen é da mesma opinião quando declara que:

Deus inicia uma longa jornada de restauração, mantendo sua promessa de curar a criação apesar da insistência humana no erro e na infidelidade. (...) Deus continua empenhado na restauração da criação, mas agora o fará de uma forma nova, por meio de Abraão.¹⁵

Após a queda do homem, Deus revela sua intenção missional e, com o chamado de Abraão, Deus declara como realizará sua missão.

Assim, Abraão, sua família e a nação que se formará a partir dele são escolhidos para participar da missão de Deus: desfrutar da bênção redentora de Deus e andar nos caminhos do Senhor a fim de que as nações possam participar dessa bênção.¹⁶

Com isso, é possível considerar que Deus está formando uma comunidade, para que, por meio dela, seu nome seja glorificado e anunciado entre as nações. Isso pode ser inferido a partir da declaração de que em Abraão “serão benditas todas as famílias da terra”.¹⁷ Isso novamente deixa claro que a missão de Deus é universal.

1.2 O Povo Servindo a Deus no Deserto

A comunidade do povo de Deus tem início com Abraão. Millard Erickson, ao descrever as imagens bíblicas da igreja, faz a seguinte observação:

O conceito de igreja como povo de Deus enfatiza a iniciativa divina de escolhê-lo. No AT, Deus não adotou uma nação existente como sua, na verdade, ele criou um povo para si mesmo. Escolheu Abraão e, então, por meio dele, trouxe à existência o povo de Israel.¹⁸

Isto sugere um segundo estágio do povo de Deus, isto é, o segundo momento da formação do povo de Deus no Antigo Testamento, diz respeito ao povo de Israel adorando a Deus no deserto. No deserto, Deus revela algumas implicações da escolha do seu povo. Significa que, não é apenas uma obrigação com relação à santidade de Deus, mas um privilégio em servi-lo. Embora o povo de Deus seja chamado de igreja no Novo Testamento, isso não significa que “como todas as outras obras de Deus, a igreja não é uma ideia tardia; Ele ordenou

¹⁴ WRIGHT, 2012, p. 79.

¹⁵ GOHEEN, 2014, p. 46.

¹⁶ GOHEEN, 2014, p. 51.

¹⁷ **BÍBLIA**, Português. Bíblia Sagrada Harpa Cristã. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 13.

¹⁸ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. Tradução de Robinson Malkomes, Valdemar Kroker e Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 1000.

a igreja desde a eternidade” e “o Antigo Testamento fez preparativos para ela”.¹⁹ Esses preparativos, bem como a função do povo de Deus, podem ser encontrados no Pentateuco.

Como já fora observado anteriormente, a escolha de Israel como povo de Deus não se deu em formato de adoção, antes, Deus preparou para si um povo específico, uma nação oriunda de sua promessa a Abraão. Segundo Merrill:

A escolha de Israel como povo servo já estava implícita nas declarações do concerto patriarcal (Gn 12.1-3; 15.13-21; 18.18; 22.18; 26.3,4, etc.), mas foi somente com a libertação ocasionada pelo êxodo que a nação como tal entrou em existência histórica. O êxodo é de extrema importância teológica como ato de Deus que destaca um momento decisivo na história de Israel, um evento que marca a transição de povo para nação.²⁰

Agora o povo de Deus não é apenas ‘povo’, mas uma nação.²¹ Isso traz consigo algumas implicações importantes, principalmente na postura diante das nações pagãs de Canaã. A religião instituída no período mosaico é basicamente nacionalista. Peters, sobre esta religião nacional de Israel, afirma:

O proto-evangelismo (Gn 3.15) torna-se a estrela brilhante que surge dentre a escuridão e o desespero, e Gênesis 12 – o chamado de Abraão – é o começo de uma contracultura divina designada tanto para deter o mal quanto para esclarecer o glorioso plano, propósito e a salvação de Deus.²²

Por meio do ato de redenção que Deus realizou ao tirar seu povo do Egito, o povo passa a ser o povo de Deus redimido. Esse é um fator de alta relevância para a compreensão da postura do povo de Deus, pois neste momento Deus reivindica o compromisso do seu povo. É isso que Goheen afirma: “como seu libertador, Deus reivindicou o direito de exigir do seu povo o compromisso de obediência a ele na aliança”.²³ Ser redimido significa ser livre para render lealdade total exclusivamente a Deus. Somente após Israel ser redimido é que se tornaria apto para se engajar na missão de Deus, pois, por meio do testemunho de Israel, outras nações seriam convidadas a servir a Deus. Basicamente, “a redenção liberta Israel para cumprir seu papel e identidade abraâmicos”.²⁴

A narrativa de Êxodo se encaminha para o capítulo dezenove, no qual Deus revelará o motivo e o propósito da redenção de Israel. Deus fará um acordo com Israel e “no centro desse acordo, há a exigência de que eles devem reconhecer, por meio do amor e da obediência, o senhorio exclusivo de Javé”.²⁵ Goheen destaca que “o relato não é direcionado somente para

¹⁹ GEISLER, Norman. **Teologia sistemática**: Vol. 2; pecado, salvação, a igreja, as últimas coisas; tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 506.

²⁰ MERRILL, Eugene. In: ZUCK, Roy B. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 44.

²¹ KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 105.

²² PETERS, 2000, p. 110.

²³ GOHEEN, 2014, p. 54.

²⁴ GOHEEN, 2014, p. 54.

²⁵ ALEXANDER, T. Desmond. In: ALEXANDER, T. D.; et. al. **Novo dicionário de teologia bíblica**. Tradução de William Lane. São Paulo: Vida, 2009, p. 161.

esse momento; ele também segue para além dele”.²⁶ Na Bíblia Almeida Revista e Corrigida, na passagem de Êxodo 19.3-6 está escrito:

E subiu Moisés a Deus, e o Senhor o chamou do monte, dizendo: Assim falarás à casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel: Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim; agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel.²⁷

Três coisas são ditas por Deus nesse texto e merecem elevada atenção; 1) propriedade exclusiva; 2) reino sacerdotal e 3) nação santa. Acerca do primeiro conceito (propriedade exclusiva), Deus deixa claro que toda a terra é Sua, e que Israel foi escolhida dentre todas as nações da terra para ser seu tesouro particular. Mas Goheen declara que “a eleição de Israel como tesouro especial de Javé não é um fim em si mesmo, mas um meio para um fim muito maior”.²⁸ Wright é da mesma opinião, segundo ele, “Deus havia acabado de salvar da escravidão uma nação em particular, mas seu alvo supremo era oferecer a salvação a todas as nações”.²⁹

Com relação ao segundo conceito (reino sacerdotal), é possível perceber uma referência à ideia de Reino de Deus no Antigo Testamento. Segundo Caragounis, a ideia de Reino de Deus “está por trás de todo o relacionamento entre Javé e Israel” e, nesse caso (a aliança do Sinai) “a aliança com Israel é a que afirma a suserania de Deus sobre seu povo”.³⁰ O papel sacerdotal de Israel é representar Deus em meio às nações. Basicamente, Israel deveria ser para o mundo o que um sacerdote era para um povo. Esse é o caráter servidor e mediador do povo de Deus revelado no Antigo Testamento. Nesse sentido, Goheen ressalta os aspectos que caracterizam o ministério de um sacerdote. Segundo Goheen:

Um sacerdote é separado e totalmente consagrado ao Senhor: essa é a verdadeira essência do que ele deve ser e fazer. Ele deve atuar como mediador e canal da presença santa de Deus para a comunidade por meio de sua própria vida e comportamento santos, um modelo de consagração e devoção a Deus.³¹

Wright é da mesma opinião. Para ele, “como o povo de YHWH, eles teriam a tarefa histórica de trazer o conhecimento de Deus às nações, e de trazer as nações para os meios de expiação para com Deus”.³² Assim, “da mesma maneira, Israel é chamado por Deus para mediar sua presença para as nações ao seu redor, a fim de ser uma evidência concreta da

²⁶ GOHEEN, 2014, p. 57.

²⁷ **BÍBLIA**, Português. Bíblia Sagrada Harpa Cristã. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 81.

²⁸ GOHEEN, 2014, p. 58.

²⁹ WRIGHT, 2012, p. 141.

³⁰ CARAGOUNIS, C. C. In: REID, Daniel G. (edit.) **Dicionário teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

³¹ GOHEEN, 2014, p. 58.

³² WRIGHT, 2012, p. 144.

presença de Deus em seu meio”.³³ Israel, como povo de Deus, deve ter uma postura sacerdotal, deve demonstrar Deus às nações e trazer as nações à presença de Deus.

Sobre o terceiro conceito (nação santa), este trata da identidade do povo de Deus (Israel). Israel, como povo de Deus, deveria ser um povo santo. Segundo Goheen, “santidade é a qualidade especial de algo que foi separado de seu uso normal e consagrado para o serviço à Deus”.³⁴ Assim, Israel é posto à parte das demais nações. Wright sugere que “Israel deveria ser tão diferente das outras nações como YHWH era diferente dos outros deuses”.³⁵ Toda a solenidade revelada no Sinai visa preparar o povo para receber a Lei do Senhor.

Segundo Carson, essa solenidade é uma preparação para receber a Lei e “indica o papel importante que Israel haveria de desempenhar nos planos futuros de Deus”.³⁶ Toda esta solenidade, portanto, tem o objetivo de evidenciar a importância do evento no Sinai. Israel descobriu o motivo pelo qual Deus os redimiu, a saber, para que fossem unicamente seus, seu tesouro particular, para que se tornassem um reino de sacerdotes, trazendo Deus ao mundo e o mundo a Deus, e por último, ser um povo santo, isto é, consagrado exclusivamente a Deus por meio da santidade demonstrada diante das nações. Esse deve ser o caráter, a identidade e a missão do povo de Deus.

1.3 O Fracasso de Israel como Povo de Deus

Após a declaração da Lei na aliança do Sinai, Israel conclui sua jornada pelo deserto, e depois da morte de Moisés, conquista a terra de Canaã sob a liderança de Josué. O que segue a morte de Josué é um período instável da história de Israel, o período dos Juízes. Esse período se resume em quatro características principais: 1) Israel esquece de Deus; 2) Israel é oprimido; 3) Israel clama a Deus; e, 4) Deus envia um juiz. Esse é o ciclo do livro de Juízes.

O clamor de Israel por um rei é encarado negativamente por Carson. Segundo Carson, “o v. 12 renova a acusação de 8.7,8 de que, ao exigirem um rei humano, os israelitas estavam rejeitando que Javé fosse Rei sobre eles. (...) Tomaram a questão em suas próprias mãos, rejeitaram o governo de Javé e exigiram um rei”.³⁷

Digna de menção, é a posição de Richards. Ele aponta o pedido por um rei como “*a tolice de Israel*”. Segundo Richards, “quando nos dias de Samuel, o povo de Israel pediu um rei, cometeram uma tolice. Em outras palavras, demonstraram trágica falta de percepção espiritual”.³⁸ Para justificar sua posição sobre o pedido de Israel, Richards apresenta um argumento que recorda a intenção missional de Deus:

³³ GOHEEN, 2014, p. 58.

³⁴ GOHEEN, 2014, p. 59.

³⁵ WRIGHT, 2012, p. 147.

³⁶ CARSON, D. A.; et. al. **Comentário bíblico Vida Nova**. Tradução de Carlos E. S. Lopes. et al. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 170.

³⁷ CARSON, 2009, p. 471.

³⁸ RICHARDS, Lawrence C. **Comentário bíblico do professor: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras Sagradas do Gênesis ao Apocalipse**. Tradução de Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. São Paulo: Vida, 2004, p. 242.

O desejo de Israel era ter um rei para que fossem como as outras nações, ou seja, um rei que pudesse governá-los e ir adiante deles nas batalhas (1 Sm 8.20). Mas Deus chamara Israel para ser diferente das outras nações. Como Moisés declara: ‘que grande nação tem um Deus tão próximo como o Senhor, o nosso Deus, sempre que o invocamos?’ (Dt 4.7). Era o relacionamento direto com o Deus dos céus que tornava Israel diferente das outras nações. Ao pedir um rei, estavam na verdade rejeitando o governo direto de Deus e negando sua herança singular.³⁹

É provável que os argumentos de Israel eram infelizes. A despeito disso, o próprio Moisés “já havia previsto o dia em que o povo exigiria um rei, e por isso a Lei estabeleceu os padrões que diminuíram os perigos da monarquia”.⁴⁰ É importante perceber que, “pelo menos haviam pedido a Javé que escolhesse o homem concreto que deveria ser o rei”.⁴¹ O perigo da monarquia recaía sobre a escolha do rei. Carson assegura que “era verdade que Deus havia escolhido Saul e que mais tarde também escolheria Davi, mas no reino do Norte, depois da morte de Salomão, muitos reis seriam escolhidos por um seguimento ou outro da população”.⁴² Após apontar o surgimento de uma crise oriunda do pedido de Israel por um rei, Caragounis afirma que “com a ascensão de Davi ao trono a situação se normalizou” e “via-se a monarquia como a manifestação concreta do governo de Javé”.⁴³ Estaria tudo bem se “o rei de Israel se submetesse ao Rei dos reis”, pois, “o rei que não se submetesse a Deus certamente traria desgraça para a nação”.⁴⁴

A despeito da monarquia em Israel não ter sido vista com bons olhos em seu início, Peters fala de um desabrochar missionário na época de Davi e no período profético. Peters compreende a importância de Davi relacionada à institucionalização da adoração. Peters afirma que por meio de Davi “há um alto nível de adoração introduzido que torna Israel, exclusivamente uma comunidade de adoradores”.⁴⁵ Isso significa que a vida religiosa de Israel tem um novo centro em Jerusalém. Isso se consolida por meio de Salomão com a construção e consagração do Templo. Wright sugere que “esse é o ápice dos reinados de Davi e Salomão”.⁴⁶ E Goheen destaca a importância da adoração e do sacrifício como “essenciais para a identidade e o chamado missionais de Israel”.⁴⁷

Peters declara que “realmente o Antigo Testamento é um livro missionário e Israel é um povo missionário”.⁴⁸ Embora Peters veja com bons olhos a atuação missionária de Israel, essa não é uma ideia geral. A nação de Israel se dividiu em dois reinos. Os profetas foram levantados por Deus para tentar refrear a torrente idólatra e depravada de Israel, mas não

³⁹ RICHARDS, 2004, p. 242.

⁴⁰ RICHARDS, 2004, p. 242.

⁴¹ CARSON, 2009, p. 471.

⁴² CARSON, 2009, p. 470.

⁴³ CARAGOUNIS, In: REID, 2012, p. 1062.

⁴⁴ RICHARDS, 2004, p. 243.

⁴⁵ PETERS, 2000, p. 140.

⁴⁶ WRIGHT, 2012, p. 159.

⁴⁷ GOHEEN, 2014, p. 80.

⁴⁸ PETERS, 2000, p. 158.

houve recepção de sua mensagem. Com afirma Caragounis: “os grandes profetas éticos denunciaram a infidelidade de Israel contra o Criador e Rei (Senhor) do universo, que tinha prazer em se identificar com Israel”.⁴⁹

Com relação ao sistema de governo israelita e seu fracasso em sustentar-se, Brueggemann afirma: “no centro da autoconsciência de Israel está o desastre de 587 a.C., quando o rei, o templo e a cidade falharam”.⁵⁰ Brueggemann insiste que “a monarquia, segundo qualquer discernimento prático, havia fracassado”.⁵¹ Por conta da rebelião de Israel, Deus os castigou com dois exílios. Sobre o exílio, subjugação e diáspora de Israel, Goheen declara o seguinte:

Os profetas são incapazes de deter a correnteza da rebelião de Israel, que por fim leva ao juízo de Deus. Em 722 a. C., as dez tribos do norte (chamadas de Israel ao longo de todo o texto dos dois livros de Reis) são dispersas pelos assírios por todas as regiões do seu império. Em 586 a. C., as duas tribos restantes (chamadas de Judá no texto de Reis) são exiladas para a Babilônia. Parece que nesse ponto da história de Israel o propósito de Deus de levar bênção às nações por meio de seu povo caiu por terra.⁵²

Por mais angustiante que seja a situação, “Deus não desiste de Israel: a identidade e o papel missionais do povo assumem uma nova forma uma vez que Israel foi despojado de sua soberania nacional e precisa agora aprender a viver como uma pequena minoria em meio as culturas pagãs”.⁵³ A identidade e o papel missional de Israel no exílio também são mantidos vivos por meio de uma esperança resoluta inspirada pelos profetas.⁵⁴ Goheen conclui seu relato da missionalidade de Israel com uma sentença negativa: “A história do Antigo Testamento termina com fracasso e também com esperança”.⁵⁵

A esperança apontada por Goheen se refere às promessas de Deus de restaurar o Reino a Israel. Por meio do livro do profeta Daniel, é possível identificar o novo conceito de Reino, que permeou a esperança judaica do período intertestamentário até os dias de Jesus e da igreja.

Daniel não apenas apresenta o reino de Deus despido de sua natureza davídica, terreno e política, mas também descreve seu agente como um ser celeste e transcendental. A nova situação criou não apenas um novo conceito de reino de Deus, mas também uma transformação em seu agente.⁵⁶

Essa concepção de Reino de Deus moldou a esperança de Israel no período Interbíblico. Os judeus em geral entenderam que o Reino de Deus seria devolvido a eles por meio de um evento escatológico catastrófico. O que, de fato, não ocorreu. A despeito desta posição sobre

⁴⁹ CARAGOUNIS In: REID, 2012, p. 1062.

⁵⁰ BRUEGGMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Jonathan Luis Hack. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2014, p. 796.

⁵¹ BRUEGGMANN, 2014, p. 797.

⁵² GOHEEN, 2014, pp. 83,84.

⁵³ GOHEEN, 2014, p. 84.

⁵⁴ GOHEEN, 2014, p. 90.

⁵⁵ GOHEEN, 2014, p. 92.

⁵⁶ CARAGOUNIS In: REID, 2012, p. 1062.

o Reino de Deus e seu estabelecimento, o papel missional de Israel não foi cumprido plenamente. Deus ainda mantém seu propósito missional, mas agora por meio de um novo povo que será formado diretamente por Jesus.

2. A MISSÃO DO POVO DE DEUS NO NOVO TESTAMENTO

A história de Israel contida no Antigo Testamento termina com fracasso e esperança; fracasso em sua missão em ser luz para as nações, mas esperança de restauração, prometida por Deus por meio de seus profetas. Agora, o Messias invade a história para trazer a restauração proferida no Antigo Testamento. Ele anuncia e inaugura o Reino de Deus e forma uma nova comunidade a partir de um pequeno grupo. Sua missão terá dois eixos principais: testemunhar e proclamar o Reino de Deus. A igreja do primeiro século cumpriu seu chamado missional, resta saber se a igreja atual também está cumprindo sua identidade e missão. Sendo assim, o ponto dois deste artigo destacará a nova formação do Povo de Deus, sua Missão e o Cumprimento (ou não) desta missão.

2.1. A Nova Formação do Povo de Deus

Pode-se dizer que a formação do povo de Deus por Jesus começa na escolha dos doze. O que segue com as narrativas comissionais diz respeito aos aspectos missionais do povo de Deus, aqui chamados de *igreja*. Segundo McGrath:

Dos vários modelos de igreja lançados pelo Vaticano II, o mais importante é o que concebe a igreja como “o povo de Deus”. Esta noção é fortemente bíblica e tem raízes nos dois testamentos. O Vaticano II é cuidadoso em evitar uma identificação direta do “povo de Deus” com a “igreja católica romana”, como também busca evitar a sugestão de que a igreja tenha de alguma forma substituído Israel como povo de Deus. Na verdade, o segundo capítulo do texto produzido pelo Concílio sobre a vida da igreja descreve-a como “o novo povo de Deus”, cuja existência é estabelecida em continuação a de Israel. A eleição da igreja como povo de Deus não envolve a rejeição de Israel, mas antes uma extensão do Reino de Deus.⁵⁷

Israel fracassou no cumprimento de sua missão, mas a igreja foi eleita para dar continuidade à missão de ser luz para as nações. E Jesus escolheu um novo povo a partir de apenas doze homens. “O fato de Jesus ter escolhido exatamente doze homens, não mais e nem menos, indica que ele tinha em mente o novo Israel, pois o antigo Israel tinha doze tribos e doze patriarcas”.⁵⁸ Assim, é possível perceber um aspecto de continuidade com relação ao propósito missional de Deus. Essa nova formação do povo de Deus no Novo Testamento é o cumprimento das promessas feitas a Israel das Escrituras judaicas. Hagner afirma: “em todos

⁵⁷ McGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a teologia cristã. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005, p. 560,561.

⁵⁸ HENDRIKSEN In: KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos**. São Paulo: ASTE, 2014, p. 109.

os três evangelhos sinópticos a missão aos gentios está no horizonte já no ministério de Jesus, e os autores enfatizam o sentido universal da missão”.⁵⁹

Essa nova formação do povo de Deus também é atestada por Bock. Segundo ele, “Lucas-Atos ensina que Deus está agindo por meio de uma nova entidade chamada igreja. A igreja possui velhas raízes, resultado da atividade de Deus no cumprimento de suas antigas promessas”.⁶⁰ Marshall segue na mesma direção de uma comunidade nova, mas com raízes antigas, o que sugere um tipo de renovação. Segundo Marshall:

O conceito de reino de Deus implica uma comunidade. (...) A mensagem de Jesus foi dirigida a Israel e dizia respeito à renovação de Israel, ou seja, o povo de Deus. O objetivo era a renovação do povo como comunidade, não apenas o arrependimento de indivíduos, embora o caminho para a renovação acontecesse por meio do arrependimento.⁶¹

A formação do povo de Deus no Novo Testamento não diz respeito à identidade nacional, mas às características da religião de Israel em seu aspecto moral ainda são válidas. Segundo Erikson, “espera-se do povo de Deus uma qualidade especial de santidade”⁶² e isso não é algo novo, mas já foi apontado anteriormente na adoração no deserto. Segundo Goheen, “na essência, Israel havia perdido de vista seu papel e sua identidade na missão de Deus: abençoar as nações”.⁶³ Ele prossegue dizendo que “o povo de Deus, Israel, fracassou em sua tarefa: em vez de ser um povo de contraste, tornou-se como outras nações, contaminado pela idolatria”.⁶⁴ Daí a necessidade de uma nova comunidade, que reflita a missão de Deus e leve a cabo seu propósito missional.

Quando se fala do padrão que a igreja segue, não foge às ideias veterotestamentárias. Segundo Couto, no que diz respeito à missão da igreja, isto é, seu serviço, “a igreja segue o mesmo padrão de Israel”, pois “a expectativa da chegada do Céu é uma força motivadora para que ela exerça, hoje, a sua espiritualidade no mais alto nível e esteja consciente dos reflexos de sua relevância no mundo através do serviço”.⁶⁵ Jesus formou uma nova comunidade para cumprir a missão que fora dada a Israel. Essa comunidade deveria apresentar as mesmas características de santidade e identidade que o antigo Israel. O povo de Deus é estabelecido no dia de *pentecostes* como *igreja*⁶⁶ e agora tem uma missão a cumprir.

2.2 A Missão do Novo Povo de Deus

Já fora destacada anteriormente a missão do povo de Deus no Antigo Testamento. Agora que Jesus escolheu doze homens, por meio dos quais forma uma nova comunidade, é

⁵⁹ HAGNER In: ALEXANDER, 2009, p. 182.

⁶⁰ BOCK, In: ALEXANDER, 2009, p. 187.

⁶¹ MARSHALL, In: REID, 2012, p. 636.

⁶² ERIKSON, 2015, p. 1001.

⁶³ GOHEEN, 2014, p. 100.

⁶⁴ GOHEEN, 2014, p. 99.

⁶⁵ COUTO, Geremias do. In: GILBERTO, Antônio; et. al. **Teologia sistemática pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 391.

⁶⁶ GEISLER, 2010, p. 511.

necessário observar como se caracteriza a missão e o serviço deste povo missional. O ponto de partida para compreender a missão do povo de Deus é o conceito de Reino de Deus. Como bem afirma Padilla, “a missão da igreja, conseqüentemente, só pode ser à luz do Reino de Deus”.⁶⁷ Se considerar a missão do povo de Deus à luz da missão de Jesus, torna-se mais fácil perceber seus aspectos missionais. Padilla defende que:

Em outras palavras, a missão histórica de Jesus só pode ser entendida em conexão com o Reino de Deus. Sua missão aqui e agora é a manifestação do Reino como uma realidade presente em sua própria pessoa e ação, em sua pregação do evangelho em suas obras de justiça e misericórdia.⁶⁸

Wright segue a mesma posição, ao descrever os aspectos que caracterizam a missão do povo de Deus. Para Wright, “com certeza, a verdadeira missão do povo de Deus é sair, disseminar a Palavra, testemunhar, evangelizar, falar de Jesus para pessoas e apresentar o que é preciso fazer para ser salvo”.⁶⁹ Jesus anunciou a chegada do Reino de Deus e demonstrou os valores e o poder deste Reino em sua proclamação e ação. A igreja como povo de Deus, portanto, deve viver o Reino e anunciar o Reino. Segundo Wright, Jesus usou se ministério para fazer discípulos, pois é necessário que haja discípulos para se fazer ainda outros discípulos. E tudo dentro do discipulado (lições práticas e objetivas sobre a vida, atitudes, comportamento, confiança, perdão, amor, generosidade, obediência a Jesus e ações transculturais em relação a outros) “era o que significava viver no Reino de Deus aqui. Em suma, você tinha que viver em sujeição ao Reino de Deus se quisesse pregar sobre o Reino de Deus”.⁷⁰

Basicamente, a missão do povo de Deus recai sobre dois eixos principais: *dar testemunho* e *anunciar as boas novas*.⁷¹ Uma testemunha, basicamente, é alguém que dá testemunho de outrem. Neste caso, “a vida do crente e sua palavra servem como testemunho ao mundo”⁷² de sua pertinência ao Reino de Deus. Acerca do ato de testemunhar, Wright sugere que as testemunhas no Novo Testamento foram escolhidas “para cumprirem o papel de Israel, de servo; para ser uma luz para as nações, a fim de que a salvação de Deus chegasse aos confins da terra”.⁷³

O sentido no qual é ordenado que o povo de Deus seja *testemunha*, diz respeito ao seu estilo de vida em contraste com a cultura do mundo. Sobre isso, Goheen afirma que “a vida dos seguidores de Jesus deve servir como sinal do Reino, do poder curador e libertador de Deus que irrompe na história”.⁷⁴ Não há dúvida de que tal testemunho da verdade sobre

⁶⁷ PADILLA, C. René. **Missão integral**: o reino de Deus e a igreja. Tradução de Emil Albert Sobottka e Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2014, p. 211.

⁶⁸ PADILLA, 2014, p. 213.

⁶⁹ WRIGHT, 2012, p. 194.

⁷⁰ WRIGHT, 2012, p. 194.

⁷¹ WRIGHT, 2012, p. 195.

⁷² YOUNGBLOOD, Ronald F.; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. (edit.) **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva, et. al. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 1401.

⁷³ WRIGHT, 2012, p. 205.

⁷⁴ GOHEEN, 2014, p. 114.

Jesus, no poder do Espírito Santo, é o privilégio e a responsabilidade contínua de todos os seus seguidores fiéis através das gerações.⁷⁵ Disso se deduz que o papel do povo de Deus na atualidade ainda consiste em testemunhar sobre Jesus.

Quando se fala sobre *testemunha* de Jesus, é necessário esclarecer que não se trata de um ministério ou dom de testemunhar, mas diz respeito ao dever do cristão como salvo e pertencente ao Reino de Deus. Isso engloba todo o povo de Deus. Sobre isso, Wright declara: “não somos todos chamados para ser evangelistas, mas todos somos chamados para ser testemunhas”.⁷⁶ Esse mesmo sentido é atestado por Peters. Segundo Peters, “todos os cristãos são testemunhas de Cristo e divulgadores das Boas Novas, porém nem todos os cristãos são missionários, assim como nem todos os cristãos são pregadores do Evangelho ou pastores-doutores das igrejas”. Fica evidente que não se trata de um dom ministerial ou espiritual, mas de uma dádiva do Reino de Deus. Aquele que pertence ao Reino de Deus, naturalmente será uma testemunha dos efeitos da ação de Cristo em sua vida. Aqueles que pertencem ao Reino de Deus são as testemunhas de Jesus, eles são luz para as nações.

Somente após pertencer ao Reino de Deus e ser sua testemunha viva, é que se poderá *pregar* sobre o Reino, e isso não é para todos. Wright recorda os primeiros dias do povo de Deus na igreja primitiva. Segundo ele, “em suma, você tinha que viver em sujeição ao Reino de Deus se quisesse pregar sobre o Reino de Deus”.⁷⁷ Cumprir a vocação do Reino de Deus era o requisito necessário para aqueles que desejavam anunciar as boas novas. Baseado na passagem de Mateus 24.14, Wright conclui que:

Em suma, o Reino de Deus é encontrado entre aqueles que entendem a sua missão de trazer a *paz*, fazer o *bem* e proclamar a *salvação* de Deus. Porque essas são as coisas (...) que constituem a boa-nova de que “nosso Deus Reina”. O evangelho é *boas novas sobre Deus*, como a base para tudo o que torna o *Senhor boas-novas para nós*. Desse modo, o evangelho é basicamente as boas novas do Reino de Deus.⁷⁸

Com base na afirmação de Wright, é possível perceber que a missão do povo de Deus do Antigo Testamento, do Novo Testamento e da atualidade, consiste em testemunhar e pregar o evangelho de Reino de Deus. Ser testemunha do Reino de Deus é estar plena e conscientemente convicto de que Deus Reina. Todo aquele que conhece a verdade sobre Deus deve dar testemunho dos feitos de Deus, a fim de que outros também venham ao encontro do Senhor e tornem-se também testemunhas.

2.3 O Cumprimento da Missão

Se a missão do povo de Deus consiste em viver o Reino e Proclamar o Reino, então deve-se perguntar se isso ocorre com o povo de Deus da atualidade.⁷⁹ Como fora declarado anteriormente, a missão do povo de Deus realmente é viver e anunciar o Reino de Deus, mas

⁷⁵ WRIGHT, 2012, p. 211.

⁷⁶ WRIGHT, 2012, p. 195.

⁷⁷ WRIGHT, 2012, p. 194.

⁷⁸ WRIGHT, 2012, p. 223.

⁷⁹ ROJAHN, Evandro Roque. *O reino de Deus e a missão da igreja*. Curitiba: ADSantos, 2018, p. 148.

afirmar que o povo de Deus esteja atualmente anunciando o Reino de Deus cabalmente é uma questão difícil. Segundo Rojahn, “o grande número de vezes que a expressão “Reino” aparece, seja dita por Jesus, seja por João ou outro personagem/escritor, comprova que o tema central da proclamação pública de Jesus é o Reino ou Reinado de Deus”.⁸⁰ A frequência de menções e ordenações acerca da missão de anunciar o Evangelho do Reino de Deus é realmente significativa para afirmar que a missão do povo de Deus consiste em dar sequência a essa proclamação.

David W. Bercot questiona sobre o evangelho que está sendo anunciado na atualidade, e não tem boas impressões sobre isso. Bercot afirma:

O irônico é que embora o reino de Deus seja o tema principal da pregação de Jesus, a mensagem do reino está quase totalmente ausente do evangelho que se prega na atualidade. Qual é o tema principal da maioria das pregações de hoje? A salvação pessoal do homem, não é? Não é o reino de Deus.⁸¹

A igreja tem muitas demandas, mas a proclamação do Evangelho do Reino não deve ser menosprezada, pois “nenhuma emergência, contudo, pode ser comparada à emergência da proclamação do Evangelho”,⁸² do evangelho do Reino de Deus. A igreja deve ter como característica amplamente significativa o seu desejo de viver o Reino e anunciar as boas novas deste Reino. Segundo Goheen, “a vida da comunidade de Jesus deve ser caracterizada pelo amor e pelo anseio pela implantação do Reino, e não deve estar comprometida com outros senhores ou preocupações (Mt 6.19-34)”. A igreja é a comunidade do Reino de Deus, isto é, a comunidade que evidencia o Reino.

A igreja não criou o Reino, pelo contrário, a importância da proclamação da mensagem do Reino recai sobre a criação da própria igreja, pois “é a mensagem do Reino que cria a igreja”.⁸³ A igreja que não vive e não proclama o Reino de Deus não foi criada por ele, nem pertence a ele. Os indivíduos são integrados ao Reino de Deus para que possam servir ao Reino, eles são envolvidos como instrumentos na obra do Reino de Deus, e suas palavras e ações são usadas por Deus para produzir o fruto de seu Reino vindouro.⁸⁴ Assim, aqueles indivíduos que pertencem à denominação e alegam ter outras prioridades podem ser considerados inúteis para o Reino de Deus. A prioridade do povo de Deus deve ser viver e proclamar as boas novas do Reino de Deus, em qualquer época e lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se ouve falar de proclamar o Reino de Deus como sendo a missão mais relevante do povo de Deus, deve-se ter em mente qual é a identidade desse povo de Deus. Quando se

⁸⁰ ROJAHN, E. R. A temporalidade do Reino de Deus na pregação de Jesus a partir de alguns pensadores da Teologia do Novo Testamento. *Revista Ensaios Teológicos*: v. 03, n. 01, jun. 2017, p 148-162. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2017, p. 152.

⁸¹ BERCOT, David W. **O reino que alvoreçou o mundo**. Tradução de Eduardo Vieira da Silva. Farmington: Publicadora Lâmpada e Luz, 2009, p. 15.

⁸² PETERS, 2000, p. 398.

⁸³ GOHEEN, 2014, p. 233.

⁸⁴ GOHEEN, 2014, p. 233.

menciona “povo de Deus”, alguns associam esse conceito ao de igreja e a partir disso, já se poderia concluir que esse “povo de Deus” é aquela igreja que Jesus disse que edificou. A mesma que foi estabelecida no dia de Pentecostes e que fora comissionada a anunciar o Evangelho do Reino. Essa não pode ser considerada uma ideia completamente errada. Porém, o conceito de povo de Deus tem raízes mais profundas e antigas que isso. O povo de Deus foi chamado de igreja quando assumiu sua continuidade na missão do antigo Israel, que também era povo de Deus.

Foi possível ter uma ideia mais abrangente da missão do povo de Deus. Fora importante analisar a formação do povo de Deus desde o início. Primeiramente foi pesquisado o início do povo de Deus, que não diz respeito apenas à igreja, mas os salvos de todas as épocas. Foi de suma importância conhecer as promessas de Deus a Abraão e demonstrar a grande relevância que seu chamado teve para o povo de Deus no que diz respeito à sua identidade e missão. Após isso, o povo de Deus foi levado para o deserto, onde pôde se estabelecer, dessa vez, porém, sendo esclarecido o motivo de sua eleição dentre as outras nações e o propósito para o qual foram chamados por Deus. Para concluir, o primeiro ponto foi importante pensar um pouco sobre a monarquia de Israel. O que parecia ser promissor, levou a nação toda a um destino cruel, exílios e diáspora.

Igualmente importante foi analisar e refletir sobre a questão de Israel, na condição de povo de Deus, ter ou não cumprido sua missão e estabelecido sua identidade. Isso foi de importância ímpar para compreender a necessidade de um desdobramento especial para o Novo Testamento, a escolha dos doze como núcleo do novo povo de Deus. Foi interessante conhecer as implicações do chamado dos doze e o estabelecimento de sua missão e identidades comparadas ao povo de Deus do Antigo Testamento. Outro fator não menos importante foi descrever os dois eixos da missão do povo de Deus no Novo Testamento: *testemunhar* e *proclamar* o Reino de Deus. Após delineados esses dois eixos, tornou-se mais fácil determinar, por meio de comparação, se o povo de Deus da atualidade está ou não, cumprindo sua missão e evidenciando sua identidade como povo de Deus. O resultado não foi dos melhores, mas permanece a necessidade e a oportunidade de conhecer o Reino de Deus, testemunhá-lo e proclamá-lo como prioridade e missão do povo de Deus.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, T. D.; et. al. **Novo dicionário de teologia bíblica**. Tradução de William Lane. São Paulo: Vida, 2009.

BERCOT, David W. **O reino que alvoreçou o mundo**. Tradução de Eduardo Vieira da Silva. Farmington: Publicadora Lâmpada e Luz, 2009.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada Harpa Cristã**. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CARSON, D. A.; et. al. **Comentário bíblico Vida Nova**. Tradução de Carlos E. S. Lopes. et al. São Paulo: Vida Nova, 2009.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. Tradução de Robinson Malkomes, Valdemar Kroker e Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GEISLER, Norman. **Teologia sistemática**: Vol. 2; pecado, salvação, a igreja, as últimas coisas. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GILBERTO, Antônio; et al. **Teologia sistemática pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia**: luz para as nações. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOLDSWORTHY, Graeme. **Trilogia**. Tradução de Vivian do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2016.

KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no evangelho de Marcos**. São Paulo: ASTE, 2014.

McGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a teologia cristã. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005.

PADILLA, C. René. **Missão integral**: o reino de Deus e a igreja. Tradução de Emil Albert Sobottka e Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2014.

PETERS, George W. **Teologia bíblica de missões**. Tradução de Adão Pereira da Silva. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

REID, Daniel G. (edit.) **Dicionário teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

RICHARDS, Lawrence C. **Comentário bíblico do professor**: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras Sagradas do Gênesis ao Apocalipse. Tradução de Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. São Paulo: Vida, 2004.

ROJAHN, E. R. A temporalidade do Reino de Deus na pregação de Jesus a partir de alguns pensadores da Teologia do Novo Testamento. **Revista Ensaios Teológicos**: v. 03, n. 01, jun. 2017, p 148-162. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2017.

ROJAHN, Evandro Roque. **O reino de Deus e a missão da igreja**. Curitiba: ADSantos, 2018.

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. Tradução de Augusto Victorino. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2007.

VOS, Geerhardus. **Teologia bíblica**. Tradução de Alberto Almeida de Paula. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. Tradução de Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012.

YOUNGBLOOD, Ronald F.; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. (edits). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva, et. al. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A METAFÍSICA COMO CONDUTORA NO DESENVOLVIMENTO DA ÉTICA SOCIAL ATRAVÉS DA HISTÓRIA

The Metaphysics as a conductor in the development of Social Ethics through
History

Esp. Rafael Zulato Langraff¹

RESUMO

No decorrer da história da civilização do ocidente houve diversas mudanças da postura ética e de seus valores morais. Uma vez que os valores morais determinam os objetivos ou motivações que unem os indivíduos em sociedade, a moralidade não pode modificar-se a si mesma. Assim, os valores morais têm de estar baseados em outro sistema de pensamento que não sofra mudanças no decorrer da história. Observa-se que a metafísica, por sua vez, sofreu constantes mudanças na história. Este trabalho mostra uma ligação entre a ética social e a metafísica, através de um panorama do desenvolvimento do pensamento metafísico nos períodos da história em que as mudanças de valores morais foram mais claras.

Palavras-chaves: Ética. Metafísica. Valores morais. Sociedade.

ABSTRACT

Throughout the history of Western civilization, there have been many changes in ethical posture and moral values. Since moral values determine the goals or motives that unite individuals in society, morality cannot change itself. Thus, moral values have a basis in another system of thought that cannot change in the course of history. We observe that metaphysics, in turn, has undergone constant changes in history. This work intends to prove a connection between social ethics and metaphysics through a panorama of the

¹ Graduado em teologia pela Faculdade Batista do ABC e pela Universidade Metodista de São Paulo, pós-graduado em filosofia e em sociologia pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: rafael.langraff@gmail.com

development of metaphysical thought in periods of history where the changes of moral values were more evident.

Keywords: Ethics. Metaphysics. Moral values. Society.

INTRODUÇÃO

A sociedade está em constante transição de princípios e objetivos, o que transforma constantemente sua cultura e seus valores. É possível detectar, em um estudo sobre a história política, não somente uma mudança significativa das formas de governo, mas também dos valores éticos que guiam tais decisões. Uma vez que a ética é baseada nos valores da sociedade – e a sociedade, por sua vez, tem a ética moral como sua legisladora – tais mudanças na história só podem ser explicadas se a base dos valores for mutável. Essa transição é clara no estudo do pensamento metafísico, que verifica o desenvolvimento das crenças do que é a verdade.

Assim, para elucidar o desenvolvimento ético social e, conseqüentemente, as mudanças morais e estruturais de uma sociedade, propõe-se uma relação entre os valores e crenças das sociedades baseadas nas mudanças das visões metafísicas de cada período da história humana. Para tal, em primeiro lugar, verificar-se-á como a ética é baseada na valoração que o ser humano dá às coisas e, em seguida, como a moral resultante desse processo estabelece as estruturas sociais. Em seguida, pode-se verificar a relação da metafísica com o sistema ético.

Provadas as relações entre ética e sociedade e entre ética e metafísica, trabalhar-se-á a história do desenvolvimento do pensamento metafísico, tendo em mente que tais mudanças acarretam, conseqüentemente, os valores ético-sociais em cada período estudado, bem como as mudanças nas estruturas sociais. Para fins deste trabalho, a divisão em períodos está apoiada no modelo proposto por Eva Maria Lakatos, ao estabelecer uma linha cronológica para a origem da sociologia, descrevendo o pensamento helênico como ponto de partida.²

Este panorama histórico será dividido em quatro grandes períodos, sendo estes a) o período clássico, em que se abordarão, respectivamente, os pensamentos metafísicos dos pré-socráticos, de Platão e Aristóteles, bem como a visão ético-moral deles; b) o cristianismo, avaliando as características que distinguem a ética cristã, com destaque para a filosofia de Agostinho e de Tomás de Aquino; c) o período moderno, em que se avaliará o pragmatismo de Maquiavel e o materialismo de Marx, e d) a modernidade líquida, termo cunhado pelo sociólogo Zygmunt Bauman, que será a base para verificar as características desse período. Em um último momento, quando ainda se avaliará a modernidade líquida, cabe olhar novamente o cristianismo como modelo ético perdurado, opondo-se ao modelo líquido, avaliado por Bauman.

Ressalta-se que a divisão da história humana nesses quatro períodos visa apenas às principais mudanças do pensamento metafísico, em reflexo das grandes mudanças da

² LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 1985, p. 41.

organização social do ocidente, não esgotando todas as mudanças ocorridas na história nem mesmo entrando em pormenores dessas.

1. ÉTICA, SOCIEDADE E METAFÍSICA

Moral é o conjunto de regras e valores estabelecidos por um indivíduo ou uma sociedade, que serve de diretriz a suas decisões e conduta. A ética é a matéria da filosofia que estuda a moralidade. J. P. Moreland e William Lane Craig definem da seguinte forma:

A ética pode ser entendida como o estudo filosófico da moralidade, a qual se ocupa com nossas crenças e avaliações sobre motivação, atitude, caráter e conduta, e se isso está certo ou errado. Quando um eticista estuda a moralidade, certos conceitos de valor estão em foco: certo, errado, bom, mau, dever, obrigação, virtuoso, censurável e assim por diante.³

O estudo da moralidade pode ser dividido em, ao menos, quatro diferentes áreas. Duas dessas áreas são consideradas normativas, uma vez que buscam oferecer orientação e determinar se são certas ou erradas ações, motivações e atitudes. Nas duas áreas não normativas, encontra-se a metaética e a ética descritiva. A metaética abrange investigações que buscam dar significado e referência de termos éticos como certo e errado, bem e mal, etc. A ética descritiva, por sua vez, é o estudo efetivo das morais, comportamentos e motivações de um indivíduo ou cultura. Por esse motivo, a ética descritiva não é inteiramente um ramo da ética, mas uma avaliação sociológica, antropológica, histórica e psicológica.⁴

Tais motivações e comportamentos que geram uma cultura são impulsionados por um objetivo. Não existe uma sociedade desvinculada de um objetivo último, uma vez que tal ordenação e ajuntamento entre as pessoas em uma coletividade organizada visam justamente a uma finalidade comum. As convenções entre pessoas em uma sociedade buscam o bem e a satisfação de cada indivíduo através de uma negociação de suas liberdades pessoais em troca do suprimento de suas necessidades básicas.⁵

Contudo, uma sociedade não remonta a um sistema de valores morais estáticos, uma vez que a valoração é determinada mediante tais objetivos que moldam a sociedade. Assim, “o sistema ético em vigor na sociedade exerce sempre a função de organizar ou ordenar a sociedade, em vista de uma finalidade geral”.⁶ Émile Durkheim afirma:

(...) parece-nos indiscutível que a função prática da moral é na realidade tornar a sociedade possível, ajudar as pessoas a viverem juntas sem muitos prejuízos e conflitos, em resumo, dar salvaguarda aos grandes interesses coletivos.⁷

³ MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 483.

⁴ MORELAND; CRAIG, 2008, p. 486-487.

⁵ MATTOS, Delmo. Thomas Hobbes e a liberdade. **Filosofia, ciência e vida**. São Paulo, Ano VIII número 111, p. 53-61, Outubro, 2015.

⁶ COMPARATO, Fábio Konder. **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. São Paulo: Companhia das letras, 2006, p. 23.

⁷ DURKHEIM, Émile. **Ética e sociologia da moral**. São Paulo: Martin Claret, 2016, p. 18.

Dessa forma, verifica-se que o estudo da ética está diretamente relacionado a um estudo sociológico, uma vez que a ética tem como objeto de estudo a moralidade e esta, por sua vez, está vinculada às bases de desenvolvimento e estrutura da sociedade. Contudo, tais objetivos estão em constante mutação e, uma vez que determinamos a moral como base das motivações da sociedade, resulta que o motivo de tal variação tem de estar vinculado a uma transição da moralidade. Para explicar esse fenômeno, é preciso determinar o que a moral estabelece como guia e esta, por sua vez, terá de revelar certo desenvolvimento que justificará a transição moral. Tal guia, como descrito a seguir, é a metafísica.

O termo “metafísica” foi utilizado pela primeira vez como título de um conjunto de escritos do filósofo grego Aristóteles. Ele havia escrito uma coleção que tratava de estudos da natureza, ao qual denominou de Física. Em seguida, escreveu outro conjunto de obras, que ele nunca nomeou, que tratava de assuntos que foram chamados de *Após a Física* – no grego, *meta ta physika*. Assim, o termo é utilizado até hoje para denominar uma matéria da filosofia que trata de assuntos além do mundo físico.⁸ O filósofo francês Voltaire utiliza o termo latim para descrever o significado da metafísica, “*Trans naturam, além da natureza*”.⁹

Pode-se definir a metafísica da seguinte forma: “(...) o estudo filosófico da natureza do ser, ou da realidade, e das categorias últimas, ou tipos de coisas que são reais”.¹⁰ A metafísica se ocupa em definir termos como a essência do ser e origem da realidade. O tema central da metafísica é a investigação da verdade, isto é, do que é real. Neste ínterim, a metafísica pode ser tratada como sinônimo de *ontologia* ou *dogmática*, e pode referir-se aos princípios mais profundos de uma ciência qualquer. Entre os existencialistas, o termo metafísica refere-se ao conhecimento real sob um ponto de vista totalizador que verifica a situação – realidade – do homem no mundo.¹¹

Para fins desta pesquisa, constata-se as definições metafísicas dos diversos pensadores e períodos no que tange a suas visões sobre a verdade, a realidade da existência humana e teológica, ou seja, as suas cosmovisões. As definições metafísicas de um indivíduo ou sociedade estabelecem ferramentas para valoração, o que conduzirá os homens a criar um sistema de valores morais. Através de suas crenças, o mundo é qualificado em níveis de importância e os valores atribuídos a cada área – religião, família, profissão – estabelecerão a base da ética social. Frente a isso, o teólogo Luiz Sayão observa que todo indivíduo de uma sociedade se faz um filósofo ao estabelecer sua visão de verdade, seja através de uma posição herdada por seus pais, influenciada pela sociedade que o cerca ou adquirida através de uma reflexão individual. O que acontece é que, inevitavelmente, a união dos indivíduos em sociedade – como visto no tópico anterior – estabelece objetivos e necessidades comuns que serão necessariamente forjadas através da cosmovisão das pessoas que compõem este grupo social.

⁸ DEWEESE, Garrett J.; MORELAD, J. P. **Filosofia concisa**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 30.

⁹ VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Livros Escala, 2008, p. 393.

¹⁰ MORELAND; CRAIG, 2008, p. 222.

¹¹ LEGRAND, Gerard. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Edições 70, 1983, p. 262.

A verdade, no entanto, é que todos somos filósofos, pois temos todos uma maneira de entender a realidade que nos cerca. A diferença fundamental é que alguns são conscientes de que é impossível não ter uma visão de mundo, e estudam mais profundamente o assunto para organizar os dados da realidade; outros, porém, formam uma visão da realidade não sistemática, inconsciente de seus próprios valores. Mas, todos são obrigados a desenvolver, ainda que intuitivamente, uma teoria interpretativa da realidade.¹²

As interpretações da realidade a que Sayão refere-se, por vezes, tornam-se conceitos que, quando compartilhados em uma sociedade, geram princípios morais ou ideais a serem seguidos, conforme afirma R. C. Sproul:

Nem todas as ideias deram produtos tangíveis. Algumas são temerárias. Mas até as ideias fantasiosas de um sonhador às vezes são formuladas e transformam-se em conceitos que têm consequências enormes.¹³

Fábio Konder Comparato faz, em seu livro *Ética, direito, moral e religião no mundo moderno*, uma análise histórica do desenvolvimento ético na sociedade e suas implicações jurídicas e sociais. Ele afirma que *“todo processo de conhecimento desdobra-se na operação conjunta de distinguir e relacionar”*.¹⁴ De acordo com seu estudo, a ética do mundo antigo é dominada pela religião, uma vez que a sociedade tinha o formato patriarcal, onde a família unia-se em clãs, liderada pelo patriarca, que operava com a função de sacerdote, estabelecendo a religião e os dogmas como lei moral.¹⁵ A esse respeito, afirma Durkheim:

É tão correto entender a religião surgindo da moral quanto a moral da religião. No início, direito, moral e religião se combinaram numa síntese da qual é impossível dissociar os elementos. Nenhum desses fenômenos é anterior ao outro; mas eles finalmente se separam da mistura indiferenciada onde existiam em estado de germinação. Durante muito tempo, tanto o poder de legislar quanto a responsabilidade de guardar a moral foram funções pertencentes ao sacerdote.¹⁶

Assim, o pensamento metafísico estabelece a cosmovisão social que, por sua vez, gera os princípios que possibilitam a valoração moral que são a base da ética, que influencia diretamente as motivações e objetivos norteadores que unem uma sociedade.

2. PERÍODO CLÁSSICO

Avaliar-se-á, a seguir, o desenvolvimento do pensamento metafísico em diversos períodos, a começar pelo clássico, em que é possível verificar através da história da humanidade uma mudança drástica nos princípios éticos sociais.

¹² SAYÃO, Luiz. **Cabeças feitas**: filosofia prática para cristãos. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 9-10.

¹³ SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 11.

¹⁴ COMPARATO, 2006, p. 49.

¹⁵ COMPARATO, 2006, p. 50.

¹⁶ DURKHEIM, 2016, p. 48.

2.1 Os pré-socráticos

É difícil determinar ao certo quando é iniciado o período denominado por pré-socrático. Sabe-se que os primeiros pensadores helenísticos datam de aproximadamente XII a.C. no período dórico. Essa nova fase do pensamento ocidental é caracterizada pela “*predominância da racionalidade na análise do mundo (...) e distanciamento do mito*”.¹⁷

Duas grandes linhas de pensamento metafísico se destacam nesse período rico em teorias, a citar, dois grandes pensadores: Heráclito e Parmênides. Heráclito acreditava que toda a realidade estava em constante movimento. Todo o universo está em um estado que ele denomina de *vir a ser*.

Considerado o mais importante dos filósofos pré-socráticos, Heráclito é chamado o filósofo do devir, porque tudo, segundo ele, está em constante movimento. Daí sua célebre frase: ‘não entramos duas vezes no mesmo rio’. Segundo a lei do devir, tudo flui, nasce, se transforma e se dissolve.¹⁸

Opondo-se ao pensamento de Heráclito, encontra-se no mesmo período Parmênides. Este afirmava que *tudo que é, é*. Para ele, tudo tem de ser absolutamente ou não ser.¹⁹ Aqui surge talvez o primeiro grande dilema a ser solucionado, a verdade – realidade do universo – é o que vemos ou um constante vir a ser?

2.2 O dualismo platônico

A solução para esse impasse supracitado entre Heráclito e Parmênides surge anos depois com o filósofo Platão.

O paradigma de Platão tinha o propósito de resolver a tensão entre Parmênides e Heráclito, a tensão entre movimento e permanência, entre ser e vir a ser. Usando termos hegelianos posteriores da dialética, podemos dizer que o pensamento de Heráclito (vir a ser, movimento) era uma tese, e o pensamento de Parmênides (ser, permanência) era sua antítese; Platão procurou uma síntese que explicasse tanto mudança como permanência, que incorporasse ser e vir a ser, como polos de uma dialética que parece ser exigida por uma visão abrangente de realidade.²⁰

Para resolver essa questão, Platão criou a teoria do dualismo. Para ele, a verdade era composta de duas realidades, que ele denominou *inteligível e sensível*; o mundo das ideias e mundo material. De acordo com este dualismo platônico, o mundo físico e visível é mutável, porém consiste apenas em um reflexo do mundo ideal e imutável, onde a verdade reside. Para explicar essa teoria, Platão criou o mito da caverna, no qual ele explica a realidade em que o ser humano vive como sendo sombras distorcidas em uma parede, e os objetos reais que produzem as sombras sendo a verdade que reside no mundo ideal.²¹

¹⁷COPELLI NETO, Carlos. Soberania da razão. **Filosofia, ciência e vida** – especial. São Paulo, Ano I número 2, p.16-23, 2007, p. 16.

¹⁸COPELLI NETTO, 2007, p. 22.

¹⁹SPROUL, 2002, p. 23.

²⁰SPROUL, 2002, p. 35.

²¹PLATÃO. **A república**. São Paulo: Nova Cultura, 2000, p. 225-229.

Nesse mito, é possível identificar também sua visão do que é conhecimento e como este é atingido. Platão defende a ideia da *ascese* do conhecimento. De acordo com ele, só é possível atingir o conhecimento da verdade através da razão. Somente assim, o homem pode chegar ao conhecimento da verdade, uma vez que, na sua teoria, o homem já presenciou a verdade no passado, quando suas almas estavam no mundo ideal e, ao encarnarem, passaram pelo que ele chama de rio do esquecimento. Dessa forma, conhecer é o mesmo que se lembrar, e isso se dá através do pensamento racional.²²

Platão via a sociedade ideal como uma divisão de tarefas entre os homens de acordo com suas capacidades naturais. Ele dividia a vida social em três castas: a operária, composta de homens viris e dispostos ao trabalho braçal; a dos guerreiros, que deveria conter os homens com ênfase nas paixões e que defenderiam a cidade com toda sua vontade; e os governantes, que deveriam ser os filósofos, uma vez que apenas estes atingiram o conhecimento da verdade através da *ascese* da razão. De acordo com Platão, os homens são felizes ao cumprirem suas funções na sociedade, pois alcançam tal felicidade conjuntamente com a cidade – o Estado ideal – que tem por finalidade suprir as necessidades dos cidadãos.

Toda a ética social platônica está baseada nesse sistema de pensamento. Para Platão, por exemplo, a justiça não poderia ser feita através do aumento das punições, pois o agir corretamente não podia ser baseado no medo – uma emoção, portanto, localizada no mundo material e imperfeito. Platão defendia que o homem ético era aquele que recebia educação – do grego *educare*, ser conduzido para fora. Uma referência ao seu mito da caverna, onde o conhecimento da verdade era resultado de ser conduzido para fora da caverna – e vivia cumprindo sua função dentro da sociedade.

A verdadeira justiça, esclarece o filósofo, é uma espécie de igualdade geométrica; isto é, a ordem social em que cada qual exerce a função que lhe cabe por vocação própria. A preocupação de Platão com a unidade interna do Estado foi tão grande, que ele chegou a propor, para os governantes, a existência de uma comunhão de bens, de mulheres e filhos.²³

Portanto, para o pensamento platônico, não era um problema afirmar a diferença dos homens através de uma superioridade ou inferioridade, o que, na verdade, era a forma de se atingir uma harmonia social.²⁴ Assim, o sistema de valores proposto por Platão tinha a saúde social do Estado como soberana às próprias vontades pessoais. Tal postura é explicitada com mais clareza na Apologia de Sócrates em que o filósofo, após ser condenado à morte, discursa sobre a importância de aceitar o veredicto do Estado, independente se este está sendo justo aos seus olhos para a manutenção da autoridade e da ordem social.²⁵

²² PLATÃO, 2000, p. 230.

²³ COMPARATO, 2006, p. 98.

²⁴ SPROUL, 2002, p. 37.

²⁵ PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultura, 1999, p. 93-97.

2.3 O naturalismo de Aristóteles

Em oposição ao dualismo platônico, Aristóteles afirma que *“a realidade é uma e não uma dualidade”*. *A essência das coisas está nelas mesmas*”.²⁶ Para Aristóteles, o mundo que conhecido, é conhecido primeiramente pelos sentidos. Dessa forma, o conhecimento da verdade não poderia estar fixado apenas na razão, uma vez que esta é alimentada primeiramente pelo conhecimento do mundo natural. Com esta constatação, Aristóteles se opôs a diversas teorias fundamentadas por Platão.

Aristóteles difere de Platão ao indicar que são as sensações – e não a reminiscência – que nos despertam para o conhecimento da verdade. Platão, ao contrário, acreditava que as sensações era a causa de todo engano. (...) Ora, para mostrar que não é necessário conceber uma doutrina da reminiscência, nem mesmo a separação entre o mundo inteligível e o mundo sensível, Aristóteles dedicou-se a analisar, minuciosamente, as coisas a partir de suas causas primeiras.²⁷

Baseado nessa teoria, Aristóteles colocou-se a estudar o mundo natural como meio para identificar a verdade. Para isso, utilizou o estudo das causas primeiras para responder *o que é, como é, por que é e para que é* uma coisa.

De acordo com o pensamento aristotélico, ao conhecer o mundo natural, o homem encontra seu lugar no *cosmos*. Tal ação conduz o indivíduo ao que o filósofo denomina um estado de *eudaimonia*, isto é, total satisfação e realização. Estar em seu estado eudaimônico, desta forma, implica ao homem encontrar sua finalidade. Por este motivo, o pensamento aristotélico é denominado teleológico. A ética social aristotélica, resultante de seu pensamento metafísico, pode, então, ser definida como o homem, em posse do conhecimento através da observância do mundo natural, encontrando sua finalidade no *cosmos*.

No capítulo VII da *Política*, ele começa por observar que todo aquele que deseja conhecer a melhor forma de constituição do Estado deve, antes de mais nada, ter em mente o melhor modo de vida para os homens; ou, dito de outra forma, deve saber qual o bem supremo da vida humana.²⁸

Fábio Konder Comparato levanta a seguinte questão: *“(...) qual o fim último da ordem ética, cuja culminância se encontra na organização Política?”*.²⁹ Ele faz esta indagação ao estudar os objetivos da ética em dois títulos de extrema importância destes dois filósofos, a citar, *A República de Platão* e *A Política de Aristóteles*. Comparato busca uma síntese que responda *“qual o sentido e a razão de ser da polis, afinal”*.³⁰ Ele conclui que *“a finalidade última do Estado só pode ser a realização da felicidade plena para todos os homens, sem exclusões ou restrições”*.³¹

²⁶ SAYÃO, 2010, p. 32.

²⁷ MADUREIRA, Jonas. *Filosofia*: curso Vida Nova de teologia básica. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 71.

²⁸ COMPARATO, 2006, p. 104.

²⁹ COMPARATO, 2006, p. 104.

³⁰ COMPARATO, 2006, p. 104.

³¹ COMPARATO, 2006, p. 104.

3. A ÉTICA CRISTÃ

A ética considera o que é moralmente certo ou errado. A ética é o estudo das ações humanas em resposta às diversas interpelações que a vida propõe, baseado nos valores morais determinados por indivíduo e sociedade. A ética cristã faz tal análise baseada em valores morais estabelecidos pelo cristianismo. Assim, a ética cristã diferencia-se da ética comum no fato de que estabelece princípios morais a serem perseguidos. Dessa forma, assemelha-se à ética comum, uma vez que sua base metafísica, ou cosmovisão cristã, estabelece a dogmática que deverá ser obedecida como regra moral. Mediante o fato de conter uma cosmovisão clara e estabelecida, a ética cristã possui características distintivas da ética secular. Seguem quatro características que distinguem a ética cristã com base no livro *Ética cristã* de Norman L. Geisler.³²

a) **A ética cristã baseia-se na vontade de Deus.** Desta forma, “um dever ético é algo que nós temos que fazer; é uma prescrição divina”.³³

É claro que os imperativos que Deus dá estão alinhados com seu caráter imutável. Deus deseja que se faça o que é certo em concordância com seus próprios atributos morais.³⁴

b) Por esse motivo, segue que **a ética cristã é absoluta.** Nesse ponto, a grande diferença está no fato de a moral ser imutável. Assim, modelos éticos, como relativismo ou pragmatismo, não cabem na ética cristã.

A partir do fato de que o caráter moral de Deus não muda³⁵, chega-se à conclusão de que as obrigações morais derivadas de sua natureza são absolutas.³⁶

c) **A ética cristã baseia-se na revelação de Deus.** Como revelação divina, a teologia cristã diferencia dois tipos: a revelação especial, que se refere às escrituras sagradas reunidas no cânon bíblico e que tratam da revelação dada por Deus a seus profetas e através dos relatos da vida de Jesus; e revelação natural, que trata da revelação da existência de Deus através do mundo criado que, de acordo com as Escrituras³⁷, pode ser fonte de revelação do caráter divino.³⁸

d) **A ética cristã é prescritiva.** “Uma vez que o direito moral é prescritivo por um Deus moral, ele é prescritivo. Por isso, não existe lei moral sem um legislador moral”.³⁹ Nesse ponto, pode-se recorrer a um dos principais pensadores do cristianismo, a saber, C. S. Lewis.

Lewis afirma que existem três características que definem uma religião e que o cristianismo é a única que contém uma quarta característica que a diferencia das demais. A

³² GEISLER, Norman L. *Ética cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 15-18.

³³ GEISLER, 2010, p. 15.

³⁴ GEISLER, 2010, p. 15-16.

³⁵ Mateus 3.6 e Tiago 1.17.

³⁶ GEISLER, 2010, p. 16.

³⁷ Romanos 1.20.

³⁸ ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 41-64.

³⁹ GEISLER, 2010, p. 17.

primeira característica, de acordo com ele, é a moral como parte indissolúvel da humanidade em qualquer cultura.

Todos os seres humanos de que a História ouviu falar reconhecem algum tipo de moralidade, ou seja, eles sentem, com respeito a certas ações propostas, as experiências expressas nas frases ‘eu devo’ e ‘eu não devo’.⁴⁰

Como segunda característica, C. S. Lewis cita o termo *numinoso*, cunhado pelo teólogo Rudolf Otto.⁴¹ Numinoso refere-se a uma espécie de temor sobre o desconhecido. Lewis afirma que a experiência numinosa “é tão antiga quanto a própria humanidade” e tal fato pode ser evidenciado nos mitos de monstros e lendas das diversas culturas no decorrer da história das civilizações.⁴²

A terceira característica, que, de acordo com Lewis, define toda religião, é quando há uma associação entre o numinoso e o moral. Quando a base moral se relaciona à experiência numinosa, surge a religião.⁴³ Porém, Lewis destaca a quarta característica, a qual diferencia o cristianismo das outras religiões existentes na História: a encarnação do legislador moral numinoso. De acordo com Lewis, tal característica chega a ser “um paradoxo, e até um horror”.⁴⁴

Visto as características que distinguem a ética cristã, faz-se necessário destacar dois pensadores cristãos que predominaram no pensamento metafísico em todo período da Idade Média.

3.1 Agostinho de Hipona

Agostinho utilizou a metafísica platônica para estabelecer o que ficou conhecido pela filosofia cristã. Em seu livro *Confissões*, o pensador chega a citar o mito da caverna de Platão para referir-se à sua ignorância e sua dependência da iluminação de Deus: “Estava de costas voltadas para a luz e com a face erguida para os objetos iluminados. Por isso, o rosto com que os via iluminados não era iluminado”.⁴⁵

Se para Platão o conhecimento da verdade se alcançava através da ascese da razão, Agostinho apenas acrescentou a ideia da iluminação da graça divina, sem a qual, de acordo com ele, o homem não poderia atingir o conhecimento da verdade que ele afirma ser Deus. Na visão de Agostinho, a fé antecede a razão.⁴⁶

O ponto mais relevante da filosofia agostiniana para esse artigo está em sua versão do dualismo platônico, que ele transfere para a ideia paulina⁴⁷ da constante luta humana entre *a carne e o espírito*. Platão afirmava ser necessário rejeitar as emoções, pois estas estavam no

⁴⁰ LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. São Paulo: Vida, 2009, p. 26.

⁴¹ LEWIS, 2009, p. 21.

⁴² LEWIS, 2009, p. 24.

⁴³ LEWIS, 2009, p. 27.

⁴⁴ LEWIS, 2009, p. 29.

⁴⁵ AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultura, 1999, p. 118.

⁴⁶ SPROUL, 2002, p. 61.

⁴⁷ Referência ao apóstolo bíblico Paulo que trata principalmente na carta aos Gálatas sobre o dualismo antropológico entre a vida carnal (pecado) e espiritual (piedosa).

mundo sensível, e somente se abstendo dos prazeres físicos se podia atingir o conhecimento da verdade. Da mesma forma, para Agostinho, era necessário se desfazer das paixões humanas para atingir o conhecimento através da obediência aos princípios morais de Deus.

Pereça tudo isso e deixemos as coisas vãs e fúteis. Entreguemo-nos unicamente à busca da verdade. A vida é miserável e a hora da morte, incerta. Se me surpreender de súbito, em que estado sairei deste mundo e onde aprenderei o que nesta vida negligenciei saber? Não terei antes de suportar os suplícios desta negligência?⁴⁸

Assim, o pensamento de Agostinho era, que através da rejeição do próprio eu e dos prazeres físicos, o homem deveria aplicar-se ao conhecimento de Deus e depender de sua iluminação para atingir tal conhecimento. Da mesma forma que a filosofia de Platão encontrou uma oposição em Aristóteles, ao apoiar-se na filosofia platônica, o pensamento agostiniano manteve-se predominante até que encontrou oposição em um pensador que se apoiou na filosofia aristotélica.

3.2 Tomás de Aquino

Se Agostinho, através de uma visão paralela ao dualismo platônico, rejeitava o mundo físico, por sua vez, Tomás de Aquino, apoiado no naturalismo aristotélico, buscou provar que o conhecimento da verdade – Deus – podia ser atingido através de uma observação racional da criação. De acordo com o pensamento tomista, o homem pode, através da razão, atingir por si só o conhecimento.

Efetivamente, existem muitas coisas que não são aprendidas pela nossa inteligência. Contudo, nada existe que não possa ser aprendido, em ato, pela inteligência divina, e em potência, pelo intelecto humano, visto que o intelecto agente se define como sendo aquele que pode fazer tudo, e o intelecto possível se define como sendo aquele que é passível de tornar-se qualquer coisa.⁴⁹

Partindo desse princípio, Tomás de Aquino elaborou as cinco vias da existência de Deus, que consiste em cinco argumentos filosóficos para comprovar, através do intelecto humano racional, a necessidade da existência de Deus. As cinco vias “provavam o que todos entendem por Deus, (...) o objetivo das vias não é outro senão mostrar a existência de uma causa primeira, e não do Deus cristão per se”.⁵⁰

Resulta dessa linha de pensamento a teologia natural de Tomás de Aquino, que possibilitava o conhecimento de Deus apenas através do uso da razão e, conseqüentemente, rompia com os dogmas fundamentalistas da teologia cristã, que até então eram fixadas apenas através das escrituras bíblicas e o que elas revelavam.

É a tentativa de alcançar um entendimento de Deus e seu relacionamento com o universo por meio de uma reflexão racional, sem lançar mão de

⁴⁸ AGOSTINHO, 1999, p. 162.

⁴⁹ AQUINO, Tomás de. **Questões discutidas sobre a verdade**. São Paulo: Nova Cultura, 1973, p. 31.

⁵⁰ MCDERMOTT, Gerald R. **Grandes teólogos: uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 70.

revelação especial, como a autorrevelação de Deus em Cristo nas Escrituras.⁵¹

De acordo com Francis Schaeffer, tal desenvolvimento teológico possibilitou as mudanças posteriores do período iluminista e racionalista, em que a visão humana transitou do *teocentrismo* para o *antropocentrismo*, gerando o existencialismo moderno.

O intelecto humano se tornou autônomo. Em um aspecto era o homem agora independente, autônomo. Essa esfera do autônomo de Tomás de Aquino assume várias formas. Nesta perspectiva, a teologia natural é uma teologia que se poderia formular independentemente das Escrituras. Embora fosse um estudo autônomo, ele esperava que resultasse numa unidade e dizia existir uma correlação inegável entre a teologia natural e a Bíblia. O ponto, porém, que se seguiu foi que uma área completamente autônoma assim se estabelecia.⁵²

Portanto, a ética cristã baseia-se em um modelo moral imutável, uma vez que esta está baseada no caráter divino revelado. A ética social cristã, dessa forma, consiste em uma vida piedosa dentro dos padrões bíblicos. Através do desenvolvimento teológico de Agostinho e de Tomás de Aquino, uma distinção metafísica em que o conhecimento da verdade pode ser atingido racionalmente foi possibilitado e, conseqüentemente, a cosmologia predominante em toda a Idade Média encontrou um meio de se desprender e modificar-se na direção de uma visão mais antropocêntrica e humanista.

4. PERÍODO MODERNO

Segue-se o panorama histórico do desenvolvimento do pensamento metafísico, com suas conseqüências na postura ético-social do período moderno.

4.1 O pragmatismo maquiavélico

Nicolau Maquiavel rompe definitivamente com o modelo ético cristão, ao propor uma divisão entre a política, a religião e a moralidade. Em sua teoria, o pensador italiano propõe uma moral laica, secular, estabelecendo uma autonomia da política.

Para a moral cristã, predominante na Idade Média, há valores espirituais superiores aos políticos, além de que o bem comum da cidade se subordina ao bem supremo da salvação da alma. (...) A nova ética analisa as ações não mais em função de uma hierarquia de valores dada a priori, mas sim em vista das conseqüências, dos resultados da ação política.⁵³

Para descrever a ação do príncipe, aquele que governaria com autoridade, Maquiavel utiliza a expressão *virtù e fortuna*, *Virtù* refere-se à virtude, mas não sabedoria no sentido grego de virtude, mas a uma virilidade de um guerreiro com energia e poder conquistador. Maquiavel opõe-se ao governador virtuoso do modelo cristão, tendo este agora, de acordo com o autor, um significado de ruína. *Fortuna* significa ocasião ou acaso. Dessa forma, o

⁵¹ FERGUSON, Sinclair B.; WRIGHT, David F. **Novo dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 1088.

⁵² SCHAEFFER, Francis. **A morte da razão**. São Paulo: Fiel, 1989, p. 9-10.

⁵³ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena P. **Filosofando**. São Paulo: Moderna, 2003, p. 235.

príncipe, na filosofia maquiavélica, deveria ser ousado e aproveitar as ocasiões ou oportunidades. *“No entanto, a fortuna de pouco serve sem a virtù, pois pode se transformar em mero oportunismo”*.⁵⁴

Na filosofia de Maquiavel, não existe uma moralidade concreta de *bem* ou *mal* em relação a uma atitude. Uma ação só pode ser avaliada mediante seus resultados; daí parte o pragmatismo maquiavélico, em que uma ação só pode ser considerada boa ou ruim se atingir o resultado esperado, positivo ou não. Resulta que a ação não possui valor moral que a rege, mas torna-se moralmente válida a partir de seus resultados.

Para Maquiavel, portanto, a avaliação moral não deve ser feita antes da ação política, segundo normas gerais e abstratas, mas a partir de uma situação específica e em função do resultado dela, já que toda ação política visa a sobrevivência do grupo e não apenas de indivíduos isolados.⁵⁵

O pensamento metafísico de Maquiavel, dessa forma, favorece apenas o lado prático da existência social, sem uma moralidade legisladora às ações individuais, resultando em uma ética social em que qualquer tipo de avaliação somente se dá nos resultados para o grupo social.

4.2 O materialismo marxista

Primeiramente, é necessário esclarecer o termo materialismo. Existem, pelo menos, três conceitos denominados materialismo, na história da filosofia, que se confundem em si. *“Em primeiro lugar, o materialismo ontológico ou metafísico. Encontramo-lo em Feuerbach”*.⁵⁶ Essa forma de materialismo se refere a *“uma redução de tudo ao movimento mecânico de átomos e moléculas”*.⁵⁷ Essa filosofia está ultrapassada e nada tem a ver com o marxismo. Em segundo lugar, o materialismo ético se refere a bens materiais de consumo. De acordo com Paul Tillich, esta tem sido, com frequência, utilizada para discriminar ou fazer propaganda negativa das teorias de Karl Marx.

Quando se acusa o marxismo de materialista, por exemplo, a propaganda quer dar a impressão de que se trata deste materialismo ético. Na verdade, entretanto, o movimento socialista original, bem como o tipo de comunismo encontrado em Marx original, atacavam o materialismo da sociedade burguesa, onde tudo dependia de comprar e vender, de lucro etc. O marxismo era exatamente o contrário disso.⁵⁸

Tillich segue com o terceiro tipo de materialismo, que identifica o materialismo marxista real. A esse materialismo, chamar-se-á de materialismo histórico. Trata-se de dizer que o *“processo histórico depende, em última análise, dos modos de produção econômica”*.⁵⁹ Marx considera o indivíduo e a sociedade. Ele pensa sociologicamente, levando em conta não

⁵⁴ ARANHA; MARTINS, 2003, p. 245.

⁵⁵ ARANHA; MARTINS, 2003, p. 236.

⁵⁶ TILLICH, Paul. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX**. São Paulo: ASTE, 2004, p. 192.

⁵⁷ TILLICH, 2004, p. 192.

⁵⁸ TILLICH, 2004, p. 193.

⁵⁹ TILLICH, 2004, p. 193.

apenas o homem como indivíduo. “*O indivíduo existindo por si mesmo parecia-lhe mera ilusão*”.⁶⁰ Karl Marx via o homem como membro de um grupo social. Assim, ele se ocupava do indivíduo em uma análise da estrutura social e do lugar ocupado pelo indivíduo dentro dessa estrutura.⁶¹

Segundo Marx, “o erro está em analisar o ser humano abstratamente, desvinculado da sua realidade, que consiste no conjunto das relações sociais”.⁶² Segue-se, dessa teoria, que Marx cria uma nova cosmologia baseada no ser social:

Ao analisar o ser social, Marx desenvolve uma nova antropologia, segundo a qual não existe ‘natureza humana’ idêntica em todo tempo e lugar. Como o existir decorre do agir, o indivíduo se autoproduz à medida que transforma a natureza pelo trabalho. Por ser o trabalho uma ação coletiva, a condição humana depende da sua existência social. Por outro lado, o trabalho é um projeto e como tal depende da consciência que antecipa a ação pelo pensamento. Com isso, se estabelece a dialética pensar-agir.⁶³

Partindo do ponto de vista materialista histórico, a consciência humana passa a ser parte ativa de um processo de produção em que a religião, a filosofia e, conseqüentemente, a moral surgem como formações ideológicas.

Esta concepção da história consiste, pois, em expor o processo real da produção, partindo, para tanto, da produção material da vida imediata, e do ato de conceber a forma de intercâmbio correspondente a este modo de produção engendrada por ele, quer dizer, a sociedade civil em suas diferentes fases, como o fundamento de toda a história, apresentando-a em sua ação como Estado e explicando a partir dela todos os diferentes produtos teóricos e forma da consciência, a religião, a filosofia, a moral etc.⁶⁴

Marx mantém seu estudo no que ele denomina “*histórico real*”. Ele “*não explica a prática partindo da ideia, mas explica as formações ideológicas sobre a base da prática material*”.⁶⁵ Por ideologia, Marx referia-se a uma verdadeira arma das classes dominante. De acordo com ele, os grupos governantes usavam a produção de ideias para justificar sua vontade e estabelecer o seu poder.⁶⁶

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também potência dominante espiritual. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante.⁶⁷

⁶⁰ TILLICH, 2004, p. 193.

⁶¹ TILLICH, 2004, p. 193.

⁶² ARANHA; MARTINS, 2003, p. 264.

⁶³ ARANHA; MARTINS, 2003, p. 265.

⁶⁴ MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 51.

⁶⁵ MARX; ENGELS, 1999, p. 62.

⁶⁶ TILLICH, 2004, p. 195.

⁶⁷ MARX; ENGELS, 1999, p. 62.

Dessa forma, para Marx, a moralidade é idealizada como ferramenta social de dominação. Ele rompe definitivamente com a religião – sendo alvo de suas críticas principalmente o cristianismo – os quais, para ele, “o simbolismo religioso da realização transcendental (do céu ou da imortalidade) não era apenas a esperança de todos os seres humanos, mas a invenção das classes dominantes para impedir que as massas buscassem realizações nesta vida”.⁶⁸ Daí a máxima que “a religião é o ópio do povo”.

A metafísica, portanto, é quase absolutamente rejeitada por Marx em substituição de uma visão materialista histórica de uma sociedade que se transforma mediante a produção e transformação da natureza para suprimento de suas necessidades.

Daqui se depreende que esta transformação da história em história universal não é, digamos, um simples fato abstrato da ‘consciência em si’, do Espírito do mundo ou de qualquer outro fantasma metafísico, mas uma ação puramente material que pode ser verificada de forma empírica, uma ação que cada indivíduo fornece a prova no ato de comer e beber.⁶⁹

Contudo, a visão materialista histórica de Marx não deixa de ser uma metafísica, uma vez que seu estudo era de âmbito utópico e buscava padrões e ideais em material abstrato, conforme destaca Paul Tillich:

A diferença entre o profetismo secularizado de Marx e o dos profetas judaicos é que estes últimos sempre tiveram em mente a linha vertical, não confiando nos grupos humanos nem nas necessidades lógicas ou econômicas de desenvolvimento, como Marx.(...) Certamente, o movimento marxista é quase religioso (...) porque conserva em seu interior a estrutura do profetismo, embora com a perda da linha vertical e transcendente.⁷⁰

O materialismo histórico, com sua visão de que a moralidade e, destarte, os valores morais, são idealizados como forma de controle social, bem como o fato de considerar o ser humano não mais em sua individualidade, mas em sua posição e função na sociedade como um todo, elevaram às últimas consequências o existencialismo, onde o existir vinha antes do ser e possibilitando a *diluição* desse ser em uma sociedade orgânica e fluida, como segue na *modernidade líquida*.

5. MODERNIDADE LÍQUIDA

O termo modernidade líquida foi cunhado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, referindo-se ao período que outros chamam de pós-modernidade, isto é, o final do século XX e início do século XXI, marcado principalmente pelos avanços tecnológicos e de meios de comunicação, que transformaram a forma de se viver e pensar. Para Bauman, esse período é marcado por uma fluidez que incorpora os relacionamentos e pensamentos morais – daí o termo modernidade líquida. De acordo com ele, em uma sociedade de consumo em que a base para as decisões de o que é realmente necessário está no consumismo, as características

⁶⁸ TILLICH, 2004, p. 195.

⁶⁹ MARX; ENGELS, 1999, p. 47.

⁷⁰ TILLICH, 2004, p. 197.

dessas baseiam-se em uma constante fluidez. Bauman afirma que os desejos de consumo estão baseados em paixões e, dessa forma, quando o sentimento envolvido pela novidade passa – e esse passa cada vez mais rapidamente, fomentado pela indústria do marketing, que seduz o consumidor com uma enxurrada de novos produtos a cada instante – o desejo por outra coisa o faz descartar rapidamente o velho.

Na vida agorista do ávido consumidor de novas experiências, a razão para correr não é o impulso de adquirir e acumular, mas descartar e substituir. (...) Aqui, as ferramentas que falharam devem ser atiradas na lata de lixo, e não afiadas de novo.⁷¹

Bauman alerta ainda que *“embora uma atitude consumista possa lubrificar as rodas da economia, ela joga poeira nos vagões da moralidade”*. O problema, de acordo com ele, é que esta cultura de descartes das *“coisas”*, objetos inconscientes, é repetida quando se trata de relacionamentos interpessoais, como cita nos dois trechos que segue:

Quando a capacidade do objeto de gerar prazer cai abaixo do nível prometido ou aceitável, chegou a hora de se livrar daquela coisa chata e desinteressante, aquela pálida réplica ou feia caricatura do objeto que um dia abriu caminho para o desejo por meio do brilho e da tentação. (...) Qualquer que seja a razão, fica cada vez mais difícil para não dizer impossível, imaginar por que aquela coisa que perdeu toda ou a maior parte de sua capacidade de satisfazer não deveria ser enviada ao lugar adequado – o depósito de lixo.

E se, contudo, a coisa em questão for outra entidade dotada de sensibilidade e consciência, sentimentos, avaliação e capacidade de escolha? E se, em suma, for outro ser humano?⁷²

O que está sendo feito com as coisas é tido, em qualquer tempo e lugar, como ‘adiafórico’ – nem bom nem mau, nem aprovado nem condenado. Deus não deu a Adão o poder inquestionável sobre as coisas, inclusive o de nomeá-las, o que significa defini-las?⁷³

Na modernidade líquida, de acordo com Zygmunt Bauman, os relacionamentos são reduzidos a um grau de satisfação do eu, que permite o descarte do outro mediante o simples critério de este não estar me agradando. Essa superficialidade e distanciamento das pessoas geram um esfriamento e sentimento de indiferença ao próximo, bem como uma individualização ou relativismo da moral. No diálogo com Bauman, em seu livro *Cegueira Moral*, o filósofo Leonidas Donskis afirma que *“essa modernidade líquida transforma em banalidade não o bem puro e simples, mas o próprio mal”*.⁷⁴ O que anteriormente foi visto como padrão ético e tinha por base uma moralidade que buscava evitar o mal, em sua versão fluida na modernidade líquida perde a clareza com o esvaziamento do mal. Donskis chega a afirmar que *“felizes eram os tempos em que havia formas evidentes de mal”*.⁷⁵ Para ele, a perda da crença em valores, relativizando o bem e desacreditando a existência do mal, torna

⁷¹ BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira moral*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 174.

⁷² BAUMAN, 2014, p. 177-178.

⁷³ BAUMAN, 2014, p. 180.

⁷⁴ BAUMAN, 2014, p. 17.

⁷⁵ BAUMAN, 2014, p. 18.

o mundo atual muito pior que as distopias criadas pela literatura ficcional no passado. Baseado nos avanços tecnológicos, fixou-se definitivamente o foco no ser humano e no suprimento – e criação – de necessidades. Dessa forma, a crença em algo metafísico como o bem e o mal ou o certo e o errado foram colocados de lado.⁷⁶

Leonidas Donskis faz referência a outro termo utilizado por Bauman, a adiaforização, para referir-se a esta isenção de julgamento moral nos relacionamentos.

A variedade líquida moderna da adiaforização tem como modelo o padrão da relação consumidor-mercadoria, e sua eficácia baseia-se no transplante desses padrões para as relações inter-humanas.⁷⁷

Dessa forma, segundo Bauman, o padrão ético-moral da modernidade líquida é baseado em uma elevação do materialismo marxista às consequências máximas, através da condução deste para o âmbito dos relacionamentos pessoais. Não existem padrões morais de certo ou errado, apenas um consumismo de bens e prazeres que, quando não satisfeitos, permitem o simples descarte do outro, bem como sua substituição como qualquer produto a fim de suprir meus próprios desejos.

6.1 O cristianismo na modernidade líquida

Existem duas categorias de sistemas éticos possíveis: os absolutistas, que defendem a existência de valores morais absolutos e os não absolutistas, que creem na não existência de valores absolutos. Essas duas categorias se dividem em subgrupos. O não absolutismo divide-se em: a) antinomianismo (não existe nenhum tipo de lei moral); b) generalismo (não existe leis morais universais), e c) situacionismo (a existência de uma única lei moral universal). O absolutismo pode ser a) absolutismo qualificado (nenhuma lei moral pode ser quebrada. Quando essas conflitam entre si, outra alternativa que não quebre nenhuma das conflitantes deve ser buscada), b) absolutismo conflitante (quando duas leis morais conflitam, deve se escolher quebrar a de menor valor. Dessa forma, existem leis morais universais maiores e menores), ou c) absolutismo graduado (quando duas leis morais universais conflitam, somos liberados da responsabilidade de não quebrar uma dessas leis).⁷⁸

Quando não se tem um sistema ético definido (absolutista ou não absolutista), a ética torna-se relativista. Dessa forma, dentro da realidade da modernidade líquida, tem-se uma sociedade de metafísica fluida com uma ética relativista.

O cristianismo, por ter seus valores morais prescritos e imutáveis pelo tempo, tem um sistema ético absolutista definido. Mesmo que haja uma variação de visões absolutistas – entre os três tipos de absolutismo supracitados – dentro das divisões do cristianismo, ainda assim há um sistema concreto que se opõe ao relativismo ético. Assim, a ética cristã, diferentemente da helenística ou a moderna, por exemplo, não apenas influenciou o desenvolvimento ético-social como as demais, mas perdurou e manteve-se estável no

⁷⁶ BAUMAN, 2014, p. 25-62.

⁷⁷ BAUMAN, 2014, p. 23.

⁷⁸ GEISLER, 2010, p. 20-21.

decorrer da história. Beatriz M. de Souza e Luís M. S. Martino escreveram a respeito desse fenômeno na sociedade:

De um lado, os índices recentes apontam, em todos os sentidos, que a religião está perdendo cada vez mais espaço dentro da sociedade. Por outro, o número de igrejas, templos, centros e ‘espaços místicos’ aumenta a olhos vistos. Há uma relação dialética entre religião e modernidade que escapa a qualquer análise redutora. Não por acaso, o tema é um dos objetivos eleitos das ciências sociais.⁷⁹

De acordo com Souza e Martino, há um movimento de secularização – abandono da fé cristã, em busca de outros sistemas metafísicos – justamente pela dificuldade de manter os padrões morais elevados do cristianismo na sociedade líquida moderna. Assim, a uma inversão do movimento ético-social: não se modifica o padrão ético mediante uma transição da visão metafísica, mas busca-se uma mudança metafísica para migrar dos padrões éticos morais cristãos, uma vez que esse é concreto.⁸⁰

O cristianismo perdurado na história, em paralelo a todos os desenvolvimentos do pensamento metafísico secular, tem função relevante nesse processo de transição, uma vez que, ao ser oposto pelos outros sistemas éticos, sendo ele sempre uma tese que convida com as outras filosofias a formular-se como uma antítese, mantém-se como um modelo ou diretriz aos outros sistemas. Max Weber avalia as mudanças sociais estabelecidas no capitalismo, referindo-se à civilização do ocidente como sendo a única possível de ocorrer tais mudanças, uma vez que é a única a conter um sistema de valores universais determinados pelo cristianismo influenciado pelo helenismo.⁸¹

Portanto, o cristianismo, por estar estabelecido em um sistema de valores morais concretos, ainda que crie diversas formas de dialogar com a sociedade subdividindo-se em diversas seitas, tem um sistema de valores morais baseados em uma metafísica concreta, o que tornou sua ética social ou forma de conduta na sociedade, imutável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ética é o estudo filosófico das ações sociais baseadas em valores morais preestabelecidos. As sociedades existem como uma junção de indivíduos que buscam suprir suas necessidades básicas em conjunto. Uma vez que tais indivíduos têm as mesmas motivações, esses convivem em uma troca de suas liberdades individuais pelos suprimentos objetivados. Uma vez que se detecta uma mudança na postura ética no decorrer da história da civilização humana, e esta, já que baseada em valores morais não pode ser mutável, conclui-se que está baseada em algum outro sistema de pensamento mutável.

Os objetivos ou motivações que resultam em agrupamentos sociais são formulados baseados em crenças e visões metafísicas. Assim, uma vez que se observa que os valores

⁷⁹ SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). **Sociologia da religião e mudanças sociais**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 7.

⁸⁰ SOUZA; MARTINO, 2004, p. 7

⁸¹ WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2009, p. 23.

morais são alicerçados na metafísica, o desenvolvimento do pensamento metafísico tem de resultar em um desenvolvimento ético-social.

Verifica-se, assim, a metafísica desenvolvendo-se pelo período clássico com o helenismo, na Idade Média com o cristianismo, na modernidade humanista e na pós-modernidade ou modernidade líquida, e observa-se que o único sistema que se manteve imutável foi o ético cristão, uma vez que é baseado em uma metafísica concreta.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

AQUINO, Tomás de. **Questões discutidas sobre a verdade**. São Paulo: Nova Cultura, 1973.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena P. **Filosofando**. São Paulo: Moderna, 2003.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

COMPARATO, Fábio Konder. **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

COPELLI NETO, Carlos. Soberania da razão. **Filosofia, ciência e vida** – especial. São Paulo, Ano I número 2, p. 16-23, 2007.

DEWEESE, Garrett J.; MORELAD, J. P. **Filosofia concisa**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

DURKHEIM, Émile. **Ética e sociologia da moral**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FERGUSON, Sinclair B.; WRIGHT, David F. **Novo dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2011.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 1985.

LEGRAND, Gerard. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Edições 70, 1983.

LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. São Paulo: Vida, 2009.

MADUREIRA, Jonas. **Filosofia: curso Vida Nova de teologia básica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MATTOS, Delmo. Thomas Hobbes e a liberdade. **Filosofia, ciência e vida**. São Paulo, Ano VIII número 111, p. 53-61, Outubro, 2015.

MCDERMOTT, Gerald R. **Grandes teólogos**: uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de igreja. São Paulo: Vida Nova, 2013.

MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Nova Cultura, 2000.

PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

SAYÃO, Luiz. **Cabeças feitas**: filosofia prática para cristãos. São Paulo: Hagnos, 2010.

SCHAEFFER, Francis. **A morte da razão**. São Paulo: Fiel, 1989.

SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). **Sociologia da religião e mudanças sociais**. São Paulo: Paulus, 2004.

SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

TILLICH, Paul. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX**. São Paulo: ASTE, 2004.

VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Livros Escala, 2008.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O NAMORO CRISTÃO E SEUS BENEFÍCIOS COMO FORMA DE PREVENÇÃO PARA OS POSSÍVEIS PROBLEMAS NO CASAMENTO

The christian dating and its benefits as a form of prevention for the possible
problems of marriage

Esp. Pedro Igor de Oliveira Wondracek¹

RESUMO

O namoro cristão é guiado por princípios da Palavra de Deus que afirmam com precisão, veracidade e transparência as respostas para um relacionamento correto diante de Deus. Entretanto, como um namoro cristão ajuda na prevenção de problemas do casamento futuro? O artigo em questão fala do namoro adequado. Esse namoro parte de princípios imutáveis de compromisso com Deus e com a própria pessoa através da intercessão, valores equivalentes e submissão a autoridades instituídas por Deus. Dessa forma, evidenciam-se algumas questões necessárias a serem consideradas antes de se iniciar um relacionamento, as quais são compreendidas à luz da vontade de Deus e ao processo do autoconhecimento de cada pessoa. O texto também evidencia que algumas áreas devem receber maior atenção durante o período de namoro como forma preventiva para possíveis problemas no casamento, sendo as áreas: financeira, sexual e espiritual.

Palavras-chaves: Namoro. Casamento. Prevenção.

ABSTRACT

Fundamental elements from God's Word must guide Christian dating. They affirm truthfulness and transparency as answers to a relationship before God. Although, how can a Christian dating help to prevent future marriage problems? This paper talks about how to develop an adequate Christian dating. This dating starts with unchangeable principles of commitment with God and with the other person through prayer, shared

¹ O autor é formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Pós-graduado em Ministério Pastoral pela Faculdade Batista Pioneira. Trabalha como Pastor da Juventude Backstage na Primeira Igreja Batista de Três Passos. E-mail: pedrownk@yahoo.com.br

values, submission to authorities instituted by God. There are some critical questions to be identified for someone before starting a relationship. They have to be comprehended through the light of the will of God and every person's self-knowledge process. The text also shows that some areas must receive more attention during dating to avoid possible marriage problems. These areas are finances, sexuality, and spirituality.

Keywords: Dating. Wedding. Prevention.

INTRODUÇÃO

Observa-se que há décadas os relacionamentos da sociedade contemporânea estão deixando de ser resistentes. Como resultado há términos, que suscitam sofrimentos desnecessários devido a não possuírem uma base sólida de conhecimento com relação às orientações das Escrituras. O namoro pode ser construído sobre o fundamento sólido e permanente que é a Palavra de Deus, pois nota-se que quanto mais as pessoas estiverem firmes em Deus e na sua Palavra, melhor será a qualidade dos seus relacionamentos.

O presente artigo traz reflexões sobre o namoro cristão e suas linhas-guias olhando diretamente para a Bíblia. O namoro cristão é promissor para todos aqueles que desejam estar alinhados com o propósito divino, prevenindo, dessa forma, desgastes desnecessários em suas vidas. Sendo assim, o artigo inicialmente abordará o namoro cristão, destacando questões para que o indivíduo possa viver o relacionamento de forma adequada, conforme aquilo que orienta a Palavra de Deus.

Na sequência, também abordar-se-ão algumas questões fundamentais àquilo que precede o relacionamento, tais como cada pessoa conhecer-se no momento solteiro, compreender a vontade de Deus para a escolha de um cônjuge, analisar a melhor idade para iniciar um relacionamento e, por fim, descansar na soberania de Deus em todo o processo. Por último, serão abordadas áreas do casamento consideradas importantes durante o período do namoro, mas as áreas serão apresentadas do ponto de vista do casamento já concretizado. Dessa forma, as áreas financeira e sexual receberão maior destaque, e para finalizar a vida espiritual, com a tônica de que o que começou no namoro não deve esmorecer no casamento.

1. QUESTÕES A CONSIDERAR ANTES DE INICIAR O NAMORO

Esse ponto abordará questões, como: conhecendo-se no momento solteiro, entendendo a vontade de Deus e o encontro com a pessoa ideal e suas implicações. Esses destaques são considerados fundamentais antes do início de um relacionamento.

1.1 O momento solteiro: conhecer a si mesmo

Um dos problemas notáveis da sociedade é que o ser humano se tornou cego na busca de possíveis relacionamentos, negligenciando e desvalorizando a necessidade do “conhecer a si mesmo” antes de ter um relacionamento com a direção à maneira de honrar a Deus. Usufruir da fase solteira e descobrir a importância que Deus dá a isso, são fatores de extrema

importância e crucialmente decisivos para a vida do ser humano e para seus futuros relacionamentos.² A escritora Fileta afirma:

Conhecer a si próprio pode parecer simples e por um lado é mesmo. É tão simples quanto visitar uma galeria de arte, mas tão complexo quanto observar com atenção, analisar e encontrar significado em toda e qualquer obra de arte. A dificuldade aparece ao escolher o quanto você permitirá a si mesmo se envolver e descobrir, o quanto permitirá que enfrente, face a face, a pessoa que jamais imaginou namorar: você mesmo.³

Pascal reforçou essa maneira de pensar em seu pedido para a humanidade: “Cada um deve conhecer a si mesmo”.⁴ Então, como o ser humano ficou tão obcecado em relacionamento olhando para fora, em vez de olhar para dentro de si mesmo?

Nas Escrituras não há muito sobre a vida de solteiro e de sua singularidade. Para Sroka, o assunto simplesmente não foi um tópico de vida ou morte para os escritores bíblicos para que pudessem explaná-lo com maior intensidade nas Escrituras.⁵ Porém, vê-se especificamente no ensino das palavras de Jesus: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39).⁶ Jesus Cristo mostra que amar o próximo depende da capacidade de o indivíduo amar primeiramente a si mesmo. Isso exige que o sujeito conheça, valorize e respeite a pessoa que é, enquanto caminha em direção à pessoa que Deus deseja que ela seja.⁷ Driscoll resume muito bem o desafio de se “estar solteiro”, afirmando:

Muitas vezes, há coisas em sua vida que precisam ser trabalhadas antes que você esteja pronto para casar. Às vezes há pecados habituais, como o vício da pornografia, que precisam ser confrontados. Outras vezes, precisará se estabelecer na vida para poder suprir as necessidades de uma família, ou crescer em sua vida espiritual. Aceite o fato de que a época de ser solteiro oferece liberdade e benefícios que você não terá como casado. Use esse tempo sabiamente, para terminar sua educação, fazer viagens missionárias, servir à igreja, firmar sua carreira e criar uma base financeira sólida, livre de dívida. Até estar pronto para casar, focalize essas questões, e depois, procure um relacionamento. Viva seus anos como solteiro para a glória de Deus. Não os desperdice!⁸

O que precisa ser entendido é que a fase de solteiro é como um presente de Deus, e que enquanto o ser humano não compreende isso, ele provavelmente não aproveitará as oportunidades inertes que essa fase lhe proporciona.⁹

² FILETA, 2004, p. 12-13.

³ FILETA, 2004, p. 22.

⁴ FILETA, 2004, p. 18.

⁵ SROKA, Barbara. **Solteiro, mas feliz**. Tradução de Adalberto Alves de Souza. Rio de Janeiro: JUERP, 1984, p. 91.

⁶ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia de Estudo de Genebra**. 2.ed. Barueri: SBB, 2009, p. 1265.

⁷ FILETA, 2004, p. 19-20.

⁸ DRISCOLL, Mark. **Dating, relating and fornicating**. Disponível em <<http://pastormark.tv/2011/10/26/dating-relating-and-fornicating>>. Acesso em: 02 Jun. 2015.

⁹ HARRIS, 2003, p. 30.

1.2 Entender a vontade de Deus e encontrar a pessoa certa

Uma vez que se confirma que a direção da sua vida está em harmonia com a vontade de Deus revelada na Palavra dele, o ser humano tem condições para tomar decisões na área relacional. Este é o aspecto mais “subjetivo” da vontade de Deus que tanto preocupa o ser humano. Mas é natural, na fase solteiro(a) surgirem algumas perguntas sem respostas imediatas sobre questões do namoro e da vontade de Deus. Isso ocorre, especialmente para aqueles que desejam ter um relacionamento que honre os preceitos de Sua Palavra, sendo assim, na sequência abordar-se-á algumas questões que podem auxiliar o solteiro(a) nessa busca.

1.2.1 A idade para namorar

Sanchez escreve em seu artigo “Namoro Cristão – Qual a idade certa para começar a namorar” um exemplo claro do retrato dessa questão:

Creio ser um grande risco começar um namoro cristão muito cedo. Veja bem, por exemplo, uma jovem de 14 anos iniciar um namoro trará a ela um peso muito grande para conduzir um relacionamento santo, sério e com objetivos corretos. Isso porque o tempo de namoro será muito grande até que se consiga montar uma estrutura para se casarem (que é um dos objetivos de se iniciar um namoro). Isso, claro, sem falar nas indecisões típicas da idade. O amadurecimento ainda está em processo e muitas “cabeçadas” podem trazer muitos males no caso de assumir um relacionamento sério muito cedo.¹⁰

Segundo Aulete, o termo “maturidade” é o estado de desenvolvimento completo, com capacidade intelectual de uma pessoa adulta normal.¹¹ Kemp afirma que a maturidade é influenciada e estimulada por diversos fatores: ambiente familiar, experiências de vida, contexto social, condição física, dentre outros. Por isso, a ocasião de iniciar o namoro é determinada muito mais pela maturidade do que pela idade do ser humano.¹²

Murdoch afirma que o ser humano não deve namorar até que se esteja perto da fase da vida em que se possa se casar, pois a pressão romântica e sexual tornam-se muito grandes na adolescência¹³ A exemplo disso, Murdoch afirma:

Não namore fora da época apropriada, ou seja, em uma idade em que você ainda não esteja maduro para o casamento. O maior erro que os jovens cometem, dentro desse contexto, é o de começar a namorar cedo demais. Conheço um casal de jovens que começou a namorar quando tinham treze anos cada um. Os pais estimularam o namoro e achavam “bonitinho” o casal tão jovem. Hoje, quase dez anos depois, os pais “apressam” o casamento,

¹⁰ SANCHEZ, André. **Namoro Cristão [1]:** qual a idade certa para começar a namorar? Disponível em <<http://www.esbocandoideias.com/2013/11/namoro-cristao-1-qual-a-idade-certa-para-comecar-a-namorar.html>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

¹¹ AULETE. Caldas. **Dicionário Aulete Digital:** maturidade. Disponível em <<http://www.aulete.com.br/maturidade>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

¹² KEMP, Jaime. **Respostas francas a perguntas honestas:** namoro, noivado, casamento e sexo. Rio de Janeiro: Vencedores por Cristo, 1987, p. 59.

¹³ MURDOCH, 2001, p. 112.

pois a intimidade já não pode mais ser controlada, mesmo sabendo que as mesmas crianças que começaram um namoro há dez anos cresceram e têm diferentes sonhos e projetos de vida. Aquele não era o momento para isso, e esse relacionamento precoce pode resultar em um casamento cheio de problemas e frustrações.¹⁴

Portanto, pode-se afirmar que não existe uma idade ideal para se iniciar um namoro, no entanto existe uma melhor idade. Murdoch propõe com ousadia e sabedoria que, primeiramente, o indivíduo deve determinar em que idade deseja se casar, e só permitir-se iniciar um namoro próximo da mesma.¹⁵ Dessa forma, se evita ocorrer riscos desnecessários, como também de aproveitar com melhor excelência a fase de solteiro proporcionada por Deus, conforme mostrado anteriormente.

1.2.2 A escolha certa, feita por mim

Nesse processo, a sabedoria bíblica é suficiente para conduzir numa escolha santa, dentro da vontade revelada de Deus e das preferências pessoais santificadas. Desde que o ser humano esteja andando dentro da vontade moral de Deus, há muito espaço e bastante liberdade para se tomar decisões sobre o futuro. Essas decisões precedem alguns passos que são idealmente necessários para a concretização de um compromisso de relacionamento sério e duradouro, de maneira que agrade e honre a Deus conforme a Sua Palavra.

Quando se trata de “encontrar alguém”, Deus concede sabedoria e discernimento para que o ser humano possa fazer boas escolhas nos relacionamentos, dando a ele uma direção clara em sua Palavra. Fileta enfatiza que:

Acredito que a generosidade das passagens das Escrituras que debatem sobre as características de um bom marido ou de uma boa esposa coloca certas responsabilidades sobre nossos ombros (exemplos: Provérbios 31.10-31; 18.22; 14.1; 12.4; 1Timóteo 5.14; 1Pedro 3.1-6). Deus fornece algumas informações importantes para nos guiar quando se trata de encontrar a pessoa certa e se casar com ela quer gostemos ou não, você não vai abrir a porta um dia e encontrar o parceiro dos seus sonhos ali em pé, esperando para ser seu independente se Deus tiver alguém em mente para você, ainda é sua responsabilidade tomar decisões positivas para levá-la até essa pessoa. Você deve se comprometer no processo de conhecer a Deus, os outros e principalmente a si mesmo. É vital conhecer a Palavra de Deus, que lhe diz não só o que buscar, mas também o que você deve se esforçar para ser.¹⁶

Bittencourt, consegue explicar e finalizar de forma muito esclarecedora a respeito desse tema em seu vídeo “Entendendo a Vontade de Deus”. Com o pressuposto de que todos aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus (Romanos 8.14), todo aquele que é um cristão verdadeiro e que segue a Jesus Cristo, deseja ser dirigido pelo espírito de Deus em suas escolhas.¹⁷

¹⁴ MURDOCH, 2001, p. 112-113.

¹⁵ MURDOCH, 2001, p. 115.

¹⁶ FILETA, 2004, p. 193.

¹⁷ BITTENCOURT, Ebenézer. **Entendendo a Vontade de Deus**: lições de guardanapo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bwF511aOBvo>>. Acesso em: 04 Jun. 2015.

Para exemplificar isso, Bittencourt cria a teoria chamada de “Teoria da Avenida”. Nela, entende-se que a vontade de Deus é definida por uma série de princípios, e que esses princípios são definidos por “faixas” nessa avenida, regendo a vida do ser humano. Quando se entende que a Palavra de Deus tem uma série de princípios que regem a vida, começa-se a acreditar que o próprio ser humano pode fazer escolhas e tomar decisões, desde que de acordo com os princípios das Escrituras. Ou seja, o cristão tem liberdade de andar por essa avenida conforme ele quiser, desde que ele esteja dentro da vontade de Deus. Na questão de escolha de um “cônjuge”, ele tem liberdade de escolher qualquer pessoa que esteja nessa mesma “avenida”, dividindo os mesmos princípios da Palavra de Deus. O que ele não pode fazer, é escolher alguém que está “fora” dessa avenida.¹⁸

Dessa forma, com relação ao conhecimento de Deus a respeito do futuro, o ser humano possui a liberdade para escolher o seu futuro cônjuge, como também de pedir a Deus que Ele escolha. Deus capacita o ser humano através de Sua Palavra para que ele possa escolher com sabedoria quem o acompanhará em sua caminhada.

1.2.3 A vontade de Deus é sempre melhor

Primeiramente, o ser humano deve se preocupar, sim, com a vontade de Deus, mas da maneira correta. Em Efésios 5.17, o homem e a mulher recebem a ordem de conhecer a vontade de Deus para suas vidas: “Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor”. A frase “procurai compreender” dá a noção de que não é algo opcional saber a vontade de Deus, pois é uma ordem: “compreenda”. Não se tem opção. Deus exige que o ser humano conheça a Sua vontade.¹⁹

Kemp, em seu livro “Respostas Francas a pergunta honestas”, confirma essa mesma ideia. Deus deseja muito que todo ser humano saiba a Sua vontade para a sua vida. Kemp afirma que não há maior alegria e realização na vida cristã do que saber a vontade de Deus e cumpri-la.²⁰ Alexandre Mendes consegue captar muito bem essa ideia quando escreve:

O “tesouro” está debaixo de nossos narizes! Foi para revelar sua vontade que ao longo dos mais de 1600 anos Deus inspirou quarenta autores diferentes a escreverem as palavras dele, dando-nos assim, um catálogo completo de sua vontade. A vontade de Deus está em 66 livros, 1189 capítulos e 31.173 versículos, todos repletos do seu plano perfeito para nossas vidas!²¹

Em Romanos 12.2 está revelado que vontade de Deus é boa, perfeita e agradável, e que, para experimentá-la, é preciso renovar a mente com a palavra de Deus e agir conforme ela.²² Sendo assim, Deus jamais abandonará qualquer área da vida do ser humano, pois Ele mesmo

¹⁸ BITTENCOURT, Ebenézer. **Entendendo a Vontade de Deus**: lições de guardanapo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bwF511aOBvo>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

¹⁹ MENDES, 2013, p. 111.

²⁰ KEMP, 1987, p. 10.

²¹ MENDES, 2013, p. 112.

²² JUNIOR, Antônio. **Como descobrir a vontade de Deus?** Disponível em <<http://www.pastorantoniojunior.com.br/mensagens-evangelicas/4-passos-como-saber-a-vontade-de-deus>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

sabe os desejos do coração e irá satisfazê-los dentro do seu plano perfeito (Salmos 37.4).²³ Alexandre Mendes afirma:

Portanto, os cristãos devem ocupar-se em cumprir a vontade revelada de Deus na Bíblia (Dt 29.29; Cl 1.9-12; 1Ts 2.13). Não há nenhuma ordem bíblica para buscar descobrir a vontade específica de Deus sobre um plano ideal imaginado e condicional. Como em qualquer outra área da vida, as decisões que envolvem o namoro devem ser feitas baseadas na vontade revelada de Deus, que os seus filhos têm a obrigação de compreender e obedecer.²⁴

Ao ser humano pertence somente a responsabilidade de buscar a vontade de Deus na sua Palavra, e de descansar na Sua sabedoria e soberania. Após conhecer a si mesmo é possível pensar no namoro cristão. Sendo assim, o capítulo que segue trará destaques para a forma adequada de viver o namoro cristão.

2. NAMORO CRISTÃO – DESTAQUES PARA VIVER O NAMORO DE FORMA ADEQUADA

O segundo ponto deste artigo traz alguns apontamentos que ajudam o indivíduo a conduzir o namoro de forma adequada, ou seja questões como compromisso, amizade, oração, conselhos, pais e outros são o destaque neste ponto.

2.1 Concepções de namoro

Os tempos modernos apresentam conceitos que não existiam na Antiguidade. O namoro é um desses assuntos.²⁵ Não existe na Palavra de Deus nenhuma referência ao namoro como é conhecido na atualidade. Os textos bíblicos não dão suporte a um termo que seja proporcional e correspondente ao período de conhecimento mútuo no qual os envolvidos decidem se irão se casar ou não.²⁶ Nas Escrituras fala-se a respeito de relacionamentos, interações cristãs e princípios que podem ser aplicados ao namoro, por isso é possível namorar de maneira a honrar a Deus, independentemente das normas culturais,²⁷ pois a Bíblia continua sendo, como sempre foi, o padrão para relacionamentos interpessoais e familiares.²⁸

Em seu livro “O namoro e o noivado que Deus sempre quis”, Mendes e Merkh constroem uma definição funcional a respeito do tema namoro, ou seja, namoro “é o período de relacionamento que envolve duas pessoas do sexo oposto com o objetivo de se prepararem para o casamento”. Essa definição é usada entre evangélicos e reflete o senso comum sobre o assunto, tratando-se de um fenômeno cultural que precisa de limites para a sua orientação, pois é nesse período que os desafios se manifestam. Às vezes, são levantados problemas que

²³ KEMP, 2005, p. 15.

²⁴ MENDES, 2013, p. 116.

²⁵ FILETA, Debra K. **Amor verdadeiro**: como ter certeza de que você encontrou a pessoa certa para sua vida. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2004, p. 167-168.

²⁶ MENDES, Alexandre. **O namoro e o noivado que Deus sempre quis**: resgatando princípios bíblicos na construção de relacionamentos duradouros. São Paulo: Hagnos, 2013, p. 18.

²⁷ FILETA, 2004, p. 168.

²⁸ MILLS, Bill. **Fundamentos bíblicos para o casamento**. Tradução de Andrea Meznar. Atibaia: Primeira Igreja Batista de Atibaia, 2009, p. 9.

possuem origem na desinformação teológica ou na ignorância em aplicar princípios conhecidos das Escrituras.²⁹

Com o tempo, os cristãos acabaram dando ao namoro o mesmo peso que ao noivado, compreendendo como sendo uma preparação para o casamento. Ou seja, os cristãos se relacionam porque já se conhecem o suficiente para caminhar rumo ao matrimônio.³⁰ Sendo assim, entende-se que o namoro é uma transição de extrema importância na vida de duas pessoas, onde ambos devem ter um bom nível de maturidade espiritual e de intimidade com Deus, mantendo um bom ritmo de comunicação entre si, de forma que através do relacionamento possam ser orientados e preparados para um futuro casamento.³¹

2.2 O compromisso do namoro

A Bíblia não oferece um programa para essa questão, mas existem alguns direcionamentos que ajudam o ser humano a tomar uma melhor decisão no que diz respeito ao compromisso de namoro. Em cada decisão que o ser humano tomar, é preciso perguntar-se: “Existe algum princípio bíblico que fala sobre essa questão?” É praticamente certo que alguns princípios bíblicos se aplicarão, direta ou indiretamente, às decisões que precisam ser tomadas. Também é possível que o ser humano cometa erros em algumas decisões por não conhecer a Palavra de Deus.³² Sendo assim, é importante consultar as Escrituras, pois a partir delas, o indivíduo encontrará orientações para tomar decisões. Isso precisa ser aplicado ao processo de namoro e escolha do cônjuge. As Escrituras ensinam que Deus tem um plano específico para a vida de cada pessoa, e os eventos e escolhas da vida trabalham de forma irresistível e soberana em favor desse plano.³³ Com base nisso, uma vez que a possibilidade de casamento é considerada, o cristão é chamado a ponderar algumas coisas na escolha do cônjuge, as quais serão observadas na sequência.

2.2.1 A amizade e a oração

Toda vez que uma pessoa se sentir atraída por outra pessoa, ela precisa fazer da amizade sua maior prioridade. A amizade constitui a base de eventuais relacionamentos rumo ao casamento. O ser humano precisa avaliar se é válido namorar antes que se estabeleça uma amizade, pois namoro é uma indicação de intenções e um sinal positivo de maturidade da parte dos interessados.³⁴ Conforme Harris afirma:

²⁹ MENDES, 2013, p. 18.

³⁰ PORTE, Wilson. **Namoro: o que a Bíblia diz sobre isso?** Disponível em <<http://voltemosaoevangelho.com/blog/2013/06/namoro-o-que-a-biblia-diz-sobre-isso-wilson-porte/>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

³¹ **PRINCÍPIOS PARA UM NAMORO BEM SUCEDIDO.** Disponível em <<http://parasemprenamorados.com.br/principios-para-um-namoro-bem-sucedido/>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

³² MENDES, 2013, p. 125.

³³ PETTY, Jim. **Guidance and the plan of God.** Glenside: The Journal of Biblical Counseling, 1999, p. 37.

³⁴ CASTLEMAN, Robbie. **Amor de verdade num mundo de falsidade.** Tradução de Beth Portela. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 68.

Geralmente somos culpados da impaciência. Ao invés de esperar até que a amizade floresça totalmente, nos atiramos ao romance. Nossa impaciência não somente nos impede de termos uma bela amizade como solteiros, como pode também colocar nosso futuro casamento em terreno instável. Os casamentos fortes são construídos em uma fundação sólida de respeito mútuo, consideração e camaradagem de uma amizade.³⁵

Quando uma pessoa se sente inclinada a aprofundar um relacionamento com alguém especial, ou até mesmo antes de se sentir inclinada, deve buscar a Deus através da oração.³⁶ A decisão de namoro se encontra dentro do campo do governo divino. Isso não deve ser motivo de desânimo para o cristão ou de displicência na oração. Pelo contrário, a Bíblia é repleta de histórias de homens e mulheres que foram motivados à oração (1Rs 17.1; Tg 5.17,18), em momentos de decisões (mesmo que não digam respeito ao namoro). A igreja primitiva também reconhecia a importância de orar e jejuar frente a decisões difíceis (At 13.1,2).³⁷

Isso quer dizer que decisões muito importantes precisam ser acompanhadas por um tempo de silêncio e de intimidade com Deus, pois a oração é uma expressão de total dependência do Senhor e não deve ser uma tentativa de “torcer o braço” de Deus para satisfazer o desejo do coração do homem e da mulher. Ou seja, a oração é um tempo de expor o coração e mostrar transparência emocional diante de Deus.³⁸ É vital e importante que o próximo passo, ou a decisão, ocorra no momento certo.³⁹

2.2.2 Os conselhos e o jugo desigual⁴⁰

Quando a Palavra de Deus não fala especificadamente sobre um assunto, ela vem através de um conjunto de fatores que se pode nomear de “índices de sabedoria”; em outras palavras, o ser humano precisa consultar na “multidão de conselhos”. O que se nota nas Escrituras é que na multidão de conselheiros há sabedoria – não necessariamente a resposta “certa” para cada decisão, mas Deus capacita pessoas que conhecem a Ele e a sua Palavra, e direciona o ser humano dentro da sua vontade.⁴¹ Harris aconselha a buscar a orientação de alguns crentes mais velhos e de confiança, sendo que o ideal é que dentre essas pessoas sejam os pais, um mentor cristão ou outros cristãos de grande afinidade.⁴² Um coração sábio é um

³⁵ HARRIS, Joshua. **Garoto encontra garota**. Tradução de Thiago Ferreira Couto de Freitas e Lucas Ferreira Couto de Freitas. Belo Horizonte: Atos, 2007, p. 148.

³⁶ HARRIS, 2007, p. 148.

³⁷ MENDES, 2013, p. 126.

³⁸ FILETA, 2004, p. 95.

³⁹ FILETA, 2004, p. 95.

⁴⁰ O “JUGO” ou “CANGA” era uma ferramenta usada para juntar dois bois para um propósito comum (cultivar um campo). O jugo “desigual” era a canga que unia dois animais diferentes e incompatíveis, seja de espécie ou de índole. O uso dessa figura agrícola é apropriado à luz do alvo do casamento cristão como desenvolvido em Gênesis 1.27, 28 e 2.15-18. Homem e mulher devem complementar-se mutuamente em serviço espiritual, unidos, com uma só alma, enquanto “cultivam” os campos do mundo (MENDES, 2013, p. 203).

⁴¹ MENDES, 2013, p. 126.

⁴² HARRIS, Joshua. **Eu disse adeus ao namoro**. Belo Horizonte: Atos, 2003, p. 148.

coração que tem bom senso, experiência de vida e faz avaliação de circunstâncias à luz de princípios bíblicos.⁴³

A Bíblia debate sobre as dificuldades que surgem quando o ser humano toma a decisão de se casar com um descrente, mas ela não fala sobre as particularidades de namorar um não-cristão, já que o namoro não existia nos tempos bíblicos.⁴⁴ Burns afirma humoristicamente: “Não existem versículos na Bíblia que digam: “Não namorarás o não-cristão”.”⁴⁵

Entretanto, vê-se na Palavra de Deus o apóstolo Paulo deixando claro o primeiro mandamento acerca da vontade de Deus revelada quanto ao casamento em 1 Coríntios 7.39. Paulo ensina que cristãos devem casar-se apenas com outros cristãos: “A mulher está ligada enquanto vive o marido; contudo, se falecer o marido, fica livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor”. Isso não quer dizer que é um mandamento que se restringe apenas às viúvas, mas obviamente que se aplica também às viúvas por ser um mandamento para os cristãos.⁴⁶

Para Fileta, o namoro é precursor do casamento, pois é definitivamente uma experiência “de união”. Nenhum par é tão unido quanto um marido e uma mulher, uma união que a Bíblia descreve como “uma só carne” (Gn 2.24).⁴⁷ Kirby apresenta um conselho sábio em seu livro “Namoro: Instruções Bíblicas”, onde afirma que “os seres humanos compõem-se de corpo, alma e espírito, e quando um cristão se casa com um não-cristão, o melhor que pode obter são dois terços de um relacionamento”.⁴⁸ Keller apresenta razões para desunião de descrentes:

Muita gente considera que desestimular os cristãos a se casar com alguém que não compartilhe da mesma fé é algo preconceituoso e bitolado, mas há fortes razões para essa regra bíblica. Se seu parceiro não compartilha de sua fé cristã, ele não a entende da mesma forma que você, que tem uma existência interior dessa fé. E se Jesus ocupa uma posição central em sua vida, isso significa que o seu parceiro não entende você de fato. Não entende sua motivação principal, a base para tudo que você faz.⁴⁹

A ideia de “aliança” ou “acordo” está implícita no termo “jugo”. Dificilmente um jugo ligava dois animais que não estavam dispostos e “de acordo”, assim como o profeta Amós perguntou: “Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?”⁵⁰

Não há namoro e casamento santos entre luz e trevas. Não existe qualquer possibilidade de um relacionamento assim cumprir o propósito da aliança do matrimônio. A aliança de companheirismo do casamento é o relacionamento mais íntimo em que dois seres humanos

⁴³ MENDES, 2013, p. 126.

⁴⁴ FILETA, 2004, p. 184.

⁴⁵ BURNS, Jim. **O prazer da espera**. Tradução de Onofre Muniz. São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 115.

⁴⁶ MENDES, 2013, p. 131.

⁴⁷ FILETA, 2004, p. 185.

⁴⁸ KIRBY, Scott. **Dating: guideline from the Bible**. Grand Rapids: Baker Book House, 1979, p. 49.

⁴⁹ KELLER, Timothy. **O significado do casamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 255.

⁵⁰ MENDES, 2013, p. 204.

podem entrar.⁵¹ Isso já precisa ser considerado durante o período do namoro, para que depois não haja desavenças.

2.2.3 A vontade dos Pais

A Bíblia diz que Deus conhece o ser humano antes mesmo da fundação do mundo, isso implicitamente quer dizer que ele teria pais, ou seja, Deus designou uma autoridade que está sobre os filhos: os pais.⁵² Conforme Efésios 6.1-4 na Nova Tradução da Linguagem de Hoje:

Filhos, o dever cristão de vocês é obedecer ao seu pai e à sua mãe, pois isso é certo. Como dizem as Escrituras: “Respeite o seu pai e a sua mãe”. E esse é o primeiro mandamento que tem uma promessa, a qual é: “Faça isso a fim de que tudo corra bem para você, e você viva muito tempo na terra.”. Pais, não tratem os seus filhos de um jeito que faça com que eles fiquem irritados. Pelo contrário, vocês devem criá-los com a disciplina e os ensinamentos cristãos.⁵³

Murdoch ressalta que a autoridade é como uma cobertura que protegerá a vida dos filhos enquanto eles voluntariamente permitirem.⁵⁴ Jehle afirma:

Os pais devem ser os primeiros a serem consultados quando um filho ou uma filha sente que talvez tenha achado a pessoa que Deus lhe preparou como cônjuge; não somente porque é o padrão da verdade bíblica, mas porque normalmente é o melhor amigo que se conta primeiro.⁵⁵

Sem dúvida nenhuma, o principal alerta para um relacionamento errado ou não, deve ser a voz dos pais⁵⁶ para com seus filhos.⁵⁷ Murdoch afirma:

A maior autoridade sobre você é o Senhor, pois Ele o amou a ponto de entregar a própria vida. Esse sacrifício total deu a Ele o direito de receber sua submissão total. Em segundo lugar, geralmente são nossos pais que se sacrificam mais em amor para ver nossa felicidade. Em seguida, é possível que nosso pastor desfrute essa prerrogativa e, ocasionalmente, um professor, amigo ou conselheiro.⁵⁸

Os pais são menos suscetíveis às emoções que envolvem seus filhos e, portanto, melhor posicionados para ajudá-los na busca e escolha sábia no que se refere ao namoro e também ao casamento.⁵⁹

⁵¹ FRIESEN, Garry. **Decision making and the will of God**. Sisters: Multnoah, 1980, p. 303.

⁵² MURDOCH, Philip. **Quase tudo o que você sempre quis saber sobre sexo, namoro e casamento, mas ninguém teve coragem de contar**. Rio de Janeiro: Luz às Nações, 2011, p. 99.

⁵³ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Nova Tradução da Linguagem de Hoje**. Edição letra grande. São Paulo: SBB, 2010, p. 1298.

⁵⁴ MURDOCH, 2011, p. 104.

⁵⁵ JEHLE, Paul. **Dating vs. courtship: a vision for a generation who will build a new foundations of truth**. Marlboro, NJ: Plymouth Rock Foundation, 1993, p. 83.

⁵⁶ Aqui leva-se em consideração pais cristãos.

⁵⁷ MURDOCH, 2011, p. 99.

⁵⁸ MURDOCH, 2011, p. 105.

⁵⁹ MENDES, 2013, p. 131.

2.3 Namorar com a presença de Deus: a diferença para enfrentar tentações e direcionar atitudes

Embora a Bíblia não ofereça regras e normas específicas acerca do namoro cristão, o ser humano tende a ser guiado pelo princípio fundamental de amar e honrar a Deus, permitindo que a sua vida e todas as coisas que ele faz, incluindo o namoro, apontem para Ele (1 Co 10.31). A Bíblia deixa claro, conforme 1 Coríntios 10.23, que “Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam”.⁶⁰

No livro de Efésios 5.3, Paulo escreve: “Mas a impudícia e toda sorte de impurezas ou cobiça, nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos”. É por causa de mandamentos como esse e a realidade dos desejos sexuais do ser humano, os quais foram dados por Deus, que se enfrentam momentos de escolha entre os desejos do próprio corpo e o conhecimento sobre o que está revelado nas Escrituras.⁶¹ Harris afirma:

A tentação talvez possa ser aparentemente inocente como decidir quando se beijar, ou algo sério como escolher quando dormir juntos. Qualquer que seja a escolha, a luta interna é a mesma. A escolha se resume a: “Em que você vai acreditar?” Você ouvirá os claros mandamentos das Escrituras e a voz de sua consciência, ou a voz que está oferecendo prazer imediato, se deixar de lado o que crê? O que realmente lhe fará feliz?⁶²

Não existe algo mais íntimo ou pessoal do que um casal compartilhar os corpos e emoções de uma união sexual.⁶³ Mas quando há uma entrega de corpos fora do compromisso de casamento, as consequências são grandes marcas, ferimentos e profundo prejuízo emocional.⁶⁴ As paixões e desejos sexuais na atualidade encontram-se extremamente distorcidos. O coração pecaminoso deseja usar o sexo por razões egoístas, e não para expressar uma entrega total, mas a Bíblia orienta como o ato sexual deve acontecer, bem como o momento certo.⁶⁵

Ao falar em tentações durante o período do namoro, é evidente que quanto mais os namorados se aproximam de Deus, mais próximos ficarão um do outro.⁶⁶ Se no namoro não há espaço para a oração e intimidade com Deus, o relacionamento interpessoal não está correto, pois, de qualquer forma, a oração deve ser a prática mais espontânea da vida cristã, sendo ela dentro ou fora do casamento.⁶⁷

Os momentos de oração, de compartilhamento da ação de Deus na vida do casal de namorados e a leitura da Bíblia juntos são usados para darem forças a ambos nas horas de tentações que eventualmente terão, especialmente no controle dos impulsos sexuais e no relacionamento físico no namoro. Ter Jesus como a pessoa mais importante no

⁶⁰ FILETA, 2004, p. 168.

⁶¹ HARRIS, 2007, p. 144.

⁶² HARRIS, 2007, p. 144.

⁶³ BURNS, 1997, p. 35.

⁶⁴ KEMP, Jaime. **Eu amo você: namoro, noivado, casamento e sexo**. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 89.

⁶⁵ KELLER, 2012, p. 267.

⁶⁶ MENDES, 2013, p. 182.

⁶⁷ KEMP, Jaime. **Antes de dizer sim**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 27.

relacionamento, e a Palavra de Deus como guia de decisões e atitudes, é um diferencial que realmente traz diferença.⁶⁸ Segundo Mendes:

Um namoro de acordo com a vontade de Deus deve representar o Deus invisível de forma visível, independentemente de terminar em casamento ou não. Os desdobramentos dessa realidade atingem a santidade dos namorados e devem promover um andar mais próximos com Deus como indicado no Salmo 119.1-2: Como ao felizes os que andam em caminhos irrepreensíveis, que vivem conforme a lei do SENHOR! Como são felizes os que obedecem aos seus estatutos e de todo o coração o buscam!⁶⁹

Portanto, a decisão mais importante que qualquer casal de namorados precisa tomar é de adorar e glorificar a Cristo em todos os aspectos, tornando-se evidente um compromisso de namoro a três, enquanto se caminha rumo ao casamento. A finalidade do namoro cristão é de um relacionamento mais profundo com o seu Criador, juntamente com seu futuro cônjuge em potencial, de forma que ambos possam parecer com Jesus Cristo, revestindo-se com a Palavra de Deus para enfrentar tentações e assim seguirem ao altar de Deus, a fim de viverem para a sua glória.

3. ÁREAS DO CASAMENTO A SEREM CONSIDERADAS DURANTE O NAMORO

Entende-se que o namoro é imensamente importante na vida de duas pessoas, onde ambos precisam ter maturidade espiritual e intimidade com Deus, conscientes de que através do relacionamento são orientados e preparados por Deus para um futuro casamento. Os subpontos que seguem mostram áreas importantes a serem consideradas ainda durante o namoro, entretanto as mesmas serão apresentadas do ponto de vista do casamento já concretizado, para haver melhor desenvolvimento e compreensão do assunto.

3.1 A importância da área financeira

A vida financeira é um ponto delicado no casamento e um dos maiores causadores de desavenças nos relacionamentos. São duas pessoas diferentes que passam a dividir a mesma casa, as tarefas, contas e sonhos. Entretanto, a vida financeira tem sido um fator significativo nas rupturas dos lares, por isso falar sobre dinheiro e como lidar com ele é extremamente relevante. Olhando para a Bíblia, é mencionado em Efésios 5.31: “Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão uma só carne”. Credo no que dizem as Escrituras, quando um casal decide efetivar o matrimônio, ambos se tornam uma só carne, uma só pessoa e os interesses pessoais, objetivos, planos, problemas, vitórias ou derrotas decorrem das decisões consensuais de ambos e não mais da vontade individual.⁷⁰

Faz-se necessário, antes mesmo de possuir uma união matrimonial, o casal entender que ambos irão cooperar um com o outro em todas as áreas em suas vidas, mas

⁶⁸ KEMP, 2001, p. 28.

⁶⁹ MENDES, 2013, p. 56.

⁷⁰ JÚNIOR, Manoel Quintino. **A importância das finanças no casamento cristão**. Disponível em <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/a-importancia-das-financas-no-casamento-cristao/37309/>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

principalmente na área financeira. Quintino Júnior⁷¹, em seu artigo “A importância das finanças no casamento cristão”, escreve:

Por existir casais cristãos que não compreendem o verdadeiro sentido da família, sofrem os impactos de suas escolhas, tendo a vida financeira conturbada, cheia de dívidas, empresas em crise financeira, nome em Serasa/SPC, cônjuges desempregados, sem objetivos claros e não havendo evolução patrimonial da família. Assim não dizem, não ajudam outros, não propiciam condições melhores de moradia, educação e saúde para os filhos. É um caos revestido por uma vida mascarada!⁷²

Quando o individualismo ocorre dentro do relacionamento sem entender que ambos precisam trabalhar juntos, geralmente ocorre a tentação de se considerar os objetivos pessoais mais importantes do que os do(a) parceiro(a). Essa prática financeira independente é uma porta para discussões frequentes entre os casais e um dos principais motivos de brigas, e até de separações. Segundo Collins, o modo como uma pessoa lida com o dinheiro pode ser um bom indicativo de seus valores.⁷³ Quando as pessoas lidam com o dinheiro de forma materialista, com cobiça e ganância, possuem um fascínio por enriquecerem depressa e são orgulhosas e egocêntricas. Essas características são grandes indicativos de que a crise financeira pode estar batendo à porta.

Quando o casal estabelece uma vida em conjunto envolvendo o financeiro, existe um melhor planejamento sobre suas prioridades e desejos, dando abertura para uma melhor compreensão de uma visão em conjunto com menos fontes de discussões entre ambos. Collins afirma que estabelecer prioridades e saber quais são os artigos de necessidades, vontades e desejos são fundamentais:

[...] necessidades são as compras para prover comida, moradia, vestuário, assistência médica, transporte e outros itens básicos. Vontades envolvem escolhas ligadas à qualidade: comprar um carro novo ou usado, comer carne de segunda ou de primeira. Desejos são itens que podem ser comprados depois de atender as prioridades.⁷⁴

Casais têm-se escravizado ao pensamento consumista, que visa ao ter e o luxo excessivo, numa vida de aparências e cheia de superficialidade, mas quem busca viver conforme os padrões de Deus, lembrar-se de que tudo é do Senhor e a Ele deve-se toda gratidão por deixar usufruir dos bens como bons mordomos. Para isso, constantemente em um relacionamento, deve-se reorganizar a vida pessoal e também familiar sob a ótica da Palavra de Deus

Isso certamente não esgota o assunto do tema em questão, porém, diante das considerações levantadas, convém afirmar que é possível controlar as finanças dando ao casal harmonia familiar, evitando angústias e aflições nos lares. O diálogo é primordial em qualquer relacionamento, e ser transparente e sincero sobre situação financeira é essencial para não

⁷¹ Graduado em Administração de Empresas e Especializado em Gestão Empresarial pela UFRJ e diretor da Makin Negócios Empresariais Ltda.

⁷² JÚNIOR, acesso em: 23 fev. 2019.

⁷³ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: Edição Século 21. São Paulo: Vida, 2004, p. 622.

⁷⁴ COLLINS, 2004, p. 629.

haver rupturas e desentendimentos, evitando problemas maiores dentro de um casamento. Devido à importância desse assunto, fica evidente que, ainda durante o namorar é essencial um diálogo aberto sobre o assunto relacionado as finanças.

3.2 A importância da área sexual

Muitos casais começam o casamento de qualquer maneira, com um namoro tumultuado e sem qualquer tipo de orientação. Entre agressões e demonstração de carinhos chegam a noivar e esperam, em uma tentativa frustrada, que o casamento seja uma eterna lua de mel, inclusive com relação à área sexual.⁷⁵

Deus designou o sexo para ser mais apreciado quando é baseado em algo além das aparências ou desempenho de cada pessoa. Já o mundo⁷⁶, retrata o prazer do sexo como uma paixão meramente instantânea e seletiva que muda de pessoa para pessoa e em diversas fantasias. Todavia, esse tipo de prazer não satisfaz. O sexo que Deus designou é diferente disso.⁷⁷

Em 1 Coríntios 7.2, o apóstolo Paulo descreve o propósito protetor do sexo no casamento: “Por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido”. Para o cristão, o sexo no casamento é uma defesa estabelecida contra a tentação. O mundo sempre está pregando sexo fora do casamento, como se o sexo oferecesse nada mais do que prazer e aventura ilícito.⁷⁸ Harvey explica:

Os maridos são alvo da indústria pornográfica que tem à sua disposição milhões de websites e spams reprogramados constantemente para passar pelos filtros de e-mail e firewalls. Editores e produtores têm em mira as esposas quando produzem em grande quantidade, com rapidez, novos romances e novelas. Vivemos em uma sociedade obcecada por sexo – isso é indiscutível. O modo como a sociedade se deleita na lascívia muda de cultura a cultura, mas a tentação é universal – e potencialmente avassaladora.⁷⁹

No casamento, o sexo protege. Age de modo invisível, mas poderoso, para diminuir a tentação da imoralidade sexual. Essa proteção moral não é somente um resultado prazeroso da intimidade conjugal, mas é a razão central dessa intimidade.⁸⁰ Em outras palavras, o sexo matrimonial, instituído por Deus, existe, em parte, para evitar o adultério. Quando existe a privação do conjugue no prazer sexual, corre-se o risco de o mesmo estar desprotegido, sujeito a tentações físicas e emocionais que podem tornar o casamento vulnerável a ações e hábitos destrutivos.⁸¹

⁷⁵ GONÇALVES, Josué; GONÇALVES, Douglas. **Quero casar certo**: princípios para decidir o futuro com inteligência. São Paulo: Mensagem Para Todos, 2015, p. 83.

⁷⁶ Nessa pesquisa define-se ‘mundo’ como aquilo que está em desacordo com as orientações da Palavra ensinadas pela Igreja Cristã.

⁷⁷ KELL, Garrett. **Deus e a satisfação sexual**. Disponível em <<http://www.euescolhiesperar.com/artigos/deus-e-satisfacao-sexual>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

⁷⁸ HARVEY, Dave. **Quando pecadores dizem “sim”**. São Paulo: Fiel, 2013, p. 143.

⁷⁹ HARVEY, 2013, p. 144.

⁸⁰ HARVEY, 2013, p. 144.

⁸¹ HARVEY, 2013, p. 145.

No versículo 3 de 1 Coríntios 7, Paulo continua: “O marido concede à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido”. O casamento salienta a natureza de uma união centralizada no outro, ou seja, a concessão de direitos iguais.⁸² Ainda nas palavras de Harvey:

O casamento significa que nosso corpo é reivindicado por Deus para agradar e servir a outra pessoa. Nossa ligação é tão abrangente que Deus dá ao nosso cônjuge direito sobre o nosso corpo. Isso é um quadro notável do escopo de “tornarem-se os dois uma só carne”. Somos chamados por Deus a nos tornarmos devotados a satisfazer sexualmente nosso cônjuge. (...) É caro que, como filhos de Deus, somos responsáveis por viver de acordo com suas palavras. Como filhos de Deus casados, somos responsáveis também por ordenar nosso casamento de acordo com as palavras dEle.⁸³

Mahaney enfatiza: “De fato, qualquer pessoa casada que entende esses versículos como mandamentos de Deus trará ao leito nupcial uma mentalidade que coloca a ênfase primária na satisfação sexual do cônjuge”.⁸⁴ Em seu livro “Significado do Casamento”, Keller concorda com Mahaney quando escreve: “A meu ver, essa parte específica de 1 Coríntios 7 é um recurso prático importante. A grande preocupação de cada cônjuge não deve ser de obter prazer sexual, mas de proporcioná-lo”.⁸⁵

O sexo no casamento exige atenção como um presente dado pelo próprio Senhor a ser celebrado. Casamentos que são sexualmente satisfatórios levam à esfera pública um certo brilho, uma demonstração perceptível de alegria e unidade que pode levar as pessoas ao Criador do casamento.⁸⁶ Por isso, quando em um relacionamento o casal compreende a importância da área sexual ainda no namoro, infere que o sexo bíblico é uma expressão gloriosa daquilo que Deus planejou – Homem e mulher, criados à imagem de Deus para desfrutarem a intimidade de um relacionamento em sua expressão mais profunda.

3.3 A importância da área espiritual

As Escrituras revelam o intenso relacionamento de Deus para com o homem, ou seja, existe, predominantemente, uma tônica de maior valor nas Escrituras que é manifestado também no casamento: o relacionamento espiritual. O que necessita ficar claro é que os relacionamentos devem ser alicerçados na Palavra de Deus e profundamente centrados em Cristo.⁸⁷ Quando o casal segue essa percepção da realidade espiritual e vive de acordo com ela, a vida e o casamento começam a assemelhar-se, cada vez mais, ao exemplo que Deus deseja mostrar a um mundo perdido: precisa-se primeiramente construir a casa firmada na rocha, que é Cristo e a Palavra de Deus.⁸⁸

⁸² HARVEY, 2013, p. 145.

⁸³ HARVEY, 2013, p. 146.

⁸⁴ MAHANEY, C. J. **Sexo, romance e a Glória de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

⁸⁵ KELLER, 2012, p. 282.

⁸⁶ HARVEY, 2013, p. 141.

⁸⁷ HARVEY, 2013, p. 20.

⁸⁸ KEMP, 2001, p. 29.

Algo maravilhoso ocorre quando o namoro e o casamento são edificados na Palavra de Deus e no evangelho de Cristo, a saber: a busca do evangelho como a única fonte de solução para todas as coisas.⁸⁹ Ou seja, quando o casal compreende a importância da vida espiritual, compreende também que o objetivo deve ser de crescer em conjunto na semelhança de Cristo ao longo do casamento.

Isso conduz à busca da descrição que a Bíblia dá dos papéis do marido e da mulher encontrados principalmente em Efésios 5, bem como de um compromisso para cumprir essas funções. Por isso, precisa haver primeiramente um melhor entendimento das diferentes responsabilidades de cada um dos cônjuges.⁹⁰ O artigo “O que deve ser diferente em um casamento cristão?” resume muito bem a importância da área espiritual no papel do homem e da mulher no casamento:

O marido deve assumir a liderança no lar (Efésios 5.23-26). Essa liderança não deve ser ditatorial, condescendente ou paternalista sobre a esposa, mas deve estar de acordo com o exemplo de Cristo como o líder da igreja. Cristo amou a igreja (o Seu povo) com compaixão, misericórdia, perdão, respeito e altruísmo. Nesta mesma forma, os maridos devem amar suas esposas. As esposas devem se submeter aos seus maridos "como ao Senhor" (Efésios 5.22), e não porque ela deve ser subserviente a ele, mas porque ambos devem "sujeitar-se uns aos outros no temor de Cristo" (Efésios 5.21) e porque deve haver uma estrutura de autoridade dentro de casa, com Cristo como o cabeça (Efésios 5.23-24). O respeito é um elemento-chave do desejo de se submeter; as esposas devem respeitar os seus maridos como os maridos devem amar as suas esposas (Efésios 5.33). O amor mútuo, respeito e submissão são a pedra angular de um casamento cristão. Construído sobre estes três princípios, o marido e a esposa vão crescer à semelhança de Cristo, aproximando-se um do outro cada vez mais ao amadurecerem em obediência a Cristo.⁹¹

Keller reforça que os casamentos cristãos proclamam o evangelho, o que mostra quão grande é a sua importância no desenvolvimento de um casamento forte e de maior qualidade.⁹² Fortes casamentos cristãos são caracterizados pelas disciplinas espirituais – estudo da Bíblia, memorização das Escrituras, oração e meditação nas coisas de Deus. Quando ambos os parceiros praticam essas disciplinas com amor e companheirismo, cada um é fortalecido e amadurecido, o que naturalmente fortalece e amadurece o casamento na área espiritual. Zacharias dá um conselho prático com relação ao fortalecimento da área espiritual:

Seja um homem ou uma mulher de oração. Faça com que sua vida devocional seja o norte que lhe guie pelas terras difíceis que enfrentará. Faça com que o seu coração e sua mente continuem próximos a sua chamada principal na vida, que é ter fome e sede de Deus e da sua justiça.⁹³

⁸⁹ HARVEY, 2013, p. 27.

⁹⁰ ASSUMPCÃO, Wanda De. **E os dois tornam-se um**. 3.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 26.

⁹¹ QUESTIONS, Got. **O que deve ser diferente em um casamento cristão?** Disponível em <<https://www.gotquestions.org/Portugues/casamento-cristao.html>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

⁹² KELLER, 2012, p. 264.

⁹³ ZACHARIAS, Ravi. **1, Isaac, take thee, Rebekah: moving from romance to lasting love**. Nashville: W Pushing Group, 2004, p. 121.

Claramente, a área espiritual do casamento não envolve somente as funções de cada cônjuge em um mesmo objetivo; outros pontos precisam ser considerados. Um deles é a existência do compartilhar das experiências com Deus que ambos tiveram individualmente ou juntos dentro do casamento, na capacidade de conversar intimamente um com o outro, de entender e ser entendido de modo amoroso. A arte que envolve ouvir e responder, assim como falar, exige tempo, experiência e paciência, mas é essencial para um crescimento exponencial com relação ao crescimento espiritual dentro do casamento.⁹⁴

Existe, também, o companheirismo. Deus criou o homem e a mulher serem parceiros para uma vida toda, sendo melhores amigos um do outro e ficando cada vez mais próximos pelos laços espirituais do casamento. A medida que vivem juntos, aprendem juntos a crescer em compreensão mútua, sabedoria e amor, fazendo, dessa forma, o casamento um lugar permanente de segurança para o crescimento espiritual, social e conjugal de ambos para o desenvolvendo de uma família.⁹⁵

Sendo assim, a finalidade do relacionamento cristão entre duas pessoas é de um relacionamento mais profundo com o seu Criador, onde o casal possa parecer com Jesus Cristo, revestindo-se com a Palavra de Deus para enfrentar tentações juntos, para assim ambos viverem para a glória de Deus. Tudo isso que foi acima exposto, ou seja, tanto a área financeira, como a sexual e a espiritual devem ser assuntos tratados com seriedade ainda no período do namoro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se estudar sobre namoro, percebe-se claramente que o namoro não é um passatempo, nem algo aleatório e muito menos superficial. O namoro é uma etapa importante da vida e no processo de amadurecimento rumo ao casamento. É um período em que o homem e a mulher são guiados por princípios inegociáveis da Palavra de Deus. Princípios esses, para obter um relacionamento adequado diante daquele que criou o relacionamento e estabeleceu preceitos valiosos na orientação da procura de um relacionamento aprovado por sua Palavra.

Entende-se, também, que namoro e casamento são dois níveis diferentes de compromisso, porém são equivalentes dentro de um relacionamento cristão. A visão bíblica do casamento é a resposta de Deus à necessidade mais profunda do ser humano: a união de dois indivíduos no nível mais profundo possível e em todas as áreas, como também de proporcionar o maior sentimento de realização ao casal e, ao mesmo tempo, servir melhor aos propósitos de Deus para a vida deles.

Em síntese, pode-se afirmar que Palavra de Deus é fundamental ao ser humano e está repleta de orientações, bem como de promessas maravilhosas sobre o casamento, onde problemas podem ser contornados e prevenidos. Entretanto, é fundamental que o ser humano se volte para o mais importante e completo manual de relacionamentos – a Bíblia, a

⁹⁴ SHIPP, Glover. **Casamento é uma aliança, não um contrato**. São Paulo: Vida Cristã, 2002, p. 26.

⁹⁵ SHIPP, 2002, p. 31.

qual tem princípios que podem dar direção para que o indivíduo conheça a si mesmo, bem como, ao período que antecede o casamento, a saber, o namoro.

REFERÊNCIAS

ASSUMPCÃO, Wanda de. **E os dois tornam-se um**. 3.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997. 121 p.

AULETE, Caldas. **Dicionário Aulete Digital**: maturidade. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/maturidade>>. Acesso em 06 de jun. 2015.

BITTENCOURT, Ebenézer. **Entendendo a vontade de Deus**: lições de guardanapo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bwF5l1aOBvo>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

BURNS, Jim. **O prazer da espera**. Tradução de Onofre Muniz. São Paulo: Mundo Cristão, 1997. 227 p.

CASTLEMAN, Robbie. **Amor de verdade num mundo de falsidade**. Tradução de Beth Portela. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: Edição Século 21. São Paulo: Vida, 2004. 712 p.

DRISCOLL, Mark. **Dating, relating and fornicating**. Disponível em: <<http://pastormark.tv/2011/10/26/dating-relating-and-fornicating>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

FILETA, Debra K. **Amor verdadeiro**: como ter certeza de que você encontrou a pessoa certa para sua vida. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2004. 194 p.

FRIESEN, Gary; MAXSON, J. Robin. **Decision making and the will of God**. Sínters: Multnomah, 1980.

GONÇALVES, Josué; GONÇALVES, Douglas. **Quero casar certo**: princípios para decidir o futuro com inteligência. São Paulo: Mensagem Para Todos, 2015. 125 p.

HARRIS, Joshua. **Garoto encontra garota**. Tradução de Thiago Ferreira Couto de Freitas e Lucas Ferreira couto de Freitas. Belo Horizonte: Atos, 2007. 248 p.

HARRIS, Joshua. **Eu disse adeus ao namoro**. Belo Horizonte: Atos, 2003. 161 p.

HARVEY, Dave. **Quando pecadores dizem “sim”**. São Paulo: Fiel, 2013. 175 p.

JEHLE, Paul. **Dating vs. courtship**: a vision for a generation who will build a new foundations of truth. Marlboro, NJ: Plymouth Rock Foundation, 1993.

JUNIOR, Antônio. **Como descobrir a vontade de Deus?** Disponível em <<http://www.pastorantoniojunior.com.br/mensagens-evangelicas/4-passos-como-saber-a-vontade-de-deus>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

JÚNIOR, Manoel Quintino. **A importância das finanças no casamento cristão**. Disponível em <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/a-importancia-das-financas-no-casamento-cristao/37309/>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

KELL, Garrett. **Deus e a satisfação sexual**. Disponível em <<http://www.euescolhiesperar.com/artigos/deus-e-satisfacao-sexual>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

KELLER, Timothy. **O significado do casamento**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2012. 296 p.

KEMP, Jaime. **Respostas francas a perguntas honestas: namoro, noivado, casamento e sexo**. Rio de Janeiro: Vencedores por Cristo, 1987. 101 p.

KEMP, Jaime. **Eu amo você: namoro, noivado, casamento e sexo**. São Paulo: Hagnos, 2005. 121 p.

KEMP, Jaime. **Antes de dizer sim**. 11.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2001. 152 p.

KIRBY, Scott. **Dating: guideline from the Bible**. Grand Rapids: Baker Book House, 1979. 168 p.

MAHANEY, C.J. **Sexo, romance e a Glória de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. 120 p.

MENDES, Alexandre. **O namoro e o noivado que Deus sempre quis: resgatando princípios bíblicos na construção de relacionamentos duradouros**. São Paulo: Hagnos, 2013. 268 p.

MILLS, Bill. **Fundamentos bíblicos para o casamento**. Tradução de Andrea Meznar. Atibaia: Primeira Igreja Batista de Atibaia, 2009. 175 p.

MURDOCH, Philip. **Quase tudo o que você sempre quis saber sobre sexo, namoro e casamento, mas ninguém teve coragem de contar**. Rio de Janeiro: Luz às Nações, 2011. 150 p.

PETTY, Jim. **Guidance and the plan of God**. Glenside: The Journal of Biblical Counseling, XVII, 3, 1999.

PORTE, Wilson. **Namoro: o que a Bíblia diz sobre isso?** Disponível em <<http://voltemosaoevangelho.com/blog/2013/06/namoro-o-que-a-biblia-diz-sobre-isso-wilson-porte/>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

PRINCÍPIOS PARA UM NAMORO BEM SUCEDIDO. Disponível em <<http://parasemprenamorados.com.br/principios-para-um-namoro-bem-sucedido/>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

QUESTIONS, Got. **O que deve ser diferente em um casamento cristão?** Disponível em <<https://www.gotquestions.org/Portugues/casamento-cristao.html>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

SANCHEZ, André. **Namoro cristão [1]:** qual a idade certa para começar a namorar? Disponível em <<http://www.esbocandoideias.com/2013/11/namoro-cristao-1-qual-a-idade-certa-para-comecar-a-namorar.html>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia de estudo de Genebra.** 2.ed. Barueri: SBB, 2009. 1969 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje.** Edição letra grande. Barueri: SBB, 2010. 1408 p.

SHIPP, Glover. **Casamento é uma aliança, não um contrato.** São Paulo: Vida Cristã, 2002. 41 p.

SROKA, Barbara. **Solteiro, mas feliz.** Tradução de Adalberto Alves de Souza. Rio de Janeiro: JUERP, 1984. 136 p.

ZACHARIAS, Ravi. **1, Isaac, take thee, Rebekah:** moving from romance to lasting love. Nashville: W Pushing Group, 2004.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A MISSÃO URBANA DE ELISEU COMO PARÂMETRO PARA A MISSÃO DA IGREJA E SEUS LÍDERES HOJE

The urban mission of Elisha as a parameter for the church mission and its leaders today

Esp. Felipe de Amorim Ferreira¹

RESUMO

O presente artigo analisa, com uma visão missionária, a vida e obra do profeta Eliseu e retira de suas experiências princípios úteis para o trabalho dos profetas modernos, ou seja, aqueles que trabalham com o anúncio da mensagem divina à humanidade. Lembrando que a palavra profeta tem diversas conotações no texto sagrado; nesse artigo toma-se a acepção de proclamador. Portanto, não se considera a palavra profeta (quando relacionada ao tempo atual) como aquele que prevê o futuro, mas como aquele que anuncia o evangelho do Reino.

Palavras-chaves: Profeta. Bíblia. Eliseu. Antigo Testamento.

ABSTRACT

This article analyzes the life and work of the prophet Elisha with a missionary vision to draw from his experiences useful principles for the work of those who proclaim the divine message to humankind. Knowing that the word prophet has several connotations in the sacred text, it is used in this paper with the meaning of proclaimer. The word prophet, related with the present time, is not used with the significance of someone who is "a predictor of the future" but as "the one who proclaims the gospel of the kingdom."

Keywords: Prophet. Bible. Elisha. Old Testament.

¹ Mestrando em teologia pela FABAPAR. Pós-graduado em docência universitária e em aconselhamento pastoral. Graduado em Teologia pelo SALT-BA. Pastor da Igreja Adventista de Sétimo Dia. Apresentador da TV e Rádio Novo Tempo. E-mail: felippeamorim@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Neste artigo buscar-se-á analisar a vida e obra profética de Eliseu, destacando princípios que sejam úteis para o trabalho profético (no sentido de anúncio do evangelho) na atualidade. Abordar-se-ão com mais detalhes as atividades urbanas do profeta Eliseu. Não há a intenção de esgotar o assunto, e sim, de destacar alguns pontos para refletir a respeito da missão urbana deste profeta e os princípios que se pode aproveitar para a missão urbana da igreja na contemporaneidade.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO E COMPREENSÃO DA FUNÇÃO DO PROFETA

A missão é o grande motivo da existência da igreja na Terra. Foi para esse propósito que a igreja foi estabelecida no planeta. Essa é a ênfase de todo o texto bíblico. “Não há dúvida de que a Bíblia mostra Deus enviando muitas pessoas ‘para a missão de Deus’”.² Cada cristão deve envolver-se pessoalmente nessa obra, independente da profissão que exerce.

Contudo, é lógico que existem pessoas que lidam de maneira mais direta com a pregação do evangelho. Pastores e outros líderes religiosos devem ter sempre a referência bíblica como amparo para o seu trabalho. A vida e obra dos profetas bíblicos servem como um parâmetro que pode nortear a missão da igreja e o trabalho dos líderes nessa missão.

A obra profética tem sido resumida indevidamente no mundo evangélico atual à ação de anunciar profecias a respeito do futuro e “revelar” coisas ocultas sobre a vida das pessoas. Infelizmente, é comum de se ver em algumas igrejas uma enxurrada de “profecias” dadas de maneiras aleatórias.

Dentre os vocábulos para se referir à figura do profeta na Bíblia Hebraica, *nābî* é o mais comum.³ Essa palavra hebraica está ligada, de maneira geral, ao ato de anunciar a mensagem de Deus a um determinado povo. O trabalho de um profeta, portanto, envolve as previsões a respeito do futuro, mas essa não é a única função de um profeta e, ao analisar o contexto geral da Bíblia, percebe-se que não foi a principal atividade dos profetas bíblicos. Um profeta é, antes de tudo, aquele que anuncia as mensagens de Deus para a o momento em que ele vive. Os profetas não trazerem previsões do futuro não descaracteriza a sua atividade profética e nem diminuía a importância de seu ministério

A função profética não era uma opção ou escolha do profeta. Ninguém poderia acordar pela manhã e escolher ser um profeta de Deus. Essa era uma atribuição do Divino. Ele escolhia quem seria o seu mensageiro. Conforme diz Martins: “A profecia na Bíblia Hebraica não é vista como um talento inato. O espírito profético não está no profeta, mas cai sobre ele”.⁴

² WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 29.

³ VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1974, p. 11.

⁴ MARTINS, Lucas Alamino Iglesias. (*nābî*): Etimologia e Contexto. **WebMosaica revista do instituto cultural judaico Marc Chagall**, v.9, 2017, p. 132. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/79827/46854>. Acesso: 14/10/18.

Os profetas tinham funções muito especiais na sociedade do Antigo Testamento. Sua influência atingia os ambientes públicos e privados. Waltke fala a respeito de uma parte importante dessa obra:

A profecia envolvia predição (prenúncio), mas geralmente isso era feito em um contexto de declaração das admoestações e exortações de Deus ao seu povo da aliança (anúncio). Os profetas esperavam a vinda do Rei messiânico e seu reino depois juízos purificadores, mas com frequência sua preocupação principal era a exortação para o arrependimento, na esperança de que castigos iminentes pudessem ser evitados. Os profetas eram fundamentalmente reformadores, que enfatizavam a lei de Deus e chamavam o povo de Deus de volta à fidelidade à aliança da qual tinham se afastado.⁵

Essa atitude de um profeta diante da sociedade inclui a participação do povo de Deus como aqueles que têm a oportunidade de dar o tom cristão aos acontecimentos e decisões do âmbito público. Muitas decisões são tomadas pelos governantes à revelia do que diz o evangelho e o povo de Deus deve ser essa voz profética que guarda os princípios bíblicos na sociedade. Nesse sentido, diz Wrigth:

O povo de Deus é chamado para manter um distanciamento crítico do mundo e para falar em nome do Auditor divino independente. Isso não significa que adotamos uma postura de superioridade, pois conhecemos nossa própria pecaminosidade, mas significa sim, que devemos oferecer a voz de avaliação, de crítica ou de aprovação, de acordo com os padrões que aprendemos na própria revelação de Deus. Devemos renunciar o mal e reter o que é bom; isso requer mentes e corações em sintonia para reconhecer essa diferença.⁶

A igreja torna-se, nesse sentido, como a guardiã do modelo de sociedade pretendido por Deus desde a criação. Logicamente, o plano perfeito de Deus foi quebrado pelas escolhas dos homens. Porém, Deus prometeu restaurar a Terra um dia e seu povo deve ser o porta-voz dessa verdade. Goheen salienta que:

Deus fez a promessa no início da história bíblica de que ele criaria exatamente esse novo mundo. Ele escolheu e formou uma comunidade para encarnar sua obra de cura no meio da história humana. Deveria ser um povo que realmente pudesse dizer "espero que um dia você se junte a nós" manifestando o conhecimento de Deus, a alegria, a retidão, a justiça e a paz desse novo mundo que um dia encheria a terra.⁷

Nesse artigo, tomar-se-á um profeta bíblico como parâmetro de observação para o trabalho da igreja/pastores hoje. Um dos profetas que exemplificam bem o conceito de profecia como o anúncio da mensagem atual de Deus é Eliseu. Ele viveu a maior parte dos seus dias como um pregador. Seu ministério aconteceu, em grande parte, em ambientes urbanos, ambientes esses que são um dos grandes desafios da pregação do evangelho na atualidade.

⁵ WALTKE, Bruce. **Buscar a vontade de Deus: uma ideia cristã ou pagã?** São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 51.

⁶ WRIGTH, 2012, p. 326.

⁷ GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: luz para as nações.** São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 19.

2. ELISEU, O SUCESSOR DE ELIAS

Os profetas do Antigo Testamento exerceram boa parte do seu ministério nas cidades, lidando com autoridades militares, civis e religiosas. Embora bastante diferente do contexto contemporâneo, o ambiente urbano daquela época também tinha seus desafios. A classe mais rica, os mais intelectualizados, os governantes e representantes de Estado e tantos outros desafios evangelísticos que uma cidade nos oferece. Foi nesse ambiente que Eliseu desenvolveu seu ministério. Peterlevitz fez um pequeno resumo do trabalho de Eliseu:

As narrativas sobre Eliseu são encontradas numa forma quase unida em 2Rs 2; 3.4-27; 4.1-8.15; 9.1-10; 13.14-21. Vemos que Eliseu está associado com Gilgal, onde morava (2Rs 4.38). Um dos momentos mais notáveis na carreira de Eliseu é sua participação na unção de Jeú, ardente defensor do jvismo, que se empenhou a destruir a dinastia omrita e o culto a Baal. Eliseu fazia parte dos intelectuais que participaram de tal revolução (1Rs 9.1-10). Eliseu tinha uma característica diferente de Elias: fundou uma escola de profetas, que reunia em torno de si um grupo de profetas, numa localidade fixa.⁸

Como visto acima, dois dos muitos exemplos de profetas que exerceram seus ministérios no contexto urbano são Elias e Eliseu. Elias, dentre outras cidades, exerceu suas funções proféticas nas cidades de Jezreel, Samaria, Betel, Gilgal, Jericó, Tesbe e Sarepta. Eliseu, por sua vez, visitou, em sua atividade profética, as cidades de Suném, Dotã, Samaria, Gilgal, Damasco, Abel-Meolá e Ramote-Gileade.⁹ Elias e Eliseu foram dois profetas poderosos e atuaram com um ministério profético em um momento de crise espiritual do povo de Deus. “Os profetas Elias e Eliseu ministraram quando o culto a Baal e o sincretismo religioso eram muito populares”.¹⁰

Dentre as cidades acima citadas, sem dúvida a de maior expressão é a cidade de Samaria. Situada em um monte 12 km a nordeste de Siquém, foi a capital do Reino do Norte, construída neste monte por Onri, ficava na região central da Terra Santa, abrangendo as tribos de Efraim e Manassés do oeste. Ao norte, ficava a Galileia; a leste, o Jordão; ao sul, a Judeia; e, a oeste, o Mediterrâneo.¹¹

Existem muitos exemplos da intervenção profética na Bíblia. Em uma ocasião, o rei Acázias adoeceu e resolveu consultar um deus pagão chamado Baal-Zebude, deus de uma das cinco grandes cidades filisteias. Os mensageiros enviados para a consulta foram interceptados pelo profeta Elias, instruído por Deus para evitar a atitude apóstata do rei de Israel. Corajosamente, como em outras ocasiões, Elias repreendeu o rei e o impediu de concluir seu plano idólatra de consultar um deus pagão. Ao retornarem os mensageiros, o rei Acázias facilmente identificou quem havia impedido os seus mensageiros de prosseguir no seu

⁸ PETERLEVITZ, Luciano R. **Revista Theos**. Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas: 5.ed. V.4 - No1 - Junho de 2008, p. 7. Acesso: http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigo_05_02.pdf. Acesso 11/10/18.

⁹ **BÍBLIA de Estudo Almeida**. Barueri: SBB, 2006.

¹⁰ MOSKALA, Jiri. In: **Quando Deus fala: o dom profético na Bíblia e na história** / organizadores Alberto R. Timm e Dwain N. Esmond. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017, p. 19.

¹¹ **BÍBLIA de Estudo Almeida**, 2006.

projeto. Como se observa em 1 Reis 1.8: “Responderam-lhe eles: Era um homem vestido de pelos, e com os lombos cingidos dum cinto de couro. Então disse ele: É Elias, o tisbita”. Elias era conhecido das autoridades civis devido à sua história de devoção a Deus e suas profecias cumpridas.

Embora o rei Acazias conhecesse a Elias e a seu Deus, preferiu consultar deuses falsos. Este, sem dúvida, é um dos desafios da missão nas cidades, as autoridades conhecem o que é certo, tanto no âmbito religioso quanto no civil, mas algumas vezes escolhem o que é errado e os homens de Deus que exercem seu ministério nas cidades precisam manter-se firmes pelo que é certo a qualquer preço, pois,

A maior necessidade do mundo é a de homens – homens que se não comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus.¹²

Elias se encaixava nesta descrição, pois, por diversas ocasiões, enfrentou autoridades civis para posicionar-se ao lado da verdade de Deus. Esse aspecto da vida do profeta nos indica um princípio missionário para os profetas modernos. Sempre que possível, a igreja deve ter bom relacionamento com as autoridades civis, quando isso não se opuser aos princípios bíblicos. Nos últimos instantes da estada de Elias na terra, antes do seu arrebatamento no redemoinho, ele e seu sucessor, Eliseu, ainda visitaram Gilgal, Betel e Jericó continuando o trabalho profético nas cidades.

3. O ESPÍRITO DE ELIAS ESTAVA COM ELISEU

Após Elias ter sido levado ao céu, Eliseu retornou à cidade de Jericó e sobre ele foi feita uma declaração muito interessante, a saber:

Vendo-o, pois, os filhos dos profetas que estavam defronte dele em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. E vindo ao seu encontro, inclinaram-se em terra diante dele (2 Rs 2.15).¹³

A partir do momento que Eliseu herdou a missão de Elias (representada pela sua capa), logo começou seu ministério urbano com uma série de milagres. O primeiro deles foi a transformação das águas de Jericó em águas saudáveis. Eliseu rapidamente foi identificado como o homem de Deus e a ele foi feito o seguinte apelo. Em 2 Reis 2.19, pode-se encontrar o relato em que os homens da cidade, provavelmente os líderes daquela comunidade, relatam ao profeta o problema das águas não potáveis da cidade e fazem a solicitação para que Eliseu os ajude.

O profeta, então, juntou um pouco de sal, que, na cultura local, era considerado um elemento de purificação, e colocou no manancial de águas de Jericó e Deus operou o milagre tornando a água boa para o consumo humano. Essa intervenção do profeta Eliseu em

¹² WHITE, Ellen G. **Educação**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1977, p. 57.

¹³ Os textos bíblicos usados nesse artigo estão na versão Almeida Revista e Atualizada. Caso sejam usados textos em outras versões, será indicado no próprio texto.

questões de ordem estrutural da cidade, como a falta de água potável, indica claramente a preocupação de Deus com as questões de bem-estar social na cidade e não somente com as questões espirituais. Os profetas modernos devem ficar atentos a essas questões “não espirituais” como parte importante do ministério. Zabatiero diz que é preciso compreender o cuidado pastoral,

[...] de forma integral, não mais reduzida à dimensão psíquica da pessoa humana. Cuidar é ser-humano. Cuidar é concretizar a nossa essência no mundo. Cuidar é ser parceiro, reconhecendo o outro e não o desrespeitando. Cuidar é imitar a Deus. Ao cuidar de toda a criação, exercemos nossa fidelidade a Deus de modo integral. Ao cuidar de toda a criação, aprendemos a cuidar melhor de nós mesmos, aceitando os limites e as responsabilidades de nossa condição ontológica e existencial.¹⁴

O trabalho profético de Eliseu estava relacionado não apenas a aspectos ligados ao sistema de culto da sua época, mas o profeta atuava nas diversas frentes sociais que tinham ligação com as cidades em que exercia seu trabalho. Isso indica que os profetas na atualidade também podem e devem se preocupar com aqueles aspectos da sociedade que não estão diretamente ligados com o culto, mas que afetam diretamente a vida das pessoas.

É importante destacar, embora não seja o foco desse artigo, que na cosmovisão cristã não existe essa dicotomia “religioso x secular”. Não é coerente pensar que ao trabalhar com questões como estrutura das cidades, questões políticas ou econômicas, trabalha-se com assuntos “não-cristãos”. Aqueles que assumiram a cosmovisão cristã-bíblica devem entender que tudo na vida deve funcionar a partir do evangelho e tendo os princípios bíblicos como norteadores. Pearcey faz um alerta sobre esse assunto:

[...] muitos crentes assimilam a dicotomia fato/valor, público/particular, restringindo a fé à esfera religiosa e adotando qualquer opinião que seja atual em seus círculos profissionais ou sociais. Todos conhecemos professores cristãos que indiscriminadamente aceitam as mais recentes teorias seculares de educação; homens de negócios cristãos que administram suas transações por teorias de administração seculares aceitas; ministérios cristãos que espelham as técnicas de marketing do mundo comercial; famílias cristãs em que os adolescentes assistem os mesmos filmes e ouvem as mesmas músicas que os amigos não-crentes. Ainda que sinceros, eles absorvem por osmose as opiniões sobre quase tudo da cultura circundante.¹⁵

A partir desse ponto de vista, ao Eliseu cuidar de detalhes de abastecimento de água na cidade e aos profetas modernos tratarem de assuntos que excedem as quatro paredes da igreja, eles também estão tratando de assuntos espirituais, pois, na cosmovisão cristã, tudo deve estar inter-relacionado e ser visto pelos óculos dos princípios bíblicos, logicamente, respeitando a prioridade bíblica da pregação do evangelho, conforme apresentado pelo texto sagrado.

¹⁴ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Teologia pastoral em um mundo global urbano**. Londrina: Descoberta, 2016, Vol. 1, p. 303.

¹⁵ PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta: libertando o cristianismo do seu cativo cultural**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 35-36.

4. ZOMBANDO DO PROFETA

Dentre os episódios do ministério de Eliseu, uma das passagens mais conhecidas aconteceu na subida para a cidade de Betel, quando um grupo de jovens zombou de seu ministério e indiretamente do próprio Deus que o havia chamado. A Bíblia relata o episódio em 2 Reis 2.23-25. Nesse trecho está registrado que Eliseu subia em direção a Betel quando um grupo de meninos (termo que, possivelmente, se refere a adolescentes e jovens da cidade) começou a seguir o profeta e zombar dele com a frase “sobe, calvo”. O profeta reagiu proferindo uma maldição contra o grupo e duas ursas os atacaram e mataram quarenta e dois daqueles que estavam no grupo zombador.

Para ir da cidade de Jericó até Betel, Eliseu tinha que subir, de 250m abaixo do nível do mar, para 880 metros acima do nível do mar¹⁶, uma caminhada bastante íngreme. Neste percurso, saíram estes jovens que a Bíblia cita, zombando do profeta. Eles não falavam apenas da subida física em direção a Betel. Eles se referiam à história da subida de Elias no redemoinho e o fato de Eliseu ter ficado com a capa de Elias. Eles zombavam mandando Eliseu ir para onde Elias fora.

Na cidade de Betel “rapazes ímpios, que haviam aprendido com seus pais a desprezar o homem de Deus, seguiram Eliseu, e, zombando, gritavam: "Sobe, calvo, sobe, calvo!" (2 Rs 2.23). Insultando assim o Seu servo, insultavam a Deus e atraíam Sua punição de imediato.¹⁷

Duas ursas executaram o juízo de Deus, como comenta White:

Ao som de suas zombeteiras palavras o profeta voltou-se, e sob a inspiração do Todo-poderoso pronunciou uma maldição sobre eles. O terrível juízo que se seguiu foi de Deus. “Então duas ursas saíram do bosque, e despedaçaram quarenta e dois daqueles pequenos” (2 Rs 2.23,24). Tivesse Eliseu permitido que a zombaria passasse despercebida, e teria continuado a ser ridicularizado e insultado pela turba, e sua missão para instruir e salvar em um tempo de grave perigo nacional poderia ter sido derrotada. Este único exemplo de terrível severidade foi suficiente para exigir respeito pelo resto de sua vida. Durante cinquenta anos ele entrou e saiu pelas portas de Betel, e andou de um para outro lado em sua terra, de cidade em cidade, passando pelo meio de multidões indolentes, rudes e dissolutas de jovens; mas nenhum o injuriou ou fez caso omisso de suas qualificações como profeta do Altíssimo.¹⁸

A cena das ursas despedaçando os jovens é chocante para os padrões morais da atualidade e certamente chocou as pessoas da época do acontecimento. Porém, o que estava em jogo era a reputação do profeta e, em última instância, a própria reputação de Deus. Era necessário que uma atitude fosse tomada em relação à defesa do ministério profético naquele contexto. O exemplo de Eliseu é uma lição para os pregadores urbanos do século XXI e também para os ouvintes destes homens que exercem um santo trabalho, pois,

¹⁶ BÍBLIA de Estudo Almeida, 2006.

¹⁷ WHITE, Ellen G. **Primeiros escritos**. 3.ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988, p. 248.

¹⁸ WHITE, Ellen G. **Profetas e Reis**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007, p. 120.

Até mesmo a bondade deve ter seus limites. A autoridade deve ser mantida mediante firme severidade, ou será recebida por muitos com zombaria e desdém. A assim chamada tolerância, lisonja, e indulgência, usadas para com a juventude por pais e responsáveis, é um dos piores males que lhes pode sobrevir. Em toda família, firmeza, decisão, exigências positivas, são essenciais.¹⁹

Sobre esse episódio, o Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia diz o seguinte:

Eliseu era um homem bondoso. No entanto, há limites até mesmo para a bondade na obra do Senhor. A honra do nome de Deus deve ser preservada, e Seus atos solenes não devem ser objeto de zombaria e escárnio. O profeta de Deus deve ser respeitado e sua autoridade, preservada. Firmeza, decisão e ação resoluta são marcas da liderança em todos aos quais Deus chama para cumprir responsabilidades para Ele. No caso de Eliseu, não era hora de fraqueza ou indecisão. Voltando-se para a multidão de jovens, rudes e dissolutos, sob a inspiração do Céu, ele pronunciou a maldição de Deus.²⁰

Através da história de Eliseu, Deus ensina que a missão urbana envolve muito mais do que pregação do evangelho, este é o principal ponto, mas existem outros assuntos periféricos que também devem ser levados em conta. Eliseu estava educando a sociedade (especialmente os outros jovens) a respeito da santidade do ministério profético e o respeito que se deve ter em relação àqueles que são os mensageiros de Deus. A educação dos jovens certamente está nas mãos dos seus pais ou responsáveis, mas a atitude do líder espiritual pode ajudar a ensinar boas lições, como essa ensinada por Eliseu.

5. ELISEU E A VIÚVA POBRE

Outro episódio na vida do homem de Deus, do qual se pode retirar aplicações para a missão urbana, é o seu encontro com a viúva pobre. A Bíblia registrou assim:

Ora uma dentre as mulheres dos filhos dos profetas clamou a Eliseu, dizendo: Meu marido, teu servo, morreu; e tu sabes que o teu servo temia ao Senhor. Agora acaba de chegar o credor para levar-me os meus dois filhos para serem escravos (2 Rs 4.1).

Um dos servos de Eliseu havia morrido e a sua viúva estava precisando de ajuda financeira. É interessante analisar a atitude do profeta. Primeiro, Eliseu sondou o que a viúva ainda tinha em casa e como ele poderia utilizar aquilo para resolver seu problema. Eliseu não foi simplesmente assistencialista, ele não supriu a necessidade da mulher sem que ela fizesse algo. O profeta deu uma tarefa para a família. Segundo o registro em 2 Reis 4.3-4, o profeta pediu que a mulher buscasse com seus vizinhos a maior quantidade de vasilhas que pudesse conseguir. Em seguida, a mulher deveria entrar em sua casa, fechar as portas e começar a colocar azeite em cada uma das vasilhas e, na medida em que fossem ficando cheias, ela deveria colocar de lado e encher a próxima.

¹⁹ WHITE, 2007, p. 120.

²⁰ COMENTÁRIO bíblico Adventista do Sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012, Vol. 3, p. 844.

Deus multiplicou o azeite nas vasilhas daquela mulher e então o profeta deu outra ordem: “Veio ela, pois, e o fez saber ao homem de Deus. Disse-lhe ele: Vai, vende o azeite, e paga a tua dívida; e tu e teus filhos vivei do resto” (2 Rs 4.7). Nas grandes cidades, o problema de desemprego é real e dentro das igrejas certamente são encontrados membros nesta situação. A exemplo do que a Bíblia apresenta, não se pode ser simplesmente assistencialista ao ajudar os irmãos com problemas de desemprego. Deve-se aproveitar as habilidades dos irmãos e ajudá-los a caminhar sozinhos. O profeta Eliseu poderia ter pedido a Deus a quantia necessária para a viúva pagar suas dívidas. Mas ele mandou que fossem procurar vender o azeite multiplicado e então viver do valor arrecadado.

Vê-se esse mesmo conceito de ajuda humanitária nas atitudes de Cristo e da igreja no Novo Testamento, corroborando o padrão de toda a Bíblia. Sobre isso, afirma Kuhn:

É na pessoa de Jesus Cristo, a Palavra de Deus encarnada, que os pobres, os doentes, os cegos, os coxos, os endemoninhados, os órfãos, as mulheres e viúvas, e todos os oprimidos por Satanás e pelos poderes do mal e estruturas deste mundo encontram cura, descanso, liberdade e salvação. O ministério de Jesus para esses seres vulneráveis foi de extrema importância naquele tempo, bem como hoje. Foi enquanto viveu na Terra que Jesus Cristo, Emanuel, habitou entre os homens e mulheres a fim de restaurar e salvar, curar e perdoar, libertando todos os que estavam presos pelos males do pecado e oprimidos pelos poderes de Satanás.²¹

Os pastores (que são profetas no sentido de anunciadores das mensagens de Deus) das grandes cidades poderiam acrescentar ao seu planejamento cursos profissionalizantes simples, como culinária vegetariana, artesanato, dentre outros. É certo que o pastor nunca deve perder o foco do anúncio do Evangelho, que é seu trabalho primordial, mas o trabalho social faz parte da sua vivência na atividade urbana e abre portas para a pregação.

6. ELISEU E A MULHER RICA E A FOME EM GILGAL

É interessante que, logo após o relato do encontro de Eliseu com a viúva pobre, a Bíblia registrou o encontro do profeta com uma mulher rica. Essa sequência de fatos, registrados na Bíblia de maneira inspirada, apresenta uma lição para pastores e líderes leigos, os quais encontrarão na atividade profética urbana os dois extremos da condição social: o rico e o pobre.

A Bíblia diz (2 Rs 4.8) que, em uma das suas viagens, o profeta Eliseu encontrou-se, na cidade de Suném, com uma mulher muito rica e que fazia questão de alimentar Eliseu todas as vezes que ele passava por aquela cidade.

Agora, observa-se outra cidade e outra situação. A cidade de Suném pertencia à tribo de Issacar (Jr 19.18). Situada no vale de Jezreel ou Esdrelon, próximo ao monte Gilboa. Nesta cidade, Eliseu ganhou a simpatia da família desta mulher rica e, segundo o relato bíblico, todas as vezes que o profeta passava por aquela cidade, ele se hospedava na casa dela. A Bíblia deixa

²¹ KUHN, Wagner. **Transformação radical**: em busca do evangelho integral. Engenheiro Coelho: Unaspress – Imprensa Universitária Adventista, 2016, p. 56.

claro o motivo que levou esta família a admirar tanto este homem. O relato de 2 Reis 4.9,10 diz que, em conversa com seu marido, a mulher destacou a qualidade que mais admirava em Eliseu, ele era “um santo homem de Deus”. Como forma de contribuir com seu ministério, aquele casal rico fez um quarto para repouso com mobílias suficientes para que houvesse o mínimo de conforto.

Um santo homem de Deus, esta foi a característica que mais impressionou a mulher rica. Não foi a eloquência de Eliseu, ou seus títulos; embora essas coisas sejam importantes, não foram elas que atraíram os ricos a Eliseu. A Bíblia não registra nenhum método especial de contato entre Eliseu e a família rica, embora não haja problema no fato de serem usados métodos e estratégias especiais para lidar com os ricos, mas, no caso do sucessor de Elias, a sua intimidade com Deus e o seu viver refletindo o caráter de Deus foi o suficiente para ganhar a confiança da mulher rica e sua ajuda financeira.

Esse fato traz uma lição para os pastores que lidarão com a classe social mais rica das cidades. O refinamento é importante, saber expressar-se também, ter títulos acadêmicos ajuda, mas nada é mais importante e impactante do que a vida consagrada de um cristão. Não é necessário esconder placas de igreja ou omitir assuntos bíblicos, muito menos rebaixar as normas e princípios para ganhar os mais ricos. Uma vida de firmeza nos princípios e de amor pelos irmãos (independente da classe social) pode abrir quaisquer portas necessárias para o ministério profético urbano.

Quando se olha mais a fundo esta história de Eliseu, percebe-se que, embora a família fosse rica, eles precisavam mais do profeta do que o profeta deles. Isso é evidenciado quando se lê o trecho de 2 Reis 4.11-17, o qual registra uma necessidade daquela família que seu dinheiro não poderia suprir. Eliseu sentia-se tão agradecido àquela família que queria retribuir de alguma forma. O profeta indaga à mulher se havia alguma coisa que ele pudesse fazer por aquela família, em retribuição a todo o cuidado que eles tinham por seu ministério profético. Esse diálogo foi intermediado por Geazi, servo de Eliseu. A resposta da mulher indicou que ela não poderia ter filhos, mas gostaria muito de tê-los. Certamente, aquela era uma grande angústia, visto que a esterilidade era considerada maldição naquele tempo. Nesse contexto, o profeta profere uma bênção que indicava que dentro de um ano o casal estaria com um filho em seus braços.

Eliseu não só deu um filho ao casal, realizando seu sonho, como tempos depois ressuscitou a criança e a devolveu a seus pais. Deus deseja capacitar os pastores e líderes leigos ao trabalho com as classes mais ricas. Sobre este assunto, White comenta:

Em cada esforço para alcançar as mais altas classes, o obreiro de Deus necessita de forte fé. As aparências podem parecer desoladoras, mas na hora mais escura há luz do alto. A força dos que amam a Deus e a Ele servem será renovada cada dia. A mente do infinito está posta a seu serviço, para que ao executarem Seu propósito não cometam erro.²²

Felizes os líderes que, quando passam perante os membros da sua igreja (ricos ou pobres), podem receber as palavras que Eliseu recebeu: “este é um homem de Deus”. A

²² WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1986, p. 242.

história do profeta ensina que, mesmo em uma cidade onde há diferenças sociais tão grandes, é possível desenvolver um ministério que atinge a todos os setores econômicos e sociais.

Posteriormente, Eliseu foi para Gilgal, e nesse episódio fica perceptível a intensão do escritor bíblico de deixar claro os extremos. O profeta tinha acabado de sair de uma situação de fartura e se depara com uma terra onde a fome prevalecia. Foi dada a ordem para preparar um cozinhado para os seus ajudantes,

[...] então um deles saiu ao campo a fim de apanhar ervas, e achando uma parra brava, colheu dela a sua capa cheia de colocíntidas e, voltando, cortou-as na panela do caldo, não sabendo o que era. Assim tiraram de comer para os homens. E havendo eles provado o caldo, clamaram, dizendo: Ó homem de Deus, há morte na panela! E não puderam comer (2 Rs 4.39,40).

Novamente Deus prova a sua atenção para com os necessitados. Através do profeta e de uma porção de farinha, Ele transformou a comida não adequada para alimentar-se em uma saborosa refeição. O profeta ainda alimentou cem homens com vinte pães e algumas espigas.

Mais uma vez, o texto bíblico exalta a função social do Evangelho unindo-se ao estabelecimento do Reino de Deus entre os homens. Essa união é repetida em diversos trechos das Escrituras.

7. ELISEU E O MINISTÉRIO COM AS AUTORIDADES

O ministério de Eliseu ensina diversas lições aos profetas de todos os tempos. Após o contato com a classe mais pobre e com os mais ricos, o profeta vive uma nova situação com o comandante do exército. A Bíblia fala assim a respeito dele:

Ora, Naamã, chefe do exército do rei da Síria, era um grande homem diante do seu senhor, e de muito respeito, porque por ele o Senhor dera livramento aos sírios; era homem valente, porém leproso (2 Rs 5.1).

Naamã era um homem de muita influência política em seu país, além de ser o comandante militar. Quando ele adquiriu lepra, foi aconselhado por uma das suas servas.

Ben-Hadade, rei da Síria, havia derrotado os exércitos de Israel na batalha em que resultou a morte de Acabe. Desde esse tempo os sírios tinham mantido contra Israel uma constante guerrilha; e numa de suas incursões, levaram prisioneira uma menina que, na terra do seu cativeiro, "ficou ao serviço da mulher de Naamã". Uma escrava distante do lar, esta pequena jovem era não obstante uma das testemunhas de Deus, cumprindo inconscientemente o propósito pelo qual Deus havia escolhido Israel como Seu povo. Enquanto servia nesse lar pagão, suas simpatias foram despertadas em favor de seu amo; e, lembrando os maravilhosos milagres de cura operados por Eliseu, ela disse a sua senhora: "Oxalá que o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restauraria da sua lepra". Ela sabia que o poder do Céu estava com Eliseu, e cria que por este poder Naamã seria curado.²³

²³ WHITE, 2007, p. 245.

O próprio rei da Síria fez o contato diplomático com o rei de Israel, enviando uma carta por Naamã, dizendo: “Logo, em chegando a ti esta carta, saberás que eu te enviei Naamã, meu servo, para que o cures da sua lepra” (2 Rs 5.6). A reação do rei de Israel é uma prova da falta de fé do monarca do povo de Deus. Em 2 Reis 5.7, foi registrada a reação descontrolada do rei de Israel, que não enxergou como uma ocasião de bênção a oportunidade de contato com Naamã, pelo contrário, achou que a Síria estava tentando encontrar um motivo para declarar guerra contra Israel. Como sinal de sua indignação e, certamente, medo, o rei rasgou as suas vestes publicamente.

Quando Eliseu soube do que havia acontecido, mandou um recado ao rei: “Por que rasgaste as tuas vestes? Deixa-o vir ter comigo, e saberá que há profeta em Israel” (2 Rs 5.8). Duas coisas podem-se inferir a partir deste texto. Uma é que Eliseu mantinha contato com os governantes do seu povo. A outra é que ele não tinha a intensão de bajular Naamã, por isso mandou o recado direto ao rei.

A atitude de Eliseu demonstra que os pastores (profetas) urbanos devem manter, sempre que possível, um bom relacionamento com os governantes da sua região de atuação. O contato com as autoridades pode ajudar na pregação do evangelho através das portas que se abrem quando ocorre um contato amistoso com este grupo. Porém, o pastor não é um bajulador de autoridades; aliás, nenhum cristão deveria bajular alguém.

No caso de Eliseu, quando Naamã foi até sua casa, ele nem saiu para atendê-lo, apenas mandou um recado de como o general deveria fazer para ficar curado. Apesar de contrariado, Naamã, devido à insistência de seus servos, foi até o rio Jordão e, após sete mergulhos, teve sua pele restaurada.

Naamã ficou tão impressionado que voltou à casa de Eliseu e disse: “Eis que agora sei que em toda a terra não há Deus senão em Israel; agora, pois, peço-te que do teu servo recebas um presente” (2 Rs 5.15). Além da gratidão ao profeta, houve algo mais especial na vida daquele influente homem, houve conversão: “Ao que disse Naamã: Seja assim; contudo dê-se a este teu servo terra que baste para carregar duas mulas; porque nunca mais oferecerá este teu servo holocausto nem sacrifício a outros deuses, senão ao Senhor” (2 Rs 5.17)

O ministério de Eliseu influenciou não somente a cidade na qual o profeta morava, mas também as cidades ou reinos vizinhos. Assim os pastores (profetas) urbanos podem também, através de sua vida consagrada e transformada por Deus, influenciar vidas de autoridades, pois,

Há hoje em cada terra os que são honestos de coração, e sobre esses a luz do Céu está brilhando. Se eles continuarem fiéis em seguir o que entendem ser o dever, ser-lhes-á dada luz adicional, até que, como Naamã no passado, sejam estrangidos a reconhecer que “em toda a Terra não há Deus”, senão o Deus vivo, o Criador.²⁴

Esta parte do ministério de Eliseu exemplifica como se pode, através do ministério pastoral, influenciar os homens mais preeminentes das cidades, pois,

²⁴ WHITE, 2007, p. 253.

Muitos dos mais eminentes homens do mundo, doutos e estadistas, nestes últimos dias volver-se-ão da luz porque o mundo por sua própria sabedoria desconhece a Deus. Entretanto, os servos de Deus deverão aproveitar cada oportunidade para comunicar a verdade a esses homens.²⁵

Homens poderosos ou pessoas comuns são igualmente necessitados de ouvir as boas novas do evangelho. Não é papel da igreja classificar grupos que devem ser alcançados e grupos que não devem ser alcançados. A ordem do evangelho é que todas as pessoas, independente de quem sejam, recebam a mensagem e a possibilidade da salvação.

8. CALAMIDADE EM SAMARIA E A DOENÇA DE BEN-HADADE

Pode-se ainda encontrar outros episódios do ministério urbano de Eliseu. A cidade de Samaria encontrava-se em uma situação de calamidade, sitiada pelos sírios e com extrema escassez de alimentos. A fome era tamanha que as pessoas chegaram a atitudes extremas:

E houve grande fome em Samaria, porque mantiveram o cerco até que se vendeu uma cabeça de jumento por oitenta siclos de prata, e a quarta parte dum cabo de esterco de pombas por cinco siclos de prata. E sucedeu que, passando o rei de Israel pelo muro, uma mulher lhe gritou, dizendo: Acodeme, ó rei meu Senhor. Mas ele lhe disse: Se o Senhor não te acode, donde te acudiréi eu? Da eira ou do lagar? Contudo o rei lhe perguntou: Que tens? E disse ela: Esta mulher me disse: Dá cá o teu filho, para que hoje o comamos, e amanhã comeremos o meu filho. Cozemos, pois, o meu filho e o comemos; e ao outro dia lhe disse eu: Dá cá o teu filho para que o comamos; e ela escondeu o seu filho. Ouvindo o rei as palavras desta mulher, rasgou as suas vestes (ora, ele ia passando pelo muro); e o povo olhou e viu que o rei trazia saco por dentro, sobre a sua carne (2 Rs 6.25-30).

O rei culpou o profeta, injustamente, pela fome da cidade e expediu uma ordem de execução com o homem de Deus. O mesmo profeta, que há pouco tempo havia exaltado o Deus de Israel e, conseqüentemente, o seu povo perante os sírios, agora era acusado pela calamidade da cidade.

A despeito da ingratidão do rei, o profeta deu a mensagem que Deus havia mandado: “Então disse Eliseu: Ouvi a palavra do Senhor; assim diz o Senhor: Amanhã, por estas horas, haverá uma medida de farinha por um siclo, e duas medidas de cevada por um siclo, à porta de Samaria” (2 Rs 7.1). Mesmo injustiçado pelo governante da sua cidade, Eliseu não desanimou da sua atividade profética e Deus honrou a profecia por ele proferida: “Então saiu o povo, e saqueou o arraial dos sírios. Assim houve uma medida de farinha por um siclo e duas medidas de cevada por um siclo, conforme a palavra do Senhor” (2 Rs 7.16). Assim, Deus restaurou a normalidade em Samaria e mostrou aos israelitas e aos sírios quem era o Deus de Israel.

A vida e ministério de Eliseu foi um grande exemplo de como homens consagrados a Deus e dispostos a fazer tudo o que Ele pede, podem influenciar pessoas para mais perto da vontade e influência divinas. O próprio rei sírio, Ben-Hadade, teve que reconhecer que o

²⁵ WHITE, 1986, p. 242.

verdadeiro Deus estava com o povo de Samaria. Ao adoecer, provavelmente lembrando do episódio de Naamã, mandou consultar Eliseu, que nesta ocasião estava visitando a cidade de Damasco.

Então o rei disse a Hazael: Toma um presente na tua mão, vai encontrar-te com o homem de Deus e por meio dele consulta ao Senhor, dizendo: Sararei eu desta doença? Foi, pois, Hazael encontrar-se com ele, e levou consigo um presente, a saber, quarenta camelos carregados de tudo o que havia de bom em Damasco. Ao chegar, apresentou-se a ele e disse: Teu filho Ben-Hadade, rei da Síria, enviou-me a ti para perguntar: sararei eu desta doença? Respondeu-lhe Eliseu: Vai e dize-lhe: Hás de sarar. Contudo o Senhor me mostrou que ele morrerá. E olhou para Hazael, fitando nele os olhos até que este ficou confundido; e o homem de Deus chorou. Então disse Hazael: Por que meu senhor está chorando? E ele disse: Porque sei o mal que hás de fazer aos filhos de Israel: Porás fogo às suas fortalezas, matarás à espada os seus mancebos, despedaçarás os seus pequeninos e fenderás as suas mulheres grávidas. Ao que disse Hazael: Que é o teu servo, que não é mais do que um cão, para fazer tão grande coisa? Respondeu Eliseu: O Senhor mostrou-me que tu hás de ser rei da Síria. Então apartou-se de Eliseu, e voltou ao seu senhor, o qual lhe perguntou: Que te disse Eliseu? Respondeu ele: Disse-me que certamente sararás. Ao outro dia Hazael tomou um cobertor, molhou-o na água e o estendeu sobre o rosto do rei, de modo que este morreu. E Hazael reinou em seu lugar (2 Rs 8.8-15).

Eliseu não escondia mensagens para agradar a ricos, poderosos ou qualquer outro grupo e por isso revelou a cura do rei Ben-Hadade, mas também a traição e assassinato que seriam cometidos por Hazael. Revelou ainda a crueldade com que o futuro rei da Síria trataria o povo de Israel. Nesta passagem, percebe-se, ainda, o amor que Eliseu tinha por sua cidade, ao chorar e lamentar pelo futuro dos seus concidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito na introdução desse artigo, a intenção não era esgotar todos os aspectos da vida e obra profética de Eliseu. A intenção era, a partir da interpretação e análise de episódios da vida do profeta, tirar lições úteis para a atividade dos profetas modernos, os anunciadores da mensagem de Deus à humanidade. Reconhece-se o desafio hermenêutico de estudar histórias bíblicas e fazer as aplicações de maneira correta para o tempo em que se vive. Esse é um trabalho que exige esforço e no qual algumas vezes cometem-se excessos. Como admite Goheen:

Uma transposição do texto bíblico antigo para a nossa situação contemporânea que seja ao mesmo tempo fiel ao contexto original e relevante para a situação presente é uma atividade hermenêutica complexa. É aqui que, às vezes, pastores e estudiosos bíblicos se impacientam uns com os outros. O problema, é claro, surge devido ao condicionamento histórico do texto bíblico.²⁶

²⁶ GOHEEN, 2014, p. 239.

Consciente de que não se pode fazer essa transposição exata das experiências de Eliseu para o trabalho missionário atual, considera-se que ele foi uma vida que deixou bons exemplos missionários e com os quais se pode aprender muito. Uma comentarista fez um breve resumo sobre a importância da obra profética de Eliseu. Assim ela escreveu:

Chamado ao ofício de profeta enquanto Acabe ainda reinava, Eliseu vivera o suficiente para ver muitas mudanças tomarem lugar no reino de Israel. Juízo sobre juízo, haviam alcançado os israelitas durante o reinado de Hazael, o sírio, que fora ungido para ser o aguilhão da nação apostatada. As severas medidas de reforma instituídas por Jeú tinham resultado no extermínio de toda a casa de Acabe. Em contínuas guerras com os sírios, Jeoacaz, sucessor de Jeú, tinha perdido algumas das cidades a leste do Jordão. Por algum tempo isto pareceu como se os sírios fossem tomar inteiro controle do reino. Mas a reforma começada por Elias e prosseguida por Eliseu tinha levado muitos a buscarem a Deus. Os altares de Baal estavam sendo abandonados, e lenta mas seguramente os propósitos de Deus iam-se cumprindo na vida dos que haviam escolhido servi-Lo de todo o coração.²⁷

Assim como Eliseu, os pastores e líderes urbanos precisam de uma vida e ministério tão parecidos com o padrão de Deus, que possam influenciar as pessoas da cidade a se aproximarem e servirem ao Deus do céu. Pois,

Terrível é a luta que se trava entre as forças do bem e do mal em centros importantes onde os mensageiros da verdade são chamados ao trabalho. "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue", declara Paulo, "mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século" (Ef 6.12). Até o fim do tempo haverá conflito entre a igreja de Deus e os que estão sob o controle dos anjos maus.²⁸

No livro de 2 Crônicas existe uma recomendação de Josafá à cidade de Jerusalém, que se deve levar em consideração por todas as cidades e aqueles que exercem seu ministério nelas:

Pela manhã cedo se levantaram saíram ao deserto de Tecoá; ao saírem, Jeosafá pôs-se em pé e disse: Ouvi-me, ó Judá, e vós, moradores de Jerusalém. Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas, e sereis bem-sucedidos (2 Rs 20.20).

Tem-se as "vozes" dos profetas canônicos soando através das páginas das Escrituras e deve-se dar extrema atenção a elas. Contudo, como profetas modernos, os pregadores da atualidade precisam ser fiéis a essas palavras e aos exemplos apresentados nelas, de tal forma que a sociedade atual possa ser influenciada em direção ao Reino de Deus, como as sociedades do tempo de Eliseu e outros profetas o foram. Que as vozes proféticas do século XXI ressoem nas cidades e vidas possam ser curadas e restauradas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Estudo Almeida. Barueri: SBB, 2006.

²⁷ WHITE, 2007, p. 254.

²⁸ WHITE, 1986, p. 219.

COMENTÁRIO bíblico Adventista do Sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012. Vol. 3.

GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia:** luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KUHN, Wagner. **Transformação radical:** em busca do evangelho integral. Engenheiro Coelho: Unaspress – Imprensa Universitária Adventista, 2016.

MARTINS, Lucas Alamino Iglesias. (*nābî*): Etimologia e Contexto. **WebMosaica revista do instituto cultural judaico Marc Chagall**, v.9, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/79827/46854>. Acesso: 14/10/18.

MOSKALA, Jiri. In: **Quando Deus fala:** o dom profético na Bíblia e na história / organizadores Alberto R. Timm e Dwain N. Esmond. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta:** libertando o cristianismo do seu cativeiro cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

PETERLEVITZ, Luciano R. **Revista Theos.** Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campina. Campinas: 5.ed. V.4 - No1 - Junho de 2008. Acesso: http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigo_05_02.pdf . Acesso 11/10/18

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: ASTE, 1974.

WALTKE, Bruce. **Buscar a vontade de Deus:** uma ideia cristã ou pagã? São Paulo: Vida Nova, 2015.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1986.

WHITE, Ellen G. **Educação.** Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

WHITE, Ellen G. **Primeiros escritos.** 3.ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

WHITE, Ellen G. **Profetas e Reis.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para ministros.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1992.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do Povo de Deus:** uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Teologia pastoral em um mundo global urbano.** Londrina: Descoberta, 2016. Vol. 1.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PORNOGRAFIA: FUJA DELA OU ELA TE DOMINARÁ Pornography: run away from it or it will dominate you

Leandro Hins de Brito¹

RESUMO

O artigo a seguir apresenta de forma resumida como a pornografia tem se tornado um mal aceitável, tanto no contexto secular quanto no eclesial. Aborda pontos de como esse produto é fornecido aos seus consumidores, e como tem conseguido cada vez mais adeptos. Mostra por que tantos entram e não conseguem se libertar desse vício terrível, que muitas vezes é vendido como produto aceitável e não prejudicial à saúde, mas que esconde grandes abismos, que podem marcar a vida particular, social e familiar, de maneira negativa. Também mostra os tipos de pornografia, e qual a perspectiva bíblica diante desta questão.

Palavras-chaves: Pornografia. Vício. Depravação. Santidade.

ABSTRACT

The following article briefly presents how pornography has become an acceptable evil in secular and ecclesiastical contexts. It discusses points of how this product is delivered to its consumers, and how it has gained more and more fans. It shows why so many enter and fail to break free of this terrible addiction, which is often sold as an acceptable and non-harmful product, but which hides large gaps that can mark private, social and family life in a negative way. It also shows the types of pornography, and what is the biblical perspective on this issue.

Keywords: Pornography. Addiction. Depravity. Holiness.

¹ O autor é bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: leandrohins@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, alguns assuntos inquietaram o ser humano, dentre eles as questões voltadas à sexualidade. Parece que o desejo por apreciar a nudez, com o passar do tempo, tem aumentado, tornando-se algo extremamente preocupante, levando muitos homens e mulheres a viverem um nível altíssimo de degradação moral, intelectual, social e familiar. Com o avanço dos meios de comunicação, o acesso a conteúdo ilícito aumentou gradativamente, levando muitos a um ciclo vicioso, distanciando-os ainda mais do propósito para o qual foram criados.

Segundo as Escrituras Sagradas, Deus criou o ser humano como um ser relacional, e que o mesmo buscasse nele a sua fonte de alegria. Porém, muitas vezes, esse mesmo ser humano, que foi criado para se contentar em seu Criador, passou a amar mais os prazeres da carne, buscando saciar o vazio deixado pelo abandono da verdade. Dentre esses prazeres, muitos se envolvem com pornografia, tentando encontrar nela uma autossatisfação para suprir a carência da alegria e do prazer que só podem ser encontrados em Deus. Sendo assim, os pontos que seguem abordarão esse tema evidenciando questões básicas como definição, índices de ocorrência e a visão bíblica sobre essa questão.

1. VISÃO GERAL E DEFINIÇÃO DE PORNOGRAFIA

Inicia-se definindo o que é a pornografia, a partir de três verbos na língua grega que auxiliam na explicação do termo, a saber: porneo; pornus e porneuo. Estes possuem um só significado: relações sexuais ilícitas, ou, ainda, atitudes com o corpo que não agradam a Deus.² Pornografia é considerada, também, toda imagem, áudio ou texto que apresenta ou insinua relacionamento sexual (penetração vaginal) ou atos libidinosos (coito anal, sexo oral, masturbação, beijos quentes e muitas outras práticas sexuais), como também filmagem ou fotografia de relações sexuais, ler mensagens com conteúdo erótico.³ Percebe-se que

A palavra pornografia vem do grego e significa literalmente “escrever sobre prostituta”. Com o tempo, passou a referir-se a qualquer material, escrito ou gráfico, de conteúdo sexual. O termo é usado hoje de forma negativa. A indústria pornográfica que produz filmes, revistas, vídeos e sites na Internet, prefere usar outros termos, como “material adulto”. Esta manobra é um eufemismo que visa retirar deste sórdido comércio a pecha negativa que ele possui.⁴

É importante considerar que há pelo menos dois tipos de pornografia: a primeira é classificada como sendo uma mais leve e suave, caracterizada como “soft porn”, que melhor traduzido quer dizer pornô leve, simplesmente é aquela que está mais voltada para a contemplação da nudez ou por sexo convencional, nada de extravagância. A segunda, porém, denominada como “hard porn”, que é o mesmo que sexo explícito, envolve o que há de mais

² BARRETO Jr, Lucio. **Pornografia mata**. 2.ed. Belo Horizonte: Basileia, 2015, p. 7.

³ SCHEL B, Guilherme Zanina. **Família educa, escola ensina**. Brasília: B e Z, 2017, p. 16.

⁴ LOPES, Augusto Nicodemos. **Pornografia, realidades, perigos e libertação**. <<http://www.ibpan.com.br>> Acesso em: 18 de junho de 2019.

estranho e nojento que se possa imaginar, vai de sexo com seres humanos até sexo com outros tipos de animais.⁵

Existe também o que é conhecido por *Snuff*, ou seja, é o ato no qual pessoas praticam atos sexuais e depois são assassinadas. No entanto, não se conhece nenhum tipo de material publicado nesse sentido, mas apenas suposições, devido aos fatos. Há também outra forma de pornografia, considerada ainda mais destrutível e degradante, ou seja, a pornografia infantil. A pornografia infantil é a “representação, sob qualquer forma, de criança em ato sexual implícito ou explícito, simulado ou real, ou qualquer representação dos órgãos sexuais da criança para fins sexuais”.⁶ Também há a pornografia erótica, que é a “representação sexual de homem e mulher em posição de igualdade e respeito mútuo”.⁷ Pode-se lembrar também que, conforme Lopes, algumas feministas fazem uma distinção entre pornografia, que é a sujeição e degradação sexual da mulher, através de imagens que representam o homem dominando e humilhando a mulher sexualmente.⁸ Nesse sentido, evidencia-se que a pornografia envolve várias situações e realidades. Na sequência, abordar-se-á a realidade e índices que envolvem a realidade pornográfica, especialmente no Brasil.

2. A REALIDADE PORNOGRÁFICA

A partir de pesquisas, observam-se os altos índices e o perigo do acesso ao meio pornográfico. Segundo Augusto Nicodemos, a nível de Brasil os dados são incertos, se comparados com os americanos, mas estima-se que as pessoas gastem mais com pornografia do que com as matrículas nas escolas, e quando o assunto são os evangélicos, o Brasil destaca-se pelo alto índice de pessoas que gastam tempo excessivo com televisão e redes sociais. É possível que cerca de 15 a 20% das pessoas das igrejas evangélicas estejam envolvidas com pornografia, tanto homens quanto mulheres.⁹

Conforme Arterburn, Stoerker e Yorkey, para os homens, um dos problemas são os olhos, pois eles não precisam de amantes na forma física, não precisam esperar, não precisam de uma série de coisas para caírem na imoralidade sexual. Basta ter “olhos” e o prazer estará garantido, a grande maioria não é exigente, basta olhar uma fotografia e isso ativar a sexualidade, e, quando o assunto é a anatomia feminina, os olhos são a chave de ignição.¹⁰

Algumas pesquisas comprovaram que acessar ou baixar vídeos pornô na internet é aceitável para muitos, pois dados de entrevista realizada em 2015 revelaram que cerca de 41% das pessoas acreditam que assistir a pornografia online é aceitável; 43% de todos entrevistados veem conteúdo pornográfico, dentre estes 1 a cada 3 são mulheres; 72% dos

⁵ BARRETO, 2015, p. 25.

⁶ SCHEL B, 2017, p. 16-17.

⁷ LOPES, 2019.

⁸ LOPES, 2019.

⁹ BARRETO, 2015, p. 16.

¹⁰ ARTERBURN, Stephen; STOERKER, Fred; YORKEY, Mike. **A batalha de todo homem**: um guia para homens sobre como vencer a pornografia. Tradução de Aline Grippe. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 81-82.

consumidores de pornografia são homens e 28% são mulheres. Entretanto, apenas 10% admitem ser viciados em pornografia.¹¹

Em todo mundo a pornografia gera um ganho de 97 milhões de dólares (28% China, 27% Coreia do Sul, 21% Japão, 14% EUA). Interessante que companhias como a GM, Marriot e a Time Warner lucram milhões vendendo erotismos. Cerca de 90% de todos os filmes com conteúdo pornográfico são produzidos a cada ano em Sam Fernando Valley. Em média, uma estrela pornô pode ganhar 100 a 250 mil dólares por ano, e um atriz pornô cerca de 40 mil dólares ao ano.¹²

Crianças são vítimas diárias de pornografia, segundo dados levantados pela Folha de São Paulo, de 2001. A pesquisa revelou que 4,7% dos internautas que acessavam conteúdos pornográficos eram crianças entre 02 a 11 anos, mas no Brasil o número era ainda maior 6,56%. Outros dados levantados em sites americanos constataram que, em média, eram feitas cerca de 116.000 buscas por conteúdo pornográfico infantil e comprovaram, também, a existência de 100 mil sites com conteúdos relacionados. A mesma pesquisa constatou a existência de 4,2 milhões de sites, que exibiam 420 milhões de páginas, chegando ao total de 3 bilhões de imagens e vídeos eróticos. No Brasil, a pornografia tem se tornado lucrativa, um grande negócio, e infelizmente é apoiada pelo Ministério da Cultura, tendo como subsídio a isenção de impostos. A cada segundo, R\$ 3.075,64 estão sendo gastos com algum tipo de conteúdo pornográfico.¹³

Na maioria das vezes as pessoas começam a se envolver com a sexualidade ou a nudez não permitida muito antes do momento adequado e, quando percebem já estão envolvidas em um mal tão profundo que não podem sair sozinhas. Na maioria das vezes, o resultado desse inconveniente só aparecerá quando a pessoa se casar.¹⁴

Descobriram recentemente que 86% dos estupradores tentam reproduzir com suas vítimas as cenas que viram na internet. Então aquela cena que ele viu tanto na internet, chega uma hora que fica sem graça. Ele já não quer ficar vendo, quer reproduzir! A pedofilia é a mesma história. A homossexualidade praticamente não existe sem o acesso a pornografia na internet, bem como adultério e a prostituição...a grande professora da depravação sexual é a pornografia.¹⁵

Uma das consequências mais graves e destrutíveis está ligada diretamente com o casamento. A pornografia destrói tanto o homem quanto a mulher que estejam casados. Muitos matrimônios indicam a pornografia como a falência do relacionamento. Quanto mais o homem se envolve com esse vício, mais entediante se tornará a realidade de seu casamento. Assim, a busca por pornografia poderá ser o anseio de muitos homens no seu próprio casamento.¹⁶ A citação abaixo descreve essa questão da seguinte forma:

¹¹ BARRETO, 2015, p. 48-51.

¹² BARRETO, 2015, p. 49.

¹³ BARRETO, 2015, p. 51-52

¹⁴ BARRETO, 2015, p. 14.

¹⁵ BARRETO, 2015, p. 19.

¹⁶ DAVIES, Bob. **Vencendo a pornografia**: como vencer um vício comum relacionado com a sexualidade. Londrina: Êxodus, 2006, p. 15-16.

O jovem marido mais ou menos presume que a esposa praticará qualquer ato sexual que possa conhecer e que ela fará isso com a mesma satisfação, desejo e habilidade das mulheres que ele viu na tela. (...). A pornografia tem o poder singular de causar prejuízo a um casamento, porque, no final das contas, foca-se no ego e não na união. Entregar-se à pornografia é uma forma de isolamento psicológico, um afastamento para um pequeno mundo de autogratificação.¹⁷

A pornografia é discutida nos círculos cristãos, correndo o risco de virar um clichê, vista por alguns como algo que não é relevante. Porém, ela se apresenta de forma inerentemente zombadora, violenta e gradativa. Zomba claramente do propósito de Deus para a vida sexual; suas mentiras são diretamente opostas ao plano de Deus. Violenta, pois ela redefine o entendimento das pessoas em relação ao sexo, bem como sobre masculinidade e feminilidade. Ainda, leva as pessoas a viverem apenas pela recompensa do prazer, e não pelo mútuo comprometimento do amor, destruindo a moral e degradando a intimidade. Gradativa, de fato, a pornografia a partir de um momento, começa a assumir o controle: no primeiro momento era somente um olhadinha, mas com o tempo a mente anseia por mais, aquilo que antes satisfazia se torna chato, o que era degradante passa a se tornar aceitável, passando a alterar toda a percepção sobre o sexo.¹⁸ Infelizmente é assim que a pornografia vai destruindo o ser humano em sua integralidade.

Inúmeras são as justificativas para permanecer nesse vício, entre elas, as pessoas que a praticam dizem quem não estão prejudicando ninguém. “Eu não bebo, eu não fumo, não estou fazendo mal para ninguém. O que é que tem eu chegar em casa e praticar um pouquinho de pornografia... não mato ninguém, estou pagando minhas contas, estou lavando minhas roupas”.¹⁹ Outra justificativa, apresentada por alguns indivíduos, seria que lançam mão da pornografia para evitar um mal maior, alegam que até tentam evitar, porém não é fácil, e questionam o que teria de mal gostar um pouco disso.²⁰

Inúmeras são as razões pelas quais tanto homens quanto mulheres são atraídos pela pornografia. Para elas, a curiosidade, e para os homens a curiosidade por algo desconhecido é a maior razão pela qual são atraídos a ver imagens, filmes, sites de mulheres nuas. No caso dos homossexuais, existe, ainda, a curiosidade em comparação ao corpo, ou seja, como ele é em relação ao outro. Além desta, há também o fator da intimidade, ou seja, a busca por intimidade, visto que, quando Deus criou o homem, colocou dentro dele o desejo de ser um ser relacional. No entanto, o medo das frustrações e decepções nos relacionamentos pessoais levam muitos a se prenderem em um relacionamento apenas virtual ou de laços emocionais, por não necessitarem mais da aprovação dos outros.²¹

Um grande problema presente no vício pornográfico é que com o passar do tempo ele vai criando um mundo irreal. A maioria das imagens ou vídeos são artisticamente modificados,

¹⁷ CHALLIES, Tim. **Desintoxicação sexual**: um guia para homens que querem fugir da imoralidade sexual. Tradução de Márcia Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 31-32.

¹⁸ CHALLIES, 2011, p. 25-26.

¹⁹ BARRETO, 2015, p. 15.

²⁰ BARRETO, 2015, p. 15.

²¹ DAVIES, 2006, p. 3-4.

causando uma mentira ainda mais atraente. Na realidade, tanto os gestos como as posições e expressões sexuais de prazer não passam de fingimento, são iscas, e o que está de trás é um anzol bem afiado para prender a muitos.²²

3. BÍBLIA: O APOIO PARA VENCER A PORNOGRAFIA

Geralmente, quando o ser humano erra pela primeira vez, acha que é tudo normal e que não haverá consequência; afinal, errar é humano. Mas, na maioria das vezes o indivíduo cai no mesmo erro, isso o leva a sentir-se um fracassado, e a achar e pensar que é aquilo que está fazendo. A verdade é que os seres humanos são todos falhos, e isso é parte da sua natureza pecaminosa.

A Bíblia deixa claro que o ser humano é propenso às coisas da sua natureza, isso inclui os prazeres carnis, que de certa forma o torna vulnerável a todo tipo de pecado. As Escrituras alertam, também, que esse pecado separa o ser humano da verdadeira felicidade. Essa mesma felicidade que muitos procuram na pornografia, que por um momento até traz uma alegria, mais tarde o levará a um profundo vazio, e esse, por sua vez, precisa ser preenchido com doses maiores de todo tipo de impurezas que se possa pensar.²³

A verdade é que muitos homens e mulheres estão carecendo urgentemente de uma desintoxicação, pois se deixaram envolver de tal maneira com a pornografia, que precisam urgentemente de uma redefinição moral e psicológica. Suspeita-se ainda que grande parte dos cristãos estejam envolvidos nessa carnalidade, já não sabem mais definir seu senso do que é certo ou errado, por isso necessitam de voltar à normalidade e retornar a sua saúde, pois já tiveram suas mentes dominadas pela poluição e corrupção.²⁴

Deus ama tanto ao ser humano que colocou dentro dele o desejo sexual. Com certeza, deseja que isso seja feito de maneira saudável. Mas também mostra em sua palavra que “sexo” fora do casamento é pecado. Muitos começam a se envolver com a sexualidade, e passam por cima dos sinais que não são permitidos, e por isso perdem o controle. A Bíblia deixa bem claro, em 1 Tessalonicenses 3.3-8, que Deus deseja que o seu povo viva uma vida de santificação e que fuja das imoralidades sexuais.

Algo deve ficar bem claro na mente das pessoas, mas principalmente dos cristãos, a saber: que Deus possui um padrão para o ser humano seguir, o qual muitos não buscam conhecer.

Por causa de nossos próprios padrões em relação à pureza sexual estarem tão misturados com os de Deus, e uma vez que muitos cristãos não leem a Bíblia, muitos homens não possuem nenhum entendimento sobre o padrão de Deus em relação a este assunto.²⁵

²² ANDRUEJOL, Howalrd; INTRIERI, Adrián. **Não morda a isca**: como escapar da pornografia. Tradução de Reginaldo de Souza. São Paulo: SBB, 2014, p. 21-22.

²³ ANDRUEJOL; INTRIERI, 2014, p. 103-106.

²⁴ CHALLIES, 2011, p. 21-22.

²⁵ ARTERBURN; STOERKER; YORKEY, 2004, p. 59.

Algo interessante que muitas vezes as pessoas não sabem, é que em toda a Escritura o ser humano é chamado a viver uma vida de pureza, independente da circunstância, mas em específico, há um chamado no Novo Testamento a evitar a impureza sexual.²⁶ Mateus 5.28 diz: “Mas eu lhes digo: qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração”.

Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem ‘impuro’. (Mc 7.21-23 - Bíblia NVI).

A noite está quase acabando; o dia logo vem. Portanto, deixemos de lado as obras das trevas e vistamo-nos a armadura da luz. Comportemo-nos com decência, como quem age à luz do dia, não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e depravação, não em desavença e inveja. Pelo contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne (Rm 13.12-14 - Bíblia NVI).

Ao todo, o Novo Testamento apresenta, entre seus 27 livros, 14 livros que expõem a preocupação de Deus com a pureza sexual do ser humano, principalmente aos homens. Há em específico uma passagem bíblica que relata de forma direta qual é o principal desejo de Deus ao ser humano.

A vontade de Deus é que vocês sejam santificados: abstenham-se da imoralidade sexual. Cada um saiba controlar o próprio corpo de maneira santa e honrosa, não com a paixão de desejo desenfreado, como os pagãos que desconhecem a Deus. Neste assunto, ninguém prejudique a seu irmão nem dele se aproveite. O Senhor castigará todas essas práticas, como já lhes dissemos e asseguramos. Porque Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santidade (1 Ts 4.3-7).²⁷

Muitos já se encontram em um beco sem saída, sentem-se sozinhos e derrotados, na maioria das vezes cansados e perturbados, não sabem o que fazer para largar o vício. Sem saberem o que fazer, e pela vergonha de contar a alguém, se aprofundam em uma depravação total. Há cristãos que estão envolvidos nisso e já tentaram uma série de alternativas, que vão de dias de jejum, oração até pactos de renúncia, achando que encontrariam soluções imediatas. Na realidade essas opções são válidas, no entanto, quando não funcionam, trazem ainda mais culpa, vergonha e um peso extra.²⁸

De certa forma, a oração e o jejum têm poder, sim, porém Deus ensina aos seres humanos que eles devem procurar entender onde está a raiz do problema, e assim poderão mudar o comportamento, a fim de derrotá-lo. Primeiro, é necessário admitir a fraqueza, não apenas para as pessoas, mas principalmente para si mesmo. O indivíduo deve dizer em voz alta que reconhece ser um viciado em pornografia. Segundo, ele deve confessar a Deus as

²⁶ ARTERBURN; STOERKER; YORKEY, 2014, p. 59.

²⁷ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia sagrada**: Bíblia de estudo esquematizada Almeida revista e atualizada. São Paulo: SBB, p. 1748.

²⁸ ANDRUEJOL; INTRIERI, 2014, p. 68-69.

suas mazelas e pedir perdão, tendo em mente que está diante do trono da graça, e não diante de um tribunal de condenação.²⁹

Destruir todo material pornográfico também é uma excelente opção, pois já não fará sentido a aqueles que querem sair, guarda algum material. Limitar o acesso à internet, usar um aplicativo que bloqueie esses sites, acessar celular, notebooks ou computadores em lugares à vista de outras pessoas, estes são bons meios de começar a sair do vício.

Os limites nos ajudam a demarcar nossa propriedade para cuidar dela. Eles nos ajudam a ‘olhar o nosso coração com inteligência’ [...] os limites nos ajudam a manter o bem do lado de dentro e o mal do lado de fora. Eles protegem os nossos tesouros (Mt 7.8) para que ninguém os roube. Eles mantem as pérolas dentro e os porcos fora.³⁰

Neste mundo caído muitas vezes o desejo sexual tem se tornado um fardo pesado, e tem intoxicado a vida de muitas pessoas, mas com certeza há solução. Por isso, jamais desconsidere que ainda poderá ser tentado, e assim, ignorar não vai adiantar muito. Ao contrário disso, é preciso, em vez de desconsiderar a tentação, envolver-se na tarefa diária de matar esse pecado. Também é de extrema urgência substituir as mentiras desse vício pela verdade de Jesus.³¹

Diversas pessoas sofrem por não procurarem ajuda, talvez pela vergonha ou por um pré-julgamento que ela mesmo cria na mente. Porém, é fundamental ter uma pessoa para prestar conta, um amigo ou uma amiga. Alguém do mesmo sexo, mais experiente, não apenas para compartilhar as derrotas, como também as vitórias já obtidas. Um passo muito importante, será ocupar o lugar da sua mente que era ocupado pelo vício. As pessoas que sofrem com esse vício, devem ocupar suas mentes com alternativas, não basta apenas deixar, e sim substituir por coisas novas. Porém, como fazer:

Muitos jovens que consomem pornografia fazem disso um ritual. Quer dizer, separam um momento e um lugar estratégico dedicado a essa prática. Fazem isso antes de dormir ou quando toda família está dormindo, ou antes do banho, ou diante de seu computador, ou alugando filmes, etc. Você precisa reconhecer quais são esses momentos e lugares. Em que situações você está mais fraco e suscetível? Fique atento, identifique esses momentos e se afaste deles.³²

Também será necessário fazer uma lista de lugares ou situações em que se sinta mais vulnerável a cair no erro de ver o que não devia. Não se deixe enganar, seja específico. A partir do momento em que a pessoa descobre, ou melhor, ela já sabe, só que fica mentindo para si mesma, deve assumir um compromisso de evitar situações que a tornem vulnerável. Ainda, nunca ache que é forte o suficiente para não retornar ao erro, conforme o texto de 1 Coríntios 10.12.³³

²⁹ ANDRUEJOL; INTRIERI, 2014, p. 71-77.

³⁰ ANDRUEJOL; INTRIERI, 2014, p. 78.

³¹ CHALLIES, 2011, p. 71-71.

³² ANDRUEJOL; INTRIERI, 2014, p. 86.

³³ ANDRUEJOL; INTRIERI, 2014, p. 88.

Na próxima vez que você estiver sendo tentado a ir à rua e comprar literatura pornográfica, ou acessar a internet, pare por um momento e pergunte a si mesmo: “Que estou sentindo exatamente agora? Estou entediado? Com raiva? Frustrado? Ansioso? Deprimido? Você também pode orar: Espírito Santo, por favor revele o que há de por baixo desta forte tentação que estou sentindo neste momento. O que realmente estou desejando? O que está gerando está sensação? Eu escolho correr para o Senhor agora, e esperar que o Senhor mostre o que está acontecendo, ao invés de fugir e buscar falso conforto na pornografia”.³⁴

Lendo até aqui, você deve ter se perguntado: por que a questão sexual é tão forte na vida do ser humano? A resposta mais básica seria, simplesmente, porque proporciona prazer e satisfação. Isso muito se relaciona com o que todos os seres humanos procuram, a saber: a felicidade e a satisfação plena. No entanto, é válido lembrar que o sexo não é a única fonte que dá prazer, alegria e felicidade.

É importante mudar a rotina e desenvolver outras atividades que tragam alegria e prazer. Faça algo como praticar esportes, leituras, conheça pessoas novas e outros. Entretanto, a leitura da Bíblia é fundamental para conhecer a Deus e obedecê-lo.³⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Escrituras deixam bem claro, que o papel do maligno é roubar, matar e destruir (Jo 10.10), mas Cristo quer libertar o ser humano de qualquer vício, seja da natureza que for. Quantas pessoas continuam sofrendo em muitos vícios sexuais, e não têm nada pior do que ir dormir à noite e saber que se envolveu mais uma vez com um lixo imoral. Quantas pessoas estão nesse exato momento tentando sair, lutando para vencer esses vícios sexuais, inclusive quantos cristãos vivem falhando, e por vezes tornam a se sentirem fracassados, humilhados, mas isso não muda quem de fato são.

Há algo que jamais as pessoas iram perder, que é a espera de Deus em retornar mais uma vez para os braços Dele, afinal você foi criado para ser um filho ou filha Dele, e para viver em santidade. Além disso, ser tentado pelos desejos sexuais não é errado; Jesus também foi tentado, no entanto não cedeu à tentação. Falhamos, desobedecemos, caímos em muitas outras áreas da nossa vida, não apenas nas questões sexuais. Será uma decisão difícil, dura, radical, e não será simples abandonar o vício, mas também não será impossível. É preciso dominar esse vício, pois o ser humano não foi criado para escravidão.

REFERÊNCIAS

ANDRUEJOL, Howalrd; INTRIERI, Adrián. **Não morda a isca**: como escapar da pornografia. Tradução de Reginaldo de Souza. São Paulo: SBB, 2014. 118 p.

³⁴ DAVIES, 2006, p. 7.

³⁵ ANDRUEJOL; INTRIERI, 2014, p. 91.

ARTERBURN, Stephen; STOERKER, Fred; YORKEY, Mike. **A batalha de todo homem**: um guia para homens sobre como vencer a pornografia. Tradução de Aline Grippe. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. 249 p.

BARRETO Jr, Lucio. **Pornografia mata**. 2.ed. Belo Horizonte: Basileia, 2015. 96 p.

CHALLIES, Tim. **Desintoxicação sexual**: um guia para homens que querem fugir da imoralidade sexual. Tradução de Márcia Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2011. 112 p.

DAVIES, Bob. **Vencendo a pornografia**: como vencer um vício comum relacionado com a sexualidade. Londrina: Êxodus, 2006. 24 p.

LOPES, Augusto Nicodemos. **Pornografia, realidades, perigos e libertação**.

<<http://www.ibpan.com.br>> Acesso em: 18 de junho de 2019.

SCHELB, Guilherme Zanina. **Família educa, escola ensina**. Brasília: B e Z, 2017. 116 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**: Bíblia de estudo esquematizada Almeida revista e atualizada. São Paulo: SBB, 1672 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A INFLUÊNCIA DAS MIGRAÇÕES ATUAIS PARA A EXPANSÃO DO EVANGELHO

The influence of current migrations for the expansion of the Gospel

Eduardo Leimann Balaniuk¹

RESUMO

Diversos são os motivos das pessoas que emigram para outros países e muitas consequências há ao se migrar. Soma-se a isso a discriminação e outros riscos aos estrangeiros. Dentre as migrações atuais serão abordadas as migrações para a Europa. Haverá ênfase nas causas destas migrações, bem como as situações atuais e como os cristãos podem realizar ações cristãs práticas entre estes grupos. As imigrações para o Brasil será o próximo tópico abordado, destacando-se as causas, a situação atual destas migrações, e quais são as ações cristãs que estão em desenvolvimento. Por fim, mostram-se as influências que as novas migrações deixam para a expansão do Evangelho.

Palavras-chaves: Migração. Evangelho.

ABSTRACT

There are many reasons why people migrate to other countries and there are many consequences when migrating. Added to this is discrimination and other risks to foreigners. Current migrations will include migrations to Europe. Emphasis will be given to the causes of these migrations, as well as current situations and how Christians can perform practical Christian actions among these groups. Immigration to Brazil will be the next topic addressed, highlighting the causes, the current situation of these migrations, and what Christian actions are under development. Finally, we show the influences that the new migrations leave for the expansion of the Gospel.

Keywords: Migration. Gospel.

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Pós-graduado em Libras, pela UNOPAR, e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: balaniuk_4@hotmail.com

1. CAUSAS QUE GERAM MIGRAÇÕES

A história recente dos movimentos sociais e sua própria existência como construto teórico estiveram sempre associadas à sociedade civil e à esfera pública não oficial. Ou seja, nas últimas manifestações houve sempre um padrão de tensão entre sociedade civil e o Estado.² As migrações e os movimentos sociais desde os movimentos operários na Europa até as migrações contemporâneas, contribuíram de diferentes maneiras à mobilização transnacional.³

O processo de migração internacional pode ser desencadeado por diversos fatores: em consequência de desastres naturais, guerras, perseguições, causas relacionadas a estudos, busca de trabalho e melhores condições de vida, entre outros.⁴ A migração forçada em virtude de conflitos é uma forma de vulnerabilidade, como a crise na Síria. Embora os refugiados constituam uma pequena parcela da população migrante – cerca de 10,5 milhões de pessoas em 2011 – o conflito armado deslocou cerca de 5 milhões de pessoas da região.⁵

Segundo dados das Nações Unidas, existem mais de 230 milhões de migrantes em todo o mundo. A imagem negativa da migração agrava-se devido a que, em alguns casos, os desalojados ou refugiados procedem de regiões em guerra ou com alto grau de violência.⁶ Podem ainda ser vítimas de discriminação racial, étnica e religiosa e de exclusão social. O próprio processo de migração está repleto de riscos. As estruturas familiares e as relações podem sofrer uma erosão. De particular preocupação, as crianças têm uma maior probabilidade de sofrerem abusos, um maior envolvimento em atividades ilegais, o consumo excessivo de drogas e álcool e uma atenção reduzida na escola.⁷

Outra questão que se refere às migrações, é o fato de que os primeiros movimentos migratórios ocorreram sem que as comunidades de origem se modificassem, mas a natureza e intensidade das modificações alteraram-se profundamente, pois o processo de globalização cultural interfere nas percepções e sentimentos individuais em relação a esta experiência.⁸

Uma das causas de migração é especialmente por conflitos armados e pelas populações que fogem de situações de perigo e de perseguição. Um número mais elevado de grupos de refugiados foge de catástrofes, e os números tendem a aumentar devido às alterações climáticas. Os refugiados enfrentam um perigo adicional de não lhes ser permitido trabalhar

² GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 129.

³ GOHN, 2012, p. 147.

⁴ MARINUCCI, Roberto. **Migrações Internacionais Contemporâneas**. Disponível em <<http://www.ufjf.br/pur/files/2011/04/MIGRA%C3%87%C3%83O-NO-MUNDO.pdf>>. Acesso em: 03 de jun. 2019.

⁵ MALIK, Khalid. **Relatório do desenvolvimento humano 2014: Sustentar o progresso humano: reduzir as vulnerabilidades e reforçar a resiliência**. Washington DC, EUA: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2014, p. 79.

⁶ SOCIEDADE BÍBLIA DO BRASIL. **História de migrantes da Bíblia**. Trad. Paulo Ferreira Valério. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, p. 7,10.

⁷ MALIK, 2014, p. 128.

⁸ SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Teorias das migrações internacionais**. Caxambu: Unicamp, 2000, p. 14.

na maioria dos países de acolhimento, e serem alojados em acampamentos temporários com serviços de má qualidade e condições inseguras.⁹

2. MIGRAÇÕES PARA A EUROPA: PRINCIPAIS CAUSAS E A SITUAÇÃO ATUAL

A partir da Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir da década de 1960, houve três períodos que marcaram o rumo das migrações na Europa e moldaram os fluxos migratórios até o final do século: os imigrantes vindos das antigas colônias, a reunificação familiar e os exilados, principalmente da queda da União Soviética.¹⁰ Tendo em vista essa grande massa de movimentações de pessoas no continente europeu, em 1943, estabeleceu-se a Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento (ANUAR), que prestava auxílio não só aos refugiados, mas a todas as pessoas deslocadas em razão de guerra. Em 1949, a ONU estabeleceu o ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, que manteve o trabalho de auxílio para refugiados.¹¹

Em 1990, com o fim da Guerra Fria, havia uma expectativa de que os conflitos no mundo diminuiriam, e da mesma forma os movimentos de refugiados. Contudo, houve uma intensificação dos conflitos étnico-raciais e religiosos e um aumento da população refugiada. Ao mesmo tempo, a situação de pobreza de muitos países, acentuada pelos efeitos da economia global, influenciou as maciças migrações que se verificaram ao longo da década.¹²

As migrações para a Europa são um fenômeno muito antigo. Em razão disso, os países ricos passaram a adotar medidas restritivas em relação às pessoas que chegavam aos seus territórios, numa tentativa de controlar os fluxos transfronteiriços e de evitar o acolhimento de mais refugiados, que representam grandes encargos econômicos e sociais.¹³

Todos os anos, milhares de migrantes e refugiados tentam chegar à Europa. Alguns são movidos pela necessidade de escapar da miséria, outros estão fugindo da violência e perseguição.¹⁴ Muitas delas fogem de conflitos na África e no Oriente Médio. Arriscam suas vidas cruzando o Deserto do Saara e o Mar Mediterrâneo em veículos e barcos precários para chegar à Europa.¹⁵

A imigração para a Europa, independentemente da forma que assuma, faz parte da realidade atual. As pessoas imigram para a Europa por diferentes razões. As crises mundiais

⁹ MALIK, 2014, p. 128.

¹⁰ NUNES, Francisco. **A Europa e os migrantes do século XXI**. Coimbra / Portugal: Faculdade de Economia, 2013, p. 6.

¹¹ MOREIRA, Julia Bertino. **A questão dos refugiados no contexto internacional (de 1943 aos dias atuais)**. Campinas: Unicamp, 2006, p. 5.

¹² MOREIRA, 2006, p. 13.

¹³ MOREIRA, 2006, p. 19.

¹⁴ ANISTIA INTERNACIONAL. **O custo humano da fortaleza europeia**. Disponível em <<https://anistia.org.br/direitos-humanos/publicacoes/violacoes-de-direitos-humanos-contra-imigrantes-e-refugiados-nas-fronteiras-da-europa/>>. Acesso: 06 de jun. 2019.

¹⁵ **AS PERIGOSAS ROTAS DE MIGRAÇÃO PARA ENTRADA NA EUROPA**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/10/131028_mapa_imig_racao_1k>. Acesso: 06 jun. 2019.

cada vez mais frequentes, de origem humana ou natural, levam as pessoas a deixar o país de origem.¹⁶

O início dos movimentos conhecidos como Primavera Árabe, em 2010, levou muitos europeus a sonhar com um futuro melhor no Oriente Médio e no norte da África. No Egito, Líbia, Síria, Tunísia e em outros lugares, houve tentativa de mudança no governo. Porém, o Egito continuou com a ditadura militar, a Líbia ficou dividida em dois governos e virou o centro do tráfico humano, a Síria enterrou-se em uma guerra civil. E quem mais se fortaleceu foi o grupo terrorista Estado Islâmico.¹⁷ Neste contexto, as pessoas começaram a migrar para a Europa, e assim, salvar suas vidas e buscar melhores condições de vida.

A União Europeia assumiu o compromisso de tomar medidas concretas, para evitar que mais pessoas percam a vida tentando chegar à Europa. Entre estas medidas, mostrou-se a necessidade de salvar vidas no mar; dismantelar as redes criminosas de introdução clandestina de migrantes; dar resposta a um grande número de chegadas à União Europeia; dar proteção a pessoas com necessidade de proteção; trabalhar em parceria com os países terceiros para gerir a migração a montante.¹⁸

A situação na Síria, país de origem da maior parte dos refugiados, agravou-se pela ofensiva do grupo “*jihadista*” Estado Islâmico e pela longa duração da guerra.¹⁹ A comissão da União Europeia no ano de 2015, decidiu ajudar a Líbia, em conjunto com a ONU, para o processo de constituição de um governo de unidade nacional. E para a crise na Síria, seriam destinados 3,6 milhões de euros para assistência humanitária, e assim estabilizar a ajuda aos refugiados sírios em países como o Líbano, Jordânia, Turquia e Iraque.²⁰

Segundo cálculo da ONU, divulgado em julho de 2015, cerca de 62% dos que tentam chegar à Europa são considerados refugiados, ou seja, têm chances de receber asilo por fugir de perseguição, conflito ou guerra. Os demais são migrantes, o que significa que viajam em busca de melhores condições e não correm risco de vida em seu país de origem.²¹

Os principais países de origem dos refugiados e migrantes que tentam chegar à Europa pelo Mediterrâneo são: Síria, Afeganistão, Eritreia, Somália, Nigéria. O grupo de imigrantes afegãos e eritreus vêm em seguida, geralmente tentando escapar da pobreza e de violações

¹⁶ UNIÃO EUROPEIA. **Compreender as políticas da União Europeia:** Migração e asilo. Luxemburgo: União Europeia, 2014, p. 3.

¹⁷ TEIXEIRA, Duda. **O mausoléu da paz.** São Paulo: VEJA, v. 2442, n. 36, p. 73 -74, set 2015.

¹⁸ COMISSÃO EUROPEIA. **Comunicação da comissão ao parlamento europeu, ao conselho, ao comité econômico e social europeu e ao comité das regiões:** agenda europeia da migração. Bruxelas: Comissão Europeia, 2015, p. 4-7.

¹⁹ **ENTENDA A CRISE DE MIGRANTES E REFUGIADOS NA EUROPA.** Porto Alegre: Zero Hora, 13 set. 2015. Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/08/entenda-a-crise-de-migrantes-e-refugiados-na-europa-4837178.html>> acesso: 07 jun. 2019.

²⁰ COMISSÃO EUROPEIA, 2015, p. 7.

²¹ AVELAR, Daniel; BALBINO, Leda. **Saiba quais são os principais conflitos que alimentam a crise de refugiados na Europa.** São Paulo, 03 set. 2015. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/asm/2015/09/1676793-saiba-quais-sao-os-conflitos-que-alimentam-a-crise-de-refugiados-na-europa.shtml>> acesso: 07 jun. 2019.

aos direitos humanos. Os nigerianos e os da Somália são pobres e marginalizados que buscam refúgio na Europa.²²

No ano de 2015, cerca de um milhão de migrantes chegaram à Europa, representando o número recorde de 1,82 milhão de detecção nos postos fronteiriços ilegais pela União Europeia. Este número foi mais de seis vezes o recorde anterior estabelecido em 2014.²³ Os três destinos mais solicitados pelos migrantes são a Alemanha, a Suécia e o Reino Unido. A União Europeia realiza operações marítimas para evitar naufrágios dos migrantes. Também realiza pontos para registrar os recém-chegados e estabelece quantas pessoas são refugiadas e quantos são migrantes econômicos.²⁴ Migrantes econômicos decidem deslocar-se para melhorar as perspectivas para si mesmos e para suas famílias. Já os refugiados necessitam deslocar-se para salvar suas vidas ou preservar sua liberdade.²⁵

Os que sobrevivem à travessia do mar Mediterrâneo, frequentemente relatam violência e abusos cometidos por traficantes de pessoas. Muitos imigrantes pagam milhares de dólares aos criminosos, e também é comum que sejam alvos de roubos. O caos na Líbia tem deixado os traficantes de pessoas livres para explorar os imigrantes.²⁶ O uso de barcos fracos de borracha, superlotados e com o fornecimento de combustível limitado, com objetivo de os contrabandistas maximizarem os seus lucros, coloca a vida dos migrantes em risco.²⁷ A Organização Internacional de Migração (OIM) reporta um número estimado de 206.400 migrantes e refugiados que entraram na Europa pelo mar em 2016 até 5 de junho, chegando à Itália, Grécia, Chipre e Espanha. As mortes, do começo de 2016 são de 2.809, em comparação com 1.838, durante os primeiros seis meses de 2015. Em outras palavras, as mortes no Mediterrâneo, em 2016, são quase 1.000 a mais do que o total do ano de 2015.²⁸

O atual fluxo de refugiados na Europa fez com que alguns países recebessem estes migrantes. Na Alemanha, país mais almejado pelos refugiados, ficou decidido que a pessoa que vem de uma nação em guerra quase sempre consegue uma autorização de residência provisória. A maioria dos refugiados que chegam à Alemanha possui alguma qualificação. Após três anos, se seu país de origem ainda estiver em caos, receberão um visto de residência permanente.²⁹

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) apresentou um plano com algumas medidas para resolver a crise de refugiados na Europa. Entre elas está o

²² PETER, Laurence. **Seis perguntas sobre a crise de imigração na Europa**. 29 ago. 2015. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150829_entenda_migracao_ab>. Acesso em: 07 jun. 2019.

²³ FRONTEX. **Frontex publishes risk analysis for 2016**. 05 abr. 2016. Disponível em <<http://frontex.europa.eu/news/frontex-publishes-risk-analysis-for-2016-NQuBFv>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

²⁴ ENTENDA A CRISE DE MIGRANTES E REFUGIADOS NA EUROPA, 2015.

²⁵ ACNUR. **Deslocando-se através das fronteiras**. Disponível em <<http://www.acnur.org/t3/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

²⁶ PETER, 2015.

²⁷ FRONTEX, 2016.

²⁸ INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRANT. **Abordagem das mortes no mar Mediterrâneo em 2016**. Disponível em <<http://www.iom.int/news/iom-fears-320-migrants-missing-mediterranean-deaths-approach-000-2016>> acesso em: 09 jun. 2019.

²⁹ TEIXEIRA, 2015, p. 73-74.

realojamento, que visa à passagem dos refugiados pela Europa mais segura, sem que ele recorra a contrabandistas e traficantes para atravessar o continente. Outra questão é a proteção de crianças, as quais muitas vezes viajam sozinhas ou foram separadas de suas famílias, como também medidas para evitar qualquer tipo de violência sexual.³⁰ Desde a Segunda Guerra Mundial, esta é a maior crise de refugiados no continente europeu, que atrai fugitivos, mas também sonhadores.³¹

3. AÇÕES CRISTÃS COM REFUGIADOS NA EUROPA

Em meio a tantas mudanças na sociedade, a ação cristã auxilia estes refugiados. A Aliança Evangélica Mundial visa interagir com os refugiados através de igrejas e agências locais as quais defendem as minorias religiosas mais afetadas e marginalizadas como os da fé cristã, facilitam a distribuição de recursos e hospedagem para as igrejas locais. A Aliança Evangélica Mundial trabalha em conjunto com a “*Refugee Highway Partnership*” (RHP), que visa trazer igrejas interessadas, agências e indivíduos para aprender a compartilhar recursos e encorajar uns aos outros. Também traz igrejas, agências e indivíduos em torno de necessidades e desafios específicos.³²

Outra organização que trabalha junto aos refugiados é a Junta de Missões Mundiais (JMM), a qual pertence à Convenção Batista Brasileira. Esta organização possui missionários que trabalham diretamente com refugiados vindos de países em crise. Eles tentam amenizar a situação de extrema pobreza e tristeza daqueles que tiveram de fugir de sua própria pátria.³³ Há projetos como o Voluntários sem Fronteira da JMM. Este projeto oferece a oportunidade para que jovens e adultos usem seus dons e talentos para apoiar trabalhos missionários onde já há trabalhos em andamento. As caravanas atendem vários países e contam com atividades na área de educação, saúde, capelania, assistência social, esportes, recreação, entre outros.³⁴ Também o projeto Tour of Hope visa levar, através da mensagem de Cristo, a esperança de transformação de vidas, com atividades relacionadas a esporte, artes, atendimentos na área de saúde e evangelismo. Este projeto também tem atuado no Oriente Médio, entre os refugiados.³⁵

A Operação Mobilização (OM) trabalha em mais de 110 países, motivando e equipando pessoas para compartilhar o amor de Deus com pessoas de todo o mundo. A OM visa ajudar a plantar e fortalecer igrejas, especialmente em áreas do mundo onde Cristo é menos

³⁰ JÚNIOR, Edgard. **Acnur anuncia plano para resolver crise de refugiados na Europa**. ONU, Nova York, 04 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2016/03/acnur-anuncia-plano-para-resolver-crise-de-refugiados-na-europa/#.V1hh9ZErLIU>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

³¹ PINHEIRO, Márcia. **Refugiados: busca por dignidade**. Rio de Janeiro: A colheita, ano XII, n. 62, p. 15, set 2015.

³² **REFUGEE HIGHWAY PARTENERSHIP**. Disponível em: <<http://www.refugeehighway.net/whatwedo.html&usg=ALkJrhgcOJbcnOgXYhPtGUFbj8uv8uJq4A>> acesso em: 09 jun. 2019.

³³ PINHEIRO, 2015, p. 16.

³⁴ **VOLUNTÁRIOS SEM FRONTEIRA**. Disponível em: <<http://missoesmundiais.com.br/voluntarios-sem-fronteiras/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

³⁵ PINHEIRO, Marcia. **Ajuda a refugiados no Oriente Médio**. 19, nov. 2015. Disponível em: <<http://missoesmundiais.com.br/noticias/2573/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

conhecido.³⁶ Com os milhares de refugiados imigrando ao redor do mundo, a OM procura responder, individual e coletivamente.³⁷ As equipes da OM que estão na Europa tratam os refugiados como indivíduos muito importantes, não apenas para dar-lhes alimentos, mas mostrando compaixão, carinho, envolvimento com as milhares de crianças apanhadas pela crise. A OM encaminha estes refugiados para que as Igrejas recebam em suas próprias vidas e suas novas comunidades.³⁸

Embora as notícias sobre a perseguição que existe aos refugiados, se tornam possível enxergar o lado bom da perseguição. Muitos muçulmanos estão tendo um encontro real com Jesus nos campos de refugiados da Jordânia e Líbano. Estes novos convertidos sonham em plantar novas igrejas quando regressarem.³⁹ Existe ainda projetos cristãos europeus que atuam entre os refugiados. A organização “*Christian Aid*” foi fundada há setenta anos para ajudar refugiados e deslocados na Europa após a Segunda Guerra Mundial. Hoje apoiam as pessoas afetadas pela guerra e violência em vários países. Prestam assistência prática através de organizações locais que estão em suas comunidades.⁴⁰

4. MIGRAÇÕES PARA O BRASIL: PRINCIPAIS CAUSAS E A SITUAÇÃO ATUAL

No século XVI, os portugueses chegaram ao Brasil, mas o território já era habitado pelos povos indígenas, e passaram a colonizá-lo e a explorá-lo. Nesta época milhões de africanos foram trazidos à força para trabalhar como escravos. Esse processo durou até 1850, quando ficou proibido o tráfico.⁴¹ A partir de 1850 até o século XX, começaram os incentivos para as imigrações, principalmente dos europeus.

A história da imigração no Brasil pode ser dividida em quatro períodos. O primeiro momento foi de 1808-1850, quando a existência da escravidão perturba o desenvolvimento da imigração, tornando-a esporádica. O segundo foi de 1850-1888, quando as medidas visando a abolir o trabalho escravo, a política de colonização do território nacional e de “branqueamento da raça” propiciaram o início de uma imigração crescente. De 1888-1930 a imigração, estimulada por subsídios governamentais, encontra campo aberto para desenvolver-se, num ritmo dependente de fatores internos e externos. Foi quando o fluxo migratório para o Brasil viveu seu ápice, na virada do século XIX para o XX. O quarto período foi a partir de 1930 até os dias atuais, período de relativo fechamento e emigração internacional de brasileiros. O fim da mão de obra de escravos no final do século XIX, trouxe

³⁶ OPERAÇÃO MOBILIZAÇÃO. **Sobre a OM**. Disponível em: <<http://www.om.org/en/about>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

³⁷ THIESSEN, Harvey. **Crise de refugiados da Síria**. Disponível em: <<http://www.om.org/syriarelief-ca>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

³⁸ OPERAÇÃO MOBILIZAÇÃO. **Refugee Ministry Report**. Port Caborn – Ontário. Disponível em: <<http://www.om.org/images/Downloads/NearEastDonorReport0416.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

³⁹ PORTAS ABERTAS. **A situação dos refugiados cristãos**. 12, fev. 2016. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2016/02/a-situacao-dos-refugiadoscristaos>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

⁴⁰ CRISTIAN AID. **Crise na Síria**. Disponível em: <<http://www.christianaid.org.uk/emergencies/areas-of-concern/refugee-crisis.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

⁴¹ ONG REPÓRTER BRASIL. **O Brasil em movimento**. São Paulo: Repórter Brasil, 2012, p. 13.

mudanças nas migrações. O Brasil começou a receber os trabalhadores que substituíram a mão de obra escrava.⁴²

A partir da proibição do tráfico de escravos, em 1850, e diante da necessidade de mão de obra na agricultura e na indústria em formação, novos fluxos de imigrantes europeus foram recebidos no Brasil. Imigrantes japoneses foram acolhidos a partir do início do século XX. A estimativa é de que o Brasil, no período do final do século XIX e início do século XX, recepcionou aproximadamente 4,4 milhões de pessoas, em sua grande maioria de Portugal, Itália, Espanha, Japão e Alemanha.⁴³ No que diz respeito aos movimentos migratórios internacionais ao Brasil, observa-se nas últimas décadas uma mudança de perfil. Durante os anos 1990, os sul-americanos predominaram entre os imigrantes que chegaram ao Brasil, sendo quase 40% do total.⁴⁴

Dentro da migração, são considerados três tipos de migrantes internacionais: migrantes documentados, migrantes não-documentados e refugiados/asilados.⁴⁵ Os migrantes documentados são aqueles que apresentam mão de obra qualificada. Os migrantes não-documentados são os que estão em situação ilegal no país que os acolhe. Os refugiados/asilados são aqueles que se encontram fora do seu país por causa de perseguição por causa a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos.⁴⁶

Nos últimos cinco anos, as solicitações de refúgio no Brasil passaram de 966, em 2010, para 28.670, em 2015. Em abril do ano de 2016, o total chegou a 8.863, o que representa um aumento de 127% no acumulado de refugiados reconhecidos.⁴⁷ Pesquisas mostram que os sírios são a maior comunidade de refugiados reconhecidos no Brasil. Eles somam 2.298, seguidos dos angolanos (1.420), dos colombianos (1.100), dos congolese (968) e dos palestinos (376). Ao todo são 79 nacionalidades.⁴⁸

No caso de migrações em que a situação não é de refúgio, percebe-se que a maior parte dos que chegam são trabalhadores dos países vizinhos ao Brasil. Como é o caso do Haiti, em que o governo brasileiro regularizou a situação da entrada dos haitianos no país.

No início de 2012, houve o aumento da imigração de haitianos para o Norte do Brasil, que estavam entrando no país principalmente pelos estados do Acre e do Amazonas. Em janeiro daquele ano, um terremoto devastou o Haiti, deixando mais de 230 mil mortos, e quase dois milhões de pessoas sem

⁴² MARITZA, Natália. **DDHH dos migrantes**. Disponível em <<http://www.ccj.ufpb.br/pos/wp-content/uploads/2013/07/Maritza-Nat%C3%A1lia-DDHH-dosMigrantes.pdf>>. Acesso em: 18 de Jun. 2019.

⁴³ CENTRO DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA DO IMIGRANTE. **Brasil: informe sobre a legislação migratória e a realidade dos imigrantes**. São Paulo: Centro de direitos humanos e cidadania do imigrante, 2011, p. 10.

⁴⁴ CENTRO DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA DO IMIGRANTE, 2011, p. 11.

⁴⁵ PATARRA, Neide Lopes. **Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 29, jul/set 2005.

⁴⁶ ACNUR. **Perguntas e respostas**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

⁴⁷ MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Brasil tem quase 9 mil refugiados de 79 nacionalidades**. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/brasil-tem-quase-9-mil-refugiados-de-79-nacionalidades-1>>. Acesso em: 17 jun. 2019

⁴⁸ CAMINHOS DO REFÚGIO. **Brasil tem quase 9 mil refugiados de 79 nacionalidades**. Disponível em: <<http://caminhosdorefugio.com.br/tag/conare/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

teto. O país já era marcado por violações de direitos humanos, conflitos políticos, golpes de estado, sucessivas ditaduras, intervenções militares, crises econômicas, ondas de violência, fome e repetidas catástrofes naturais.⁴⁹

Para chegar ao Brasil, os haitianos partem, geralmente, de Porto Príncipe, seguindo por via terrestre para a República Dominicana. De lá vão por via aérea para o Panamá e para o Equador, seguindo viagem de ônibus até Peru ou Bolívia. Após seguem viagem de barco ou caminhando por floresta, até as cidades vizinhas no Brasil.⁵⁰

Desde o ano de 2011, quando houve a explosão demográfica, ingressaram no Brasil 45.607 haitianos. As dificuldades com a comunicação deixam os haitianos perdidos. Muitos são ingênuos e alheios às labirínticas leis brasileiras, e são frequentemente ludibriados.⁵¹ O Brasil abriga cerca de 1.847.274 imigrantes regulares, segundo estatísticas da Polícia Federal, atualizadas em março de 2015. Dentre esse número, 4.842 são refugiados e 51 asilados. Alguns fatores contribuem para esta imigração: o declínio da taxa de crescimento populacional brasileira; as dificuldades econômicas e crescentes restrições à entrada de estrangeiros nos países desenvolvidos; crescente presença de empresas brasileiras em outros países.⁵²

A maioria dos imigrantes latino-americanos no Brasil representa uma mão de obra que teve pouco acesso à escola e à qualificação profissional, que vem para trabalhar nas confecções, no comércio, na construção e nos trabalhos domésticos. Já os europeus que costumam ter mais qualificação, nível universitário elevado, vem trabalhar em empregos com melhores salários.⁵³

Hoje os imigrantes não documentados e seus familiares nem sempre conseguem lugar em escolas públicas. No Brasil, os estados têm relativa autonomia no que se refere ao acesso de imigrantes e/ou seus filhos no ensino público fundamental. Muitas vezes, o jovem pode frequentar a escola, mas esta não pode emitir certificados de conclusão, por falta de documentos.⁵⁴ A tendência é que as imigrações atuais no Brasil continuem aumentando, sobretudo de populações advindas de países subdesenvolvidos ou com uma precária situação econômica. Outros países que se destacaram no envio de imigrantes ao Brasil foram Bangladesh, Senegal, Angola, entre outros. A causa da vinda destes imigrantes é a relativa prosperidade que os países emergentes possuem.⁵⁵

⁴⁹ ONG REPÓRTER BRASIL, 2012, p. 15.

⁵⁰ MORAES, Isaias Albertin; ANDRADE, Carlos Alberto; MATTOS, Beatriz Rodrigues. **A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios**. Revista Conjuntura Austral, Porto Alegre, v. 4, n. 20, p. 9, out/nov 2013.

⁵¹ KUHN, Dione; FONTOURA, Leandro. **Sonhos partidos**. Zero Hora, Porto Alegre, ano 52, n. 18.253, p. 12-13, out, 2015.

⁵² OTAVIO, Chico; GUILAYN, Priscila. **Brasil quer facilitar vistos para profissionais estrangeiros**. Disponível em: <oglobo.globo.com/pais/brasil-quer-facilitar-vistos-para-profissionais-estrangeiros-3671799>. Acesso em: 20 jun. 2019.

⁵³ ONG REPÓRTER BRASIL, 2012, p. 8.

⁵⁴ PATARRA, 2005, p. 31.

⁵⁵ PENA, Rodolfo Alves. **"Imigrações atuais no Brasil"**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/imigracoes-atuais-no-brasil.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

A demanda de força de trabalho do imigrante internacional também se reflete nos fluxos provenientes dos países do Mercosul. A Argentina, o Uruguai e o Chile são os representantes da modalidade de imigração de trabalhadores qualificados para o Brasil, enquanto na Bolívia e no Paraguai há baixa qualificação.⁵⁶ O mercado brasileiro absorveu trabalhadores imigrantes, em todas as áreas. Durante o período de 2000-2014, foi significativo o aumento das contratações dos trabalhadores estrangeiros no país.⁵⁷ Diante disso, percebe-se que a Igreja cristã precisa estar atenta as novas migrações e assim atuar de forma direta e prática.

5. AÇÕES CRISTÃS COM REFUGIADOS NO BRASIL

Dentre algumas organizações que trabalham junto aos imigrantes no Brasil, destacam-se alguns projetos. A organização missionária (MAIS) Missão em Apoio à Igreja Sofredora, trabalha para acolher refugiados cristãos que, por motivos de guerra, perseguição religiosa, pobreza extrema ou desastres naturais, não possuem mais condições de permanecerem em seus países e necessitam de refúgio. Este projeto tem parceria com igrejas, atendimento pastoral, emocional, médico, odontológico, assistência documental e reintegração social.⁵⁸ Este projeto está espalhado em diversas regiões do país e é acompanhado por equipes locais e parceiros.

A Junta de Missões Nacionais, vinculada à Convenção Batista Brasileira, tem olhado para as necessidades espirituais dos imigrantes. Através do Projeto Etnias no Brasil, e o Centro de Apoio ao Estrangeiro no Brasil, os batistas brasileiros recebem os imigrantes. Eles são cuidados e atendidos referentemente à inserção social e profissional. Em Curitiba há a Casa dos Refugiados, local onde estes refugiados da guerra da Síria recebem todos os cuidados.⁵⁹

A Junta de Missões Mundiais, também vinculada à Convenção Batista Brasileira, oferece aos cristãos brasileiros uma base para a construção de uma operação de ajuda aos refugiados, no Brasil e no exterior, por meio de cerca de 130 projetos, divididos nas áreas de saúde, evangelismo, esporte, educação, humanitários emergenciais, plantação de igrejas e formação de líderes.⁶⁰

A religiosidade é o pilar fundamental da cultura dos novos imigrantes do Brasil. Embora uma parcela dos haitianos seja praticantes do vodu (religião de origem africana praticada no Haiti), é na matriz evangélica que eles se expressam abertamente.⁶¹ O enraizamento dos imigrantes faz com que eles busquem a criação de igrejas que atendam às suas necessidades.

⁵⁶ VILLEN, Patrícia. **Polarização do mercado de trabalho e a nova imigração internacional no Brasil**. Campinas: Unicamp, p. 9.

⁵⁷ CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; TONHATI, Tânia; DUTRA, Delia. **Relatório anual 2015: a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Brasília: OBMigra, 2015, p. 10.

⁵⁸ MAIS. **Programa de refugiados**. Disponível em: <<https://maisnomundo.org/refugiados/>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

⁵⁹ MENEZES, Ana Luiza. **Compaixão e graça: Sírios são abraçados pelo projeto Etnias no Brasil**. A pátria para Cristo, Rio de Janeiro, ano LXIX, n. 270, p. 20, out 2015.

⁶⁰ JMM. **Refugiados**. Disponível em: <<http://missoesmundiais.com.br/home/refugiados/>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

⁶¹ KUHN, Dione; FONTOURA, Leandro. **Fé traz a terra natal para perto**. Zero Hora, Porto Alegre, ano 52, n. 18.253, p. 17, out, 2015.

A fé oferece-lhes o vínculo entre o passado e o futuro, tanto no âmbito pessoal quanto no familiar, seja no espaço coletivo, seja no social. A fé em Deus ajuda-os a orientar e a discernir quais práticas e atitudes devem-se escolher.⁶²

6. INFLUÊNCIAS QUE AS NOVAS MIGRAÇÕES DEIXAM PARA A EXPANSÃO DO EVANGELHO

Desde as populações mais simples, em termos de organização social, até às civilizações mais complexas, migrações e deslocamentos foram provocados por vários fatores. Os contatos interculturais e transculturais, de trocas constantes de valores e de práticas culturais, sempre marcaram a raça humana.⁶³ Os recém-chegados são vistos pela população natural como competidores de empregos, como uma ameaça permanente à estabilidade social e política da região de destino. Porém, grande parte dos imigrantes ocupam os espaços que a população não quer ocupar, muitas vezes em trabalhos duros e pesados, mal remunerados e sem prestígio social.⁶⁴

A imigração é vista por pessoas de países menos influentes como a solução para enfrentar o desemprego, fugir da fome e buscar em outras sociedades a prosperidade que não lhes foi possível alcançar em seu país.⁶⁵ Mas é muito difícil afirmar que todos os que imigram irão conseguir sustentar seus familiares que ficaram em seus países de origem. A imigração para países desenvolvidos, como os da Europa, e o avanço de imigrantes não é visto como algo positivo. Uma vez que é crescente o número de europeus desempregados, eles temem a concorrência com os trabalhadores estrangeiros que costumam oferecer mão de obra bem mais barata.⁶⁶

Outra questão é quanto à religião que os migrantes levam consigo ao imigrar. A religião é algo que os imigrantes carregam profundamente em si mesmos, porque faz parte de sua identidade. O desenraizamento pode acontecer, mas dificilmente se abandona a identidade religiosa. Por esta razão, muitas vezes a religião ou as crenças diferentes são causa de conflitos, quando não há diálogo e respeito.⁶⁷

O caminho da missão entre imigrantes é um caminho de proclamação, de solidariedade, de apoio àqueles que estão fora do seu habitat natural, oferecendo pertencimento. Caminhos que entendam os conflitos e transmitam uma mensagem contextualizada, apresentando um

⁶² SOCIEDADE BÍBLIA DO BRASIL, p. 217.

⁶³ SANTOS, Lyndon de Araújo. **Os refugiados, as migrações e o propósito do Criador**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/os-refugiados-as-migracoes-e-o-proposito-do-criador>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

⁶⁴ MARTINE, George. **A globalização inacabada migrações internacionais e pobreza no século 21**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 19, n. 3, jul/set 2005.

⁶⁵ NASCIMENTO, Maruza Dias. **O caminho da imigração**. Mar/Abr 2010. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/323/o-caminho-da-imigracao>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

⁶⁶ FERNANDES, Hermes. **A resposta cristã à causa dos imigrantes e refugiados**. Disponível em: <<http://www.hermesfernandes.com/2015/09/a-resposta-crista-causa-dos-imigrantes.html>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

⁶⁷ SOCIEDADE BÍBLIA DO BRASIL, p. 168.

espaço para amenizar as incertezas e os riscos provocados pela imigração.⁶⁸ É obvio que o cristianismo desde o início transpôs barreiras culturais e nesse processo influenciou e sofreu influências. Ao expandir-se entre outras culturas, os cristãos têm a responsabilidade de servir as pessoas e identificar-se com elas em tudo aquilo que não seja claramente incompatível com os valores do evangelho.⁶⁹

A própria Bíblia, em que Deus dá a instrução quanto ao trato aos imigrantes, destaca que os estrangeiros precisavam ser aceitos, amados, acolhidos. Como é o relato em Êxodo 22.21^a: “Não maltratem nem oprimam o estrangeiro”. Esta frase relaciona diretamente a obrigação de Israel às suas experiências no Egito.⁷⁰ Em Deuteronômio 10.18-19 lê-se: “Ele defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa. Amem os estrangeiros, pois vocês mesmos foram estrangeiros no Egito”. O estrangeiro residente está especialmente sujeito a ser explorado, e assim é objeto especial do amor de Deus.⁷¹

A migração de seres humanos foi e é uma constante na história da humanidade. Nesses processos os migrantes difundem práticas e ideologias, constroem e ampliam identidades e criam redes e conexões entre diferentes espaços.⁷² Os imigrantes tornam-se mais suscetíveis a mudanças de convicção religiosa, dessa forma. Tanto no passado, como nos dias de hoje o cristianismo continua a atravessar barreiras geográficas e culturais. Exemplo disso, são brasileiros que têm ido residir em outros países e têm plantado igrejas e evangelizado tanto os de seu país quanto os autóctones.⁷³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, não há uma causa principal para que alguém imigre. No atual panorama de migrações europeu, muitos que tentam adentrar suas fronteiras, são pessoas vindas de países em guerra ou em miséria. Estes são considerados refugiados, os quais tiveram que sair de seu país por motivos de perseguições. Organizações cristãs, presentes na Europa e em outros países, tentam auxiliar estes grupos que chegam até lá. São diversos atendimentos e atividades prestadas por estas entidades e igrejas, mas a principal mensagem deixada para estes imigrantes é o amor que Jesus quer demonstrar na vida delas. Também foram abordadas as migrações ao Brasil, que tiveram aumento significativo em relação aos outros anos. Entre os grupos com maior incidência de imigração ao Brasil, dominam os países vizinhos. Com estas migrações, percebe-se que ainda não há programas eficientes quanto à situação social e econômica em que se encontram estes estrangeiros. Mas, como visto, organizações cristãs

⁶⁸ NASCIMENTO, 2010.

⁶⁹ MATOS, Alderi Souza de. **A caminhada cristã na história**: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje. Viçosa: Ultimato, 2005, p. 147.

⁷⁰ COLE, R. Alan. **Êxodo**: introdução e comentário. Tradução de Carlos Oswaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1980, p. 168.

⁷¹ BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 367.

⁷² GOHN; BRINGEL, 2012, p. 149.

⁷³ MATOS, Alderi Souza de. **A imigração e a evangelização na história missionária**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7131.html>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

tomaram a frente para ser o auxílio a estes grupos. E através da fé, estas pessoas podem ser direcionadas por Deus a tomarem atitudes corretas.

Dessa forma, percebe-se que o acolhimento ao imigrante, em todas as suas necessidades, é fundamental. Não apenas em auxílios pessoais, mas em ações que visem à transformação da pessoa como um todo, inclusive na parte espiritual. As imigrações nos ensinaram, e nos ensinam ainda hoje, que é preciso haver acolhimento para imigrantes e refugiados, para dessa maneira demonstrar pertencimento ao local em que estão. Foi através das influências das migrações que o Evangelho se espalhou por todo o mundo, apesar de algumas vezes ter sido introduzido de maneira errada. Porém, os dias atuais nos ensinam que o Evangelho transpassa qualquer barreira cultural ou geográfica e assim se estende a todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Deslocando-se através das fronteiras**. Disponível em <<http://www.acnur.org/t3/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

ACNUR. **Perguntas e respostas**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

ANISTIA INTERNACIONAL. **O custo humano da fortaleza europeia**. Disponível em <<https://anistia.org.br/direitos-humanos/publicacoes/violacoes-de-direitos-humanos-contra-imigrantes-e-refugiados-nas-fronteiras-da-europa/>>. Acesso: 06 de jun. 2019.

AS PERIGOSAS ROTAS DE MIGRAÇÃO PARA ENTRADA NA EUROPA. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/10/131028_mapa_imig_racao_1k>. Acesso: 06 jun. 2019.

AVELAR, Daniel; BALBINO, Leda. **Saiba quais são os principais conflitos que alimentam a crise de refugiados na Europa**. São Paulo, 03 set. 2015. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/09/1676793-saiba-quais-sao-os-conflitos-que-alimentam-a-crise-de-refugiados-na-europa.shtml>> acesso: 07 jun. 2019.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CAMINHOS DO REFÚGIO. **Brasil tem quase 9 mil refugiados de 79 nacionalidades**. Disponível em: <<http://caminhosdorefugio.com.br/tag/conare/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; TONHATI, Tânia; DUTRA, Delia. **Relatório anual 2015: a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Brasília: OBMigra, 2015.

CENTRO DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA DO IMIGRANTE. **Brasil: informe sobre a legislação migratória e a realidade dos imigrantes**. São Paulo: Centro de direitos humanos e cidadania do imigrante, 2011.

COLE, R. Alan. **Êxodo**: introdução e comentário. Tradução de Carlos Oswaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1980.

COMISSÃO EUROPEIA. **Comunicação da comissão ao parlamento europeu, ao conselho, ao comitê econômico e social europeu e ao comitê das regiões**: agenda europeia da migração. Bruxelas: Comissão Europeia, 2015.

CRISTIAN AID. **Crise na Síria**. Disponível em: <<http://www.christianaid.org.uk/emergencies/areas-of-concern/refugee-crisis.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ENTENDA A CRISE DE MIGRANTES E REFUGIADOS NA EUROPA. Porto Alegre: Zero Hora, 13 set. 2015. Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/08/entenda-a-crise-de-migrantes-e-refugiados-na-europa-4837178.html>> acesso: 07 jun. 2019.

FERNANDES, Hermes. **A resposta cristã à causa dos imigrantes e refugiados**. Disponível em: <<http://www.hermesfernandes.com/2015/09/a-resposta-crista-causa-dos-imigrantes.html>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

FRONTEX. **Frontex publishes risk analysis for 2016**. 05 abr. 2016. Disponível em <<http://frontex.europa.eu/news/frontex-publishes-risk-analysis-for-2016-NQuBFv>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis: Vozes, 2012.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRANT. **Abordagem das mortes no mar Mediterrâneo em 2016**. Disponível em <<http://www.iom.int/news/iom-fears-320-migrants-missing-mediterranean-deaths-approach-3000-2016>> acesso em: 09 jun. 2019.

JMM. **Refugiados**. Disponível em: <<http://missoesmundiais.com.br/home/refugiados/>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

JÚNIOR, Edgard. **Acnur anuncia plano para resolver crise de refugiados na Europa**. ONU, Nova York, 04 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2016/03/acnur-anuncia-plano-para-resolver-crise-de-refugiados-na-europa/#.V1hh9ZErLIU>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

KUHN, Dione; FONTOURA, Leandro. **Fé traz a terra natal para perto**. Zero Hora, Porto Alegre, ano 52, n. 18.253, p. 17, out, 2015.

KUHN, Dione; FONTOURA, Leandro. **Sonhos partidos**. Zero Hora, Porto Alegre, ano 52, n. 18.253, p. 12-13, out, 2015.

MAIS. **Programa de refugiados**. Disponível em: <<https://maisnomundo.org/refugiados/>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

MALIK, Khalid. **Relatório do desenvolvimento humano 2014**: Sustentar o progresso humano: reduzir as vulnerabilidades e reforçar a resiliência. Washington DC, EUA: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2014.

MARINUCCI, Roberto. **Migrações Internacionais Contemporâneas**. Disponível em <<http://www.ufjf.br/pur/files/2011/04/MIGRA%C3%87%C3%83O-NO-MUNDO.pdf>>. Acesso em: 03 de jun. 2019.

MARITZA, Natália. **DDHH dos migrantes**. Disponível em <<http://www.ccj.ufpb.br/pos/wp-content/uploads/2013/07/Maritza-Nat%C3%A1lia-DDHH-dosMigrantes.pdf>>. Acesso em: 18 de Jun. 2019.

MARTINE, George. **A globalização inacabada migrações internacionais e pobreza no século 21**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 19, n. 3, jul/set 2005.

MATOS, Alderi Souza de. **A caminhada cristã na história: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje**. Viçosa: Ultimato, 2005.

MATOS, Alderi Souza de. **A imigração e a evangelização na história missionária**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7131.html>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

MENEZES, Ana Luiza. **Compaixão e graça: Sírios são abraçados pelo projeto Etnias no Brasil**. A pátria para Cristo, Rio de Janeiro, ano LXIX, n. 270, p. 20, out 2015.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Brasil tem quase 9 mil refugiados de 79 nacionalidades**. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/brasil-tem-quase-9-mil-refugiados-de-79-nacionalidades-1>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

MORAES, Isaias Albertin; ANDRADE, Carlos Alberto; MATTOS, Beatriz Rodrigues. **A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios**. Revista Conjuntura Austral, Porto Alegre, v. 4, n. 20, p. 9, out/nov 2013.

MOREIRA, Julia Bertino. **A questão dos refugiados no contexto internacional (de 1943 aos dias atuais)**. Campinas: Unicamp, 2006.

NASCIMENTO, Maruza Dias. **O caminho da imigração**. Mar/Abr 2010. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/323/o-caminho-da-imigracao>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

NUNES, Francisco. **A Europa e os migrantes do século XXI**. Coimbra / Portugal: Faculdade de Economia, 2013.

ONG REPÓRTER BRASIL. **O Brasil em movimento**. São Paulo: Repórter Brasil, 2012.

OPERAÇÃO MOBILIZAÇÃO. **Refugee Ministry Report**. Port Caborn – Ontário. Disponível em: <<http://www.om.org/images/Downloads/NearEastDonorReport0416.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

OPERAÇÃO MOBILIZAÇÃO. **Sobre a OM**. Disponível em: <<http://www.om.org/en/about>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

OTAVIO, Chico; GUILAYN, Priscila. **Brasil quer facilitar vistos para profissionais estrangeiros**. Disponível em: <globo.globo.com/pais/brasil-quer-facilitar-vistos-para-profissionais-estrangeiros-3671799>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PATARRA, Neide Lopes. **Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 29, jul/set 2005.

PENA, Rodolfo Alves. **"Imigrações atuais no Brasil"**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/imigracoes-atuais-no-brasil.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

PETER, Laurence. **Seis perguntas sobre a crise de imigração na Europa.** 29 ago. 2015. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150829_entenda_migracao_ab>. Acesso em: 07 jun. 2019.

PINHEIRO, Marcia. **Ajuda a refugiados no Oriente Médio.** 19, nov. 2015. Disponível em: <<http://missoesmundiais.com.br/noticias/2573/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PINHEIRO, Márcia. **Refugiados: busca por dignidade.** Rio de Janeiro: A colheita, ano XII, n. 62, p. 15, set 2015.

PORTAS ABERTAS. **A situação dos refugiados cristãos.** 12, fev. 2016. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2016/02/a-situacao-dos-refugiadoscristaos>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

REFUGEE HIGHWAY PARTENERSHIP. Disponível em: <<http://www.refugeehighway.net/whatwedo.html&usg=ALkJrhgcOJbcnOgXYhPtGUFbj8uv8uJq4A>> acesso em: 09 jun. 2019.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **Os refugiados, as migrações e o propósito do Criador.** Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/os-refugiados-as-migracoes-e-o-proposito-do-criador>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Teorias das migrações internacionais.** Caxambu: Unicamp, 2000.

SOCIEDADE BÍBLIA DO BRASIL. **História de migrantes da Bíblia.** Trad. Paulo Ferreira Valério. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil.

TEIXEIRA, Duda. **O mausoléu da paz.** São Paulo: VEJA, v. 2442, n. 36, p. 73 -74, set 2015.

THIESSEN, Harvey. **Crise de refugiados da Síria.** Disponível em: <<http://www.om.org/syriarelief-ca>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

UNIÃO EUROPEIA. **Compreender as políticas da União Europeia: Migração e asilo.** Luxemburgo: União Europeia, 2014.

VILLEN, Patrícia. **Polarização do mercado de trabalho e a nova imigração internacional no Brasil.** Campinas: Unicamp.

VOLUNTÁRIOS SEM FRONTEIRA. Disponível em: <<http://missoesmundiais.com.br/voluntarios-sem-fronteiras/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PAULO, A LEI E O AMOR: UMA ANÁLISE DE ROMANOS 13.8-10

Paul, the Law and Love: an analysis of Romans 13.8-10

Esp. Flaviano Nogueira Siedeliske¹

RESUMO

O presente artigo visa a apresentar uma análise dos termos *lei* e *amor*, com base no texto de Romanos 13.8-10. Tem como objetivo demonstrar de que maneira o amor e a lei estão relacionados e qual diálogo os dois estabelecem. A grande questão a ser respondida é: existe a possibilidade de relacionar o conceito de amor com a lei? Para responder isso, após estudar os conceitos de lei e amor, o artigo apresenta uma análise do texto em questão, à luz de seus contextos histórico-cultural e literário. Com base em trabalhos de autores como George Ladd, Herman Ridderbos e John Stott, o artigo demonstra, então, que existe uma relação entre lei e amor e que a mesma não é conflitante, mas complementar.

Palavras-chaves: Lei. Amor. Romanos. Paulo.

ABSTRACT

The present article intends to demonstrate an analysis of the terms *law* and *love*, based on the text of Romans 13.8-10. This research aims to show how the love and the law are related and what kind of dialogue the two establish. The great question that this work seeks to answer is: is there a possibility of relate the concept of love with the law? To answer this, after studying the concepts of law and love, this article intends an analysis of the referenced text, in the light of the historical-cultural and literary contexts. Based on works of authors like George Ladd, Herman Ridderbos and John Stott, the article

¹ O autor é Pós-Graduado em Teologia e Interpretação Bíblica, pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR); Licenciado em Letras, pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FARESC). E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com.

demonstrates that there is a relation between the law and the love and this relation isn't conflicting, but complementary.

Keywords: Law. Love. Romans. Paul.

INTRODUÇÃO

Lei e amor são temas amplamente trabalhados na teologia do apóstolo Paulo (Rm 7.7, 12, 14, 22, 25; Gl 5.14; 1Co 13.13; Gl 5.6, 22; Ef 3.17; Tt 2.2). Neste artigo será trabalhada a relação entre esses dois conceitos, pois, como comenta John Stott, “quando se trata de lei e amor, em geral os dois são considerados incompatíveis”.² As questões que esse artigo pretende responder são as seguintes: é possível relacionar a lei e o amor? Que tipo de relacionamento é esse? Eles são mesmo conceitos incompatíveis?³

A hipótese trabalhada nesse texto é que, sim, é possível estabelecer uma relação complementar, e não de oposição, entre a lei e o amor. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica com base nos conceitos de *lei e amor* e no texto de Romanos 13.8-10:

A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros; pois quem ama o próximo tem cumprido a lei. Pois isto: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e, se há qualquer outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor (Rm 13.8-10, ARA).

Optou-se pela escolha de Romanos pela sua importância teológica e histórica. Lopes comenta que Romanos “é o maior compêndio de teologia do Novo Testamento”.⁴ Fee e Stuart referem-se a ela como “a declaração mais plena e sistemática da teologia de Paulo que se pode encontrar”.⁵ Também é possível notar tal importância ao longo da história, uma vez que nomes como Agostinho, Martinho Lutero, John Wesley e Karl Barth foram inspirados pela Epístola.⁶ A escolha do tema é justificada pelas concepções equivocadas que muitos cristãos ainda possuem de que o amor é o oposto da lei e que os dois são incompatíveis. Assim, o que se espera da pesquisa é demonstrar que a lei e o amor são, sim, compatíveis e como se dá sua relação.

² STOTT, John R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007a, p. 423. Thomas Schreiner, em complemento a essa ideia, escreve que “alguns estudiosos, quando escrevem sobre a lei, dão a impressão de que qualquer observância rouba o crente da liberdade em Cristo, destrói a vida no Espírito e é contrário ao evangelho que Paulo pregava” (SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo: o apóstolo da glória de Deus em Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 294). Esse artigo busca demonstrar que essa visão é, de certa forma, equivocada.

³ Será demonstrada a relação entre o amor e o aspecto moral da lei, ou seja, a relação entre o amor e a vontade moral de Deus para Sua criação, e não os aspectos civis ou cerimoniais. Essa divisão será explicada adiante.

⁴ LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o evangelho segundo Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 7.

⁵ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.ed. revisada e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 71. Entretanto, D. A. Carson deixa claro que Romanos não é um tratado teológico escrito no vácuo, “mas sim uma *carta*, escrita para uma igreja específica em uma situação específica” (CARSON, D. A.; et al. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1680-1681, grifo do autor), e é dessa maneira que a mesma deve ser analisada.

⁶ LOPES, 2010, p. 13-16.

1. A COMPREENSÃO DA LEI: DESTAQUE A PARTIR DE PAULO

O termo *nomos* “ocorre mais de 70 vezes nesta epístola [Romanos], e nem sempre com o mesmo sentido”.⁷ Diante disso, surgem algumas questões, a saber: estaria Paulo ensinando que é necessário cumprir toda a lei de Moisés? Se o amor é o cumprimento da lei, então o sacrifício de Cristo é dispensável? O apóstolo disseminaria esse pensamento legalista? Para acabar com essas dúvidas, é necessário entender as três divisões da lei de Deus, as quais seguem agora.

1.1 As três divisões da lei

É comum, dentro da teologia, que a lei entregue por Deus seja analisada sob três aspectos diferentes: civil, cerimonial e moral. O entendimento correto sobre cada um desses aspectos é de grande valia para o cristão moderno entender qual relação o mesmo deve possuir com essa lei.

a) A *Lei Civil* – ou *Judicial*: este é o aspecto da lei que compreende as normas entregues a Israel como nação e sociedade teocrática: como o povo separado por Deus trataria de assuntos como crimes, punições, deveres e direitos.⁸ Essas normas são, muitas vezes, “aplicações diretas dos Dez Mandamentos”.⁹ Por ser uma parte da lei destinada ao povo de Israel num período específico, não é aplicável à sociedade cristã nos dias de hoje.¹⁰

b) A *Lei Cerimonial*: é a legislação levítica para a adoração a Deus. Prescreve os sacrifícios e simbolismo cerimoniais e demonstra como os israelitas “poderiam demonstrar a sua fé de maneira solene no culto público e a santidade na vida privada”.¹¹ Uma vez que sua finalidade é demonstrar a santidade de Deus e servir como sombra e tipo para o Messias, a mesma foi cumprida em Cristo, não sendo aplicável nos dias de hoje.¹²

c) A *Lei Moral*: representa a vontade moral de Deus para Suas criaturas, revelando suas carências e auxiliando-os a discernir o bem e o mal, podendo ser resumida aos Dez Mandamentos (Êx 20.1-17).¹³ Logo, é aplicável em todo tempo,¹⁴ e é dessa lei que Paulo trata

⁷ BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 46.

⁸ MEISTER, Mauro. **Lei e graça**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 46.

⁹ MEISTER, 2016, p. 46. Para defender sua ideia, o autor relaciona a lei das cidades refúgio (Nm 35.6, 10-12) com ao mandamento “não matarás” (Êx 20.13), defendendo que “a lei das cidades refúgio é uma aplicação do princípio moral da preservação da vida” (p. 47).

¹⁰ MEISTER, Mauro. Lei e graça: uma visão reformada. **Fides Reformata**, v.4, n.2, p. 45-58. São Paulo, 1999, p. 48, 49.

¹¹ MEISTER, 2016, p. 49.

¹² MEISTER, 1999, p. 49.

¹³ Apesar desse aspecto da lei poder ser representado no conteúdo dos Dez Mandamentos, não se pode pensar no Decálogo como sendo *toda* a Lei Moral, pois “a lei civil é uma aplicação da lei moral e a lei cerimonial se confunde em alguns aspectos com a lei civil” (MEISTER, 2016, p. 45). O Decálogo deve ser encarado como formas resumidas de conceitos morais mais abrangentes.

¹⁴ MEISTER, 1999, p. 49.

no texto analisado.¹⁵ Na sequência abordar-se-ão questões sobre a Lei e Paulo, entre outras, para melhor compreensão do assunto em análise.

1.2 Paulo e a lei

É possível notar, principalmente em Romanos e Gálatas, que na época de Paulo o povo judeu possuía uma visão legalista e meritória da lei de Deus. Essa visão dos judeus sobre a lei ocorre, principalmente, no período intertestamentário, e aparece em textos como 2 Mac 7.9; Tes. Jud. 26.1; Ap. Bar. 57.6; 4 Ez 7.21, 9.31 e Jub 23. Nesse período, a função da lei, que antes era “o meio de unir Israel a seu Deus”, transforma-se “na condição para que alguém seja membro do povo de Deus”,¹⁶ sobrepujando, assim, o conceito de pacto.¹⁷ Dessa maneira, Paulo cresce no seio de um judaísmo legalista, que o leva, também, a uma vida de obediência legalista à lei, como o mesmo escreve em Gálatas 1.14 e Filipenses 3.4-6.

Todavia, um fato levou Paulo a reavaliar essa visão:¹⁸ seu próprio zelo legalista em buscar a justiça mediante a lei o havia cegado para a revelação da justiça que só há em Cristo¹⁹ (Fp 3.8-9).²⁰ Assim, nas palavras de Ridderbos:

O que torna os pronunciamentos de Paulo sobre a lei tão profundamente comoventes e poderosos [...] não deve ser explicado a partir de um zelo polêmico contra o judaísmo nem da leitura do Antigo Testamento e nem mesmo das palavras de Jesus que lhe foram transmitidas. Mas sim, sob a luz que irrompeu nele no tocante à morte e ressurreição de Cristo, à situação absolutamente nova que teve início com esses acontecimentos e que diz

¹⁵ Novamente é importante frisar que a lei cerimonial não se aplica aos dias de hoje e não é o alvo desse trabalho. Em momento algum essa pesquisa busca retirar o mérito de Cristo diante da lei (Rm 10.4). Para não cair num equívoco legalista, é necessário entender “lei” como “lei moral” quando relacionada ao amor nessa pesquisa.

¹⁶ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 673,674.

¹⁷ Herman Ridderbos comenta que “o judaísmo não conhecia nenhum outro modo de salvação a não ser a lei, e que via até mesmo a misericórdia e o amor perdoador de Deus como estando no centro do fato de que estes capacitavam o pecador para, mais uma vez, construir seu futuro eterno com base na lei”. Desse modo, é possível notar a centralidade da lei dentro da soteriologia judaica (RIDDERBOS, Herman. **A teologia do apóstolo Paulo**: a obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 141).

¹⁸ Diante da mudança da visão que o apóstolo teve sobre a lei, o mesmo adquiriu muitas inimizades por parte dos judeus e judeus-cristãos. Peter Stuhlmacher comenta que, inicialmente, “Paulo lidou com seus oponentes [...] de maneira dura e sarcástica”, prova disso são textos como Gálatas 2.4-5; Romanos 3.8 e Filipenses 3.2. Porém, a partir da sua Primeira Epístola aos Coríntios, o mesmo demonstrou que “a acusação de que ele queria cancelar a lei não se justificava de maneira alguma” (STUHLMACHER, Peter. **Lei e graça em Paulo**: uma resposta à polêmica em torno da doutrina da justificação. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 32), 1Co 7.19; Rm 6.1,15; 7.7, 2, 14; 8.4; 9.4.

¹⁹ LADD, 2003, p. 676.

²⁰ F. F. Bruce comenta que toda essa desilusão de Paulo com a lei está relatada em Gl 2.19, onde o apóstolo escreve: “Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus” (BRUCE, F. F. **Paulo**: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003, p. 184). Sobre esse texto, João Calvino comenta que “não era necessário que Cristo destruísse a justiça procedente da lei, visto que a própria lei mata seus discípulos”, em outro ponto afirma que “visto que ela [a lei] entregou todos nós à destruição, não encontramos nela vida alguma” (CALVINO, João. **Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses**. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 81,82).

respeito ao relacionamento de cada homem com Deus, no sentido mais existencial da palavra.²¹

O primeiro ponto sobre a teologia paulina da lei que merece destaque é *Cristo e o fim da lei* (Rm 10.4). Essa é uma das declarações mais importantes para compreender o entendimento de Paulo sobre a lei: “Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê” (ARA). No texto original grego, Paulo utiliza a palavra *telos*, que pode significar tanto *fim* como *meta*, sendo que esses dois significados podem ser vistos nessa passagem.²² Primeiro, Cristo é a *meta* da lei no sentido dela ser uma provisão temporária, que perduraria “até a vinda do descendente de Abraão, em quem a promessa feita a Abraão foi consumada” (Gl 3.19-24).²³ E Cristo é também o *término* da lei, mas num sentido específico. Como explica Gomes,

Romanos 10.4 deve ser entendido a partir da perspectiva da polêmica de Paulo contra o legalismo judaico. Os judeus deveriam ter deixado de procurar estabelecer a sua própria justiça pela prática da lei porque pela prática da lei ninguém será justificado [...]. Paulo não está fazendo uma declaração teológica global acerca do relacionamento entre a lei e o evangelho.²⁴

Logo, para Paulo, Cristo é o *término* da lei, não no sentido de que toda ela foi abolida em Cristo e não serve de nada para o cristão, mas no sentido de que toda tentativa de obter justiça diante de Deus por meio da lei foi abolida, sendo que a única justiça que se pode ter diante de Deus é a que existe somente em Jesus (Fp 3.9).

O segundo ponto a ser estudado é a questão das *erga nomou*, expressão traduzida como *obras da lei* e que aparece em Gálatas 2.16; 3.2,5,10 e Romanos 3.20,28, sempre referida em contexto negativo. Recentemente, um problema foi levantado com relação ao significado de *obras da lei*. A interpretação tradicional diz que *obras da lei* se refere a uma atitude legalista segundo a qual “os que confiam nas obras da lei acreditam que podem ganhar o favor de Deus guardando a lei”.²⁵ Porém, os adeptos da *nova perspectiva sobre Paulo* defendem que esse termo se refere às “partes da lei que separam judeus e gentios, sobretudo a circuncisão, o sábado e as leis alimentares”.²⁶ Todavia, a posição mais aceita e que será considerada nessa pesquisa é a tradicional, de que o termo *obras da lei* se refere à obediência legalista e com propósitos meritórios da lei de Moisés.²⁷ Logo, partindo desse pressuposto, Paulo defende que a observância legalista da lei jamais poderia conceder a salvação, pois ela não tem o poder de tornar o homem justo diante de Deus (Rm 3.19-20,28).

²¹ RIDDERBOS, 2013, p. 144.

²² LADD, 2003, p. 678.

²³ BRUCE, 2003, p. 185.

²⁴ GOMES, Paulo Sérgio. O significado de “Fim da Lei” em Romanos 10.4. **Fides Reformata**. v.2, n.1, p. 123-136. São Paulo, 1997, p. 135.

²⁵ SCHREINER, 2015, p. 102.

²⁶ SCHREINER, 2015, p. 102.

²⁷ LOPES, Augustus Nicodemus. A nova perspectiva sobre Paulo: um estudo sobre as “obras da lei” em Gálatas. **Fides Reformata**, v.11, n.1, p. 83-94. São Paulo, 2006, p. 92. O autor comenta que “o ataque de Paulo às ‘obras da lei’ em Gálatas faz parte da sua polêmica mais geral contra o sistema legalista e inadequado do judaísmo palestino como uma religião de méritos e em direta oposição ao evangelho da graça relevado em Cristo” (p. 92).

Outro ponto que a ser estudado é a teologia paulina da *liberdade da lei*, conforme texto de Romanos 6.14, a saber: “não estais debaixo da lei, e sim da graça” (ARA). Infelizmente, a exemplo dos antinomistas, que Paulo tanto combate em Romanos 6.1,15, muitos cristãos hoje em dia utilizam essa declaração para sugerir uma liberdade de todas as normas morais estabelecidas por Deus. No entanto, como defende Schreiner, “seja qual for a interpretação que se faça da visão de Paulo quanto à vigência da autoridade da lei, não podemos e não devemos concluir que todas as normas morais tenham sido anuladas”.²⁸ Paulo, apesar de proclamar a liberdade da lei em sentido histórico-salvífico (Gl 3.17, 19, 23-25; 4.1-7) e em relação à observâncias específicas (Cl 2.16-17; Rm 14.5, 6; Gl 4.10; Rm 14.1-15.13; 1Co 8.1-11.1; Rm 2.28-29; Gl 1.8-9; 2.3-5; 5.2-6, 11, 12; 6.12, 13; Fp 3.2), em momento algum ensina a liberdade do dever.²⁹

Assim, o cristão está livre da lei num sentido histórico e salvífico, mas não está livre em seu sentido moral. O motivo disso é o entendimento de Paulo da *lei como vontade de Deus* (Rm 7.7, 12, 14, 22, 25). Para o apóstolo, a lei expressava a vontade de Deus, pois a mesma testemunha da Sua justiça (Rm 3.21).³⁰ Logo, a lei sendo a expressão da santa vontade de Deus para Seus filhos, o cristão a observa não como meio de justificar-se perante Deus, mas como sinal de gratidão e obediência à Sua vontade, que é “boa, agradável e perfeita” (Rm 12.2), e seu mandamento é “santo, justo e bom” (Rm 7.12).

No entanto, apesar de santa, justa e boa, Paulo não nega o fato de que *a lei fracassou* (Gl 2.16; 3.21). Para ele, como explica Ladd, a lei fracassou no sentido de “transformar os homens em pessoas justas diante de Deus”.³¹ Esse fracasso se dá por dois motivos: 1) a fraqueza e pecaminosidade humana (Rm 8.3; 7.23); e 2) ela ser apenas um código exterior, que não muda o coração (Rm 7.6; 2Co 3.6).

Diante de todos esses fatos, o apóstolo faz uma *reinterpretação da lei*. Ele a interpreta, agora, como sendo um meio não para salvar os homens, mas para mostrar-lhes seu pecado (Rm 3.19-20; 5.20; 7.7; 1Co 15.56; Gl 3.19), sendo um instrumento de condenação (Rm 5:13), ira (Rm 4.15) e morte (Rm 7.19-24; 2Co 3.6). Ladd explica a teologia paulina da lei da seguinte maneira:

Deste modo, Cristo trouxe a Lei como um caminho de justiça e como um código cerimonial, a seu fim; mas a Lei como a expressão da vontade de Deus é permanente; e o homem habitado pelo Espírito Santo e, portanto, fortalecido pelo amor, está capacitado a cumprir a Lei como aqueles que estiveram sujeitos à Lei nunca foram capazes de fazer.³²

Logo, a conclusão à qual se chega é que a teologia de Paulo sobre a lei é resumida nos seguintes pontos: 1) ela possui aspectos abolidos em Cristo; 2) ela é incapaz de salvar; 3) o

²⁸ SCHREINER, 2015, p. 294.

²⁹ Schreiner ainda utiliza as passagens de Rm 1.29,30; 7.7-25; 9.1; 1Co 5.8,10,11; 6.9,10; 10.6,7; 13.6; 2Co 4.2; 6.7; 9.5; Gl 5.20; Ef 4.19,25,28; 5.3,5; 6.2; Cl 3.5,9; 1Tm 1.9-11 e 2Tm 6.2 como base para defender que Paulo “partia do pressuposto de que alguns mandamentos encontrados no Antigo Testamento continuavam em vigor” (SCHREINER, 2015, p. 298).

³⁰ LADD, 2003, p. 680.

³¹ LADD, 2003, p. 681.

³² LADD, 2003, p. 686.

cristão possui certa liberdade dela; 4) nela há uma revelação da vontade de Deus; 5) ela fracassou em justificar o homem; e 6) ela foi reinterpretada.

1.3 A lei e o cristão

O último ponto a ser tratado sobre a lei neste artigo é sobre como ela se relaciona com a vida cristã. Os cristãos não estão mais debaixo da lei num sentido histórico-salvífico (Rm 6.14), mas, como defende Anthony Hoekema, estão debaixo da lei em outro sentido, pois “eles devem se preocupar profundamente com a guarda da lei de Deus como forma de expressar gratidão a ele pelo dom da salvação”.³³ Para a compreensão desse pensamento, é necessário o entendimento de duas coisas: 1) os três usos da lei; e 2) o papel da lei na santificação do cristão.

Primeiramente, na teologia, é costume que a lei seja entendida da perspectiva de um uso tríplice: uso civil, pedagógico e normativo. Essa perspectiva consiste em:

a) *Um usus politicus ou civilis*: é aquele que tem o propósito de restringir o pecado e promover justiça.³⁴ Calvino comenta que esse uso serve para aqueles que não se preocupam com o que é justo ou reto e precisam ser contidos, ao menos, “pelo temor dos castigos, enquanto ouvem as terríveis sanções nela gravadas”.³⁵

b) *Um usus elenchticus ou pedagogicus*: é aquele que serve para tornar o homem consciente de seus pecados e de sua incapacidade, para assim conduzi-lo a Cristo.³⁶ Calvino demonstra que, através do magistério da lei, o homem, que era cego e embriagado de amor próprio, pode despir-se da arrogância que o cegava.³⁷

c) *Um usus didactus ou normativus*: é aquele que mostra a norma da vida cristã.³⁸ Esse, segundo Calvino, é o principal uso da lei para os cristãos, pois é o melhor e maior instrumento para que os mesmos aprendam “qual é a vontade de Deus, a que aspiram, e se lhe firmem na compreensão”.³⁹

Entendido que a lei possui esses três usos e que o terceiro, de demonstrar a norma da vida cristã, é o mais importante, ainda que o segundo uso seja de extrema importância, ainda é necessário esclarecer o papel da lei na santificação do cristão. Um grande problema que Shedd relembra, e que Paulo já combateu (Rm 6.1,15), é que a justificação pela fé poderia acarretar um perigo maior que o legalismo: a graça barata,⁴⁰ ou seja, uma vida cristã sem compromisso com a vontade moral de Deus. Todavia, o próprio apóstolo combatia essa visão

³³ HOEKEMA, Anthony A. **Salvos pela graça**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 214.

³⁴ BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 4.ed. Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 566.

³⁵ CALVINO, João. **As Institutas**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Vol. 2, p. 121, grifo do autor.

³⁶ BERKHOF, 2012, p. 567. Este é, segundo o autor, o uso mais ressaltado pela Teologia Luterana, enquanto a Teologia Reformada dedica mais atenção ao terceiro.

³⁷ CALVINO, 2006, vol. 2, p. 117.

³⁸ BERKHOF, 2012, p. 567. Russel Shedd defende que a entrega da lei ao povo judeu foi uma expressão da graça de Deus, pois “longe de ser uma mera lista de obrigações legais que oferecia salvação ao israelita, em troca de seu cumprimento perfeito, o que se encontra na lei é o caminho para o judeu manter boas relações com Deus” (SHEDD, Russel P. **Lei, graça e santificação**. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 14).

³⁹ CALVINO, 2006, vol. 2, p. 122-123.

⁴⁰ SHEDD, 2016, p. 28.

ensinando sobre uma vida santa, separada do pecado (Rm 6.1), e sobre a obediência (Fp 2.12-13), que tem por modelo a obediência do próprio Cristo (Fp 2.8).⁴¹

Não só Paulo, mas ao longo da Escritura a questão da obediência à vontade de Deus – vontade essa manifesta primeiramente em Cristo, mas também em Sua lei – é trabalhada. Um exemplo disso é o texto de João 14.21, onde Jesus afirma que “aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama” (ARA), demonstrando que uma vida de amor a Deus é uma vida de obediência aos seus mandamentos. Um exemplo no Antigo Testamento é o texto de Deuteronômio 11.1: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, e todos os dias guardarás os seus preceitos, os seus estatutos, os seus juízos e os seus mandamentos” (ARA). Diante disso, pode-se dizer que o amor a Deus é expresso na obediência, que leva à santificação.⁴²

Assim, a lei, apesar de não possuir poder em si mesma para trazer a santificação para o cristão, serve como orientação para uma vida santa e reta, sendo, dessa maneira, “um dos maiores *meios* pelos quais *Deus* [...] santifica”.⁴³ Quem santifica é Deus, através do Espírito Santo; entretanto, Ele pode usar a lei como um instrumento para tal.

Por fim, o que é interessante observar sobre a lei para essa pesquisa é que: 1) Paulo está falando, na perícopes analisada, sobre a lei moral; que 2) ainda é válida para os dias de hoje; pois, 3) apesar de não ter o poder de salvar o homem; 4) reflete a vontade de Deus para seus filhos; e 5) é a norma moral que o cristão deve seguir em amor e obediência a Deus.

2. A COMPREENSÃO DO AMOR: DESTAQUE A PARTIR DE PAULO

Na passagem de Romanos 13.8-10, Paulo utiliza a palavra *agapao* (ou *agape*), que, no texto grego original, possui significados como “gostar de”, “tratar com respeito”, “estar contente com” e “dar as boas-vindas”; entretanto, quando se trata de “alguém que foi favorecido por um deus”, ganha o significado de “uma iniciativa generosa de uma pessoa por amor à outra”.⁴⁴ Brown e Coenen comentam que “o amor é uma das ideias centrais que expressam o conteúdo total da fé cristã”, e que “a medida que os cristãos se amam, eles também cumprem a Lei”.⁴⁵ Ou seja, *agapao* é uma atitude com o próximo que expressa o conteúdo da fé cristã e permite o cumprimento da lei.

2.1 O amor e a vida cristã

No ambiente da comunhão cristã, seja no relacionamento vertical com Deus ou no horizontal com o próximo, o amor é o objetivo supremo⁴⁶ e a principal virtude.⁴⁷ O amor é tão

⁴¹ MEISTER, 2016, p. 113.

⁴² Meister afirma que o leitor do Antigo Testamento entendia dessa maneira essa questão: o amor deveria ser expresso em obediência (MEISTER, 2016, p. 113).

⁴³ HOEKEMA, 2018, p. 216, grifo meu.

⁴⁴ BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 114.

⁴⁵ BROWN; COENEN, 2000, p. 116,120.

⁴⁶ HORTON, Michael. **Redescobrimo o Espírito Santo**: a presença santificadora de Deus na criação, na redenção e na vida cotidiana. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 220.

⁴⁷ KEENER, Craig S. **O Espírito na igreja**: o que a Bíblia ensina sobre os dons. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 84.

importante na vida cristã que C. S. Lewis comenta que atitudes como decência e bom senso “se mostram pálidas e sem vida ao lado da genialidade do amor”.⁴⁸ Mas no que consiste o amor cristão? Segundo o texto de 1 João 3.16-18, o amor é, em sua essência, a autodoação ao próximo,⁴⁹ pois quando Deus justifica o pecador através da fé, e não do mérito (Rm 3.20, 28), ele é liberto do desejo de competição e realização pessoal egoísta, podendo ser livre para se dedicar ao próximo.⁵⁰ Logo, “a *comunhão dos santos* é o domínio do Amor”,⁵¹ e a Igreja deve ser “uma comunidade do amor autodoador, expresso na adoração a Deus [...] e no serviço aos outros”.⁵² Assim, o amor deve ser o cerne das relações interpessoais e da vida moral do cristão.

2.2 Paulo e o amor

O amor é a expressão central e fundamental da pregação moral, de Paulo:⁵³ Romanos 13.10; 1 Coríntios 13.13; Gálatas 5.6,22; 6.2; Efésios 3.17; Colossenses 1.4; 1 Tessalonicenses 1.3; 1 Timóteo 6.11; 2 Timóteo 3.10 e Titi 2.2. Na teologia do apóstolo, como aponta Ridderbos, “a nova vida realiza-se no amor”, sendo “o padrão dos crentes no tempo de redenção que surgiu com Cristo”.⁵⁴

A importância do amor na teologia de Paulo se dá por dois motivos: 1) ele é um reflexo do amor de Deus em Cristo (Rm 12.1,9; Ef 5.2,25; Fp 2.1,2,5); e 2) ele é o elemento vital da igreja (Ef 3.17; 4.15-16; Cl 2.2; 3.14).⁵⁵ Assim, novamente é possível notar que o amor é o ponto essencial da comunhão cristã: o amor cristão estimula a consciência da responsabilidade mútua, revelando-se através do vínculo entre os irmãos; por isso, não é individualista ou separatista, antes, preocupa-se com o crescimento e edificação da fraternidade congregacional do Corpo de Cristo, formando uma unidade, sendo esse seu objetivo final.⁵⁶

Como exemplo do amor como atitude prática, tem-se o problema com os alimentos oferecidos aos ídolos (At 15.20; Rm 14.1-23; 1Co 8.1-13; 10.14-33). Diante do problema entre os *fortes* e os *fracos*, onde um grupo não come determinados alimentos, enquanto outro grupo não vê problema em comê-los, a solução de Paulo é simples: os que não comem devem exercer o amor e não condenar os que comem; já os que comem devem exercer o amor ao não desprezar os que não comem (Rm 14.3). Dessa maneira, o apóstolo deixa claro que, para que a unidade e edificação da Igreja seja mantida, a liberdade pessoal dos membros deve ser pautada no amor.⁵⁷

⁴⁸ LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 158.

⁴⁹ STOTT, John. **A cruz de Cristo**. São Paulo: Vida, 2006, p. 296.

⁵⁰ KEENER, 2018, p. 84.

⁵¹ KUYPER, Abraham. **A obra do Espírito Santo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 553, grifo do autor.

⁵² STOTT, 2006, p. 289.

⁵³ RIDDERBOS, 2013, p. 287,325.

⁵⁴ RIDDERBOS, 2013, p. 325.

⁵⁵ RIDDERBOS, 2013, p. 325,326.

⁵⁶ RIDDERBOS, 2013, p. 326,328,330.

⁵⁷ LADD, 2003, p. 703.

Por fim, apesar de o principal objetivo de o amor cristão ser o crescimento e edificação do corpo de Cristo, Paulo não nega que o cristão deve exercer esse amor com todos os homens, inclusive os não-cristãos: Romanos 12.9-21; 1 Coríntios 4.12; 14.1; Filipenses 4.5; Colossenses 4.5; 1 Tessalonicenses 3.12; 4.12; 5.15; 1 Timóteo 2.1 e Tito 3.2. Assim, o amor deve ser a base do relacionamento do cristão com *todas as pessoas*.

2.3 O amor como obra do Espírito Santo

É impossível não relacionar o amor com a obra que o Espírito Santo opera na vida dos cristãos. Paulo escreve que “o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo” (Rm 5.5, ARA). O amor é a obra mais profunda e peculiar do Espírito Santo, não podendo entrar no coração do cristão se Deus não entrar primeiro.⁵⁸ E qual meio o Espírito Santo emprega para derramar o amor no coração do cristão? Simplesmente *seu próprio amor*: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19, ARA). Assim, por Deus ser amor, Ele ama o cristão e, ao amá-lo, dispensa amor nele, possibilitando-o exercer esse amor.⁵⁹

Talvez o momento das Escrituras em que fique mais claro que o amor é uma obra do Espírito Santo é a descrição do *Fruto do Espírito* em Gálatas 5.22-23. Para John Stott, o Fruto do Espírito “é um retrato de Jesus Cristo”⁶⁰, o autor ainda defende que é um fruto produzido em *todos* os cristãos e é o resumo do caráter cristão.⁶¹ O primeiro aspecto desse fruto é justamente o *amor*, sendo que Craig Keener afirma que Paulo o menciona em primeiro lugar por ser o mais importante.⁶² Assim, o Espírito Santo, por amor aos homens, derrama seu amor sobre eles, produzindo neles o Fruto do Espírito, que tem sua principal manifestação justamente no amor.

Concluindo, o que é interessante observar sobre o *amor* para essa pesquisa é que: 1) é uma obra do Espírito Santo na vida do Cristão; que 2) o leva a exercer um amor autodoador com o próximo; 3) manifestando-se em atitudes práticas; 4) buscando a edificação do Corpo de Cristo; e 5) devendo ser exercido com todos os homens.

3. BREVE EXEGESE DE ROMANOS 13.8-10

Após estudar os termos principais da passagem de Romanos 13.8-10, será realizada uma breve exegese desse texto, para expor seu significado teológico e prático. Primeiramente, é necessário entender que o termo *exegese* pode ser definido como um estudo analítico em busca do significado de uma passagem bíblica de maneira que se chegue a uma interpretação útil.⁶³ Assim, é necessário fazer as perguntas certas para o texto: *por que* o autor disse isso? E *por que* ele disse *nessa parte do discurso*?⁶⁴ Então, para responder essas questões, serão

⁵⁸ KUYPER, 2010, p. 515,528.

⁵⁹ KUYPER, 2010, p. 538.

⁶⁰ STOTT, John. **Batismo e plenitude do Espírito Santo**: o mover sobrenatural de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2007b, p. 79,81.

⁶¹ STOTT, 2007b, p. 81,83.

⁶² KEENER, 2018, p. 84.

⁶³ STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de Exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 23, 25.

⁶⁴ STUART; FEE, 2008, p. 25,105.

analisados os contextos *histórico-cultural e literário* da passagem, além da *análise teológica* da mesma.

3.1 Contexto histórico-cultural

Um grande problema para interpretar as epístolas é que elas são ocasionais, ou seja, foram escritas em ocasiões e situações específicas.⁶⁵ Logo, é necessário entender qual é a situação da igreja de Roma que motivou o autor a escrever para tal. Primeiramente, a autoria da Epístola aos Romanos é creditada ao apóstolo Paulo (1.1) e pouco há o que discutir sobre isso. Também é consenso que Paulo escreveu tal Epístola enquanto estava na província da Acaia (At 20.2-3), próximo a Corinto.⁶⁶ Entretanto, o ponto onde os estudiosos diferem é com relação à data da escrita de Romanos. Algumas possibilidades apontadas por diferentes autores são 55-56,⁶⁷ 55-57,⁶⁸ 57,⁶⁹ ou 57-58 d.C.⁷⁰ Segundo, Paulo não é o fundador da igreja, pois o apóstolo nunca tinha ido a Roma (1.13). Entretanto, já existia uma igreja ali quando o mesmo resolve escrever a seus membros, mas não se sabe ao certo quem fundou tal comunidade.⁷¹ Terceiro, apesar do grande número de judeus, a igreja de Roma possuía um grande número de membros gentios, causando um conflito étnico-teológico em seus domínios.

Mas qual a razão do expressionismo gentio na igreja de Roma? Richards explica que “de tempos em tempos, os judeus eram expulsos de Roma, como em 19 a.C., devido a um escândalo financeiro [...]. Em 49 d.C., Cláudio expulsou os judeus de Roma, conforme descrito em Atos 18.2”.⁷² Uma vez que os líderes judaicos foram expulsos de Roma, a parte gentílica da igreja necessitou depender de si mesma para sobreviver. Assim, o trabalho missionário por parte dos gentios-cristãos dentro da própria comunidade gentílica fez com que, ao retornarem cinco anos depois do decreto de Cláudio, os judeus se deparassem com uma realidade onde “o quadro da igreja modificara-se consideravelmente”,⁷³ contando com um número elevado de gentios convertidos ao cristianismo. Essa situação foi um dos *motivos* que levou Paulo a escrever a epístola aos Romanos, pois havia ali um conflito étnico-teológico: os dois grupos possuíam “diferentes convicções quanto à função da aliança e da lei de Deus e,

⁶⁵ FEE; STUART, 2011, p.71.

⁶⁶ LOPES, 2010, p. 18.

⁶⁷ POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**. Curitiba: Esperança, 1999, p. 20.

⁶⁸ CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos Versículo por Versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 13.

⁶⁹ BRUCE, 1983, p. 14.

⁷⁰ LOPES, 2010, p. 18.

⁷¹ Carson explica que a fundação da igreja de Roma era creditada a Pedro nas tradições mais antigas. Entretanto, o autor defende que é mais provável que sua fundação tenha se dado por meio dos judeus convertidos pela pregação de Pedro no Pentecostes (CARSON, 2009, p. 1678).

⁷² RICHARDS, Lawrence C. **Comentário bíblico do professor: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras do Gênesis ao Apocalipse**. São Paulo: Vida, 2004, p. 925. O autor ainda comenta que “estranhamente, o historiador Suetônio diz que o motivo da ação de Cláudio era o constante envolvimento dos judeus em tumultos, devido a instigação de um certo ‘Crestus’. Aparentemente, a mensagem de Cristo dividiu a comunidade judaica em Roma” (p. 925).

⁷³ POHL, 1999, p. 19.

consequentemente, acerca da salvação”.⁷⁴ O que acontecia era que os judeus acreditavam que o cristianismo era apenas uma parte do judaísmo, por isso exigiam o cumprimento da lei. Já os gentios levavam um cristianismo livre da lei de Deus, por isso desprezavam os judeus convertidos. O resultado desse conflito era que “os cristãos judeus tinham orgulho de sua condição privilegiada, enquanto os cristãos gentílicos orgulhavam-se de sua liberdade”.⁷⁵ Logo, quando Paulo decide escrever para a igreja de Roma, ele está ciente dessa realidade: ali há uma igreja composta por dois grupos distintos, com pensamentos teológicos conflitantes, cuja discussão gira, dentre outros, em torno da função da lei para o cristão. Paulo, então, para tentar resolver essa discussão, reflete sobre sua teologia, resultando na Epístola aos Romanos.

Outro *propósito* de Paulo, ao escrever Romanos, é seu desejo de evangelizar na Espanha (15.24,28). Para isso, o apóstolo optara por passar por Roma. Dessa forma, o mesmo escreve sua epístola para preparar os Romanos para sua futura viagem e, “já que nunca estivera em Roma antes [...], ele via a necessidade de estabelecer suas credenciais de apóstolo, apresentando-lhes um relato completo sobre o Evangelho que ele pregava”.⁷⁶ Assim, ao escrever para a igreja de Roma, Paulo não só deseja anunciar uma possível viagem futura, como também demonstrar a veracidade da mensagem que anunciava.

Sendo assim, o *tema* da epístola não poderia ser outro: o Evangelho de Cristo, que “consistia na mensagem de que, em Jesus, tanto o judeu como o gentio poderiam ser salvos”.⁷⁷ Dada a situação estabelecida acima, Paulo percebe que a igreja de Roma precisava de uma reconciliação étnica e teológica,⁷⁸ assim, apresenta a única coisa que poderia realizar tal feito: o Evangelho de Cristo (Rm 1.16-17; Ef 2.11-22).

3.2 Contexto literário

A análise do contexto literário buscará responder por que Paulo diz que *o amor é o cumprimento da lei* exatamente nessa altura de seu argumento.⁷⁹ Keener interpreta que Paulo apresenta o Evangelho nos onze primeiros capítulos de Romanos e, depois, “conclama os leitores à *reconciliação* e ao serviço mútuos nos capítulos 12-15”.⁸⁰ Já Stott apresenta um detalhamento maior ao dividir a epístola da seguinte maneira: a ira de Deus (Rm 1.18-3.20), a graça de Deus (Rm 3.21-8.39), o plano de Deus (Rm 9-11), a vontade de Deus (Rm 12-15.13), o apostolado de Paulo e seus planos (Rm 15.14-33) e, por fim, as saudações pessoais e a conclusão (Rm 16).⁸¹ Assim, à luz do contexto histórico-cultural apresentado, fica claro que

⁷⁴ STOTT, 2007a, p. 32.

⁷⁵ STOTT, 2007a, p. 33.

⁷⁶ STOTT, 2007a, p. 32. Como comenta Carson, com base em Rm 3.8, “falsos rumores sobre o que Paulo pregava haviam chegado até os romanos”, e provavelmente esses rumores eram de que Paulo era contrário a Lei (Rm 1.16; 7.7-12; cap. 9-11). Então, mais do que somente expor, Paulo estava defendendo sua imagem e o Evangelho que ensinava (CARSON, 2009, p. 1682).

⁷⁷ KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 506.

⁷⁸ KEENER, 2017, p. 506.

⁷⁹ FEE; STUART, 2011, p. 78.

⁸⁰ KEENER, 2017, p. 507, grifo meu.

⁸¹ STOTT, 2007a, p. 35-44.

Paulo está convocando os cristãos de Roma a tomarem uma atitude prática de reconciliação diante do Evangelho, à qual foram apresentados nos capítulos 1-11, sendo que essa reconciliação ocorre somente por meio do amor, que é o ponto essencial da comunhão dos santos e o centro das relações do cristão.

3.3 Análise teológica

Por fim, à luz do que foi explicado sobre os conceitos de *lei* e *amor* e nas análises *histórico-cultural* e *literária*, pode-se partir para uma breve análise teológica da passagem, buscando entender quais ensinamentos o apóstolo deseja passar quando escreve o trecho de Romanos 13.8-10 e quais aplicações práticas para a igreja de hoje essa passagem traz.

“A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros; pois quem ama o próximo tem cumprido a lei” (v.8, ARA). Apesar de Paulo ensinar que o cristão sempre deve pagar suas dívidas, provavelmente uma referência aos *tributos* e *impostos* do verso anterior, dá a entender que o cristão nunca conseguirá saldar a dívida do amor ao próximo, pois “não se pode deixar de amar alguém e dizer: ‘Já amei o suficiente’”.⁸² O motivo do cristão não poder pagar a dívida do amor é porque ele sempre está abaixo da expectativa divina, ou seja, o cristão nunca ama ao próximo de maneira plena e completa:

[...] ao contrário daquelas dívidas que podemos pagar integralmente e ficamos livres, esta é dívida ilimitada que nunca podemos satisfazer adequadamente, também para o momento presente e que, por maior esforço que façamos para saldá-la, sempre aumenta novamente.⁸³

Nota-se, na última sentença do verso, a centralidade de Levíticos 19.18 na teologia prática cristã (Mt 5.43; 19.19; 22.39; Mc 12.31; Gl 5.14; 6.2; Tg 2.8; 1Jo 4.11). Devido a esse fato, Warren Wiersbe comenta que o mandamento de amar uns aos outros “é o princípio fundamental da vida cristã”.⁸⁴ Por fim, Calvino afirma que “toda a lei é cumprida quando amamos nosso próximo, porque o genuíno amor pelo ser humano só tem uma fonte, a saber: o amor de Deus. O amor ao próximo é evidência e decorrência do amor a Deus”,⁸⁵ ou seja, é somente Deus que permite os homens amarem ao próximo, e esse amor só é possível pela ação do Espírito Santo.⁸⁶

⁸² STOTT, 2007a, p. 421-422.

⁸³ CRANFIELD, 2005, p. 294.

⁸⁴ WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento**. Volume I. Santo André: Geográfica, 2006, p. 727.

⁸⁵ CALVINO, João. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 524.

⁸⁶ BIENERT, Davi. A descontinuidade e a continuidade da lei mosaica na vida do cristão: uma perspectiva Paulina. **Vox Scripturae**: Revista Teológica Internacional, São Paulo, v.7, n.2, p. 29., Dez. 1997, p. 40. O autor ainda comenta que “os mandamentos não apagam a vida no Espírito, ao contrário, o Espírito usa os mandamentos para informar aos cristãos como viver no Espírito e providenciar o poder para cumprir a lei” (p. 41).

“Pois isto: Não adulterarás,⁸⁷ não matarás,⁸⁸ não furtarás,⁸⁹ não cobiçarás,⁹⁰ e, se há qualquer outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (v.9, ARA). O objetivo de Paulo em resumir essas ordenanças no amor é “provar que o objetivo de toda a lei consiste em encorajar-nos ao cultivo do amor recíproco”.⁹¹ Logo, um dos objetivos da lei de Deus, pelo menos referente à lei em sentido moral, é levar os homens ao estado de amor mútuo, sendo a lei moral o direcionamento para o exercício desse amor.

A respeito do uso que o apóstolo faz do mandamento do amor ao próximo e de ordenanças específicas do Decálogo, Bruce afirma que

Paulo menciona o segundo [mandamento] aqui, e não o primeiro, porque a questão imediata relaciona-se com os deveres do cristão para com o seu próximo – tema dominante dos mandamentos da segunda tábua do Decálogo. Estes mandamentos nos proíbem prejudicar o nosso próximo de qualquer modo. Visto que o amor nunca prejudica a outros, o amor cumpre a lei.⁹²

Dessa maneira, Paulo optou pela escolha do segundo mandamento para ilustrar a relação da lei com o amor, porque a passagem está localizada no segmento onde o apóstolo ensina atitudes práticas do cristão. Logo, o amor é reafirmado como a mais importante atitude que o cristão deve ter com o próximo.

“O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (v. 10, ARA). Paulo apresenta aqui uma solução ao problema dos judeus-cristãos: como eles estavam preocupados em fazer os gentios-cristãos seguirem a lei, o apóstolo “lembra que a melhor maneira de cumprirem a lei é viver em harmonia uns com os outros”.⁹³ Através da leitura desse verso percebe-se que “toda a lei nos proíbe somente uma coisa: fazer alguma sorte de mal a nosso próximo”,⁹⁴ e, além disso, que “a essência do amor consiste em buscar o bem supremo do próximo e em servi-lo”.⁹⁵ Logo, é possível ver o porquê de Paulo escrever que o amor é o cumprimento da lei em sentido moral: porque um é o complemento do outro, o amor encoraja o oposto do que essa lei proíbe: ele é o combustível que permite ao homem

⁸⁷ Para Calvino, a importância desse mandamento está no fato de Deus amar a castidade e a pureza, então o cristão deve dirigir “todas as partes da [...] vida casta e continentemente” (CALVINO, 2006, p. 163).

⁸⁸ Esse mandamento, além de proibir toda violência, brutalidade, ou qualquer ação danosa ao próximo (CALVINO, 2006, p. 162), possui a ordenança positiva de o cristão fazer tudo em seu poder para cuidar da saúde e bem-estar do próximo, sendo que sua intenção é levar o cristão ao amor a esse próximo (HORTON, Michael. **A lei da perfeita liberdade**: a ética bíblica a partir dos Dez Mandamentos. São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p. 136,141).

⁸⁹ O mandamento contra o furto requer o respeito pela propriedade privada do próximo (Êx 22.1-9) (HORTON, 2000, p. 170).

⁹⁰ As disposições mentais do cristão devem excluir todo desejo contrário à caridade (CALVINO, 2006, p. 171), pois o ato de desejar as posses do próximo torna o cristão tão transgressor da lei como se o matasse ou o furtasse (HORTON, 2000, p. 217).

⁹¹ CALVINO, 2014, p. 525.

⁹² BRUCE, 1983, p. 194. Além disso, Schreiner comenta que a sentença “e se há qualquer outro mandamento” dá a entender que a lista que Paulo utiliza não é exaustiva, deixando claro que “outros mandamentos provenientes da lei mosaica também são incluídos na lei do amor” (SCHREINER, 2015, p. 299).

⁹³ KEENER, 2017, p. 338.

⁹⁴ CALVINO, 2014, p. 525.

⁹⁵ STOTT, 2007a, p. 424.

cumprir essa lei. Além disso, vale citar que a palavra *cumprimento* é a tradução do grego *pleroma*, que possui diversos significados, como, por exemplo, plenitude (11.12, 25; 15.29).⁹⁶ Logo, pode-se dizer que o amor é a plenitude da moral cristã: a atitude última que o cristão deve ter com o próximo.

Em conclusão, a lei moral e o amor possuem um relacionamento complementar: a primeira é gerada pelo último, e o último é provado pelo cumprimento da primeira. Essa relação complementar pode ser explicada da seguinte maneira: “a lei dá conteúdo ao amor; o amor dá cumprimento à lei. A lei prescreve a ação, mas é o amor que constrange ou motiva a realização da ação envolvida”.⁹⁷ É justamente por isso que tentar desvincular o amor da observância do aspecto moral da lei é uma atitude equivocada, “afinal, amor e lei necessitam um do outro. O amor necessita da lei para orientá-lo, e a lei necessita do amor para inspirá-la”.⁹⁸ Logo, entende-se que o amor é direcionado pela lei moral, pois o mesmo é algo subjetivo que pode ser distorcido, necessitando de parâmetros contidos nessa lei, que, por sua vez, possui seu resumo no amor ao próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns resultados puderam ser obtidos nesse artigo. A começar pela questão contextual, demonstrando que, apesar dos pensamentos conflituosos que existiam entre judeus e gentios na igreja de Roma, a atitude que deveria permanecer entre eles era o amor, o ápice do altruísmo cristão. Além disso, também pôde ser observado que Paulo trata, em Romanos 13.8-10, especialmente sobre a lei moral de Deus, que é a parte da lei ainda aplicável aos dias atuais, pois reflete a vontade de Deus. Por fim, afirmou-se que a maior manifestação da lei moral de Deus é o amor, e o exercício do amor é guiado pelos parâmetros contidos na lei moral, para que o mesmo não seja distorcido.

Considerando essas informações, é possível notar que, em discordância com as interpretações equivocadas que colocam a lei em oposição ao amor, esses dois conceitos se relacionam e dialogam entre si. Isso se dá pelo fato de a lei moral ser a manifestação visível e material do amor e o amor ser o resumo desse aspecto da lei.

Logo, é possível estabelecer um relacionamento que não seja de oposição entre a lei e o amor, mas de complementação. A hipótese de que esses dois conceitos se complementam e estabelecem um diálogo saudável se torna plausível tendo em vista os resultados desse trabalho.

Por fim, a conclusão a que se chega é que é somente pelo exercício do amor que a lei moral pode ser cumprida, ao mesmo tempo em que através das atitudes morais dispostas na lei pode-se provar o amor a Deus e ao próximo, sendo o amor o padrão moral último que Deus deseja para seus filhos.

⁹⁶ BRUCE, 1983, p. 194.

⁹⁷ WILSON, 1981, *apud* LOPES, 2010, p. 435.

⁹⁸ STOTT, 2007a, p. 423.

REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 4.ed. Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de estudo de Genebra**. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BIENERT, Davi. A descontinuidade e a continuidade da lei mosaica na vida do cristão: uma perspectiva Paulina. **Vox Scripturae**: Revista Teológica Internacional, São Paulo, v.7, n.2, p. 29, Dez. 1997.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BRUCE, F. F. **Paulo**: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003.

BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1983.

CALVINO, João. **As Institutas**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Vol. 2.

CALVINO, João. **Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses**. São José dos Campos: Fiel, 2015.

CALVINO, João. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2014.

CARSON, D. A.; et al. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos Versículo por Versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.ed. revisada e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GOMES, Paulo Sérgio. O significado de “Fim da Lei” em Romanos 10.4. **Fides Reformata**. v.2, n.1, p. 123-136. São Paulo, 1997.

HOEKEMA, Anthony A. **Salvos pela graça**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

HORTON, Michael. **A lei da perfeita liberdade**: a ética bíblica a partir dos Dez Mandamentos. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

HORTON, Michael. **Redescobrimo o Espírito Santo**: a presença santificadora de Deus na criação, na redenção e na vida cotidiana. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KEENER, Craig S. **O Espírito na igreja**: o que a Bíblia ensina sobre os dons. São Paulo: Vida Nova, 2018.

- KUYPER, Abraham. **A obra do Espírito Santo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- LOPES, Augustus Nicodemus. A nova perspectiva sobre Paulo: um estudo sobre as “obras da lei” em Gálatas. **Fides Reformata**, v.11, n.1, p. 83-94. São Paulo, 2006.
- LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o evangelho segundo Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2010.
- MEISTER, Mauro. **Lei e graça**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.
- MEISTER, Mauro. Lei e graça: uma visão reformada. **Fides Reformata**, v.4, n.2, p. 45-58. São Paulo, 1999.
- POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**. Curitiba: Esperança, 1999.
- RICHARDS, Lawrence C. **Comentário bíblico do professor: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras do Gênesis ao Apocalipse**. São Paulo: Vida, 2004.
- RIDDERBOS, Herman. **A teologia do apóstolo Paulo: a obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo: o apóstolo da glória de Deus em Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- SHEDD, Russel P. **Lei, graça e santificação**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- STOTT, John. **A cruz de Cristo**. São Paulo: Vida, 2006.
- STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007a.
- STOTT, John. **Batismo e plenitude do Espírito Santo: o mover sobrenatural de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2007b.
- STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de Exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- STUHLMACHER, Peter. **Lei e graça em Paulo: uma resposta à polêmica em torno da doutrina da justificação**. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento. Volume I. Santo André: Geográfica, 2006.**

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

DIA DE DESCANSO E ADORAÇÃO EM MARTINHO LUTERO Day of rest and worship in Martin Luther

Me. Luciano Azambuja Betim¹

RESUMO

Um dos mandamentos expressos em Êxodo 20, refere-se ao dia de adoração e descanso. De que modo Martinho Lutero interpretou esse mandamento em sua teologia? A pesquisa dialoga com textos do reformador, mais especificamente em seu Catecismo Maior. Para Lutero, o cristão não está preso ao sentido exterior da lei, porém, ainda há a necessidade de um dia de descanso e celebração para o povo de Deus.

Palavras-chaves: Adoração. Descanso. Lutero. Palavra de Deus.

ABSTRACT

One of the commandments expressed in Exodus 20 refers to the day of worship and rest. How did Martin Luther interpret this commandment in his theology? The research dialogues with texts of the reformer, more specifically in his Major Catechism. For Luther, the Christian is not bound to the outward sense of the law, but there is still a need for a day of rest and celebration for the people of God.

Keywords: Worship. Rest. Luther. God's word.

INTRODUÇÃO

Um dos mandamentos expressos na Palavra de Deus, refere-se ao dia de adoração e descanso. Após o término da criação, Deus descansou da obra de suas mãos: “Abençoou Deus

¹ Pastor Presbiteriano (IPB); Professor na Faculdade Presbiteriana Sul-Brasileira (Fatesul); Mestre em Teologia pela PUC-PR; Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pela FABAPAR; Pós-graduando em Estudos Teológicos pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (Mackenzie); Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR). Email: lucianobetim@outlook.com.br

o sétimo dia e o santificou, porque nele descansou de toda a obra que realizara na criação” (Gn 2.3 – NVI). Esse mandamento aparece mais detalhadamente no livro do Êxodo: “Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor teu Deus [...]” (Êx 20.8-10 – NVI).

Perpassando a história do povo de Deus, desde os tempos do Antigo Testamento, esse mandamento tem sido observado, com maior ou menor fidelidade. Este texto se restringe ao pensamento de Martinho Lutero. De que modo o reformador interpretou esse mandamento em sua teologia? Para responder, a pesquisa dialoga com textos de Lutero, mais especificamente em seu Catecismo Maior. Para Lutero, o cristão não está preso ao sentido exterior da lei, porém ainda há a necessidade de um dia de descanso e celebração para o povo de Deus.

Desse modo, objetiva-se, neste texto, estudar o sentido da palavra *shabat* em Martinho Lutero. Como outros objetivos, propõe-se expor a necessidade de um dia de descanso físico diante da vida corrida em suas mais variadas formas de trabalho. Propõe-se, ainda, expor o significado do *shabat* como dia de adoração coletiva para o povo de Deus.

Como fontes de pesquisa, utilizar-se-ão primeiramente textos do reformador, mas especificamente no livro “*Obras de Lutero*”, publicação disponibilizada pela editora Vida Nova, com destaque para o Catecismo Maior e Menor. No primeiro ponto, apresenta-se o pensamento de Lutero sobre o sentido de *shabat*; no segundo ponto, o *shabat* como dia de descanso físico; e, por fim, o *shabat* e sua conexão com a adoração cristã e ensino da Palavra. As versões bíblicas utilizadas será a Nova Versão Internacional (NVI), a Almeida Século 21 (A21), a paráfrase A Mensagem (MSG) e a Nova Almeida Atualizada (NAA).

1. O SENTIDO TEOLÓGICO DO SHABAT CONFORME LUTERO

É importante olhar o entendimento de Lutero em relação ao sentido do termo “shabatt”, conforme seu Catecismo Maior. Para ele, o significado está, por um lado, relacionado ao ato de cessar com o trabalho, e por outro bastante ligado à celebração ou adoração.² O dia de descanso e adoração tratava-se de um dos mandamentos da lei de Deus: “Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo” (Êx 20.8 - NVI). A lei de Deus – e, nesse sentido, o sábado –, conforme entendimento luterano, não tem o objetivo de conceder a salvação, mas mostrar ao ser humano a necessidade de um salvador.³

Em linguagem bastante pastoral e didática, Lutero expõe também o sentido do santificar o segundo mandamento: Santificar o *Feiertag* [dia de celebração/descanso]. Que significa? Devemos temer e amar a Deus, para que não desprezemos a pregação e sua Palavra, antes a consideremos santa, e a ouçamos e aprendemos dela com alegria.⁴ No entendimento de John,

² LUTERO, Martinho. **Clássicos da Reforma**: uma coletânea de escritos. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 298.

³ KRETZMANN, Karl. **O que ensinam os luteranos**. Porto Alegre: Concórdia, 2018, p. 1.

⁴ LUTERO, 2017, p. 256.

o sentido básico dessa santificação aponta para a ideia de não desprezar o culto nem a Palavra de Deus.⁵

Na concepção de Lutero, esse mandamento está conectado à fé do povo judeu: “[...] No que diz respeito à observação externa, esse mandamento foi dado somente para os judeus, para que se abstivessem de trabalho penoso e descansassem, e assim tanto as pessoas quanto os animais se recuperassem [...]”.⁶ Esse mandamento foi mais tarde interpretado erroneamente, conforme denúncia o Novo Testamento (Mt 12.1-13). Esse equívoco é denunciado também por Lutero:

[...] embora mais tarde interpretassem esse mandamento de modo muito restrito, e o abusassem a ponto de difamarem Cristo [...] Como se o mandamento estivesse cumprido quando se deixada de fazer qualquer trabalho externo, o que no entanto, não era o sentido do mandamento, mas como veremos, que santificassem o dia de celebração ou de descanso.⁷

Lutero insiste que o cristão não está mais preso a esse aspecto exterior do mandamento: “[...] esse mandamento não diz respeito a nós, cristãos, no seu sentido exterior, pois se trata de um aspecto absolutamente externo, assim como outras leis do Antigo Testamento [...]”.⁸ Isso reflete, de certo modo, as palavras de Paulo: “Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem, ou com relação a alguma festividade religiosa ou à celebração das luas novas ou dos dias de sábado” (Cl 2.6 - NVI).

As igrejas luteranas são confessionais em sua exposição sistemática ou dogmática de Fé. Para a Confissão de Augsburgo:

[...] erram muito os que julgam que a observância do domingo em lugar do sábado foi estabelecida como necessária. A Sagrada Escritura ab-rogou o sábado e ensina que depois da revelação do evangelho podem omitir-se todas as cerimônias da lei antiga. Contudo, visto que era necessário estabelecer um dia determinado, a fim de que o povo soubesse quando devia reunir-se, a igreja cristã destinou o domingo para esse fim, e tanto mais agrado e disposição teve relativamente a tal mudança, para que o povo tivesse um exemplo da liberdade cristã e se soubesse que nem a guarda do sábado nem de qualquer outro dia é necessária.⁹

Embora haja essa observação paulina em relação à liberdade do cristão, isso não elimina o fato de que continua o princípio do dia de adoração e descanso. A preocupação de Lutero caminha no sentido de explicar que não há diferença entre um dia e outro, ou seja, um dia não é melhor que o outro.¹⁰ Ele observa, porém, que desde o início do cristianismo o primeiro dia da semana (domingo) tem sido utilizado para esse fim, ou seja, descanso e adoração.¹¹

⁵ JOHN, Abel. **Manual Evangélico**: associação das igrejas Luteranas Livres do Brasil. Campo Mourão: AILLB, 2013, p. 49.

⁶ LUTERO, 2017, p. 298.

⁷ LUTERO, 2017, p. 299.

⁸ LUTERO, 2017, p. 299.

⁹ **CONFISSÃO de Augsburgo**: edição comemorativa 1530 - 2005. Porto Alegre: Concórdia, 2005, p. 48.

¹⁰ LUTERO, 2017, p. 299.

¹¹ LUTERO, 2017, p. 299.

Vários são os textos no Novo Testamento apontando para o primeiro da semana como dia de adoração (Jo 20.1,26; At 20.7; 1 Co 16.1-2; Ap 1.10).

Essa mudança, do sábado judaico para o primeiro dia da semana, não foi uma invenção sem fundamentação. Lutero observa que os Apóstolos, por meio da autoridade por Cristo e eles delegada, transferiram o dia de adoração para o domingo.¹² De fato, no final da era apostólica, o domingo já era chamado de dia do Senhor: “Era domingo, dia da ressurreição, e eu estava no Espírito, orando [...]” (Ap 1.10 – MSG). É importante, frisa Seibert, entender que essa mudança não ocorreu por vontade da igreja, mas sob a autoridade do Evangelho e dos santos apóstolos.¹³

2. UM TEMPO DE DESCANSO DO CORPO E DA ALMA

Há certa preocupação do reformador com a questão do descanso do ser humano em seu aspecto integral. No entendimento de Lutero, ensino da própria natureza demonstra que há necessidade de descanso físico daqueles se afadigam a semana toda.¹⁴ Após a criação, o próprio Deus mostrou o exemplo do descanso: “No sétimo dia Deus já havia concluído a obra que realizara, e nesse dia descansou. Abençoou Deus o sétimo dia e o santificou, porque nele descansou de toda a obra que realizara na criação” (Gn 2.2,3 - NVI).

Em relação a esse aspecto de descanso físico, Lutero escreve:

[...] Mas para dar um sentido cristão aos leigos, para que saibam o que Deus exige [...] em primeiro lugar em virtude da necessidade de descanso do corpo, que a natureza ensina e exige das pessoas [...] o povo comum, servos e servas que trabalham a semana toda, precisam de um dia sem trabalho, para descansar e revigorar-se [...].¹⁵

O cansaço físico é uma realidade inerente às atividades humanas, as quais muitas vezes esgotam suas forças. O próprio Jesus experimentou essa sensação: “Jesus estava na popa, dormindo com a cabeça sobre um travesseiro [...]” (Mc 4.38 – NVI). Noutra ocasião, o mesmo evangelho explicita a preocupação de Jesus para com o descanso físico de seus discípulos: “Havia muita gente indo e vindo, a ponto de eles não terem tempo para comer. Jesus lhes disse: ‘Venham comigo para um lugar deserto e descansem um pouco’” (Mc 6.31 – NVI).

Na correria da vida, muitos podem ser tentados a esquecer essa orientação, ignorando o descanso físico.

[...] Por isso, não somente pecam contra esse mandamento aqueles que grosseiramente o usam de modo errado e o profanam, mas também aqueles que, motivados por sua ganância ou frivolidade, deixam de ouvir a Palavra de Deus ou estão em tavernas, bêbados como porcos [...].¹⁶

Embora o descanso físico fosse contemplado nos dez mandamentos, o ato em si de “descansar” é apenas uma parte desse importante mandamento. Lutero é bastante claro

¹² LUTERO *apud* PIPA, Joseph A. **O dia do Senhor**. São Paulo: Os Puritanos, 2000, p. 152.

¹³ SEIBERT, Walter. **Introdução às confissões Luteranas**. Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 98.

¹⁴ LUTERO, 2017, p. 299.

¹⁵ LUTERO, 2017, p. 299.

¹⁶ LUTERO, 2017, p. 302.

quanto a isso, observando que deixar de fazer algum trabalho externo não é garantia de cumprir o mandamento, podendo inclusive incorrer no terrível erro do legalismo.¹⁷ Autores luteranos posteriores têm mantido essa perspectiva de observação do *shabat*, evitando, porém, atribuir a ele alguma conotação judaizante legalista.¹⁸ O verdadeiro *shabat* encontra seu pleno sentido em Jesus: “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso” (Mt 11.28 – NVI).

O reformador foi bastante taxativo em relação ao perigo do legalismo:

Se em qualquer lugar o dia é feito santo meramente por causa do dia – se e qualquer lugar alguém configura sua observância num fundamento judaico, então eu te ordeno a trabalhar nele, a montar nele, a dançar nele, a banquetear nele, a fazer qualquer coisa que possa eliminar essa intromissão na liberdade cristã.¹⁹

O pensamento de Lutero, como citado acima, chama atenção para o perigo da celebração automatizada do dia em si, sem levar em consideração o verdadeiro sentido ou princípio real do mandamento em sua totalidade. Jesus já havia denunciado esse perigo quando os discípulos colheram espigas para alimentar-se (Mc 2.23). Sua denúncia ecoa ainda hoje: “[...] O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado. Assim, pois, o Filho do homem é Senhor até mesmo do sábado” (Mc 2.27,28 – NVI).

3. UM DIA DE ADORAÇÃO E CELEBRAÇÃO

A adoração, no dia do culto comunitário, sempre foi uma preocupação no cristianismo histórico, sendo mantido pelos reformadores. O desejo de Lutero era de que em todos os dias esses elementos estivessem presentes na vida do povo de Deus, mas ele reconhece, entretanto, que não é possível; celebra-se, então, no primeiro dia da semana.²⁰ No entendimento de Lutero, o domingo tem sido dedicado para esse fim desde os primeiros dias do cristianismo, de modo que deve ele ser mantido.²¹ Na concepção de Karnnop, o culto cristão não está restrito apenas ao dia de domingo, entretanto, em comemoração à ressurreição de Jesus, o povo de Deus tem mantido esse dia dedicado à adoração.²²

As igrejas Luteranas têm mantido essa boa tradição no decorrer dos séculos, seguindo Lutero:

Em segundo lugar, e especialmente por isso, que nesse *Feiertag* (visto que não conseguimos outra oportunidade para tal), se separe um tempo e ocasião para participar de um culto, ou seja, nos reunamos para ouvir e tratar da Palavra de Deus e depois louvar a Deus, cantar e orar.²³

¹⁷ LUTERO, 2017, p. 299.

¹⁸ SEIBERT, 2000, p. 119.

¹⁹ LUTERO *apud* DeYOUNG, Kevin. **As boas novas que quase esquecemos**: a redescoberta do evangelho de Jesus Cristo. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 171.

²⁰ LUTERO, 2017, p. 300.

²¹ LUTERO, 2017, p. 300.

²² KARNNOP, David. **Culto divino**: a marca da igreja cristã no mundo. Porto Alegre: Concórdia, 2012, p. 44.

²³ LUTERO, 2017, p. 299.

Essas atividades espirituais são bem definidas no pensamento de Lutero, como mostra a citação acima. Alguns desses elementos aparecem nas celebrações das igrejas apostólicas: “No primeiro dia da semana, nós nos reunimos a fim de partir o pão. Paulo, que pretendia viajar no dia seguinte, falava aos irmãos e prolongou a mensagem até a meia-noite” (At 20.7-NAA). A paráfrase “A Mensagem” é mais clara ainda: “Encontramo-nos no domingo para o culto e a celebração da ceia do Senhor. Paulo falou à comunidade” (At 20.7 – MSG). Para Karnnop, a participação na Ceia do Senhor, no dia de domingo, é um dos pontos altos da teologia luterana.²⁴

O reformador procura estabelecer de modo bem claro o sentido de “santificar” o dia do Senhor. Diz ele:

Logo, quando alguém te perguntar o que significa santificar o *Feiertag*?, responde: “Santificar o *Feiertag* é o mesmo que mantê-lo santo”. Mas o que quer dizer mantê-lo santo? Nada mais do que viver uma vida santa em palavras e ações. Pois o dia em si não necessita ser santificado, visto que já foi criado santo. Porém, Deus deseja que o dia seja santo para ti. Portanto, tu o tornas santo ou não santo, dependendo de tua prática de coisas santas ou não santas neste dia. Mas como, então, ocorre essa santificação? Não é acomodando-se atrás do forno e evitando todo trabalho penoso, ou enfeitando-se com uma coroa e vestindo as melhores roupas, mas como dito anteriormente, que nos ocupemos com a Palavra de Deus e nos exercitemos nela.²⁵

Extremamente importante é o conteúdo daquilo que deve ocupar o cristão no dia de adoração. O reformador cita temas de interesse da fé, como os dez mandamentos, a oração do Senhor, o Credo Apostólico, e a Palavra de Deus norteando tudo isso.²⁶ Observa ainda, Lutero: “[...] a Palavra de Deus é o tesouro que santifica todas as coisas [...] por meio dela a pessoa, o dia e o trabalho são santificados [...] qualquer observância ou comportamento que não esteja baseado na Palavra de Deus não é santo [...]. Nessa declaração aparece a importância da Palavra de Deus na teologia do reformador.

O primeiro dia semana é, então, de suma importância para o povo de Deus. Lutero chega até mesmo a dizer que observar o dia do Senhor não é uma opção para o cristão, sendo, porém, um mandamento do qual Deus exigirá que seu povo venha a prestar contas do modo como ouviu e honrou a Palavra.²⁷ Para cumprir esse chamado, o reformador exorta que a comunidade ocupe esse dia com exercícios espirituais.²⁸ Segundo John, o cristão, no espírito da liberdade da graça, jamais deve desprezar a Palavra de Deus e a participação nos sacramentos.²⁹

A centralidade da Palavra no dia de adoração é destacada:

²⁴ KARNNOP, 2012, p. 44.

²⁵ LUTERO, 2017, p. 300.

²⁶ LUTERO, 2017, p. 300.

²⁷ LUTERO, 2017, p. 302.

²⁸ LUTERO, 2017, p. 299.

²⁹ JOHN, 2013, p. 49.

[...] a Palavra é tão eficaz sempre que estudada, ouvida e praticada com seriedade que nunca permanece sem frutos. Pelo contrário, sempre desperta novas compreensão, prazer e devoção e ainda gera um coração e pensamentos puros, pois não são palavras podres ou mortas, mas palavras eficazes e vivas [...].³⁰

Na caminhada do salvo, há uma luta constante contra o Diabo e seus ataques mortais. Ciente disso, Lutero pondera que, mesmo que o povo de Deus conheça bem a Palavra, mesmo assim são eles diariamente assaltados pelas investidas do maligno – por isso a importância de guardar a Palavra de Deus no coração.³¹ O reformador argumenta que, por meio da Palavra “[...] o Diabo é enxotado e expulso, e além disso esse mandamento é cumprido [...]”.³² Nesse sentido, o mandamento para adorar e celebrar gira em torno da Palavra, sendo ela o referencial para a prática cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, propôs-se uma discussão do *shabat* na teologia de Martinho Lutero. Apresentou-se como pergunta: Como Martinho Lutero interpretou esse mandamento em sua teologia? Como observado no decorrer da pesquisa, Lutero entendia que o cristão não estava mais preso aos aspectos cerimoniais dos mandamentos. Isso, porém, não significa que para o cristão não haja mais a necessidade de um dia de descanso, bem como a necessidade da adoração comunitária e celebração da Palavra.

Sabidamente, Youngblood reflete a perspectiva de Lutero:

Muitos cristãos sentem que Deus ainda espera que seu povo separe um dia em cada sete para dedicar a Ele [...] Eles também acreditam que, sendo parte do sistema moral conhecido como os dez mandamentos, o sábado é moralmente obrigatório as pessoas e em todas as eras. Historicamente, os cristãos que assim pensam, guardam o domingo, o primeiro dia da semana, como o sábado cristão. O motivo para isso é que Cristo ressuscitou o primeiro dia da semana (Mt 18.1), e portanto, a igreja do Novo Testamento se reunia para adorar a Deus regularmente aos domingos (At 2.7; 1 Co 16.2; Ap 1.10) [...].³³

Fundamentado na literatura oficial de Lutero, por meio de seu Catecismo Menor e Maior, bem como de outras fontes ligadas ao reformador, julga-se ter atingido os objetivos: entender o conceito de *shabat* em Lutero, bem como expor a importância do descanso físico e a adoração comunitária, conforme entendimento do reformador. Para Lutero, essa santificação do *shabat* ocorre quando o povo de Deus adora, ouve e pratica a Palavra, não esquecendo, porém, da necessidade de descanso.

Para o cristão do século 21, rodeado de desafios e tomado por uma luta contra o relógio, a redescoberta do descanso e adoração no dia do Senhor é de extrema valia. Nas palavras de um importante devocional luterano:

³⁰ LUTERO, 2017, p. 303.

³¹ LUTERO, 2017, p. 303.

³² LUTERO, 2017, p. 303.

³³ YOUNGBLOOD, Ronald. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 1257.

Quantas vezes você já desistiu de uma atividade porque estava cansado? A correria diária, as tarefas do trabalho, escola, família [...]. Muita coisa causa cansaço e, conseqüentemente, faz as pessoas desistirem de determinadas atividades. Mas isso não acontece apenas na vida familiar, social ou no trabalho. Infelizmente também acontece na vida cristã [...]. O Senhor ama o seu povo e quer sempre o melhor para ele.³⁴

Espera-se que a pesquisa contribua para o conhecimento teológico da comunidade cristã. Porém, muito mais do que isso, que por meio deste artigo o povo de Deus seja desafiado a recordar o chamado divino para o descanso físico nestes tempos de grande correria e estresse, não esquecendo a importância da adoração e ouvir a Palavra com a sua comunidade.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. A Mensagem (MSG). São Paulo: Vida, 2011.

BÍBLIA. Português. Almeida Século 21 (A21). São Paulo: Vida Nova, 2008.

BÍBLIA. Português. Nova Almeida Atualizada (NAA). Barueri: SBB, 2017.

BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional (NVI). São Paulo: Vida, 2007.

CINCO minutos com Jesus: mensagens diárias 2019. Porto Alegre: Concórdia, 2019.

CONFISSÃO de Augsburgo: edição comemorativa 1530 - 2005. Porto Alegre: Concórdia, 2005.

DeYOUNG, Kevin. **As boas novas que quase esquecemos:** a redescoberta do evangelho de Jesus Cristo. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

JOHN, Abel. **Manual Evangélico:** associação das igrejas Luteranas Livres do Brasil. Campo Mourão: AILLB, 2013.

KARNNOP, David. **Culto divino:** a marca da igreja cristã no mundo. Porto Alegre: Concórdia, 2012.

KRETZMANN, Karl. **O que ensinam os luteranos.** Porto Alegre: Concórdia, 2018.

LUTERO, Martinho. **Clássicos da Reforma:** uma coletânea de escritos. São Paulo: Vida Nova, 2017.

PIPA, Joseph A. **O dia do Senhor.** São Paulo: Os Puritanos, 2000.

SEIBERT, Walter. **Introdução às confissões Luteranas.** Porto Alegre: Concórdia, 2000.

YOUNGBLOOD, Ronald. **Dicionário ilustrado da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 2004.

³⁴ **CINCO minutos com Jesus:** mensagens diárias 2019. Porto Alegre: Concórdia, 2019, n.p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

COSMOVISÃO CRISTÃ BÍBLICA SOBRE O CRESCIMENTO DA IGREJA E SEU IMPACTO NA VIDA SOCIAL

Biblical Christian Cosmvision on church growth and its impact on social life

Aldemiro Yomango Sozinho¹

RESUMO

O presente artigo ressalta a relevância da cosmovisão bíblica sobre o crescimento de igreja, assim como seu impacto na esfera da vida social. A finalidade demarcada objetiva analisar o impacto do crescimento da igreja no contexto da vida social, a partir de uma perspectiva bíblica, no sentido de resgatar a essência da razão de ser da igreja, não só como organismo vivo, mas também como instituição. Assim, questiona-se: até que ponto o crescimento da igreja, a partir do viés da cosmovisão bíblica, afeta a vida social? Para tal discussão, são explicitados os conceitos de cosmovisão bíblica, crescimento e igreja e que podem ser encontrados nos estudos de Schwarz (2010); Mills (2010; 2011); Carter, James (2010); Robinson (2003); Enns (2014); e Santos (2017). Com isso, o presente trabalho não se constitui como um projeto acabado, porquanto não se pretende esgotar o objeto eleito nesta temática, mas dar início ao processo argumentativo sobre a cosmovisão bíblica atinente ao crescimento da igreja e seu impacto na sociedade circundante, na medida em que se ressalta que a igreja deve cumprir efetivamente sua missão de influenciar a vida de pessoas, uma vez que ela exerce sua real função, ou seja, a de não apenas tornar Jesus conhecido por meio da proclamação da palavra, mas adotar um estilo de vida diferente, que exale o perfume real do amor de Deus, como fator de atratividade para os perdidos.

Palavras-chaves: Cosmovisão bíblica. Crescimento. Igreja.

¹ Mestrando em Ministério pela Piedmont International University. Licenciado em Engenharia de Petróleos, pela Universidade de Belas. Membro da Sociedade de Engenheiros de Petróleos. Auxiliar do Pastor da Igreja Evangélica de Bela Vista e Diretor do Departamento de Educação Cristã e Teológica. Email: candoty30@hotmail.com.

ABSTRACT

The present article highlights the relevance of the biblical worldview on church growth as well as its impact on the sphere of social life. The profound purpose aims to analyze the impact of the church growth in the context of social life from a biblical perspective in order to rescue the essence of the church's ideals, which is not being just a living organism but as a social reference institution. So, the following question is raised: to what extent does the growth of the church from the bias of the biblical worldview affect overall social life? For this discussion the concepts of biblical worldview, growth and church are explained and can be found in Schwarz's (2010) studies; Mills (2010; 2011); Carter, James (2010); Robinson (2003); Enns (2014); and Santos (2017). Thus, the present work is a work in progress, because it is not intended to exhaust the object chosen on this topic, but to begin the argumentative process on the biblical worldview related to the growth of the church and its impact in the surrounding society, in so far as it stands out that the church must effectively fulfill its mission to influence the lives of people, since it exercises its real function, that is, not only to make Jesus known through the proclamation of the bible, but to adopt a different lifestyle that exhales the real perfume of God's love as a key factor of attractiveness for the lost.

Keywords: Biblical worldview. Growth. Church.

INTRODUÇÃO

Analisar o fenômeno do crescimento de igrejas a partir da perspectiva da cosmovisão cristã é extremamente importante, visto a ênfase atribuída a esse objeto de investigação, não apenas para as comunidades eclesiais, mas também para o ser humano enquanto ser social. A igreja, considerada como representante de Deus na terra, deve cumprir efetivamente seu principal chamado: o de proclamar a mensagem da boa nova direcionada à salvação e redenção do ser humano. Entretanto, ela não pode perder de vista a questão da missão integral, na medida em que o ser humano tem necessidades situadas em diferentes dimensões da vida, isto é, material, afetiva e espiritual.

O crescimento da igreja é, em essência, um pressuposto plasmado nas Sagradas Escrituras. Assim, quando se olha para o ministério de Jesus, é possível perceber que multidões o seguiam por conta da natureza da ministração que ele proclamava, uma mensagem de fé, esperança e amor. Isso, naturalmente, atraía as pessoas, associado aos sinais e milagres que confirmavam e autenticavam sua mensagem.

Jesus, bem no fim de seu ministério terreno, comissionou os discípulos a irem e fazerem discípulos de todas as nações (Mt 28.19). Isto indica que a mensagem do evangelho deve alcançar o maior número possível de pessoas, para que elas sejam impactadas e que, como resultado desta ação, poderá implicar em crescimento da igreja. Este princípio é aplicável tanto do ponto de vista da igreja local, de missões culturais e transculturais, quanto do ponto de vista universal, caracterizado por um crescimento do Reino. O que indica que fazer discípulos, pressupõe multiplicação, desde que este processo seja operacionalizado de modo ininterrupto, orientado e supervisionado.

A partir das considerações efetivadas, já se torna possível iniciar a trajetória da discussão, no sentido de evidenciar a maneira como a relação entre cosmovisão bíblica e crescimento se concretizará no contexto da igreja.

1. A COSMOVISÃO BÍBLICA E O CRESCIMENTO DE IGREJA

Cabe iniciar a presente abordagem com a conceituação da palavra igreja, tal como elencado por Enns:

A palavra em inglês *church*, que por sua vez está relacionada à palavra em escocês *kirk* e a designação alemã *kirche*, todos estes termos são derivados da palavra grega *kuriakon*, o adjetivo neutro de *Kurios* ('Senhor'), designando pertencente ao Senhor. A palavra inglesa *church* também traduz a palavra grega *ekklesia*, a qual é derivada de *ek*, significando 'de' e *kaleo*, que significa chamar; daí, a igreja é 'um grupo chamado para fora'.²

Do exposto, deduz-se que a igreja é um grupo caracterizado por uma atitude dinâmica, visto que ela pertence ao Senhor e é chamada para fora, ou seja, sua finalidade é anunciar e pregar a mensagem do evangelho, levando luz e esperança ao mundo, que, em uma perspectiva bíblica, encontra-se caído e moralmente corroído pelo pecado.

Tal como ressaltado nas considerações iniciais, o crescimento da igreja é um princípio plasmado no interior das Sagradas Escrituras. A afirmação feita pelo apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 3.6, oferece evidências disso: "Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus". Sendo assim, pode-se inferir que o crescimento vem de Deus, mas não acontece acidentalmente. A igreja, como corpo de Cristo, precisa de fato anelar este crescimento e fazer a sua parte contributiva de forma intencional para alcançar as pessoas. Plantar e regar é indubitavelmente a incumbência da igreja, enquanto que fazer crescer é um mistério inerente à esfera da jurisprudência divina.

Observa-se, ainda, que o crescimento da igreja é diretamente proporcional ao processo de investimento efetivado, que envolve desde a plantação até o cuidado despendido com a mesma. Isso evidencia que, tal como os resultados não ocorrem de forma aleatória, de igual modo o crescimento da igreja requer cuidado, o que pressupõe sonho, visão, atitude e tempo empreendido.

Como o 'crescimento espontâneo' é crescimento orgânico, há necessidade de tempo, assim como cada processo orgânico, precisa de tempo. Não deveríamos esperar semear e colher no mesmo dia. Há diferentes estações do ano em nossas vidas espirituais e na vida da igreja, assim como na agricultura, e nós precisamos aprender a viver de acordo com as leis destas estações.³

A igreja da atualidade precisa entender que não se pode fazer todas as coisas para gerar crescimento. Existem determinados aspectos que aconteceram de forma natural, à medida

² ENNS, Paul. **Manual de teologia Moody**. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2014, p. 405.

³ SCHWARZ, Christian A. **Realce as cores do seu mundo, com o desenvolvimento natural da Igreja**. Curitiba: Esperança, 2010, p. 85.

que o ser humano cumpra com o seu rol de responsabilidades, isto é, o do cuidado com o processo de crescimento.

Tal como referenciado por Mills, a visão do crescimento precisa fazer parte da intenção da missão a ser desenvolvida por aquele que faz parte da Igreja. Na realidade, a visão e o desejo ardente de crescimento da igreja é o combustível que acende a chama do crescimento.⁴

A palavra crescer na transliteração grega, indica aumentar de tamanho, enquanto que no hebraico refere-se à ideia de engrandecer, brotar, ascender e estender. Quando a igreja compreende o processo de plantar, regar e colher, ela trabalha no pressuposto qualitativo do seu crescimento; e isto sucede quando ela prega, ensina e discipula pessoas para que se tornem mais semelhantes a Cristo. Ao fazer isso, Deus intervém, coroando este esforço com o crescimento, tanto qualitativo quanto quantitativo. O que se pode observar no texto Bíblico de Atos 2.47: “Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos”. Isso demonstra que o processo de crescimento é impulsionado por uma ação, a de cuidado responsável e comprometido com o que é efetivado.

2. FATORES QUE ESTÃO NA BASE DO CRESCIMENTO DA IGREJA

Não se pode dormir e acordar e esperar que a igreja cresça, visto que existem fatores basilares que devem ser levados em consideração para que o crescimento aconteça. Nos trechos a seguir, listam-se alguns dos fatores que se pensa serem indispensáveis para o crescimento da igreja, como: dons; ensino pela pregação da Palavra; integridade do Ministro; tranquilidade e segurança na Igreja; e culto marcante. Cada um desses fatores serão alvo de análise.

2.1 Ministérios orientados segundo os dons

A partir da cosmovisão cristã, crê-se que Deus tem outorgado os dons espirituais, cujo objetivo visa à edificação da Igreja. Tal como a utilidade de um membro do corpo físico é mensurada por aquilo que ele é capaz de aportar, isto é, sua funcionalidade, de igual modo, a utilidade de cada um que integra a Igreja, também intitulada corpo de Cristo, torna-se evidente quando se disponibilizam os dons à disposição para o serviço.

Quando você vive de acordo com dons espirituais, não trabalha mais com base nos seus próprios esforços, mas o Espírito de Deus trabalha em você. Assim você pode realizar coisas extraordinárias, mesmo sendo a mais comum dentre as pessoas.⁵

Isto implica que o crescimento da igreja é diretamente proporcional à ação orientadora do Espírito Santo na vida do crente. Isto não quer dizer que o esforço humano empregado é de certa forma desprezível; no entanto, cada crente, individualmente, deve ter consciência da

⁴ HEWARD-MILLS, Dag. **O crescimento da Igreja**. Londres: Parchment House, 2011.

⁵ SCHWARZ, 2010, p. 108.

sua dependência do Espírito, na efetivação dos aspectos que estejam além da esfera da capacidade da criatividade humana.

Cada cristão tem pelo menos um dom, entretanto é sua responsabilidade descobri-lo e, conseqüentemente, exercitá-lo. Neste aspecto, os líderes da igreja exercem um papel preponderante, porque eles devem auxiliar cada integrante da mesma a descobrir os dons que Deus lhe deu e enquadrá-lo em tarefas ministeriais que coadunem com estes dons. Isto tem um impacto tremendo na vida da igreja, quando o participante desempenha seu papel com alegria e excelência, evitando, desta feita, o desgaste tanto emocional quanto físico, por conta do exercício de atividades para as quais não se sente chamado.

Deste modo, cada participante da Igreja é capaz de florescer, crescendo como indivíduo, devido ao fato de que seu senso de pertença aumenta. Tal como elencou David Molapo: “se você não está crescendo então você está morrendo”.⁶

Muitas igrejas vivem em guerras internas sem fim, porque os participantes vivem desejando os dons de outrem, por conta de um sentimento de inveja e competição. A cooperação foi substituída pela competição, resultando em igrejas totalmente divididas, porque perderam de vista o aspecto da unidade do corpo, na diversidade de dons, por isso é essencial reconhecer que Deus tem disponibilizado seus dons a sua igreja para que ela funcione unida e eficiente a fim de cumprir sua missão de modo eficiente e transformador.

2.2 A pregação da palavra de Deus

Dentre os aspectos que podem ser considerados como fatores de crescimento da igreja, pode-se elencar a pregação da palavra, visto que ela se torna o aspecto basilar de sustentação do crescimento, haja vista que, conforme a cosmovisão bíblica declara, “a fé vem pelo ouvir e o ouvir pela palavra”.

Pregar é a arte da exposição da Palavra de Deus, isso indica que, tal como o mordomo nos tempos bíblicos, precisava servir com excelência aos donos da casa, pregar é efetivamente alimentar espiritualmente o povo de Deus, mediante a comunicação da palavra. E isto implica que aquele que é incumbido de fazê-lo, deve fazer com alto espírito de serviço, obediência e diligência. Tal como referenciam Gulonda e André: “[...] perceba que a fonte da transformação da igreja é a palavra. Sem existir uma pregação bíblica, a igreja jamais será transformada; ela simplesmente permanecerá raquítica; não passará para a idade da maturidade; ela continuará se alimentando de leite e não de alimento sólido”.⁷

Assim como o corpo físico se desenvolve, quando é constantemente alimentado, a igreja cresce espiritualmente quando é alimentada mediante a pregação da Palavra, haja vista que ela é a fonte autoritativa de Deus para mudar a vida do homem.

A pregação bíblica, portanto, não deve ser igualada com ‘a velha história de Cristo e seu amor’, como se recontasse uma história acerca de tempos

⁶ MOLAPO, David. **Lessons from eagles: if you're not growing, you are dying.** South Africa: Zion Publications, 2012, p. 1.

⁷ GULONDA, Orlando; ANDRÉ, Elias. **Manifesto eclesialístico: reflexões sobre missão, espiritualidade e política,** no contexto angolano. São Paulo: Recriar, 2018, p. 16.

melhores, quando Deus estava com vida e passando bem. A pregação também não é um prato requentado de ideias acerca de Deus, ortodoxas, sim, porém distantes da vida. Através da pregação das sagradas escrituras, Deus se encontra com homens e mulheres, e os traz a salvação (2Tm 3.15) e a riqueza e maturidade do carácter cristão (2Tm 3.16-17). Algo nos enche de reverente admiração, quando Deus confronta um indivíduo através da pregação e agarra-o pela alma.⁸

Do exposto, depreende-se que a pregação não é algo efêmero, nem obsoleto, todavia é um momento sublime, pelo qual o céu e a terra se conectam. Por meio dela, se estabelece proximidade entre Deus e os seres humanos, ou seja, homens e mulheres não são apenas salvos, mas também são elevados a um estágio de crescimento enquanto o carácter cristão é efetivado.

2.3 A integridade do Ministro

A igreja cresce, na medida em que o ministro, líder ou pastor, compreende e exerce o seu rol de responsabilidades no âmbito das especificidades do seu chamado, com diligência e excelência.

A integridade do ministro, indubitavelmente, exerce influência importante não apenas na estabilidade espiritual da igreja, mas também no crescimento da mesma. Frequentemente, as igrejas se desintegram quando constatam que existe discrepância entre a vida pública do ministro e sua vida pessoal. Ou seja, quando o que se prega no púlpito, não é observado na vida prática do ministro.

É incoerente pregar moderação e disciplina pessoal, e ao mesmo tempo, praticar consumismo explícito. Não é testemunho convincente de semelhança a Cristo pedir que os membros da igreja ofertem de modo sacrificial e se comprometam com a igreja e, ao mesmo tempo, recusar-se a contribuir sacrificialmente ou a alterar planos pessoais para atender as necessidades de outros.⁹

Isto quer dizer que a integridade e ética do ministro serão testadas, pois ele deve ser promotor do ponto de vista prático na observação dos princípios proclamados. O apóstolo Paulo faz referência a isso em 2 Coríntios 3.2, ao ressaltar que “[...] vós sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos os homens”. Como carta aberta, os ministros precisam viver um alto padrão de moralidade, que esteja acima de qualquer margem de repreensão, visto que a ética e a conduta moral se constituem como uma chave para a continuidade do ministério.

Na ausência da ética ministerial, a partir do viés da cosmovisão bíblica, o crescimento da Igreja fica comprometido, bem como a continuação do ministério do líder. Visto que a credibilidade do ministro fica maculada, devido ao desvio de carácter ou de conduta moral

⁸ ROBINSON, Haddon. **Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos**: São Paulo: Shedd, 2013, p. 20.

⁹ CARTER, James E. **Ética ministerial: um guia para a formação moral de líderes cristãos**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 81.

verificado. É por isso que os líderes precisam adotar um estilo de vida, cujo padrão moral seja irrepreensível.

2.4 A necessidade de haver águas tranquilas

A igreja precisa efetivamente ser um espaço de realização para todos. Neste sentido, o ambiente da comunidade eclesial é determinante para o crescimento da mesma. Tal como elencou o salmista Davi: “Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso” (Sl 23.2).

Como as ovelhas se alimentam melhor em ambientes tranquilos, a igreja precisa ser um espaço de águas tranquilas, não apenas para que as pessoas se alimentem, mas, sobretudo, para que permaneçam em segurança. No interior da igreja, deve permear um ambiente que de fato seja atrativo, confortante e acolhedor. Neste sentido, os líderes são relevantes na efetivação deste ambiente na igreja, mediante o ensino e o discipulado intencional dos membros.

Igrejas com águas agitadas são normalmente problemáticas, afinal não existe a cultura do serviço, do perdão e os relacionamentos não são marcados pelo amor. Neste tipo de cenário, as pessoas não têm o senso de pertença da obra e, por conseguinte, elas vão para a igreja provavelmente apenas por conta de alguma lealdade institucional, tradição ou por quaisquer outros interesses, diferentes dos propósitos que deveriam nortear a vida e os relacionamentos entre irmãos em Cristo Jesus e que professam a mesma essência de fé. “A ovelha repousa somente em certas circunstâncias. Você deve ser capaz de fazer as ovelhas de sua igreja repousarem e permanecerem com você”.¹⁰

2.5. Culto marcante

Obviamente, o culto tributado a Deus deve exigir, daqueles que o fazem, separação, excelência e consagração. De acordo com Schwarz, a questão que deve nortear a maneira como se ministra o culto é se a participação ou a prestação do culto é ou não uma experiência inspiradora. Este é um indicador, que diferencia as igrejas que crescem, daquelas que não crescem. Igrejas que experimentam crescimento exponencial, precisam naturalmente esforçar-se por estabelecer um equilíbrio, entre a liturgia, ensino/pregação e louvor.¹¹

Assim, é possível afirmar que o culto precisa ser visto como um momento marcante, em que a postura do adorador deve ter nele um senso real de encontro com o Criador. O objetivo primário do culto é efetivamente adorar a Deus e aprender dele, por meio da ministração da palavra. Neste sentido, se a igreja esmera crescimento, precisa, sem sombra de dúvida, elevar substancialmente a qualidade do culto nas áreas referenciadas em epígrafe.

Ao considerar estas áreas, é bom observar que grupos diferentes acrescentaram significados diferentes a cada uma destas palavras. O conceito de 'liturgia', por exemplo não se refere somente a um 'estilo formal', mas 'liturgias' também podem ser detectadas em igrejas 'não

¹⁰ HEWARD-MILLS, Dag. **A arte de apascentar**. Londres: Parchment House, 2010, p. 12.

¹¹ SCHWARZ, 2010, p. 114.

litúrgicas'. O mesmo vale para a palavra 'louvor': ele pode ser praticado de diferentes maneiras, com teclado ou tamborim, com coral ou com banda, com palmas ou com as mãos unidas, com os braços erguidos, ou com a cabeça inclinada.¹²

Diante disso, não se pretende esboçar uma forma padronizada de culto, mas que estes elementos do culto sejam ministrados com certa intencionalidade, marcado por alto grau de qualidade. Para que isso aconteça, é necessário que se empregue esforço, tanto do ponto de vista de planejamento material quanto do ponto de vista espiritual.

2.6 Grupos pequenos de integração

Do ponto de vista da cosmovisão bíblica, os grupos pequenos, também chamados de células, são unidades básicas do corpo de Cristo, que, quando bem implementados, podem gerar crescimento da igreja, tanto qualitativamente, quanto quantitativamente.

A partir da ótica da cosmovisão bíblica, compreende-se que o objetivo de Deus para a missão da igreja não é que ela trabalhe em favor da passividade, isto é, tornar seus participantes como meros expectadores que frequentam igrejas apenas aos domingos para ouvirem um sermão e regressem às suas casas. Deus espera que a igreja seja, de fato, um centro de adoração e serviço, na medida em que homens e mulheres redimidos se tornem partícipes do serviço, como membros do corpo, mediante os seus dons. E isto é frequentemente conseguido, por meio de células ou pequenos grupos.

No contexto eclesial é possível utilizar a palavra célula, como sendo unidades estruturais e funcionais dos organismos vivos¹³. Isso porque nos grupos pequenos se permite criar pontes de interação interpessoal, desde que as pessoas tenham suas necessidades imediatas supridas. Sendo assim, as pessoas podem dar e receber amor, desenvolver relacionamentos sólidos e sentirem na prática um senso próximo de suprimento das suas necessidades de pastoreio efetivadas, podendo interagir facilmente, sem nenhum protocolo com o líder da célula.

Tal como argumentou Santos, a proposta principal dos pequenos grupos é reconciliar o ser humano com Deus, a partir de uma igreja viva, que não se confina nas quatro paredes dos templos, mas que funciona como um organismo vivo e operante, alcançando todos os quadrantes da sociedade, com a verdade pura do evangelho da graça que é geradora de salvação para todo aquele que crê.¹⁴ Essa realidade é expressa no texto bíblico de Atos 2.26-47, que diz:

Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.

¹² SCHWARZ, 2010, p. 114.

¹³ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A9lula>

¹⁴ SANTOS, Jadson. **A visão celular por detrás dos números**: equipando igrejas para uma visão de crescimento saudável. Rio de Janeiro: Createspace Independent Publishing Platform, 2017

Com isso, é possível observar que o crescimento é consequência da praticidade da palavra de Deus, quando ela se traduz na vida diária e nos problemas experimentados no dia a dia pelos indivíduos. Afinal, eles não podem continuar vivendo no anonimato de suas igrejas, quando o pão é partido em suas casas. Desse modo, eles vivem intensamente sua espiritualidade com o seu próximo. Assim sendo, a igreja chega até a comunidade próxima, exercendo influência significativa não apenas na dimensão espiritual, mas também na esfera social, por meio das interações e das ações que promovem junto à sua comunidade.

3. INTERAÇÃO ENTRE O CRESCIMENTO DA IGREJA E SEU IMPACTO NA VIDA SOCIAL

Do ponto de vista da cosmovisão bíblica sobre o crescimento da igreja, é possível deduzir que o crescimento da igreja, visto tanto de um prisma quantitativo, quanto qualitativo, deve imperiosamente refletir-se na vida quotidiana das comunidades circunvizinhas. A igreja não somente proclama a mensagem de salvação, mas também deve agir no sentido de fazer com que as pessoas ao seu redor sintam a reflexão desse evangelho na sua vida prática. Com isso, faz necessário resgatar a consciência do papel profético e advocativo da igreja, diante da opressão multidimensional, isto é: política, social, econômica e até mesmo religiosa, visto que falsos profetas se têm levantado no atual contexto, aproveitando-se das fragilidades do ser humano, para extorquir deste o pouco que tem, para o seu próprio benefício.

De acordo com Samuel Escobar, em tese defendida no congresso de Lausanne, conforme citado por Lima, afirma que “Discutir se devemos evangelizar ou promover a ação social é inútil. As duas coisas caminham juntas, são inseparáveis. Uma sem a outra é prova de uma vida cristã deficiente”¹⁵ ou, como diz Robinson: “Todo dom é para o evangelismo [...] Não existe uma maneira melhor de se abrir a porta para um testemunho pessoal sobre Cristo do que por meio do ministério assistencial”.¹⁶

Neste sentido, sempre que a igreja deixa de exercitar a ação social, perde a essência de sua missão vocacional. A igreja deve ser capaz de viver o evangelho que ela proclama. E a essência desta mensagem é a fé, a esperança e o amor. Quando a Bíblia fala que se deve amar o próximo como a nós mesmos, isto implica não apenas sentir os problemas prementes do próximo, mas agir em favor ao dele. Neste sentido, a parábola do bom samaritano é bastante elucidativa, porque explicita que o próximo é aquele que agiu com misericórdia (o bom samaritano)¹⁷, que não passou de largo, como o levita e o sacerdote, mas prestou auxílio necessário no momento.

A igreja deve ter o compromisso, não só com os seus membros, mas com a localidade em que se encontra. Na maioria das vezes, nossas igrejas são conhecidas, nos bairros apenas como aquelas que fazem barulho, como os estraga-prazeres. Não oferecemos nenhuma esperança para os nossos vizinhos. Outras vezes as pessoas desejam ardentemente que essas igrejas

¹⁵ LIMA, Jadir; et al. **Missão Integral**. Rio de Janeiro: JUNEDAS, sem data, p. 12.

¹⁶ ROBINSON, 2000, p. 123.

¹⁷ Grifo meu.

se mudem destes lugares, porque muito mais que ajudar, elas acabam apenas atrapalhando os vizinhos.¹⁸

Do exposto em epígrafe, depreende-se que a igreja precisa ser mais interventiva e exercer de fato seu papel pastoral, no meio envolvente em que ela está inserida. Ela não pode ser promotora de uma informação ou atitude perturbadora; entretanto, ela deve adotar uma atitude de serviço, procurando atender as principais expectativas do seu entorno social. Fazendo isso, amplia-se a extensão territorial do reino de Deus, na terra.

Tal como elencaram Gulonda e André, “de fato, toda igreja viva tem a capacidade de trazer vida em abundância onde ela estiver inserida; em outras palavras, uma igreja viva tem a capacidade de transformar o bairro, a aldeia, o município, até mesmo a província onde ela está localizada”.¹⁹ Quando o crescimento da igreja impacta a vida da pessoa humana, nas suas múltiplas dimensões, dá-se um claro sinal de uma igreja viva, e que exala vida ao próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cosmovisão cristã sobre o crescimento da igreja, assim como o seu impacto na vida social é, sem sombra de dúvidas, uma questão de relevância capital, no resgate da verdadeira essência e razão de ser da igreja, quer enquanto organismo vivo, ou seja, uma entidade instituída e sustentada pelo Espírito Santo, quanto como instituição, porque depende de homens para a sua administração.

Voltar-se à cosmovisão cristã bíblica sobre o crescimento da igreja, efetivamente, devolve à igreja o seu real papel, o de administrar de maneira multiforme a plenitude da vida abundante que ela mesmo de deve gerar. Com isso, faz-se necessário que os ministérios sejam orientados segundo os dons; a palavra seja bíblicamente pregada; o ministro seja íntegro na vocação para a qual foi chamado; que haja um ambiente tranquilo, que proporcione o bem-estar coletivo; o culto seja de fato marcante e que os pequenos grupos de integração funcionem adequadamente.

Fazendo isso, indubitavelmente, a igreja não apenas experimentará crescimento sadio, mas também se aproximará do seu entorno social, pois será capaz de promover fé, esperança e amor, fazendo com que a localidade em que ela estiver implantada, seja efetivamente a extensão do céu na terra.

REFERÊNCIAS

CARTER, James E. **Ética ministerial**: um guia para a formação moral de líderes cristãos. São Paulo: Vida Nova, 2010.

ENNS, Paul. **Manual de teologia Moody**. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2014.

GULONDA, Orlando; ANDRÉ, Elias. **Manifesto eclesialístico**: reflexões sobre missão, espiritualidade e política, no contexto angolano. São Paulo: Recriar, 2018.

¹⁸ GULONDA; ANDRÉ, 2018, p. 21.

¹⁹ GULONDA; ANDRÉ, 2018, p. 18.

HEWARD-MILLS, Dag. **A arte de apascentar**. Londres: Parchment House, 2010.

HEWARD-MILLS, Dag. **O crescimento da Igreja**. Londres: Parchment House, 2011.

LIMA, Jadir; et al. **Missão Integral**. Rio de Janeiro: JUNEDAS, sem data.

MOLAPO, David. **Lessons from eagles: if you're not growing, you are dying**. South Africa: Zion Publications, 2012.

SANTOS, Jadson. **A visão celular por detrás dos números: equipando igrejas para uma visão de crescimento saudável**. Rio de Janeiro: Createspace Independent Publishing Platform, 2017.

SCHWARZ, Christian A. **Realce as cores do seu mundo, com o desenvolvimento natural da Igreja**. Curitiba: Esperança, 2010.

ROBINSON, Haddon. **Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos**: São Paulo: Shedd, 2013.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

JÁ VI ISSO EM ALGUM LUGAR

FERREIRA, Franklin. **Contra a idolatria do Estado**: o papel do cristão na política. São Paulo: Vida Nova, 2016. 288 p.

Bernardo Stollmeier Kuss¹

Autor e coautor de diversas obras e consultor acadêmico de Edições Vida Nova, Franklin Ferreira é mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Além de diretor, atua como professor de Teologia Sistemática e História da Igreja no Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos – o que se nota pelo teor da presente obra. Nela, Ferreira busca situar o cristão hodierno no âmbito político, sugerindo posicionamentos da Igreja diante de tal cenário, embasando-os bíblica e historicamente.

Organizada logicamente em quatro partes, a obra de Ferreira começa exemplificando a relação do povo de Deus com um Estado corrompido, em duas situações na Bíblia. O autor cita Ester, que, diante da iminente destruição do povo de Israel durante o cativeiro persa e apoiada em oração pelos judeus, usou de sua função pública para intervir junto ao rei e proteger seu povo, não para benefício próprio. Cita também Paulo, que ofereceu resistência à idolatria romana, criticando a adoração requerida pelos imperadores a si mesmos e aos símbolos de autoridade do império (ou seja: adoração à criação, não ao Criador - Romanos 1.23 - 25).

Na sequência, Ferreira chama para a atenção a alguns modelos políticos e as terminologias associadas a eles. Ferreira esclarece historicamente termos como nazismo e comunismo, por exemplo, os quais têm conceitos errôneos compartilhados, inclusive pela

¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: bernkuss@hotmail.com

igreja. Por fim, denuncia, criticando duramente a idolatria do Estado brasileiro, lembrando os cristãos da intolerância divina ao culto a outros entes.

Por meio de excelente abordagem histórica, Ferreira expõe o movimento de resistência da igreja protestante ao nazismo em seu auge, nos anos 1930, na Alemanha. Fez-se necessário, na ocasião, resistir diante da intenção do Estado de tomar controle também da igreja, sujeitando-a ao “cristianismo positivista”: uma reinterpretação do cristianismo, feita pelos nazistas. Neste período, em meio ao caos, a Igreja redigiu a Declaração Teológica de Barmen, confrontando diretamente a tendência à reinterpretação e à busca por outras fontes de autoridade teológica além da revelação de Deus na Escritura. Com a Declaração de Barmen, a visão reformada compartilha sua concepção sobre separação de Igreja e Estado: este deve manter a ordem, deixando para aquela o cumprimento de sua missão.

Por fim, na parte de “Aplicações Práticas”, Ferreira conclama a Igreja a ter noção das distorções ideológicas existentes, estando atenta às reais intenções dos candidatos e partidos políticos. Para isso, faz-se necessária uma muito firme convicção de fé e de princípios, ressalta o autor, devendo a Igreja pregar o Evangelho de modo a transformar todas as áreas da vida do cristão, acima de tudo. “Uma igreja *cristã* radicalmente fundamentada nas Escrituras formará pessoas que mudam a sociedade, ainda que a igreja – *na qualidade de igreja* – não se engaje diretamente nesses empreendimentos” (p. 236). Ferreira encerra com dicas práticas que podem guiar o cristão a escolher sabiamente a quem confiar seu voto, não o fazendo levianamente.

Por todo o livro, o autor ressalta a diferença de papéis do Estado e da Igreja: essa tem a missão de pregar o Evangelho, e aquele, o dever de manter a ordem social. A partir do momento em que um passa ou intenta interferir, controlar o outro, há uma inversão, e a situação deve ser mudada. De forma resumida, a Igreja deveria santificar a sociedade, sendo exemplo de conduta e obediência. A igreja não precisa almejar converter a todos, nem colocar somente cristãos em cargos públicos para que haja ética na política. Deve, no entanto, cooperar e contribuir para que a lei de Deus, por meio da graça comum, seja reconhecida por todos: assim, os valores éticos cristãos poderão sobressair.

A necessidade de o cristão brasileiro acordar para seu real papel na sociedade e na política, como diz o título do livro, é gritante, e a ela a presente obra vem ao encontro. Com ótima apresentação e diagramação, o livro é realmente capaz de situar o leitor no tema e de instigá-lo a tomar uma posição bíblica. Recomenda-se a leitura a toda Igreja cristã, na esperança de que ela, de fato, faça a diferença também no âmbito político.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.